



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOCTORADO EM LETRAS



SAMUEL DE SOUZA MATOS

**A NOÇÃO DE SUJEITO EM LINGUÍSTICA TEXTUAL:
PRÁTICAS (CON)TEXTUAIS E IDENTITÁRIAS DAS
DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO**

São Cristóvão, SE
2024

SAMUEL DE SOUZA MATOS

**A NOÇÃO DE SUJEITO EM LINGUÍSTICA TEXTUAL:
PRÁTICAS (CON)TEXTUAIS E IDENTITÁRIAS DAS
DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Linguagem, usos e tecnologias.

Orientadora: Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima

São Cristóvão, SE
2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M433n Matos, Samuel de Souza
A noção de sujeito em linguística textual : práticas (contextuais e identitárias das dissidências sexuais e de gênero / Samuel de Souza Matos ; orientadora Geralda de Oliveira Santos Lima. – São Cristóvão, SE, 2024.
232 f. : il.

Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Linguística – Estudo e ensino. 2. Contexto (Linguística).
3. Sujeito (Filosofia) na literatura.. 4. Identidade de gênero. I. Lima, Geralda de Oliveira Santos, orient. II. Título.

CDU 81'1

SAMUEL DE SOUZA MATOS

**A NOÇÃO DE SUJEITO EM LINGUÍSTICA TEXTUAL:
PRÁTICAS (CON)TEXTUAIS E IDENTITÁRIAS DAS
DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de pesquisa: Linguagem, usos e tecnologias.

Orientadora: Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima

Defesa pública de tese: 28 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima (Presidente)
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Profa. Dra. Vanda Maria da Silva Elias (Membro Externo)
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Prof. Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Júnior (Membro Externo)
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Prof. Dr. Danillo da Conceição Pereira Silva (Membro Externo)
Instituto Federal de Alagoas – IFAL

Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo (Membro Interno)
Universidade Federal de Sergipe – UFS

São Cristóvão, SE
2024

As circunstâncias históricas criaram um tempo em que adquirem relevo as margens, o descentramento, o dialogismo, as mestiçagens, os hibridismos, as imigrações, a recusa da pureza. Esse ar do tempo leva a pôr em questão os construtos teóricos com que operamos e propõe uma epistemologia fundada na instabilidade, na continuidade, na mistura linguística, nas práticas de linguagem, na heterogeneidade, nos fluxos, nas trocas, nos entre-lugares, etc.

(José Luiz Fiorin. In: *Linguística? Que é isso?* 2013, p. 9)

O poder da linguagem de atuar sobre os corpos é tanto uma causa da opressão sexual como caminho para ir além dela. A linguagem não funciona de forma mágica nem inexorável: [...]. Ela pressupõe e altera seu poder de ação sobre o real por meio de atos elocutivos que, repetidos, tornam-se práticas consolidadas e, finalmente, instituições.

(Judith Butler. In: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, 2015, p. 202).

[...] a linguagem se constitui em importante palco de intervenção política, onde se manifestam as injustiças sociais pelas quais passa a comunidade em diferentes momentos da sua história e onde são travadas constantes lutas. A consciência crítica começa quando se dá conta do fato de que é intervindo na linguagem que se faz valer suas reivindicações e suas aspirações políticas. Em outras palavras, toma-se consciência de que trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente, com toda a responsabilidade ética que isso acarreta.

(Kanavillil Rajagopalan. In: *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*, 2003, p. 125).

Com todo o meu amor, dedico este trabalho à minha mãe, IRACI, que, desde sempre, ensinou-me a respeitar a vida, a ser gentil com as pessoas e a dar valor aos estudos.

Dedico, também, à minha irmã, Elizama, com quem aprendi a ler o mundo por meio da palavra.

SINCEROS AGRADECIMENTOS

Agradecer é mais do que um ato de reconhecimento. É a retribuição que se dá a outrem pela valorização, pela gentileza, pelo afeto e pelo respeito outrora oferecidos a quem precisa.

No entanto, antes de agradecer a outrem, é preciso reconhecer o meu esforço, o meu empenho e a minha resiliência. Agradeço, em primeiro lugar, a mim mesmo, que conseguiu chegar a este momento célebre de conclusão de curso, mesmo em face de tantos percalços, de tantas dificuldades emocionais e criativas. Agradeço a mim mesmo, por não desistir do sonho de tornar-me Doutor em Letras, ao investir no compromisso de desenvolver uma tese de doutoramento com engajamento político-epistemológico, nos estudos linguísticos.

Agradeço à minha querida mãe, Iraci, que sempre me incentivou a estudar, que, desde a minha infância, sempre valorizou cada um dos meus empenhos aplicados nas provas escolares, nas atividades, nos estágios, nos deslocamentos de um lugar para outro. Mãe, a senhora é a maior responsável pela minha trajetória de crescimento e amadurecimento pessoal, estudantil e profissional no estado de Sergipe. Sei que sem o seu amor incondicional, provavelmente, eu não teria chegado até aqui; não teria me tornado o primeiro filho a concluir um curso de Doutorado, ainda mais longe da nossa terra natal. Eu te amo demais! Essa vitória é sua!!!

Agradeço à minha eterna professora e orientadora, Geralda Lima, pela trajetória indescritível de ensinamentos, pela troca de aprendizados sublimes, pelo raríssimo calor humano que se pode encontrar em um professor. A senhora é um presente de Deus em minha vida. És o maior exemplo de profissionalismo, doçura, gentileza, bondade e humanidade que eu conheço no meio acadêmico. És o meu maior exemplo de profissional das Letras que já conheci em toda a vida. Muito obrigado pela parceria e pelo amor imensuráveis, concedidos a mim, durante esses doze anos brilhantes! A senhora é luz e me inspira!

Agradeço, também, aos meus irmãos, Elizama, Davi, Joel e Josué, pelo apoio, pelo carinho e pelo apreço demonstrados pela minha trajetória de estudos, em solo sergipano. Em especial, agradeço à minha irmã, Elizama, que foi quem me ensinou as primeiras letras; ensinou-me a decodificar as primeiras palavras com a ajuda de um livro didático que tínhamos em casa, já que eu não aprendera a ler na escola. Sei que, em vários momentos, a minha força de não desistir veio, também, de vocês, que, com seus exemplos de luta e coragem, inspiraram-me a continuar.

Agradeço ao meu pai, João, e às minhas tias paternas, Maria (*in memorian*) e Eteuzenita, que, mesmo não entendendo o que é ser Doutor em Letras, valorizaram, de alguma forma, os meus esforços estudantis, em cada etapa da minha trajetória acadêmica. Igualmente, agradeço à minha avó, Rosa, e às minhas tias maternas, Marinalva e Zefinha, que, vez ou outra, perguntaram sobre o andamento do meu curso.

Sou grato às minhas primas, Cosmira, Nilda, Cosmelita, Gilealda, Alana (Naninha), Natália, Daiane e Jareide, e, também, aos meus primos, Abimael, Manoelito e Paulinho, que sempre reconheceram o valor da minha luta com gestos de carinho e palavras de incentivo.

Não posso me esquecer, jamais, dos incríveis amigos que a vida acadêmica me presenteou e que, em incontáveis situações felizes e dolorosas, ajudaram-me com sábios ensinamentos, com rolês divertidos e auxílios de variadas formas: Evandro, Fabinho, João Paulo, Thiago, Isabela, Lorena, Danillo, Pedro, Lívia, Liviane, Willamis, Alisson, Mayara, Edilene, Genilza, Cleres,

Walisson, David e Ricardo. Em especial, sou grato demais a João Paulo, pelo auxílio no processo de transcrição dos dados desta pesquisa; a Pedro, pela recomendação de plataformas digitais que serviram para a escolha da locação a ser investigada; e ao meu namorado, Maurício, pela ajuda imensa na sistematização dos dados, pelo afeto e pelas palavras de consolo em dias difíceis. Sem vocês, eu não teria conseguido! Amo vocês!

Agradeço imensamente à Universidade Federal de Sergipe, em especial, ao Departamento de Letras Vernáculas e ao Programa de Pós-Graduação em Letras, que contribuíram muito para a minha trajetória de discente do doutorado, de pesquisador e de iniciação docente. O estágio do doutorado e os dois semestres como professor voluntário da graduação só vieram a confirmar que o meu lugar é na educação do ensino superior e, sobretudo, na graduação em Letras. Obrigado aos meus/minhas alunos e alunas por tanto carinho, respeito e aprendizado! Obrigado, também, LETTEC, nosso incrível grupo de pesquisa!

Sou grato demais aos membros da banca examinadora e suas valiosíssimas contribuições para o aperfeiçoamento desta tese: Danillo Silva, Roana Rodrigues, Sandro Marengo, Vanda Elias e Rivaldo Capistrano Júnior. Aprendi e continuo aprendendo demais com cada um/a de vocês! Muito obrigado por tanto!

Agradeço à Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo fomento da pesquisa e pela contribuição inestimável à minha estabilidade financeira, nesses quatro anos de doutorado. Só ficou a desejar uma prorrogação automática para discentes que, assim como eu, ingressaram na pós-graduação em 2020, um dos anos mais dolorosos e trágicos da história da humanidade. A pandemia de Covid-19, infelizmente, não foi boa para ninguém, a não ser para o projeto de genocídio do governo nefasto e neofascista e seus adeptos.

Por fim, agradeço à Entidade Maior, que me deu o fôlego de vida, o amor mais puro e a força transcendental que me fizeram trilhar cada um dos passos preciosos e inestimáveis, nessa longa trajetória! Agradeço-te, meu Deus, por me mostrar o melhor caminho para a busca da paz, da humildade, da sabedoria e do verdadeiro amor. Aos pés da conquista deste sonho, sem Você, eu não seria nada, eu não existiria, eu não teria resistido até aqui.

MUITO OBRIGADO!

RESUMO

Na sociedade contemporânea, práticas textuais digitais expandem disputas sociopolíticas e ideológicas (Van Dijk, 2015, 2018) dos ativismos de dissidências sexuais e de gênero (Colling, 2016; Borba, 2020a). Enquanto arenas discursivas de autorrepresentação *online* (Barton; Lee, 2015), os ambientes digitais propagam múltiplas estratégias de estabilização e/ou instabilização identitárias desses sujeitos sociais minoritarizados. Nesse sentido, o estudo do “sujeito”, aliado às questões de “contexto” e de “identidade”, em Linguística Textual (LT), reclama análises textuais que extrapolem a dimensão cotextual e local das atividades enunciativas (Benveniste, 1989, 1995). Por esse prisma, esta tese de doutoramento procura responder a duas questões de pesquisa: i) que diálogo pode ser estabelecido entre o sociocognitismo, o paradigma pós-identitário e a noção de “sujeito” da LT contemporânea, com vistas ao estudo de (con)textos de dissidências sexuais e de gênero?; ii) que práticas identitárias de gênero e de sexualidade são (re)elaboradas por esses sujeitos minoritarizados perante à cis-heteronormatividade? Por meio de uma abordagem qualitativa (Prodanov; Freitas, 2013), de viés descritivo-interpretativista (Cavalcante *et al.*, 2016), o objetivo da tese é compreender, à luz do diálogo entre as abordagens textual, sociocognitiva e *queer*, práticas identitárias de sujeitos de gênero e de sexualidade dissidentes, em uma comunidade epistêmica digital, com vistas ao reposicionamento dos marcos epistemológico-metodológicos da LT. Para tanto, mobilizam-se noções de sujeito (Cavalcante *et al.*, 2019; Mondada; Dubois, 2003; Butler, 2015), de modelos de contexto (Van Dijk, 2020) e de prática identitária (Butler, 2002; Van Dijk, 2013), em uma visada processual, antiessencialista e integracionista. Por sua vez, o universo da pesquisa abrange uma amostra de 64 entrevistas autobiográficas, disponíveis no canal *Pheeno TV*, da plataforma YouTube, entre junho de 2022 e maio de 2023. Assim, a elaboração de um mapa epistemológico-metodológico direciona as análises do *corpus* (seis entrevistas) com base em dois procedimentos: i) descrição de estratégias linguístico-discursivas; ii) interpretação de processos sociocognitivos, interacionais, culturais, políticos e históricos. Em uma inflexão crítica e ético-política (Rajagopalan, 2003; Ferreira; Rajagopalan, 2016) dos construtos teórico-analíticos e dos fenômenos investigados, os resultados apontam, em primeiro lugar, para um diálogo multidisciplinar entre as perspectivas sociodiscursivas via processos de assimilação e de mestiçagem. Em segundo lugar, as práticas (con)textuais e identitárias, construídas pelos sujeitos dissidentes, sinalizam atos corpóreo-discursivos estilizados por meio de atividades de indexicalidade e de recontextualização de experiências de subjetivação. Nessa dinâmica, a configuração textual é influenciada, parcialmente, por conflitos e alinhamentos ideológicos entre comunidades epistêmicas distintas. Então, de um lado, há o reforço de processos de normalização macrossociais, e, do outro, a fricção com estratégias de desestabilização da matriz de inteligibilidade sexo/corpo/gênero/desejo/prática, mediante inter-relações entre corpo, gênero, sexualidade, raça, idade, profissão, violência bi/homofóbica e etarismo, ligados a domínios discursivos familiares, religiosos, educacionais e midiáticos. Predominam, assim, significados sociais de estabilidade e inteligibilidade identitárias, assim como de reiteração de práticas discriminatórias, em atividades discursivas situadas. Portanto, é possível contribuir, a partir dessa proposta político-epistemológica, para: i) a ampliação do método teórico-analítico de (con)textos e identidades produzidos por dissidências sexuais e de gênero; ii) a expansão da percepção de (re)construções identitárias desse grupo social, em práticas de ciberativismo, enquanto uma possibilidade de reengajamento de suas ações políticas.

Palavras-chave: Linguística textual; sujeito; contexto; dissidências sexuais e de gênero.

ABSTRACT

In contemporary society, digital textual practices expand sociopolitical and ideological disputes (Van Dijk, 2015, 2018) of sexual and gender dissent activism (Colling, 2016; Borba, 2020a). As discursive arenas of online self-representation (Barton; Lee, 2015), digital environments propagate multiple strategies for stabilizing and/or destabilizing the identities of these minority social subjects. In this sense, the study of the “subject”, combined with questions of “context” and “identity”, in Textual Linguistics (TL), calls for textual analyzes that go beyond the cotextual and local dimension of enunciative activities (Benveniste, 1989, 1995). From this perspective, this doctoral thesis seeks to answer two research questions: i) what dialogue can be established between sociocognitivism, the post-identity paradigm and the notion of “subject” in contemporary TL, with a view to studying (con)texts of sexual and gender dissent?; ii) what gender and sexuality identity practices are (re)elaborated by these minority subjects in the face of cis-heteronormativity? Through a qualitative approach (Prodanov; Freitas, 2013), with a descriptive-interpretivist bias (Cavalcante et al., 2016), the objective of the thesis is to understand, in the light of the dialogue between textual, socio-cognitive and queer approaches, identity practices of dissident gender and sexuality subjects, in a digital epistemic community, with a view to repositioning the epistemological-methodological frameworks of TL. To this end, notions of subject (Cavalcante et al., 2019; Mondada; Dubois, 2003; Butler, 2015), models of context (Van Dijk, 2020) and identity practice (Butler, 2002; Van Dijk, 2013), from a procedural, anti-essentialist and integrationist perspective. In turn, the research universe covers a sample of 64 autobiographical interviews, available on the Pheeno TV channel, on the YouTube platform, between June 2022 and May 2023. Thus, the elaboration of an epistemological-methodological map directs the analyzes of the corpus (six interviews) based on two procedures: i) description of linguistic-discursive strategies; ii) interpretation of socio-cognitive, interactional, cultural, political and historical processes. In a critical and ethical-political inflection (Rajagopalan, 2003; Ferreira; Rajagopalan, 2016) of the theoretical-analytical constructs and the phenomena investigated, the results point, firstly, to a multidisciplinary dialogue between socio-discursive perspectives via processes of assimilation and of miscegenation. Secondly, the (con)textual and identity practices, constructed by dissident subjects, signal stylized corporeal-discursive acts through activities of indexicality and recontextualization of subjectivation experiences. In this dynamic, the textual configuration is partially influenced by conflicts and ideological alignments between different epistemic communities. So, on the one hand, there is the reinforcement of macrosocial normalization processes, and, on the other, friction with strategies of destabilization of the sex/body/gender/desire/practice matrix of intelligibility, through interrelations between body, gender, sexuality, race, age, profession, bi/homophobic violence and ageism, linked to family, religious, educational and media discursive domains. Thus, social meanings of identity stability and intelligibility predominate, as well as the reiteration of discriminatory practices, in situated discursive activities. Therefore, it is possible to contribute, based on this political-epistemological proposal, to: i) the expansion of the theoretical-analytical method of (con)texts and identities produced by sexual and gender dissent; ii) the expansion of the perception of identity (re)constructions of this social group, in cyberactivism practices, as a possibility of re-engagement in their political actions.

Keywords: Textual linguistics; subject; context; sexual and gender dissent.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Excerto de vídeo do canal <i>Pheeno TV</i> , da rede social YouTube.....	23
Figura 2: Excerto de vídeo com entrevista do canal <i>Pheeno TV</i>	89
Figura 3: Esquemas de contextos e suas categorias.....	105
Figura 4: Esquema simples da produção de discurso controlada pelo contexto.....	110
Figura 5: Estrutura esquemática simplificada das situações sociais.....	113
Figura 6: Mapa epistemológico para ADC.....	133
Figura 7: Excerto de vídeo do canal <i>Põe na Roda</i>	139
Figura 8: Página inicial do canal <i>Pheeno TV</i>	140
Figura 9: Página inicial do site <i>Pheeno</i>	141
Figura 10: Página inicial do perfil <i>Pheeno</i> no Instagram.....	142
Figura 11: Excerto de vídeo da <i>playlist</i> “Depoimentos” do <i>Pheeno TV</i>	143
Figura 12: Autorrepresentação <i>online</i> , entrevista autobiográfica e “Eu-mesmo”.....	144
Figura 13: Comentários ao <i>post</i> do <i>Pheeno</i> sobre ator pornô gay autodeclarado heterossexual.....	165

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias identitárias de sexo, gênero, sexualidade e expressão de gênero.....	70
Quadro 2: Mapa epistemológico-metodológico para uma LT ético-política.....	134
Quadro 3: Categorias de análise para o estudo do “Eu-mesmo” em (con)texto.....	146
Quadro 4: Critérios para a constituição do <i>corpus</i>	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Critérios gerais da revisão sistemática.....	128
Tabela 2: Dados do <i>corpus</i> conforme critérios de inclusão: recorte mensal e maior alcance.....	148
Tabela 3: Dados do <i>corpus</i> conforme critério de inclusão: gênero e/ou sexualidade dissidente.....	149

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS.....	15
1 LINGUÍSTICA TEXTUAL: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	26
1.1 UM CONTEXTO HISTÓRICO.....	26
1.2 O SUJEITO NA ANÁLISE TRANSFRÁSTICA.....	28
1.3 O SUJEITO NA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA.....	30
1.4 O SUJEITO NA PERSPECTIVA COGNITIVA.....	34
1.5 O SUJEITO NA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVO-INTERACIONAL.....	36
1.6 OUTRAS NOÇÕES RELATIVAS À CONCEPÇÃO DE SUJEITO.....	41
1.7 O CARÁTER INTER/MULTIDISCIPLINAR E HETEROGÊNEO DA LT.....	47
2 LINGUÍSTICA <i>QUEER</i>: PARADIGMA PÓS-IDENTITÁRIO EM LINGUAGEM....	57
2.1 POR UMA VISADA CRÍTICA E MULTIDISCIPLINAR.....	57
2.2 SOBRE DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO.....	69
2.3 AMBIENTES DIGITAIS: PRÁTICAS DE (RE)ENGAJAMENTO IDENTITÁRIAS.....	87
3 SOCIOCOGNITIVISMO: PARADIGMA CONTEXTUAL EM LINGUAGEM.....	94
3.1 A COGNIÇÃO SOCIAL.....	94
3.2 OS MODELOS DE CONTEXTO.....	100
3.3 O “EU-MESMO” E A (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.....	115
3.4 ATANDO AS PONTAS: SUJEITO, CONTEXTO E IDENTIDADE EM DIÁLOGO.....	123
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS E CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	127
4.1 UMA BREVE REVISÃO SISTEMÁTICA.....	127
4.2 TIPO DE PESQUISA E CRITÉRIOS METODOLÓGICOS.....	130
4.3 ELABORANDO UM MAPA EPISTEMOLÓGICO-METODOLÓGICO.....	132
4.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA E SEUS DISCURSOS DISSIDENTES.....	138
4.5 O “EU-MESMO” EM (CON)TEXTO <i>ONLINE</i> : CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	145
4.6 CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	146
5 SUJEITOS DISSIDENTES: PRÁTICAS (CON)TEXTUAIS E IDENTITÁRIAS.....	151
PALAVRAS FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS.....	203
APÊNDICE A – SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS PARA O <i>CORPUS</i>.....	217
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS AUTOBIOGRÁFICAS.....	221

PRIMEIRAS PALAVRAS

[...] as pessoas constroem em colaboração um sentido de si e dos outros [...] como membros de várias comunidades [...]. Em todas elas, a linguagem interage com outros sistemas simbólicos [...] e o gênero é sempre acompanhado de formas complexas de participação de pessoas reais em comunidades [...]

ECKERT e Mc-CONNELL-GINET
(2010 [1992], p. 97).

Na década de 1990, eu nasci e me criei numa cidadezinha do interior da Bahia, conhecida pelo nome de Jandaíra; a terra de Tieta do Agreste, no distrito de Mangue Seco. Eu era uma criança tímida, quieta, efeminada, e, como muitas outras, tive o meu primeiro amor de infância nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Não era uma menina, mas um colega da mesma turma. Dias depois, meu irmão mais novo me contou que também gostava do mesmo menino. Curiosamente, nós chegávamos a ter sonhos românticos parecidos sobre o colega de turma que, na hora do recreio, brincava com a gente.

Minha trajetória escolar, no interior jandairense, foi uma fase de grandes descobertas e conflitos. Comparava-me o tempo inteiro com os meninos das turmas, pois eu começava a perceber que tinha algo de diferente comigo. Na convivência com as pessoas dentro da escola, bem como nos círculos familiar e religioso (minha mãe e meu pai frequentavam uma igreja cristã neopentecostal), fui construindo a ideia de que eu não era só diferente, mas um ser humano errado, que tinha sensações e desejos abomináveis aos olhos de Deus e da sociedade. No entanto, eu fugia disso quando mergulhava nas histórias dos livros e nas brincadeiras de circo, de telenovela e outras coisas com meu irmão mais novo e amigos da vizinhança. Nesses momentos, sempre gostava de performar uma identidade feminina.

Em meio aos novos amores que me apareciam, a vontade de tentar mudar o que eu sentia era cada vez maior. Eu amava ir à igreja e, em minhas orações a Deus, vivia a perguntar por que eu era diferente, por que não pensava em meninas, por que não sentia atração por elas, etc. Apesar disso, a fantasia que me tomava era a de que, quando chegasse à vida adulta, construiria uma família tradicional, que me casaria com uma mulher da mesma religião e que com ela teria dois filhos, um menino e uma menina. Somado a isso, eu ainda sofria, esporadicamente, com falas que agrediam o meu jeito efeminado, a timidez e, também, a dedicação aos estudos.

Certa vez, conheci uma menina em um dia de culto na igreja e, como a considerasse uma pessoa legal, construí a fantasia de que, quando me tornasse adulto, a convidaria para pedirmos confirmação a Deus para o casamento. Foi a primeira menina por quem me interessei, e a segunda, uma colega de turma à época do Ensino Médio, no Instituto Federal de Sergipe (IFS), no ano de 2007. Porém, o que eu sentia por ambas não se aproximava jamais da paixão avassaladora que cheguei a nutrir por cada menino que conheci na escola, na igreja, na vizinhança. A propósito, no IFS, também, apaixonei-me por alguns meninos. Mas não cheguei a me relacionar com nenhum.

Só no ano de 2011, quando ingressei na graduação em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus de São Cristóvão, tive o primeiro namorado. Foi um dos períodos mais felizes e mais difíceis com relação à minha sexualidade: vivi o conflito de decidir entre seguir quem eu era e seguir os preceitos cristãos. Pela primeira vez, cheguei a questionar as crenças e os valores sob os quais eu tinha sido moldado desde o início da minha vida. Ouvia de todos os lados perspectivas distintas sobre que tipo de decisão eu deveria tomar. O medo de enfrentar o preconceito veio a afetar o meu relacionamento e, depois do término, fechei-me para o mundo gay e me dediquei inteiramente à UFS.

No primeiro semestre da graduação, tive o privilégio de conhecer a professora Geralda Lima, que, ao ministrar brilhantes aulas na disciplina de Linguística, ensinou-me a perscrutar as riquezas da linguagem no processo de construção do saber e das práticas sociais. Ao priorizar discussões e percepções da turma acerca dos textos teóricos, seu método de ensino e aprendizagem me encantou profundamente. Dessa forma, ela sempre chamava pelo nome de discentes que gostavam de participar do debate, principalmente, quando a maior parte da turma ficava em silêncio. Nunca esqueci de que, após a minha fala, ao menos duas vezes ela me disse isto: “Você tem cara de pesquisador”.

E não é que tal comentário veio a calhar como uma profecia? Posso comprovar: no curso da mesma disciplina, o meu grupo de seminário abordou o tema do sociocognitivismo, com base no texto clássico de Ingedore Villaça Koch e Maria Luiza Cunha-Lima (2011 [2004])¹. Lembro-me do meu primeiro vislumbre com essa abordagem. Envolvi-me completamente com ela, o que me fez participar do seminário com diversão. Mas, mal pude imaginar que, naquele ano, tornar-me-ia pesquisador da Iniciação Científica sob a orientação da professora Geralda.

¹KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. *In*: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda. (orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2011 [2004]. Vale ressaltar que Anna Bentes, uma das organizadoras dessa coletânea histórica, foi a orientadora da tese de doutoramento da professora Geralda, a qual foi defendida no ano de 2008, na interface entre a LT, a história e a memória.

Juntos a outros discentes de graduação, nós desenvolvemos quatro pesquisas², no âmbito da Linguística Textual (doravante LT), sendo três delas voltadas para o ensino do texto, da leitura e da escrita, e a última, para questões socioculturais.

O envolvimento com a LT e o sociocognitivismo existe desde o início da minha vida acadêmica, e isso veio a repercutir, também, quando, dois anos após a conclusão da graduação, ingressei no Mestrado Acadêmico pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFS. Apesar de, na pesquisa desenvolvida³, eu não ter trabalhado, de forma aprofundada, com o sociocognitivismo, é inegável que os conhecimentos construídos em torno dessa abordagem foram impulsionadores do meu interesse político-epistemológico: estudar o uso da linguagem de ativistas LGBT na cidade de Aracaju. Isso se deu porque, um ano antes, conheci uma tese de doutorado acerca da reconstituição histórica dos movimentos gay e LGBT sergipanos⁴.

Ao cabo de fevereiro de 2020, quando eu finalizava o Mestrado em Letras, na linha de pesquisa “Descrição, análise e usos linguísticos” (hoje, “Linguagem, usos e tecnologias”⁵), um misto de inquietações pessoais e epistemológicas vinha à tona dentro de mim. O gozo da contribuição acadêmica e política estava só no começo e, a partir dos frutos colhidos com a minha dissertação, percebi que muitas lacunas não preenchidas sobre os temas de pesquisa diziam respeito à insatisfação quanto a várias questões controversas, em LT, dentre elas: conflitos entre noções de texto e discurso, poucos estudos sobre contexto e sujeito enquanto categorias de análise e raríssimo interesse por aspectos macrossociais em análises textuais.

²Os títulos dos projetos de pesquisa eram os seguintes: i) “A contribuição dos estudos do texto no processo ensino-aprendizagem” (PIIC/COPES/UFS - 2011-2012); ii) “*Texto, ensino e interação: trabalhando com referenciação, referente e expressões referenciais*” (PIBIC/CNPq/UFS - 2012-2013); iii) “*Argumentação e intertextualidade: processos de recategorização explícita e implícita de referentes textuais*” (PIBIC/CNPq/UFS - 2013-2014); iv) “*Texto, memória e construção argumentativa: articulando diferentes pontos de vista sobre a imagem de Lampião*” (PIBIC/CNPq/UFS - 2014-2015).

³MATOS, Samuel de Souza. **Processos referenciais e estratégias argumentativo-retóricas como indícios do ethos discursivo do ativista LGBT**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

⁴MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e “lutas”**: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012). 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

⁵A proposta dessa linha de pesquisa é a “sistematização de padrões de usos de línguas, em sincronia ou diacronia, considerando os diferentes níveis de análise gramatical e semiótica (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, pragmático, textual-discursivo, corporificado), tomados como objeto a partir de diferentes modalidades/registros (oral, escrito, imagético e gestual) em situações de uso autênticas, com suas especificidades históricas, socioculturais e cognitivas, visando prover evidências para interfaces teóricas e validação de teorias, bem como o desenvolvimento de tecnologias, traduções e materiais didáticos” (Resolução N° 7/2022/CONPE/UFS). Esta pesquisa atende ao cumprimento desta linha de pesquisa no tocante ao estudo do nível textual-discursivo de usos da linguagem, com especificidades históricas, culturais e cognitivas, assim como emerge da necessidade de validação das teorias por meio de um diálogo multidisciplinar a partir da LT.

Anos anteriores, tanto eu quanto meu grupo de trabalho, o *Laboratório de Estudos em Texto e Tecnologia* (LETTEC/UFS/CNPq)⁶, já nos preocupávamos com discussões teórico-analíticas sobre demandas políticas da contemporaneidade. A nosso ver, a LT ainda não trata, suficientemente, de problemas sociais, sujeitos dissidentes e identidades marginalizadas, nas análises textuais. Questões essas diretamente relacionadas a lutas de grupos vulneráveis, que, em práticas sociais e discursivas cotidianas, utilizam muitas estratégias de textualização e de contextualização, a fim de sobreviver frente a violências multifacetadas e/ou buscar promover, no curso da história, mudanças estruturais em prol de uma sociedade justa, plural e democrática.

Parte de nossas preocupações se origina de experiências em eventos de Linguística, de Letras e, também, eventos de LT, nos quais, às vezes, nossos interesses divergem daqueles de outros grupos de pesquisa. Sobretudo, pelo fato de não enxergar os estudos linguísticos como desgarrados de problemas sociais contemporâneos, no âmbito desse grupo de trabalho (GT), nós temos procurado assumir uma postura política, sociocultural e contextual (Lima *et al.*, 2023) que visa ao estudo de textos atrelados a fenômenos e grupos sociais marginalizados sob a ótica do poder hegemônico. Portanto, buscamos inter-relacionar o uso de estratégias de textualização com aspectos interacionais, situacionais, culturais, sócio-históricos e políticos.

A presente investigação emerge desse cenário político-epistemológico. Particularmente, a respeito das categorias de análise e dos métodos acionados, percebo que, hoje, em LT, a maioria dos trabalhos se dedica, de forma predominante, à descrição de processos linguístico-discursivos (referenciação, organização tópica, intertextualidade, argumentação). O primeiro processo é o mais estudado, em uma dimensão cotextual e imediata (local), não privilegiando o dialogismo entre práticas referenciais, ideologias e relações de poder. Em contrapartida, acredito que a ampliação da análise linguística (gramatical) para uma abordagem discursiva, proposta há muito, requer procedimentos analítico-descritivos condizentes com os contextos globais (sócio-histórico, cultural, político), de modo a contribuir para pesquisas críticas e coerentes com as problemáticas encampadas.

Esses posicionamentos originam-se, também, de crenças e valores políticos que povoam a nossa compreensão sobre o mundo social, sobre a linguagem e, conseqüentemente, sobre a prática de pesquisa em ciências humanas e sociais, na contemporaneidade. Se nenhum fazer

⁶Este grupo de trabalho (GT) foi fundado, no ano de 2012, no Campus de São Cristóvão da UFS, por discentes bolsistas (COPEs, CNPq e FAPITEC) e discentes voluntários da graduação, pesquisadores de Programas Institucionais da Iniciação Científica (PIBIC/PICVOL, PIIC e PIBIX), sob a coordenação da Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima. O GT tem atuado, portanto, em três linhas de pesquisa: i) Estratégias de textualização; ii) Referenciação, sociocognição e metaforização; iii) Contexto, interação e questões sociais. Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5840971695946384>. Acesso: 01 fev. 2024.

científico está isento de motivação, é porque todas as nossas práticas sociais (inclusive, a científica) carregam justificativas ideológicas suficientes rumo a uma preocupação ética em estudos da linguagem. Nesse sentido, acredito que o pensamento de Kanavillil Rajagopalan, na obra *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*, explica e respalda a questão:

Nossa hipótese prevê que *todas* as teorias sobre a linguagem *necessariamente* contêm marcas de determinado posicionamento ideológico ou outro por parte de quem as constrói e, por conseguinte, terão necessariamente implicações éticas. Ao contrário do que se depreende da posição marxista [teoria voltada para fins práticos], a escolha não estaria, em momento algum, entre uma teoria eticamente dimensionada e outra eticamente neutra e descompromissada; estaria sempre entre teorias, *todas* elas com claras implicações éticas. Em outras palavras, em nenhum momento estaríamos pensando a linguagem em termos ético-ideologicamente neutros (Rajagopalan, 2003, p. 56, grifos do autor).

É essa a sensibilidade que passei a ter desde a conclusão do mestrado, visto que trabalhei com a referenciação como a categoria matriz na análise da construção do *ethos* discursivo do/a ativista LGBT (Matos, 2020). De lá para cá, ao revisar certas concepções epistemológicas, permito-me pensar que, embora, para Cavalcante *et al.* (2016), a LT não tenha como finalidade maior a descrição e a interpretação do texto para a explicação mais ampla das práticas sociais no que concerne às hegemonias de poder e às mudanças sociais, tratar o texto sob uma dimensão discursiva requer a mestiçagem entre pistas evidenciadas pelos discursos e as ações políticas de grupos sociais e de sujeitos minoritarizados. Ou seja, a LT precisa rever seus parâmetros de investigação para conseguir atender a problemas sociais em termos analíticos.

Considerando o atual crescimento de lutas políticas e de polarizações ideológicas, principalmente, em nossas práticas textuais *online*, que refletem a digitalização da vida na *web* (Silva, 2020b), penso que uma análise referencial restrita a fatores imediatos pouco pode contribuir para a compreensão de atividades situadas de ancoragem macrosocial e para o engajamento político de linguistas de texto que lidam com problemas socioculturais, haja vista as violências cotidianas perpetradas contra vários grupos vulneráveis (mulheres, indígenas, pretos/as, LGBTQIA+⁷, surdos, cegos, autistas, pobres, gordos, idosos, pessoas em situação de rua, etc.), as quais passam pelo crivo da linguagem.

Face a essa problemática, chega a ser redundante dizer que as tão conhecidas noções de base da LT contemporânea (referenciação, contexto) ainda precisem ser trabalhadas com mais

⁷Sigla genérica utilizada para se referir a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgênero, *queer*, intersexo, agênero, assexual, etc.

afinco, após uma longa trajetória de quarenta anos. Por exemplo, a noção de contexto de ordem sociocognitiva (Van Dijk, 2013, 2020) ainda é pouco explorada, diferentemente de outras questões recentes (interações argumentativas, heterogeneidades enunciativas, tecnodiscursos), que, hoje, são alvos de profundo interesse de alguns grupos de pesquisa. Nos estudos em referência, não tenho notícias de abordagens que a concebam como atividade discursiva numa visada multidisciplinar e crítica de contexto (Van Dijk, 2017; Silva, 2019a), considerando posicionamentos ideológicos e construções identitárias em práticas textuais e sociais.

Além disso, noto que outra noção muito pouco explorada, em LT, é a de sujeito, algo que, em outras abordagens discursivas, todavia, já foi estudado à exaustão. Mesmo com a incorporação das perspectivas enunciativa, pragmática, interacionista e sociocognitivista, isto é, paradigmas que põem o sujeito como elemento central na produção/compreensão do texto, a LT nunca demonstrou interesse efetivo pela (re)construção identitária, tampouco pelo contexto, papéis sociais, atitudes e ideologias dos sujeitos. Dedicou-se, predominantemente, às noções da referência, da argumentação, da intertextualidade, dos gêneros do discurso, da organização tópica, das estratégias metadiscursivas, dentre outras.

Situando-me na LT, a minha primeira motivação, com este trabalho, consiste em fazer parte dos desdobramentos teórico-analíticos da subárea, assumindo *a priori* um compromisso interdisciplinar, e, conseqüentemente, a necessidade de os estudos do texto incorporarem e/ou assumirem pressupostos e critérios analíticos de outras abordagens da Linguística e de outras áreas do conhecimento científico. Já em sentido estrito, esta pesquisa procura preencher um pouco das lacunas em torno da noção de sujeito no escopo teórico-analítico e metodológico da LT, tendo em vista a existência de questões que precisam ser suficientemente exploradas, a fim de atender ao perfil político das ciências humanas e sociais contemporâneas, bem como ao fazer científico eticamente dimensionado (Rajagopalan, 2003).

Por essa razão, assumo, aqui, os seguintes pontos de partida: i) o pressuposto da noção de sujeito como efeito de sentido decorrente da (re)construção da coerência textual (Koch, 2018 [2004]); ii) a exploração do contexto numa abordagem sociocognitivo-discursiva e crítica (Van Dijk, 2013, 2018, 2020); iii) a inter/multidisciplinaridade constitutiva da LT (Souza; Penhavel; Cintra, 2017; Capistrano Júnior; Lins; Elias, 2017; Bentes; Rezende, 2017). Assim, sob o interesse pelas práticas discursivas de sujeitos minoritarizados em razão do gênero e da sexualidade, duas questões centrais orientam o desenvolvimento desta pesquisa, privilegiando a conduta crítica (Rajagopalan, 2003, 2016) e o diálogo inter/multidisciplinar:

- i) Que diálogo pode ser estabelecido entre o sociocognitismo, o paradigma pós-identitário da LQ⁸ e a noção de “sujeito” da LT contemporânea, com vistas ao estudo de (con)textos das dissidências sexuais e de gênero⁹?
- ii) Que práticas identitárias de gênero e de sexualidade são (re)elaboradas por esses sujeitos minoritarizados perante à cis-heteronormatividade?

Particularmente, essas questões se originam das disputas ideológicas e sociopolíticas, observadas por mim, em práticas sociais e discursivas dos ambientes digitais. Por outro lado, elas emergem, também, do meu envolvimento com ativismos de dissidências sexuais e de gênero (Colling, 2016; Silva; Melo; Castro, 2017; Borba, 2020a; Silva 2020a, 2020c), de 2018 em diante, assim como de alguns ativismos epistêmicos ligados à multidisciplinaridade (Van Dijk, 2017) e aos estudos *queer*¹⁰, no ambiente da UFS. As conexões entre esses saberes distintos, porém, interligados, motivaram-me, também, a elaborar a presente investigação.

Grosso modo, a prática científica é aqui encarada como uma prática discursiva igual às outras, na medida em que “todo olhar é um olhar a partir de algum lugar sócio-historicamente marcado, e como tal atravessado por conotações ideológicas” (Rajagopalan, 2003, p. 127). *A priori*, penso que seria impossível separar o pesquisador do objeto, ou o papel de cientista do papel de ativista social. Já em sentido estrito, é preciso considerar que prática científica e prática sociopolítica são experiências distintas, mas não estanques¹¹.

⁸Linguística *Queer*.

⁹Constituem experiências ou processos de subjetivação de gênero e de sexualidade não hegemônicos, não essencialistas/substanciais e, por isso mesmo, não ontológicos, uma vez que rompem com normatizações macrossociais, ou seja, com a matriz de inteligibilidade corpo/sexo/gênero/desejo então vigente na sociedade (Butler, 2002, 2015; Colling, 2016; Silva, 2019a; 2020c; Borba, 2020a).

¹⁰Uma das experiências iniciais de construção de conhecimento sobre a perspectiva *queer* de identidade se deu com a minha participação como ouvinte no curso “*Linguagem, gênero e interseccionalidades*”, ministrado pelos discentes do PPGL/UFS, Emilly Silva Santos e Danillo da Conceição Pereira Silva, no ano de 2019, na UFS. Outras experiências semelhantes com as teorias *queer* se deram ao cursar duas disciplinas no início do Doutorado em Letras: i) “Linguística Aplicada Decolonial”, ministrada pelas professoras Doris Matos e Cristiane Landulfo, em 2020, pelo PPGL; ii) “Teorias Sociológicas”, ministrada pelo Prof. Marcelo Alario Ennes, no ano de 2021, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS).

¹¹Na perspectiva de Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 55-56), o fazer científico “tem seu tempo, métodos, lógicas, critérios e estratégias de procedimento, de verificação e de crítica. De igual modo, a ação política obedece a uma lógica própria, de ordem coletiva, com a interface previsível dos diversos atores sociais e o tempo apropriado para ações e movimentos. Isso não significa, entretanto, que essas diferentes experiências, com suas diferentes dinâmicas, não possam aprender uma com a outra, ao contrário. Não entendemos que os caminhos da ciência estejam fechados em dispositivos anteriormente dados e que não possam ser mudados por novas aprendizagens e novos atores”. Essa afirmação, vinda de analistas críticos do discurso, parece um pouco estranha, uma vez que a Análise de Discurso Crítica procura fazer pesquisa com foco na mudança social. Diante disso, concordo com o fato de que até certo ponto fazer ciência e ação política são coisas distintas, mas também me recuso a aceitar, em acordo com Rajagopalan (2003) e Ferreira e Rajagopalan (2016), que a pesquisa em linguagem e em discurso esteja desvinculada da dimensão política, justamente porque, com base nesses aparatos epistemológicos, usar a linguagem é sempre intervir em relações sociais de poder.

Levando isso em consideração, nesta pesquisa, procuro me desvencilhar do pensamento científico positivista. Portanto, é pertinente situar as reflexões teórico-metodológicas *entre* eventos e debates sociais sobre o engajamento político do pesquisador e a relevância social da pesquisa. Este último fator, inclusive, trata-se de um critério recorrente em parte das avaliações de anteprojetos de pesquisa elaborados por discentes, em processos seletivos dos programas de pós-graduação, no Brasil.

Portanto, esta investigação emerge não só de diálogos multidisciplinares encampados pela LT desde sua gênese, como também de sua interface com outras áreas do conhecimento, que desenvolvem modelos epistemológicos concernentes às noções de ciência, práticas sociais, sujeito, identidade e contexto (Psicologia Cognitiva e Social¹², Estudos Críticos do Discurso¹³, Linguística *Queer*¹⁴). Tenho consciência de que uma integração teórico-metodológica pode lidar com o problema das divergências, mas aqui focalizo somente semelhanças e aproximações (Peters, 2020) entre os domínios científicos em diálogo. Esta pesquisa se configura enquanto um estudo *entre* abordagens do conhecimento científico pelo fator de similitude.

Face a essas proposições, defini o objetivo geral: compreender, à luz do diálogo entre as abordagens textual, sociocognitiva e *queer*, práticas identitárias de sujeitos de gênero e de sexualidade dissidentes, em uma comunidade digital, com vistas ao reposicionamento dos marcos epistemológico-metodológicos da LT. Logo, emergiram quatro objetivos específicos:

- i) Revisar os construtos teóricos da LT, da perspectiva sociocognitivista e do paradigma pós-identitário da LQ no tocante às concepções de sujeito, contexto e identidade;

¹²Ao defender a interface cognitiva como aquela que busca integrar os estudos discursivos e os estudos sociais, van Dijk (2017, p. 95) define pressupostos caros que estão, até hoje, nos trabalhos contemporâneos da LT: “A produção e a compreensão do discurso são processos mentais baseados em representações estudadas na Psicologia Cognitiva. A Psicologia Social trata o discurso como interação social entre os usuários da língua que são vistos como membros de grupos sociais e, portanto, é preciso atentar para as identidades sociais e as formas de conhecimento, atitudes e ideologias, que são compartilhadas e reproduzidas por membros do grupo. O discurso é [...] em si um domínio multidisciplinar e que, cada vez mais, se sobrepõe ao entrecruzamento disciplinar de Estudos do Discurso”.

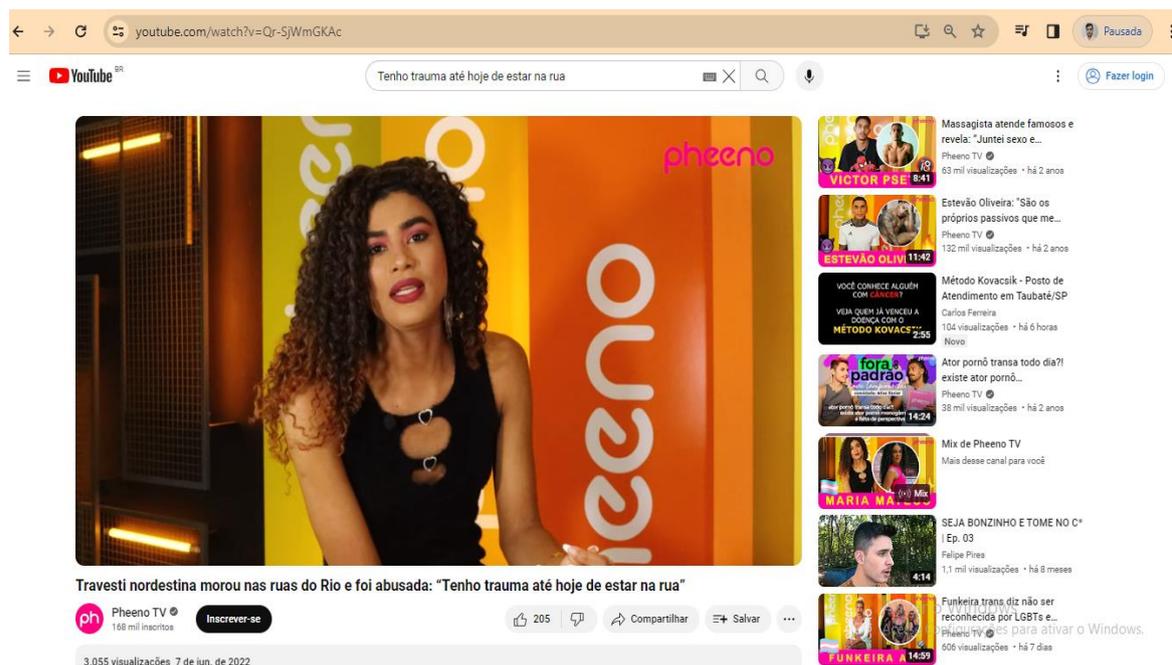
¹³Denominados, também, por Análise Crítica do Discurso (ACD) ou Análise de Discurso Crítica (ADC), essa abordagem discursiva “dedica-se à análise de textos, eventos e práticas sociais no contexto sócio-histórico, principalmente no âmbito das transformações sociais, propondo uma teoria e um método para o estudo do discurso. Ela oferece uma contribuição significativa da Linguística para debater questões da vida social contemporânea, como o racismo, o sexismo (a diferença baseada no sexo), o controle e a manipulação institucional, a violência, as transformações identitárias e a exclusão social [...]” (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 27-28).

¹⁴Configura-se como “o estudo das relações entre língua, gênero, sexualidade e as dinâmicas de manutenção e/ou contestação de normatividades (linguísticas e sociais) a partir de um posicionamento político que desessencializa identidades e desontologiza a língua, problematizando, assim, a relação supostamente sólida entre aquilo que falamos/escrevemos e aquilo que somos” (Borba, 2020a, p. 16).

- ii) Sistematizar entrevistas autobiográficas da comunidade digital do *Pheeno TV* para a composição do *corpus* a ser analisado;
- iii) Constituir mapa epistemológico-metodológico para estudos textual e contextual de práticas identitárias de sujeitos minoritarizados em razão do gênero e da sexualidade;
- iv) Analisar práticas identitárias dos sujeitos da comunidade digital investigada, via a categoria contextual do “Eu-mesmo”, entrelaçando as estratégias linguístico-discursivas e sociocognitivas.

Convém apontar duas questões. Em primeiro lugar, considero que o estudo do sujeito, em LT, deve consistir na análise de estratégias linguístico-discursivas e sociocognitivas em práticas identitárias produzidas nos textos. Em segundo lugar, o verbo “compreender”, no objetivo geral, condiz com a abordagem metodológica descritivo-interpretativista (Cavalcante *et al.*, 2019), mas, com interesse pela explicação das práticas sociais. Para tanto, esta pesquisa procura estabelecer diálogos entre LT, LQ e sociocognitivismo, no intuito de fortalecer a empreitada crítica e ético-política assumida. Com efeito, o *corpus* analisado aqui corresponde a fragmentos da vida social *online*, já que os ambientes digitais constituem um lócus produtivo para o estudo do sujeito, em práticas identitárias e (con)textuais contemporâneas. Além disso, constituem o universo macro desta pesquisa. Vejamos um exemplo:

Figura 1: Excerto de vídeo do canal *Pheeno TV*, da rede social YouTube



Fonte: YouTube, 2023.

Essa Figura (1) é uma captura de tela de um dos vídeos publicados no canal *Pheeno TV*, criado, na plataforma do YouTube, no ano de 2011. Mais especificamente, o vídeo é parte da *playlist* “Depoimentos”, continuamente alimentada com entrevistas autobiográficas concedidas aos administradores do canal. As pessoas entrevistadas, em sua maioria, identificam-se como pertencentes à população LGBTQIA+ ou à parcela da população que escapa da cisgeneridade e da heterossexualidade. Em geral, percebo que pelo menos nessa *playlist* há uma mobilização de sujeitos quanto à defesa de suas existências como uma política de engajamento identitário.

Por um lado, esse cenário está relacionado ao engajamento político desta pesquisa em linguagem. Embora, nos Estudos Críticos do Discurso (Van Dijk, 2018), que têm como uma de suas abordagens o sociocognitivismo, as pesquisas sejam orientadas com foco na superação das desigualdades sociais mediante exercício de autorreflexão, contribuição que esta investigação não estabelece em seu objetivo central, é impossível negar o debate crítico que, nessa e em outras áreas de pesquisa, tem contribuído para uma mobilização ética e política, não só na comunidade acadêmica, como também fora dela (Magalhães; Martins; Resende, 2017).

Por outro lado, esta pesquisa, no tocante à ideia de um ciberativismo dissidente, busca constituir mais compreensão e mais conhecimentos sobre trajetórias de vida e dinâmicas de (re)engajamento identitário de dissidências sexuais e de gênero, em ambientes digitais. Assim, no universo pesquisado, pressuponho que os sujeitos, quando da participação de entrevistas em comunidades *online*, segundo modelos (con)textuais, lidam de diferentes maneiras com a cis-heteronormatividade. Isto é, procuro observar, por meio dos procedimentos analíticos, em que medida os sujeitos-corpos lidam com processos de normalização do gênero e da sexualidade.

A presente tese está estruturada da seguinte forma: o capítulo 1, intitulado “*Linguística textual: questões teórico-metodológicas*”, traça um panorama da noção de sujeito em diferentes momentos desta subárea dos estudos linguísticos. Nesse ínterim, são apresentadas, também, as concepções epistemológicas de linguagem, língua, texto, contexto, referenciação e organização tópica, conforme os entroncamentos teórico-analíticos presentes ao longo da história da disciplina.

O capítulo 2, intitulado “*Linguística queer: paradigma pós-identitário em linguagem*”, tem o propósito de discutir, num enfoque crítico e ético-político, as noções de sujeito, contexto e identidade no âmbito da Linguística *Queer*. Além disso, são apresentadas as especificidades desse paradigma dentro dos estudos discursivos, além de seu caráter transversal. Na sequência, os ambientes digitais e suas especificidades são concebidos enquanto condições amplificadas de ativismos sociais e, conseqüentemente, de (re)construção de identidades dissidentes.

O capítulo 3, “*Sociocognitivismo: paradigma contextual em linguagem*”, por sua vez, apresenta, detalhadamente, a abordagem da cognição social, a teoria dos modelos de contexto e a categoria contextual do “Eu-mesmo” atrelada à (re)construção identitária, partindo da teoria enunciativa até chegar às questões de sujeito e contexto, em uma abordagem multidisciplinar. Ao final, busco entrelaçar os pontos de convergência entre as abordagens do discurso assumidas para o diálogo.

O capítulo 4, “*Aspectos metodológicos e construção da pesquisa*”, por seu turno, expõe os métodos, as abordagens, as fases e os procedimentos desta investigação, desde os seus delineamentos iniciais até as etapas de seleção da comunidade digital, da sistematização do *corpus*, da definição das categorias de análise e dos procedimentos analíticos mobilizados. Para levar a cabo a análise textual e contextual de práticas identitárias, proponho a elaboração de um mapa epistemológico-metodológico para os estudos em LT com esses problemas sociais.

Por fim, o capítulo 5, “*Sujeitos dissidentes: práticas (con)textuais e identitárias*”, é dedicado às análises do *corpus*, considerando a descrição de estratégias linguístico-discursivas e a interpretação de processos sociocognitivos, interacionais, culturais, históricos e políticos, em eventos comunicativos da comunidade digital. Com isso, torna-se possível explicar práticas sociais atinentes a processos de normalização do gênero e da sexualidade, além da (re)definição da noção de sujeito face a uma LT engajada politicamente no cenário científico contemporâneo.

1 LINGUÍSTICA TEXTUAL: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Os textos, [...], por serem formas de cognição social, permitem ao homem organizar cognitivamente o mundo. E é em razão dessa capacidade que são também excelentes meios de intercomunicação, bem como de produção, preservação e transmissão do saber.

INGEDORE KOCH (2018, p. 163).

Neste capítulo, o meu propósito é apresentar o quadro teórico-metodológico da LT. Ao traçar um panorama geral das noções de “sujeito” ao longo das diferentes fases dessa subárea linguística, apresento, também, as concepções de linguagem, língua, texto, contexto e sentido. Além disso, focalizo os conceitos de outras noções utilizadas no estudo de textos, a exemplo da referenciação e da organização tópica. Nesse ínterim, outras abordagens dos estudos da linguagem são trazidas à luz, ratificando o caráter inter/multidisciplinar e heterogêneo da disciplina. Conduzo, por fim, uma breve reflexão crítica acerca dos modos de operacionalização de critérios analítico-descritivos da LT no cenário atual.

1.1 UM CONTEXTO HISTÓRICO

Na década de 1960, em países da América e da Europa, a LT teve suas origens com desenvolvimentos teórico-analíticos similares e, ao mesmo tempo, variados. Tendo sido parcialmente influenciado pela abordagem do “transformacionalismo”¹⁵, de Zellig Harris, que criou, em 1952, o programa de estudos chamado *discourse analysis* (Paveau; Sarfati, 2006 [2003]), o termo “linguística textual” foi cunhado por Eugenio Coseriu, em 1955, e, também, por Harald Weinrich, em 1966 e 1967, no modo como o entendemos, hoje (Fávero; Koch, 2012 [1983]).

No quadro dos formalismos em Linguística, mais especificamente, em uma abordagem descritivista, Harris (1951, 1969, 1970), citado por Paveau e Sarfati (2006), entendia a *análise do discurso* como o estudo de enunciados orais ou escritos, ou seja, estruturas da língua para

¹⁵Compreende um projeto de descrição linguística criado pelo linguista norte-americano Zellig Harris, o qual, na tentativa de prover uma formalização de unidades linguísticas (fonológicas, morfológicas) e de explicar o funcionamento da linguagem a partir de um conjunto finito de enunciados naturais, consistia no estudo das relações estabelecidas entre as frases com base na ideia de hierarquização (fonemas, morfemas, palavras, frases, discurso). Esse método surgiu em decorrência do “distribucionalismo”, desenvolvido, anteriormente, pelo mesmo pesquisador, o qual consistia no estudo da construção das unidades linguísticas em si mesmas (categorias gramaticais isoladas) (Harris, 1971 *apud* Paveau; Sarfati, 2006).

além dos limites da frase. Essa concepção foi desenvolvida por vários pesquisadores em duas orientações, sendo a primeira, a análise formal dos textos (que veio chamar-se “linguística textual”), e a segunda, a análise social das produções verbais. Com base nisso, Jean-Michel Adam (1990), por exemplo, elaborou uma distinção entre os termos *discurso* e *texto*, em que o primeiro correspondia à soma do enunciado com o contexto (condições extralinguísticas de produção), ao passo que o segundo compreendia o discurso sem essas condições de produção.

Sendo um dos pioneiros estudiosos do texto, Teun Adrianus Van Dijk (1972, 1973), no princípio de suas pesquisas, também estabeleceu uma dicotomia conceitual entre texto e discurso. Para ele, o discurso era “a unidade passível de observação, aquela que se interpreta quando se vê ou se ouve uma enunciação”, ao contrário do texto, “a unidade teoricamente reconstruída, subjacente ao discurso” (Van Dijk, 1972 *apud* Fávero; Koch, 2012, p. 32). Dessa maneira, segundo as autoras, o texto seria apenas a manifestação verbal resultante das condições de produção de enunciados, concepção que foi tomada como vetor teórico-metodológico de partidários da análise do discurso (estudo social das produções verbais).

No entanto, o conjunto de abordagens denominado de *linguísticas discursivas* abrange a LT, a análise do discurso e a semântica de textos, segundo Paveau e Sarfati (2006), porque, *a priori*, preocupa-se com a dimensão transfrástica dos enunciados, afastando-se da linguística da frase, modelo de descrição linguística derivado da gramática tradicional e da gramática chomskyana e transformacional. Assim sendo, serviram de inspiração para a gênese da LT: i) as hipóteses estruturalistas acerca das unidades superiores à frase, de Ricouer (1986); ii) a semiótica literária, de Houdebine, Kristeva, Barthes, Genette, Greimas e o grupo Escola de Paris; iii) a semiologia, de Grize e Borel; iv) as retóricas antiga, clássica e perelmaniana; v) a sociolinguística de Labov; vi) a sociologia de Goffman.

Fávero e Koch (2012) dizem que, grosso modo, o termo *teoria do discurso* serve para denominar o campo inteiro de pesquisas sobre o discurso, a exemplo da LT, da estilística e da retórica. Estas duas últimas compõem as três linhas de pensamento que, junto ao formalismo russo, podem ser citadas como as precursoras *lato sensu* da LT. Por outro lado, os precursores *stricto sensu* podem ser alguns autores, sobretudo, norte-americanos e alemães: Hjelmslev, Pike, Jakobson, Benveniste, Pêcheux, Halliday, Weinrich, Ducrot, Isenberg, Lang, Dressler, Van Dijk, Petöfi, dentre outros. Eles contribuíram de diferentes formas para a LT na elaboração de critérios analítico-descritivos, em suas duas primeiras fases (transfrástica e pragmática).

As primeiras publicações de pesquisas voltadas para o estudo do texto datam de 1972, no contexto da Alemanha. Fávero e Koch (2012) afirmam que diversos autores, advindos de diferentes orientações de pesquisa e preocupados com o estudo da língua para além dos limites

da frase, começavam a elaborar teorizações, técnicas e procedimentos atinentes ao projeto de uma ciência do texto. Por essa razão, distintas denominações surgiram para a subárea: *Análise transfrástica e gramática de texto* (Van Dijk, 1972), *Teoria de texto* (Schmidt, 1974), *Translingüística* (Barthes, 1966), *Hipersintaxe* (Palek, 1970), *Teoria da estrutura do texto* (Petöfi, 1972), dentre outras.

No Brasil, a LT apareceu pela primeira vez com a publicação das seguintes obras: *Por uma gramática textual*, de Ignácio Antônio Neis, em 1981; *Linguística textual: introdução*, de Leonor Fávero e Ingedore Koch, em 1983; *Linguística de texto: o que é e como se faz?*, de Luiz Antônio Marcuschi, em 1983. Já no ano de 2004¹⁶, foi feito um panorama mais completo e atualizado sobre a LT, na obra *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*, de Ingedore Koch. Por meio delas, é possível traçar um quadro teórico-metodológico da disciplina com base em três momentos principais: i) análises transfrásticas e gramáticas de texto; ii) a virada pragmática; iii) a virada cognitivista. Como a LT toma o texto como objeto central de estudo, diferentes noções de linguagem, língua, contexto, sentido e sujeito influenciaram as concepções de texto ao longo de sua trajetória. É disso que tratam as subseções a seguir.

1.2 O SUJEITO NA ANÁLISE TRANSFRÁSTICA

A primeira fase da LT consistia numa abordagem sintático-semântica, cuja preocupação maior era o estudo das relações interfrásticas no texto, ou seja, as articulações entre as frases que compõem um texto. Fruto de orientações estruturalistas, gerativistas e funcionalistas, esse primeiro momento, segundo Koch (2018 [2004]), focalizava o estudo do texto nos mecanismos gramaticais e nas relações semânticas extraídas das estruturas sintáticas dos enunciados. Transpunha-se o foco da frase para o nível do **texto**, este entendido como uma “frase complexa” (Hartmann 1968 *apud* Koch, 2018), “cadeia de pronominalizações ininterruptas” (Harweg, 1968 *apud* Koch, 2018), o signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema da língua (Koch, 2018). Texto, portanto, como uma estrutura rígida, acabada, fruto da representação do mundo.

A coesão textual era o foco teórico-analítico dessa primeira fase. De acordo com Koch (2018), as categorias de análise mais aplicadas ao estudo de textos eram a ordem das palavras, a correferência, a pronominalização, a relação tema/tópico - rema/comentário, a concordância verbal, relações entre enunciados não ligados por conectores explícitos, fenômenos de ordem

¹⁶No período entre os anos 1980 e 2004, outros trabalhos com esse intuito também são importantes, porém, sinalizo aqui apenas os que considero mais representativos, dentro do espaço de que disponho e sob os interesses que me mobilizam.

prosódica, dentre outros. Ainda não eram estudados, por exemplo, mecanismos remissivos não correferenciais, a exemplo das anáforas indiretas e dos dêiticos textuais. Como reflexo dos paradigmas estruturalista e formalista, predominantes à época, as concepções de **linguagem** e de **língua** como sistemas autônomos de representação do mundo orientavam os pressupostos teóricos e os procedimentos analítico-descritivos.

Com base nessas acepções, o **sujeito** correspondia a um elemento puramente gramatical, identificável no interior de pronomes, artigos ou expressões nominais, isto é, um componente gramatical responsável pela ação verbal no conteúdo morfológico e/ou sintático-semântico de enunciados descontextualizados. O **contexto**, a propósito, era entendido como um conjunto de relações semânticas no interior das relações coesivas do texto. Denominado, pois, de “contexto linguístico” ou “cotexto” (Petöfi, 1973 *apud* Fávero; Koch, 2012), a definição desse critério analítico-descritivo correspondia a um mapeamento de sentidos prontos e delimitados pelas articulações correferenciais entre as frases do texto. Por conseguinte, o **sentido** do texto era concebido como uma informação “congelada”, inerente à superfície textual (cotexto).

No curso dessa orientação inicial, linguistas mais adeptos ao paradigma gerativista começaram a se preocupar com o projeto de gramáticas textuais que pudessem dar conta da análise textual de forma similar à análise da frase. Com isso, passou-se a elaborar critérios para a identificação dos princípios de constituição de um texto (o que faz um texto ser um texto), assim como aspectos para a delimitação de textos e espécies de textos. Inverteu-se o método ascendente — da frase para o texto — e a meta da disciplina passou a ser o método descendente — do texto para a frase. Dessa maneira, o texto, visto como sequência de cadeias linguísticas significativas, passou a ser analisado com base em dois procedimentos: segmentação e classificação das unidades menores que o compõem (Fávero; Koch, 2012; Koch, 2018).

Segundo Koch (2018), poucos autores ampliaram a agenda da LT quanto a essa abordagem. Um primeiro exemplo é Janos Petöfi (1973), que enxergava a gramática textual como um dos elementos de sua teoria do texto, prevendo um componente contextual e um componente pragmático, ambos responsáveis, respectivamente, pela interpretação semântica e pela produção/recepção de textos. Mas Van Dijk (1972) foi um dos que mais avançou no sentido de buscar incluir os fatores pragmático e interacional nesse projeto. Para ele, por exemplo, uma gramática textual poderia servir à elaboração de modelos cognitivos do desenvolvimento, da produção e da compreensão da linguagem, assim como ao fornecimento de uma base para o estudo de textos em contextos sociais e culturais. Nesse modelo de análise, perscrutava-se a proposta de uma competência textual do usuário da língua, diferentemente da competência frasal ou competência linguística de perspectiva gerativista (Fávero; Koch, 2012).

Ainda que, nessa primeira fase da LT, a construção de sentidos do texto fosse reduzida à identificação de uma estrutura semântica estável e previamente definida, resultante das relações interfrásticas, começou a se fazer presente, ainda que de forma superficial, a ideia de que contextos concretos e aspectos interacionais de uso da linguagem eram importantes para dar conta de análises textuais mais profundas e sofisticadas. Nesse sentido, observo que já aí se insinuavam as primeiras elucubrações a respeito da atuação comunicativa e, conseqüentemente, da participação de sujeitos sociais nas atividades de produção e recepção de textos, o que veio a se tornar a tônica da “virada pragmática”.

1.3 O SUJEITO NA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA

Segundo Fávero e Koch (2012) e Koch (2018), a segunda fase da LT consistia numa abordagem pragmático-enunciativa, cuja maior preocupação era conceber o objeto **texto** como a unidade básica da comunicação/interação humana. Texto como processo de constituição pelos sujeitos da interação. Influenciados, sobretudo, pelos conflitos filosóficos entre a pragmática austiniana¹⁷, a teoria da atividade verbal, a lógica das ações e a teoria lógico-matemática dos modelos, linguistas passaram a conceber o texto como ato de fala complexo ou um instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais dos usuários da língua (Heinemann, 1982 *apud* Koch, 2018). Assim sendo, o foco teórico-analítico desse momento era a busca de inter-relações entre texto e contexto comunicativo-situacional, em que a atividade verbal humana se dava “em função da atuação de uma complexa rede de fatores, de ordem linguística, cognitiva, sociocultural e interacional” (Koch, 2018, p. 12).

Na emergência dessa perspectiva, um nome muito importante é o de Émile Benveniste (1989, 1995), que, com a teoria da enunciação¹⁸, em oposição à linguística saussuriana, propôs

¹⁷Essa abordagem é originada da Filosofia da Linguagem Ordinária, na Escola de Oxford, principalmente, através da corrente da Filosofia Analítica de Ludwig Wittgenstein. Paveau e Sarfati (2006, p. 215-216) explicam o contexto histórico-epistemológico: “Em seu início, a reflexão de tipo pragmático não estabelece, por assim dizer, nenhuma ligação com a reflexão linguística, já que ela se origina em uma série de interrogações essencialmente filosóficas. [...] A emergência e a constituição do domínio pragmático são antes de tudo imputáveis a uma situação de crise da filosofia, ocorrida no final do século XIX, em razão da qual as diferentes correntes de pensamento efetuaram um retorno radical à questão da linguagem. A conjuntura era então de uma tripla problematização das matemáticas [...], da lógica clássica [...] assim como da metafísica tradicional [...]. Todo o edifício conceitual é colocado em causa, obrigando filósofos e teóricos a se debruçarem radicalmente sobre a questão da linguagem e de suas funções [...]. [...] A tomada de consciência desse estado de coisas motiva aquilo que a crítica costuma denominar a ‘virada linguística da filosofia’ [...]. A primeira filosofia analítica se desenvolve sob o impulso dos trabalhos de Frege sobre a redução da aritmética às operações da lógica. [...] Mas, em reação ao reducionismo logicista, uma segunda corrente se desenvolve [...]. Seus principais representantes elegeram como objetos de pesquisa as formas usuais do pensamento (lógica das línguas naturais) assim como as formas usuais da linguagem [a linguagem do dia a dia]”.

¹⁸Em oposição à linguística da língua, o estudo publicado por Kerbrat-Orecchioni (1980) apresenta algumas críticas ao estruturalismo linguístico de Ferdinand de Saussure (2012 [1912]): i) a língua, enquanto código, não

o estudo da linguagem em uso, o que, conseqüentemente, autorizou a centralidade do sujeito e da situação enunciativa (locutor, interlocutor, lugar e momento da interlocução) nos estudos linguísticos. Segundo Paveau e Sarfati (2006, p. 174), a linguística da enunciação compreendia um conjunto de pesquisas que buscava analisar “as marcas da enunciação na fala, marcas que são as ferramentas cuja função é inscrever na enunciação a subjetividade do locutor”. Dessa maneira, o aparato formal da enunciação assumia os dêiticos pessoais e espaço-temporais (eu-aqui- agora) como algumas das categorias de análise direcionadas às pessoas do discurso e aos aspectos de lugar e de tempo da situação comunicativa.

Por sua vez, John Langshaw Austin (1990 [1962]) é um dos maiores expoentes da emergência da perspectiva pragmática, em LT. Sua Teoria dos Atos de Fala, originada dentro dos estudos filosóficos e derivada da perspectiva wittgensteiniana, serviu para provocar uma ruptura epistemológica no rumo dos estudos linguísticos no que concerne à concepção de linguagem como uma forma de ação no mundo. Em contraposição a uma postura lógica da primeira filosofia analítica, a pragmática austiniana pode ser resumida, aqui, como “a ciência do contexto” (Paveau; Sarfati, 2006), cujos aspectos teóricos principais são os enunciados constativos e os performativos, os atos de fala (locucionário, ilocucionário e perlocucionário), a performance e a performatividade.

Partindo de postulados da gramática tradicional e da filosofia da linguagem, Austin (1990) afirmou que os enunciados constativos descrevem uma realidade preexistente, ou seja, constata um estado de coisas no mundo, ao passo que os enunciados performativos permitem realizar um determinado tipo de ação, ao serem proferidos. Os primeiros se valem de descrição, e os segundos, de cumprimento. Também, os primeiros, empiricamente observáveis, deveriam ser identificados como “verdadeiros” ou “falsos”, enquanto os segundos, como “felizes” ou “infelizes” (com sucesso ou não), isto é, corresponderiam ao engajamento do locutor, uma vez que não poderiam ser empiricamente observáveis. Essa dicotomia, no entanto, começou a ruir, já que a ilusão descritivista do logicismo filosófico já havia sido contestada.

Sendo assim, o filósofo passou a considerar que os enunciados são todos, por natureza, performativos, pois a ideia de verdade ou falsidade diz respeito somente aos paradigmas da lógica e da razão da tradição filosófica. Tomando a linguagem como uma prática social, ele compreendeu que, ainda assim, ao ser proferidos, os enunciados realizam ações, mas são

tem qualquer realidade empírica; ii) a produção de sentidos na língua não é relativamente simples, uma vez que todas as unidades linguísticas participam dessa produção e os sujeitos que as utilizam não são indivíduos livres e conscientes; iii) a comunicação nem sempre é bem sucedida, tal qual no circuito comunicativo, já que o uso da língua é opaco e está no nível da prática, não sendo possível desconsiderar a referência linguística e os contextos de produção dos enunciados.

revestidos de certas condições linguísticas, sociológicas e psicológicas de funcionamento. Em outras palavras, isso compreende a existência de convenções ou rituais que favorecem, em parte, a produção de atos de fala. Desse modo, à revelia de um extremismo dicotômico, a relação constativo/performativo ainda é importante, uma vez que todo e qualquer enunciado articula um traço de descritividade com algum de performatividade. Além disso, cabe destacar que a reprodução constante de um enunciado performativo, em situações comunicativas diferentes, pode repercutir na ilusão de uma substância, de uma essência, no conteúdo descritivo de um enunciado constativo.

Dentro desse programa teórico, Austin percebeu que, de modo geral, seria impossível enumerar ou sistematizar marcas linguísticas distintivas para a identificação de enunciados performativos, apesar de sua característica ainda convencionalista. Portanto, ao assumir que, de fato, um ato de fala é um dizer e um fazer ao mesmo tempo, ele propôs a divisão deste em três partes: i) locucionário (o dizer em si mesmo); ii) ilocucionário (a apresentação do que se está fazendo naquilo que se diz); iii) perlocucionário (ato realizado pelo fato de dizer algo). Com base nisso, a performance, nos termos do filósofo, diz respeito ao proferimento do ato de fala numa situação de comunicação específica, enquanto a performatividade, um dos componentes de sua teoria geral, compreende as regras e as convenções rituais partilhadas pelos membros de uma mesma sociedade, as quais condicionam o proferimento desses mesmos atos de fala.

Nessa perspectiva, a concepção de **sujeito** era a de falante de uma língua, dotado de intenções comunicativas durante o processo de construção textual, já que a noção de **língua** compreendia uma forma específica de comunicação social articulada a outras atividades humanas não verbais. Portanto, ao focalizar as atividades verbais humanas no estudo de textos, os critérios analítico-descritivos mais recorrentes eram a dêixis espacial, os atos de fala e a interação face a face, o que permitia assumir uma noção de **contexto** como aquilo que é subjacente ao texto, a situação comunicativa local, imediata, na qual o texto acontece. Ou seja, contexto entendido como um entorno sócio-histórico e cultural, um “conjunto de condições – externas ao texto – da produção, da recepção e da interpretação do texto” (Fávero; Koch, 2012, p. 20).

Mesmo como o giro epistemológico da atuação comunicativa como um parâmetro para a observação da ação social via texto, ainda, nessa fase, a preocupação era analisar os modos pelos quais o autor do texto conseguia estabelecer condições e regras para atingir um objetivo final com seu enunciado, ou seja, ser compreendido pelo leitor/interlocutor tão somente no reconhecimento de suas intenções comunicativas. Dessa forma, Koch (2018) diz que o **sentido** de um texto ainda era, para alguns autores, visto como único, em que o interlocutor deveria

refazer o percurso estabelecido pelo locutor frente aos recursos verbais disponibilizados pela língua.

Já para Van Dijk (1981 *apud* Koch, 2018), o sentido de um texto deveria atender não só a regras de macroestrutura semântica, mas também a regras de macroestrutura pragmática, o que implicaria não somente o resultado interpretativo pretendido pelo autor, mas também a consideração de interação, crenças, desejos, preferências, normas e valores do interlocutor. Assim, esse pressuposto foi muito importante para a assunção de uma definição de coerência, por parte de Charolles (1983), como um “princípio de interpretabilidade do discurso”, uma vez que os sentidos dos textos podem variar de acordo com a mudança de contexto ou com a alternância de interlocutores. Koch (2018) complementa a noção de sentido ao afirmar que se atribuía ao interlocutor não apenas o papel de “captar” o conteúdo referencial e a função ilocucional do texto, mas também o de reconstruir os propósitos comunicativos do locutor.

Fávero e Koch (2012) apontam que, nessa segunda fase, o acréscimo do componente pragmático à abordagem sintático-semântica implicava em um direcionamento das análises textuais voltado para a observação das competências dos falantes, a exemplo da competência comunicativa (capacidade de usar adequadamente a linguagem em diversas situações). Foi, por exemplo, o caso de Schmidt (1978), que concebeu essa contribuição não como um acréscimo ao modelo de gramática textual existente (tal como observou Dressler, 1977), mas como um pré-requisito para assumir o texto como um ato de comunicação e uma forma de interação social, o que tornaria possível a evolução da LT para uma “teoria pragmática do texto”. Destarte, o objetivo da análise deveria focalizar o ato comunicativo, inserido numa situação comunicativa específica, junto a seus pressupostos psicológicos e sociológicos.

Isso está atrelado às três definições de produção textual apresentadas por Bentes (2001): i) a produção textual é uma atividade verbal; ii) é uma atividade verbal consciente; iii) é uma atividade interacional. Para a autora, a segunda definição separa os estudos discursivos de base anglo-saxã dos estudos da análise de discurso de tradição francesa (nas primeiras fases desta abordagem, a noção de sujeito intencional não era aceita, já que este seria interpelado pela ideologia, numa perspectiva marxista). Essa questão esteve presente na formulação de critérios de textualidade ou de princípios de construção textual do sentido, de Beaugrande e Dressler (1981), que definiram, além da coesão e da coerência, outros cinco critérios: informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Ora, toda atividade de textualização seria consciente e, por isso, intencional? Eis uma das perguntas que os linguistas de texto buscavam responder.

1.4 O SUJEITO NA PERSPECTIVA COGNITIVA

Em decorrência do desenvolvimento das análises textuais firmadas no pressuposto de que toda ação verbal constitui uma atividade social, realizada por sujeitos sociais, uma nova questão passou a interessar os estudiosos do texto: a de que toda ação verbal é, também, realizada por processos de ordem cognitiva, visto que os sujeitos, para executar diferentes tipos de atividade, dispõem de saberes individuais e coletivos. Particularmente, com os estudos de Van Dijk e Kintsch (1983 *apud* Koch, 2018), o processamento cognitivo do texto, as formas de armazenamento do conhecimento na memória e o uso de estratégias de conhecimento passaram a ser o alvo de interesse teórico-analítico, em LT.

Nessa nova perspectiva epistemológica, um dos conceitos de **texto** que passou a vigorar foi o de resultado de processos mentais, ou, em outras palavras, um processo originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas (Koch, 2018). Ao considerar o processamento cognitivo do texto enquanto estratégico e *online*, linguistas de texto passaram a se preocupar, em seus procedimentos de análise, com a existência de modelos cognitivos ou modelos episódicos (Van Dijk, 1989). Estes compreendem conjuntos de conhecimentos construídos socioculturalmente por meio de várias experiências vivenciadas pelos sujeitos sociais. Por sua vez, esses conhecimentos abrangem cenas, situações, eventos, formas de ação, etc. para servir de base a processos conceituais, em diferentes tipos de atividade social. Isso significa que, para compreender e produzir um texto, os sujeitos devem utilizar seus próprios conhecimentos numa situação de interação específica.

Van Dijk (1994, 1997 *apud* Koch, 2018), a exemplo de outros linguistas, defende que os sujeitos da interação, para levar a termo o processamento cognitivo do texto, precisam mobilizar operações cognitivas, a fim de atingir seus propósitos comunicativos e construir sentidos para as atividades sociais em curso. Assim sendo, Heinemann e Viehweger (1991), citados por Koch (2018), apontam a existência de três grandes sistemas de conhecimento: linguístico, enciclopédico e interacional. O primeiro sistema diz respeito a conhecimentos do sistema linguístico, ou seja, de ordem gramatical e lexical. Compreende os aspectos cotextuais, superficiais, do texto, associados aos modelos cognitivos ativados por meio do texto.

Já Koch e Cunha-Lima (2011), baseando-se nos mesmos autores, afirmam que os conhecimentos enciclopédicos (ou de mundo) compreendem saberes de caráter geral e pessoal, relacionados a “estados de coisas”; dispõem de estrutura mais estável, pois não se modificam significativamente com o passar do tempo. Por seu turno, os conhecimentos interacionais concernem a ações realizadas por meio de capacidades motoras, perceptuais e de predisposição

dos sujeitos. Eles mobilizam, pois, os demais sistemas de conhecimento (o enciclopédico e o linguístico).

Em outra obra, Koch (2011), citando também Heinemann e Viehweger (1991), diz que os conhecimentos sociointeracionais englobam quatro subtipos: ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural. O primeiro diz respeito a algum tipo de reconhecimento sobre os propósitos que o locutor pretende atingir em determinada situação de interação. Trata-se de conhecimentos sobre tipos de atos de fala que facilitam a compreensão de objetivos do locutor por meio de ações em andamento. Já o segundo subtipo (comunicacional) compreende regras de comunicação que são seguidas pelos interlocutores, levando em conta a quantidade de informação (re)ativada e compartilhada, a seleção de léxico e de outros recursos discursivos adequados àquela situação específica.

Por sua vez, o conhecimento metacomunicativo abrange os usos conscientes e metalinguísticos dos interlocutores a respeito do material linguístico que estão mobilizando naquele lugar e momento da interação. Trata-se de uma forma de conhecimento atinente a formas de ação linguística que monitoram os fluxos verbais da situação enunciativa em curso. Por fim, o conhecimento superestrutural é o que auxilia os sujeitos no reconhecimento de formas textuais e categorias globais de certos exemplares de textos, como, por exemplo, a capacidade de reconhecimento de gêneros e tipos textuais.

Com base na virada cognitiva, a **língua** era vista como um sistema linguístico à disposição dos sujeitos sociais, ou seja, um conjunto de conhecimentos gramaticais e lexicais apreendidos por eles ao longo de suas interações sociais e comunicativas. Por seu turno, o **contexto** era concebido como um conjunto de conhecimentos, incluindo os sistemas de conhecimento, adquiridos pelos sujeitos tanto nas interações situadas quanto na construção e na reconstrução de experiências vivenciadas, os quais estariam estocados em sua memória de longo prazo, isto é, sua bagagem cognitiva (Koch, 2011, 2018).

De acordo com essa perspectiva, Koch (2018) aponta que a noção de **sentido** lida com o pressuposto da instabilidade, da dinamicidade, tendo em vista que os aspectos da situação comunicativa são negociados pelos usuários da língua, incorrendo em uma construção social da realidade via atividades contínuas de interpretação dos conhecimentos ativados em textos. Portanto, “o processamento estratégico depende não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua, tais como objetivos, convicções e conhecimento de mundo” (Koch, 2018, p. 38). Assim, a noção de **sujeito** adotada era a de um ator social ativo e estratégico no processamento cognitivo do texto, isto é, aquele que, ao

realizar passos interpretativos orientados, efetivos, flexíveis e rápidos sob certas finalidades, buscava, então, contribuir com a harmonia das atividades de formulação textual.

No Capítulo 3, apresento, em maior detalhe, as bases conceituais da virada cognitiva, tendo em vista a discussão desenvolvida sobre o sociocognitivismo.

1.5 O SUJEITO NA PERSPECTIVA SOCIOCÓGNITIVO-INTERACIONAL

Nos estudos linguísticos, as teorias da cognição, conforme Koch e Cunha-Lima (2011), foram recepcionadas de várias formas. A visão predominante era a de que a linguagem, mesmo tendo uma dimensão cognitiva, deveria receber um tratamento social exclusivo, focalizando aspectos externos, físicos ou comportamentais. Ainda hoje, tal postura clássica é seguida por algumas correntes linguísticas, como a Pragmática Linguística tradicional, as Sociolinguísticas, as Análises de Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Enunciativa e uma parte dos Estudos Críticos do Discurso¹⁹. Porém, outras abordagens privilegiavam a participação de fatores “internos”, biológicos ou individuais no funcionamento da língua. Hoje, uma corrente que procura não dissociar os aspectos cognitivos dos aspectos sociais do uso da língua é a LT, assim como algumas vertentes da Psicologia.

No cognitivismo clássico, acreditava-se que os conhecimentos acerca das coisas do mundo eram representados na mente por meio de símbolos. Tempo depois, observou-se que a ideia de uma computação simbólica (já que a mente humana era equiparada a um computador) não corresponde aos sistemas cognitivos humanos, que não trabalham de forma mecânica (Koch; Cunha-Lima, 2011). Portanto, “a representação simbólica clássica parece inadequada, pela sua excessiva estabilidade e sua a-historicidade, para explicar, por exemplo, como as palavras podem ter sentidos tão flexíveis e, por outro lado, frequentemente tão precisos quando em uso” (Koch; Cunha-Lima, 2011, p. 272). Surgiu, assim, a abordagem dinâmica da cognição, que passou a considerar o tempo e o uso da representação simbólica, incluindo atividades de interação e negociação do sentido lexical, sem excluir as ligações corporais das mentais.

Outra crítica ao cognitivismo clássico é acerca da separação radical entre corpo e mente. Estudiosos, como Varela, Thompson e Rosch (1992), citados por Koch e Cunha-Lima (2011),

¹⁹Van Dijk (2013, 2016, 2018, 2020), dentro da ACD ou dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), é o nome principal de uma abordagem sociocognitiva que não desvincula as implicações cognitivas das relações entre linguagem e sociedade. Essa perspectiva de linguagem e de contexto é explorada no Capítulo 3 deste trabalho. Assim, as demais abordagens da ACD são: a dialético-relacional (Fairclough), histórico-discursiva (Reisigl e Wodak), linguística de *corpus* (Mautner), atores sociais (Van Leeuwen) e a análise de dispositivo (Jäger e Maier) (Magalhães; Martins; Resende, 2017). No contexto brasileiro, também há a abordagem sociológica e comunicacional do discurso (Pedrosa, 2012), parcialmente desenvolvida por pesquisadores da UFS, junto ao Departamento de Letras Vernáculas (DLEV) e ao PPGL.

produziram diversas evidências, passando a defender que a mente consiste num fenômeno essencialmente corporificado e os aspectos perceptuais e sensório-motores são todos de natureza semelhante. Assim, passaram a defender que a cognição é o resultado das nossas ações no mundo e que os sistemas perceptuais e motores contribuem para a vida cognitiva em geral. Desse modo, desenvolver conceitos abstratos para as coisas do mundo resulta de atividades de percepção e ação motora, e não de um conjunto homogêneo de conhecimentos previamente organizados pela mente isolada do corpo.

Na perspectiva sociocognitivo-interacional, a dicotomia mente/corpo é profundamente atacada. Quanto às dicotomias clássicas da produção científica, tais como língua *versus* fala, ou sujeito *versus* objeto, no caso da Linguística, segundo Morato (2011), o interacionismo passa a ser assumido como a alternativa para desorientar oposições conceituais radicais. Tal como o sociocognitivismo, os estudos rotulados de “interacionistas” não compõem um programa de pesquisa bem definido, mas, grosso modo, sinalizam não só a interação enquanto espaço de atividade da linguagem, mas também como uma categoria de análise dos fatos de linguagem. Sendo assim, as ações da vida cognitiva são compreendidas num processo de interação situada.

Tem a ver com isso a terceira crítica feita ao cognitivismo clássico, a qual engloba as duas anteriores e constitui o cerne da fase atual da LT: a cognição não é só um fenômeno mental, mas também social e situado. O pressuposto de mente *corporificada* passou a guiar as reflexões e as pesquisas de estudiosos que acreditavam que a cognição acontece não apenas dentro da mente, como também fora dela. Em outras palavras, segundo Koch e Cunha-Lima (2011), perdura, nos estudos atuais da subárea, uma visão que integra aspectos sociais e culturais à noção de processamento cognitivo como algo dinâmico e historicamente situado.

Koch (2018, p. 42) afirma que, sendo a cognição um fenômeno situado e social, “não é simples traçar o ponto exato em que a cognição está dentro ou fora das mentes, pois o que existe aí é uma inter-relação complexa”. Isso significa que estudar a linguagem em uso é considerar as múltiplas articulações existentes entre diversos conhecimentos continuamente construídos pelos sujeitos sociais em atividades de interação, uma vez que a relação entre linguagem e cognição é estreita, de mútua retroalimentação, pois, “não há possibilidades integrais de pensamento ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos” (Koch, 2018, p. 43). No âmbito da Linguística Interacional,

cujas inspirações são a Etnometodologia²⁰ e a Análise da Conversação²¹, a cognição, fruto dessa guinada teórica, pode ser vista enquanto

[...] prática, distribuída, emergente das atividades locais, que não somente se opõe à sua modelização tradicional e individualizante em termos de interioridade e de intencionalidade, mas que, mais geralmente, se recusa à separação entre o que relevaria do domínio do desenvolvimento individual, cognitivo e autônomo, e do que relevaria do domínio da atividade coletiva, interativa e social (Mondada; Pekarek, 2000, p. 154-155).

Por isso, a noção de interação começa a ser também estudada em muitas abordagens teórico-metodológicas voltadas para a cognição social, uma vez que, segundo Morato (2011), a relação complexa entre linguagem e cognição, ou entre interação e cognição, passa a focalizar a premissa de que “toda ação humana procede de interação”. Constituindo uma extensão das abordagens conversacionais e socioculturais da cognição humana, contrárias ao cognitivismo clássico, a “teoria da ação situada”, de acordo com essa autora, tem como unidade de análise as atividades realizadas pelos sujeitos no curso da interação. O **texto**, então, passou a ser visto como um evento comunicativo de ações cognitivas, discursivas e sociais (Beaugrande, 1997).

Conforme Morato (2011), a interação está, etimologicamente, atrelada às ideias de “ação”, de “influência recíproca” e de “algo compartilhado de forma reflexiva”. Fundamentada em Vion (1992), essa autora defende que tal noção também se firma sobre as relações entre sujeitos, as quais se inscrevem num quadro social, estão submetidas às regras de gestão histórico-cultural e não são ideologicamente neutras. O vínculo entre a interação e a cognição social situada se estabelece pelos pressupostos da fala como ação (Gumperz, 2002 [1982]) e da interação verbal como uma realidade fundamental da linguagem humana (Bakhtin/Volóchinov, 2014). Tais pressupostos originam-se de abordagens construtivistas, da Etnometodologia, da

²⁰Surgido ao final dos anos 1970, devido, em parte, ao declínio de perspectivas marxistas mais ortodoxas, o termo “etnometodologia” foi cunhado pelo norte-americano Harold Garfinkel (1967) para “identificar a abordagem que procura descrever os processos que caracterizam ou constituem a comunicação interpessoal, analisando o modo como os indivíduos interagem e se comportam em meio a diferentes situações específicas da vida cotidiana. A concepção de social que se estabelece aqui se configura a partir da análise do que se produz nas ações cotidianas e leva em consideração todo um sistema de crenças e ‘modos de agir’ dos sujeitos em interação” (Morato, 2011, p. 320).

²¹“A Análise da Conversação (AC) consiste numa abordagem discursiva que teve origem na década de 1960, ligada aos estudos sociológicos, ou, mais especificamente, à Etnometodologia, com os trabalhos de Harold Garfinkel, Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson. Enquanto os sociólogos reconhecem que a conversação nos diz algo sobre a vida social, ao procurarem responder a questões do tipo “como nós conversamos?”, os linguistas da Análise da Conversação perguntam “como a linguagem é estruturada para favorecer a conversação?” e reconhecem que a conversação nos diz algo sobre a natureza da língua como fonte para se fazer a vida social [...]” (Dionísio, 2012, p. 82).

Etnografia da Comunicação, da Fenomenologia, do interacionismo simbólico²², dentre outras (Morato, 2011).

Dentro dos estudos da linguagem, a partir da perspectiva sociocognitivo-interacional, a atividade linguística e a interação verbal estão intrinsecamente ligadas às atividades cognitivas em geral que ocorrem em contextos reais de uso. Com isso, não interessa mais, por exemplo, diferenciar aspectos internos e externos, ou mentais e sociais, envolvidos no processamento da linguagem, sendo este um processo cognitivo importantíssimo em investigações sobre a estruturação cognitiva da sociedade e da cultura. Tendo em vista a complexidade da cognição social, as rotinas e as vivências socioculturais se caracterizam pelas práticas coletivas (Koch; Cunha-Lima, 2011).

Em virtude disso, categorias conceituais como “ação”, “outro”, “prática”, “sociedade” e “sujeito”, resultantes de diálogos multidisciplinares entre a Linguística e outras áreas do conhecimento, adentraram a cena teórica sociocognitivo-interacionista da LT. Por conseguinte, a linguagem recebe novas acepções:

Entendida como atividade constitutiva do conhecimento humano, a **linguagem** não apenas é estruturada pelas circunstâncias e referências do mundo social; é ao mesmo tempo estruturante do nosso conhecimento e extensão (simbólica) de nossa ação sobre o mundo. Ou seja, podemos dizer da linguagem que ela é uma ação humana (ela predica, interpreta, representa, influencia, modifica, configura, contingencia, transforma etc.) na mesma proporção em que podemos dizer da ação humana que ela atua também *sobre* a linguagem (Morato, 2011, p. 317, grifo meu).

Koch e Cunha-Lima (2011) preconizam que, vivendo em coletividade, os atores sociais procedem com atividades cognitivas que se alimentam na/pela interação. Defendem, com base nesse pressuposto, que muitos dos conceitos existentes na vida social não são intocáveis ou pré-construídos, mas situados, construídos e atualizados a cada ação conjunta dos sujeitos sociais. Nesse ínterim, o **texto** é concebido como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (Koch, 2018). As tarefas diárias “constituem rotinas desenvolvidas culturalmente e organizam as atividades mentais internas dos indivíduos, que adotam estratégias para dar conta das tarefas de acordo com as demandas socialmente impostas” (Koch; Cunha-Lima, 2011, p. 279). Então, as rotinas interacionais são resultadas de práticas anteriores

²²Segundo Morato (2011), o interacionismo simbólico, inaugurado pelo psicólogo norte-americano George Mead ([1934] 1963), é voltado para a investigação da gênese da subjetividade no processo de interação social. Para essa abordagem, são igualmente importantes, no estudo da realidade social, “tanto a qualidade dos processos interativos que produzem e reproduzem as estruturas sociais, quanto as estruturas em si” (Morato, 2011, p. 321).

dos sujeitos, uma vez que os conhecimentos construídos por eles tornam a ser reativados a cada nova situação enunciativa.

Por esse prisma, o conceito de cultura, antes tido como conjunto de dados e noções apreendidos e armazenados individualmente, ganha novo relevo. Para essas linguistas, baseadas em Hutchins (1995), a questão cultural precisa ser entendida, nessa abordagem, como um processo que é composto por coisas e definições instáveis no curso das rotinas e das tarefas coletivamente estabelecidas e modificadas. Nesse sentido, a linguagem também recebe uma concepção semelhante, já que, assim como outros processos cognitivos, sofre a influência de uma visão que ultrapassa o código e o símbolo enquanto artefatos rígidos e mecânicos. Ela passa, pois, a ser vista como ação conjunta e social:

Cada ação conjunta é o resultado que emerge de uma série de outras ações conjuntas mais simples e que se organizam de forma hierárquica, constituindo etapas da ação principal. Além disso, as finalidades dessas ações podem ser múltiplas, simultaneamente públicas e privadas. [...]

As ações verbais são ações conjuntas, ou seja, usar a linguagem é sempre se engajar em alguma ação na qual a linguagem é o meio e o lugar onde a ação acontece necessariamente em coordenação com os outros. Essas ações, contudo, não são realizações autônomas de sujeitos livres e iguais. São ações que se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente (Koch; Cunha-Lima, 2011, p. 284-285).

Se a linguagem em uso constitui, a um só tempo, atividades cognitivas e sociais, levadas a cabo por sujeitos não inteiramente conscientes de suas ações conjuntas, então, a constante atualização de rotinas interacionais e sistemas de conhecimento condiciona modos de construir múltiplos sentidos nas práticas textuais situadas. Nessa dimensão sociointeracional e cognitiva de linguagem, o **contexto**, visto, anteriormente, como contexto linguístico ou cotexto (análises transfrásticas e gramáticas de texto), situação comunicativa ou entorno sócio-histórico-cultural (virada pragmática), passa agora a ser entendido como a própria interação e os sujeitos (Koch, 2018), ambos construídos em práticas discursivas locais.

Semelhantemente à cultura, o contexto deixa de ser um dado, um fator extralinguístico, objeto rígido da realidade social, e é assinalado por uma dimensão cognitiva e situada. Ele atinge o *status* da instabilidade, tornando-se inteiramente dependente da atuação conjunta dos sujeitos, em uma interação específica, junto a outros fatores de ordem linguística, cognitiva, social, cultural, política e histórica. Assim sendo, a concepção de **sentido** também muda: passa a ser uma construção interacional, multifacetada, resultante dos jogos enunciativos dos sujeitos, das estratégias de uso dos conhecimentos (re)ativados e do contexto construído e reconstruído a cada momento. Por esse prisma, os **sujeitos** são definidos

como atores/construtores sociais, [...] sujeitos ativos que – dialogicamente – nele [no texto] se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua **reconstrução** – e a **dos próprios sujeitos** – no momento da interação verbal (Koch, 2018, p. 44, grifos da autora; grifos meus).

Essa definição elucida o caráter dinâmico do sujeito que, em práticas discursivas locais de construção de sentidos, pode tanto reconstruir seus conhecimentos quanto pode reconstruir a si mesmo. Isso envolve, obviamente, a construção sociocognitiva da realidade, as constantes (re)negociações estabelecidas com os demais (intersubjetividade) e os diversos sistemas de conhecimento mobilizados. Acrescento, ainda, que a esse potencial transformador do sujeito correspondem efeitos de sentido construídos nos textos, em ações conjuntas com os outros. Nesse caso, ele também pode ser interpretado como um ou mais efeitos de sentido construídos a cada passo das atividades interativas altamente complexas da linguagem.

A máxima da (re)construção do sujeito via textos, conforme Koch (2018), é condição basilar para a noção de sujeito que aqui estou adotando. Por conseguinte, busco articulá-la, nos Capítulos 2 e 3, às noções de identidade e de contexto. Na subseção a seguir, por enquanto, apresento outras noções de estudo da LT, relativas a essa mesma concepção de sujeito, que é fruto da perspectiva sociocognitivo-interacional da linguagem.

1.6 OUTRAS NOÇÕES RELATIVAS À CONCEPÇÃO DE SUJEITO

Nos estudos do texto contemporâneos, duas noções muito presentes, hoje, são as de referenciação e de organização tópica. Focalizo-as, nesta subseção, por estarem, em primeiro lugar, diretamente relacionadas à noção de sujeito da perspectiva sociocognitivo-interacional e, em segundo lugar, selecionadas para a composição das estratégias linguístico-discursivas que pretendo explorar nos procedimentos de análise do *corpus* da pesquisa.

A passagem da análise transfrástica para a perspectiva sociocognitivo-interacional significa uma alteração nos modos de descrição e interpretação dos textos, bem como nos tipos de procedimentos analíticos mobilizados. Desse modo, interessa-me refletir, brevemente, sobre a relação entre linguagem, cognição e vida sociocultural (referenciação); e mecanismos de progressão textual (continuidade tópica, temática e referencial).

As relações complexas entre linguagem e vida social atravessam a história do pensamento ocidental, a começar pela própria tradição filosófica. Mondada e Dubois (2003) comentam que perdura há muito uma concepção especular do saber e do discurso, isto é, uma visão representacional, responsável por explicar uma perfeita adequação entre as palavras e as coisas. Nesse sentido, a língua corresponde a um sistema de etiquetas mais ou menos ajustadas em relação às coisas do mundo, por meio do qual os indivíduos atribuem inteligibilidade e descritibilidade à realidade cotidiana. Essa é a concepção de *referência*, segundo a qual sujeitos racionais, intencionais e ideais reproduzem categorias linguísticas e cognitivas ontologicamente dadas, previamente existentes.

No entanto, defendem as autoras, essa perspectiva utópica ou nostálgica é questionada em face de contradições, conflitos e discordâncias entre versões múltiplas da realidade, inerentes a qualquer atividade de linguagem. Por isso, em vez do enfoque nos níveis de correspondência entre as performances discursivas e o mundo exterior, interessam-lhes muito mais as estratégias de avaliação de uma instabilidade constitutiva das categorias linguísticas e cognitivas, além do questionamento dos processos de estabilização dessas mesmas categorias. Portanto:

O problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas estruturam e dão um sentido ao mundo. Em outros termos, falaremos de *referenciação*, tratando-a, assim como a categorização, como advindo de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada. [...]. Estas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato [...], solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo (Mondada; Dubois, 2003, p. 20, grifo das autoras).

Com base nessa perspectiva não representacional do mundo por meio da linguagem, falhas e desestabilizações são aceitas na análise dos modos pelos quais sujeitos sociocognitivos e plurais constituem individual e coletivamente entidades ou *objetos de discurso* (referentes), em práticas discursivas, sociocognitivas e culturais situadas (Mondada; Dubois, 2003; Koch, 2018; Cavalcante, 2011). A referenciação é, pois, uma atividade discursiva que emerge de práticas simbólicas por meio da relação indireta entre linguagem e mundo, linguagem e vida sociocultural. Assim, a linguagem participa da própria construção da realidade, já que esta não pode ser representada pelas práticas discursivas, ainda que os sujeitos tenham a ilusão de total domínio de seu dizer (Cavalcante, 2015).

Dessa maneira, levando em conta que os atores sociais participam das práticas de discursivização da realidade sociocultural, tornando-a estável graças às categorias construídas no discurso, é preciso observar estratégias de variabilidade discursiva que produzem um efeito estabilizador no que tange à imbricação entre visões descritivas e não representacionais da linguagem. Se, de um lado, “a mudança e a instabilidade não são, de modo nenhum, exceções ou problemas, mas uma dimensão intrínseca do discurso e da cognição”, por outro lado, “a estabilidade é produzida, criando efeitos de objetividade e de realidade”, resultantes de complexos processos simbólicos (Mondada; Dubois, 2003, p. 21).

No cerne da instabilidade generalizada, as autoras estudam processos de variações sincrônicas e diacrônicas de usos categoriais comuns, transformações sequenciais de categorias em contextos, processos colaborativos de construção de objetos de discurso, dentre outros. Com isso, defendem, por exemplo, que as denominações e as categorizações, em atividades de referenciação, são “processos que se desenvolvem no seio de interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas complexas” (Mondada; Dubois, 2003, p. 22). Essa postura epistemológica, no Brasil, tem sido abraçada por diferentes estudos, que priorizam, em sua maioria, as mudanças referenciais (processos anafóricos e de recategorização) e as dinâmicas de negociação referencial nos textos (Koch; Marcuschi, 1998; Lima, 2008; Cavalcante, 2011, 2012; Custódio Filho, 2011).

Tal método de análise/descrição textual, apesar de previsto na proposta da referenciação (transformações sequenciais de categorias em contextos, as quais, muitas vezes, privilegiam a progressão textual), tende a não se interessar pelas variabilidades discursivas como estratégias de construção de efeitos de sentido que estejam ancorados em contextos sociocognitivos, culturais e sócio-históricos amplos. Por outro lado, não focalizam, também, processos de estabilização, que servem para analisar os diferentes meios pelos quais os sujeitos podem tornar construções categoriais em representações estabilizadas, tais como protótipos, estereótipos, lexicalização e anáfora (Mondada; Dubois, 2003).

No influxo desses dois procedimentos, acredito, conforme as autoras, que o estudo da instabilidade constitutiva pode levar em consideração não só a variação categorial no nível das práticas discursivas, mas também deve abranger atividades de discretização e estratégias de construção de objetos de discurso que tendem a constituir sentidos de inteligibilidade e de objetividade. Com efeito, a postura do/a analista, ao lançar “a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal do mundo”, segundo Mondada e Dubois (2003, p. 28), possibilita aprofundar a análise textual com foco na dimensão não representacional da linguagem, qual

seja, a de que não há significados preexistentes aos referentes, uma vez que eles se elaboram no curso de práticas discursivas, sociocognitivas e culturais situadas.

Bentes e Rezende (2017) defendem que a referenciação é um dos temas centrais, nos estudos da LT, acerca da relação entre o texto e os diferentes níveis de contextualização mobilizados na produção de sentidos. Sendo, pois, a ação de referir uma atividade gradual, negociada e reflexiva, localmente situada e, também, incorporada, os autores atribuem a ela a responsabilidade de “deixar à mostra as diversas e conflituosas perspectivas, as relações intersubjetivas e os conhecimentos das práticas sociais [dos sujeitos]” (Bentes; Rezende, 2017, p. 277). Os processos referenciais, enquanto pistas de contextualização, são como que, para os autores, elementos ativadores de significação interacional, textual e contextual.

Inseridos na interface entre LT, sociolinguística interacional e antropologia linguística, os autores entendem que, na perspectiva sociocognitivo-interacional, que orienta os estudos do texto contemporâneos, o uso da referenciação como categoria de análise não pode prescindir de uma abordagem micro/macrossocial, já que essa noção impõe uma relação indissociável entre língua, cultura, cognição e sociedade. Assim sendo, uma intersecção entre o ato de referir e as categorias sociais, questão que muito me interessa, aqui, pode incidir nestes pressupostos:

a referenciação discursiva (i) **vincula-se a/produz práticas discursivas de denominação**, que podem ser entendidas enquanto resultantes de processos de categorização social, (ii) **produz significado social** (porque dá a conhecer **sujeitos sociais**, quando dela emergem como **objetos de discurso**), e (iii) **indicia relações sociais** (porque dá a reconhecer sujeitos sociais, quando referidos nas práticas linguísticas). (Bentes; Rezende, 2017, p. 295, grifos meus).

Ao considerar o uso da linguagem e o contexto como processos interacionais complexos de construção de sentidos (Koch, 2018), permito-me pensar em possibilidades de estudos (con)textuais calcados na instabilidade e/ou estabilidade de objetos de discurso e de sujeitos sociais, de modo a observar tanto variabilidades discursivas quanto atividades de estabilização e de efeitos de inteligibilidade atrelados à construção discursiva de atores sociais. Com efeito, caberia pensar na equivalência e/ou complementação dos aspectos da pragmática austiniana e da referenciação (performance e instabilidade referencial; performatividade e estabilidade referencial; ato ilocucionário e ação de referir), visto que o paradigma antirrepresentacionista da linguagem emergiu, em LT, desde a perspectiva pragmática (Cavalcante, 2015).

Dentro dessa corrente linguística, no que tange à instabilidade/estabilidade referencial, alguns estudos brasileiros lançam propostas teórico-analíticas importantes para o estudo da progressão textual, muitas delas, concernentes às continuidades referencial, tópica e temática.

Segundo Custódio Filho (2011), esses trabalhos correspondem à primeira tendência dos estudos em referenciação: o modo como as expressões referenciais acionadas em um texto servem para confirmar o caráter sociocognitivo-discursivo do fenômeno. Assim, o foco da tendência está em explicar as cadeias coesivas referenciais estabelecidas na superfície textual e na sua forma de organização.

Em primeiro lugar, Koch (2018) afirma que a continuidade referencial diz respeito à relação constante, na superfície textual, entre o ir e vir e o vir a ser dito. Ela é, por excelência, a maior responsável pela progressão textual. Dá-se por meio de cadeias constituídas de objetos de discurso, que se mantêm ativados no processamento sociocognitivo do texto. Tal dinâmica discursiva pode ser, em parte, explícita e/ou implícita, realizada a princípio com categorias linguísticas diversas, tais como as anáforas diretas (correferenciais), indiretas, associativas, encapsuladoras, recategorizadoras não anafóricas, recategorizadoras não lineares, dêiticos (Cavalcante, 2003; Custódio Filho, 2012; Custódio Filho; Silva, 2013), etc. Essas estratégias linguístico-discursivas contribuem muito para a formação de segmentos tópicos do texto:

Um texto compõe-se de segmentos tópicos, direta ou indiretamente relacionados com o tema geral ou **tópico discursivo**. [...] A **progressão tópica** pode ser feita de maneira **contínua** ou **descontínua**. Isto é, após o fechamento de uma sequência tópica, tem-se continuidade, quando ocorre a manutenção do tópico em andamento ou, então, mudança tópica (*shift*); caso ocorra uma quebra ou ruptura antes do fechamento de um segmento tópico, tem-se a descontinuidade tópica, provocada pelo que se costuma denominar de segmentos ruptores ou digressivos. (Koch, 2018, p. 99, grifos meus).

A “arquitetura” do cotexto é alicerçada em diferentes elementos que se combinam para constituir um todo significativo, seja em movimento de retroação, seja de progressão (Koch, 2018). As continuidades referencial e tópica, por exemplo, são constituídas pelos sujeitos do evento comunicativo com base no sistema de conhecimento linguístico articulado aos demais tipos de conhecimentos. Durante o processo de análise de textos, a refacção dessa arquitetura, com base em categorias analíticas estabelecidas, tende a considerar a descrição e a interpretação de certas ações discursivas, sociocognitivas, interacionais e culturais, produzidas em atividades enunciativas específicas dos sujeitos.

Os tópicos discursivos são definidos por Jubran *et al.* (1992) como porções textuais compostas por dois aspectos: centração e organicidade²³. A primeira propriedade abrange os

²³Durante as análises do *corpus*, no Capítulo 5, não pretendo descrever exaustivamente os tipos de processos referenciais (anáforas, processos de recategorização), tampouco todos os segmentos tópicos, pois o foco epistemológico-metodológico, aqui, reside na articulação descrição-interpretação-explicação, o que significa que as estratégias linguístico-discursivas devem ser complementadas com a interpretação de processos sociocognitivos atrelados a elas. Ou seja, o foco está na (re)construção identitária dos sujeitos via textos, cuja análise precisa

seguintes traços: i) concernência: relação de interdependência semântica entre enunciados do texto via um conjunto de referentes explícitos ou implícitos (inferíveis); ii) relevância: posição focal desse conjunto referencial, formando um ou mais segmentos textuais; iii) pontualização: possibilidade de identificação desse conjunto em determinado segmento textual por meio de marcas linguístico-discursivas.

Já a segunda propriedade definidora do tópico é a organicidade, ou seja, a responsável por estabelecer articulações entre vários tópicos. Essas articulações podem compreender uma ordem hierárquica: supertópicos, quadros tópicos, subtópicos, segmentos tópicos, etc. Uma vez que os tópicos são entidades dinâmicas em virtude de suas possibilidades de alteração no processamento textual (Koch, 2018), é preciso entender que a progressão ou organização tópica pode ocorrer de forma contínua ou descontínua, sem que isso impossibilite a construção de sentidos do texto. No entanto, a incoerência pode ser construída, parcialmente, nos casos em que um ou mais tópicos forem definitivamente abandonados pelos interlocutores.

A formação de cadeias coesivas referenciais e de segmentos tópicos tem a ver com os modos pelos quais os interlocutores constroem e reconstróem temas abordados em seus textos. As atividades de ativação e reativação de objetos de discurso, que formam, por sua vez, relações entre porções textuais mais complexas, possibilitam uma continuidade temática (ou progressão temática). Segundo Koch (2018), os objetos de discurso, (re)construídos no fio discursivo da enunciação, estão articulados a campos semânticos/lexicais que conduzem à manutenção de modelos cognitivos (ou modelos de contexto, como definidos no Capítulo 3). Portanto, durante o evento comunicativo, os sujeitos ativam e reativam temas associados a seus sistemas de conhecimento por intermédio de diversas estratégias linguístico-discursivas.

A partir disso, focalizo duas questões: i) a relação colaboração/interação e organização tópica de relevância nas redes sociais digitais; ii) a relação entre texto, contexto e construção de sentidos. Sob uma perspectiva sociocognitivo-interacional da linguagem, já foi sinalizado aqui que a ação conjunta, a interação sociocultural, a instabilidade/estabilidade referencial e o compartilhar de conhecimentos constituem os eventos comunicativos em que se engajam todos os atores sociais. Portanto, entendo que, nos ambientes digitais, a participação social ocorre de

compreender, em parte, o uso de estratégias linguístico-discursivas. No caso dos dêiticos, por exemplo, como está explicado ao final dos Capítulos 2 e 3, são concebidos para além da produção textual situada, em uma visada mais macrossociológica (indexical), já que, conforme Bentes e Rezende (2017), a referenciação condiz, por exemplo, com uma atividade discursiva de produção de significados sociais, implicando que os sujeitos possam ser analisados como objetos de discurso que emergem da produção discursiva imediata, local, com ancoragem em aspectos sócio-históricos, culturais, cognitivos, interacionais, discursivos, etc.

formas mais híbridas e dinâmicas do que as situações comunicativas *off-line*, em virtude da sua extensão indeterminada e da sua complexidade multissígnica (Fávero *et al.*, 2021).

Nesse cenário, o caráter multilinear e multissemiótico (Marcuschi, 2002) das interações digitais sinaliza que as estratégias de textualização *online* tendem a extrapolar os aspectos da continuidade e da descontinuidade tópicas, visto que estas foram definidas num enquadre de produção de linguagem verbal *off-line* (texto físico, linear). Nessa dinâmica de configuração textual, o texto e o contexto, assim como a construção de sentidos, não podem ser reduzidos a uma situação enunciativa imediata, circunstancial. Por exemplo, o critério de relevância não se reduz a continuidades referencial, tópica e temática situadas, em virtude das descontinuidades (Capistrano Júnior *et al.*, 2019; Fávero *et al.*, 2021) e das alterações contextuais velozes e, por vezes, inesperadas, fruto das diferentes perspectivas intersubjetivas, nessas situações sociais e comunicativas de intenso fluxo, de intensa participação colaborativa.

1.7 O CARÁTER INTER/MULTIDISCIPLINAR E HETEROGÊNEO DA LT

Na clássica obra *Linguística textual: introdução*, Fávero e Koch (2012 [1983], p. 13) concebem a LT como uma subárea dos estudos discursivos, a qual, desde os anos 1980, passou a ser questionada sobre as contribuições que “pode dar a disciplinas afins não-linguísticas e de que modo pode ser enriquecida por elas: está aí o papel interdisciplinar da linguística textual”. Além disso, em sua *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*, Koch (2018), ao atribuir à LT o ensejo de “ciência integrativa”, referindo-se a Antos e Tietz (1997), deixou-nos um desafio instigante para as pesquisas de nosso tempo: a necessidade irrefutável da existência de um domínio multi- e transdisciplinar.

Vimos, nas subseções anteriores, que a LT é, essencialmente, heterogênea, em virtude dos paradigmas epistemológicos de outras áreas do conhecimento que contribuíram para o seu processo de formação. Assim sendo,

a Linguística Textual, ao adotar uma concepção de texto interativa, de base sociocognitiva, parece ter-se tornado **um entroncamento, para o qual convergem muitos caminhos**, mas que é também **o ponto de partida de muitos deles, em diversas direções**. Esta metáfora da Linguística de Texto como estação de partida e de passagem de muitos – inclusive novos – desenvolvimentos abre perspectivas extremamente otimistas quando a seu futuro, como parte integrante não só da **Ciência da Linguagem**, mas das **demais ciências** que têm como sujeito central o ser humano. (Koch, 2018, p. 164, grifos meus).

Entendo, com base nisso, que os termos “interdisciplinar” e “multidisciplinar” dizem respeito a duas posturas diferentes na produção do conhecimento científico: o primeiro pode estar atrelado ao diálogo entre apenas duas disciplinas, ao passo que o segundo é sinônimo de “transdisciplinar”, compreendendo, pois, interfaces teórico-analítico-metodológicas para além do diálogo entre duas disciplinas. Já o termo “indisciplinar” (uma característica da Linguística *Queer*, como será visto no Capítulo 2), que não aparece na proposta de Koch (2018), diz respeito ao afrouxamento de fronteiras disciplinares, o qual pode ter como vetor epistêmico o questionar de paradigmas internos à determinada corrente de pensamento acadêmico-científico, bem como o desmantelamento de paradigmas de outras abordagens do saber.

Em LT, posso observar o estabelecimento de diálogos inter/multidisciplinares por meio de duas direções: entre disciplinas dos estudos da linguagem e do discurso e entre a LT e outros domínios do conhecimento. Com relação à primeira direção, não é difícil apontar os esforços de pesquisadores que, em diversas instituições do país, têm encampado o desafio proposto. Um exemplo é a existência da obra *Linguística textual: interfaces e delimitações - homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch*, organizada por Edson Souza, Eduardo Penhavel e Marcos Cintra, e publicada pela Editora Cortez, no ano de 2017. Os capítulos situam diálogos entre LT e Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Pragmática, Sociolinguística, Análise da Conversação, Análise do Discurso, Análise Textual dos Discursos, Teoria da Enunciação, Cognição, Semiótica, Ensino e Novas Tecnologias.

Ainda, no tocante à primeira direção dos diálogos entre a LT e outras abordagens da linguagem e do discurso, outra obra, também do mesmo ano, é a *Linguística textual: diálogos interdisciplinares*, organizada por Rivaldo Capistrano Júnior, Maria da Penha Lins e Vanda Maria Elias, publicada pela Editora Labrador. Os capítulos versam em favor de interfaces entre a LT e a Pragmática, o Funcionalismo, a Sociolinguística Variacionista, a História das Ideias Linguísticas, as Tradições Discursivas, a Retórica, a Análise Modular do Discurso, a Análise Crítica do Discurso, a Análise da Conversação, a Linguística da Enunciação (heterogeneidades enunciativas), a Argumentação na Língua, a Análise Textual dos Discursos, a responsabilidade enunciativa, os estudos da hipertextualidade, os gêneros dos textos, os estudos do humor, a Semiótica Social, a Linguística Cognitiva e o ensino.

Observo que várias dessas abordagens acionadas para o diálogo são genuinamente inter/multidisciplinares, a exemplo da Sociolinguística, da Análise Crítica do Discurso e da Cognição. Fávero e Koch (2012) e Koch (2018) falam em favor também de diálogos entre a LT e outras abordagens não linguísticas, a título de ilustração: Filosofia da Linguagem, Neurologia, Neuropsicologia, Ciência da Computação, Psicologia Social e Cognitiva, Etnografia da Fala,

Sociologia, Antropologia e Teoria da Evolução Cultural. Isso corresponderia ao cumprimento da proposta inter/multidisciplinar de segunda direção, o que não é novidade, nos estudos de LT, desde a emergência da perspectiva pragmático-enunciativa.

Nesta subseção, de forma breve, interessa-me discutir as bases teórico-metodológicas de dois artigos científicos, que tocam em questões cruciais da proposta deixada pelas autoras consagradas. São eles: *Desafios da linguística textual no Brasil*, de Cavalcante *et al.* (2016); *O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise*, de Cavalcante *et al.* (2019). Ambos os trabalhos, situados na LT, emergem do seio do Protexto, um grupo de pesquisa consolidado e muito atuante, sediado na Universidade Federal do Ceará (UFC). Dessa forma, apresento, a seguir, os pontos de convergência e os pontos de divergência que esses dois estudos têm em relação à proposta inter/multidisciplinar da presente tese de doutoramento.

No primeiro artigo, Cavalcante *et al.* (2016) procuram focalizar os pressupostos que a subárea tem em comum com o Sociocognitivismo (Van Dijk, 2016, 2020), os Estudos Críticos do Discurso (Van Dijk, 1998, 2018), a Teoria da Enunciação (heterogeneidades enunciativas) e o ensino de língua materna. Para sinalizar os desafios atuais da LT, os autores defendem que o texto é o seu objeto de investigação. Por essa razão, recorrem a conceitos epistemológicos e critérios metodológicos distintos, a fim de situar o escopo da LT. Nesse sentido, concordo com a sua definição de **texto**: uma unidade comunicativa complexa, cuja coerência se constrói por meio de relações sociais contextualizadas e interações negociadas; texto não é materialização do discurso (este visto como prática de hegemonia de poder e de mudança social).

No tocante às interfaces sinalizadas por Cavalcante *et al.* (2016), e, em relação a esta pesquisa, reconheço os seguintes *pontos de convergência*: i) de um ponto de vista pragmático e sociocognitivo, sujeitos e contextos passam a ser o centro do processo de compreensão do texto, uma vez que essa abordagem mobiliza uma dimensão cognitiva; ii) os conhecimentos dos sujeitos são construídos e utilizados em interações situadas e a cada vez que o texto acontece; iii) a cognição social está vinculada a práticas discursivas de relações de poder, implicando que os sistemas de conhecimento, quando processados e (re)construídos via textos, respondam a mecanismos institucionais de controle e interfiram na situação comunicativa e na bagagem cognitiva dos sujeitos.

Ao reconhecer o Sociocognitivismo como parte dos Estudos Críticos do Discurso, os autores apontam a contribuição/incorporação dessas abordagens na definição do fenômeno da **referenciação** (Mondada; Dubois, 2003), com o que concordo: i) os referentes são categorias cognitivo-discursivas; ii) a instabilidade referencial decorre da atualização constante de significados no texto; iii) os objetos de discurso comportam significados porque são construídos

sociais que podem ser recategorizados; iv) eles são construídos via modelos mentais de sujeitos e grupos sociais, por isso compreendem representações cognitivas; v) o caráter processual da referência condiz com atividades dinâmicas de construção de sentidos por meio de modelos cognitivos.

Já do ponto de vista das heterogeneidades enunciativas, um objeto de estudo da Teoria da Enunciação (Authier-Revuz, 1982), concordo, também, com Cavalcante *et al.* (2016) sobre os seguintes aspectos: i) todo texto é um enunciado com atravessamento de vozes discursivas, pressuposto advindo do dialogismo bakhtiniano e da psicanálise freudo-laciana; ii) o **sujeito** enunciativo é clivado pelo inconsciente, na medida em que não é unificado, ou seja, nunca é consciente do seu dizer, embora tenha a ilusão de completo domínio disso; iii) o sujeito não é a origem do dizer, mas um efeito do dizer, na medida em que se produz no ato da enunciação, entre a ilusão de uma essência intrínseca a si mesmo e a intencionalidade pressuposta como consciente.

Com relação ao diálogo entre LT e outras abordagens do conhecimento, assim como aos enfoques metodológicos da subárea, concordo, ainda, com os autores, no tocante a estes aspectos: i) o debate interdisciplinar foi proposto por Koch e Marcuschi desde o ingresso da LT no Brasil; ii) a LT assume, ao mesmo tempo, uma preocupação descritiva e interpretativa; iii) os critérios metodológicos têm como ponto de partida a perspectiva sociocognitivo-discursiva; iv) o estudo do texto, enquanto objeto científico, demanda a investigação dos sujeitos e de suas dimensões cognitivas pessoal e social, assim como a consideração de histórias e interações anteriores aos textos.

Em contrapartida, reconheço alguns *pontos de divergência* entre esta pesquisa e as ideias de Cavalcante *et al.* (2016), a começar pelos conceitos de texto e discurso. O primeiro é visto pelos autores como uma unidade comunicativa intrínseca às práticas discursivas, e não como materialização do discurso, como querem algumas abordagens dos estudos discursivos. Por sua vez, o segundo compreende uma prática discursiva de relações de poder e de relações sociais contextualizadas. No entanto, compreendo que, se o texto emerge de relações sociais de poder e de interações negociadas e contextualizadas, nas quais os atos enunciativos coocorrem entre sujeitos, então, ele não é só indissociável das práticas discursivas, como também é uma prática discursiva, como evento comunicativo, como acontecimento de linguagem, cognição, cultura, sociedade e interação. Logo, texto e discurso *podem* constituir termos equivalentes.

Nesse enquadre conceitual, distancio-me dos autores a respeito de que texto e discurso são noções só imbricadas. Elas devem ser, também, metodologicamente associadas. Cai bem, assim, em LT, a concepção de língua para Marcuschi (2008, p. 70): “um conjunto de práticas

sociais e cognitivas historicamente situadas”. Cada uma dessas práticas corresponderia a um texto, um evento comunicativo. No âmbito dos Estudos Críticos do Discurso, há uma definição de discurso similar à de texto: “O discurso não é analisado apenas como um objeto ‘verbal’ autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política” (Van Dijk, 2018, p. 12).

A respeito das interfaces sinalizadas, distancio-me dos autores acerca do tratamento dado ao “discurso”, pois eles mesmos acreditam que, hoje, em LT, a cognição social demanda um tratamento pragmático-discursivo. Eles se referem à cognição social como inerente ao discurso e, portanto, defendem que o contexto (sistemas de conhecimento, mecanismos de controle social) influencia e regula a produção e o processamento do texto. O que isso significa? Que, em primeiro lugar, uma análise textual, em LT, precisa levar em conta fatores contextuais por meio da explicitação de conhecimentos mobilizados pelos sujeitos, desde que seja assumida a perspectiva sociocognitivo-interacional. Em segundo lugar, essa análise deve, de algum modo, explicitar formas de conhecimento sociocultural e esquemas ideológicos que atravessam o evento comunicativo.

Sabemos que os Estudos Críticos do Discurso têm como uma de suas abordagens o Sociocognitivismo de Van Dijk. Cavalcante *et al.* (2016), ao assumir essa abordagem, afirmam que a finalidade da LT não é utilizar os procedimentos metodológicos de descrição e de interpretação para uma ampla explicação das práticas sociais, que exigiriam a discussão sobre hegemonias de poder, interdiscursividades e mudanças sociais. Entretanto, são esses mesmos autores que defendem que os processos de referenciação, mediante o compartilhamento de pressupostos similares entre a LT e o Sociocognitivismo discursivo, exigiriam um tratamento teórico-metodológico e analítico de viés crítico-discursivo. Ora, o sentido de “crítica”²⁴, nos Estudos Críticos do Discurso, é justamente a denúncia de relações opressivas de poder que marginalizam grupos sociais. Para Van Dijk (2018), trata-se, em geral, do estudo da reprodução discursiva do abuso de poder.

Há duas questões para serem pensadas e redefinidas. Em primeiro lugar, se, conforme Cavalcante *et al.* (2016), a LT toma como necessidade a análise do texto dentro de uma

²⁴Em *Discurso e poder*, Van Dijk (2018, p. 13) afirma que “os métodos dos ECD [Estudos Críticos do Discurso] são escolhidos de modo que **a pesquisa possa contribuir para a apoderação social de grupos dominados, especialmente no domínio do discurso e da comunicação**”. Mais adiante, ele complementa: “Apesar da grande diversidade de métodos usados nos ECD, estes possuem algumas metas bastante gerais com as quais a maioria dos estudiosos desse campo concorda. [...]. **os ECD estão especificamente interessados no estudo (crítico) de questões e problemas sociais, da desigualdade social, da dominação e de fenômenos relacionados, em geral, e no papel do discurso, do uso linguístico ou da comunicação em tais fenômenos, em particular**” (Van Dijk, 2018, p. 15, grifos meus). Essa é, portanto, a atitude crítica dos Estudos Críticos do Discurso ou da Análise Crítica do Discurso.

dimensão cognitiva e discursiva de viés crítico, então, é de se supor que a proposta política dos Estudos Críticos do Discurso deve ser incorporada por inteiro. Isso não poderia ser concebido de outra forma, visto que esses autores não apresentam uma definição de “crítica” para a LT. Em segundo lugar, como se daria o tratamento pragmático-discursivo e sociocognitivo se, tal como proposto por esses autores, a LT não deve proceder a explicações das práticas sociais durante as análises textuais? Além disso, se a LT não tem como meta principal o estudo de problemas sociais via análise de textos, não lhe caberia a aproximação com a abordagem da definição de crítica e da cognição social, de Van Dijk (2018, 2020), para quem o estudo crítico-discursivo das relações entre linguagem e sociedade deve considerar a interface cognitiva.

No segundo artigo, Cavalcante *et al.* (2019) retomam parte das discussões do artigo de 2016, mas, desta vez, acrescentam um tópico sobre a configuração multissemiótica do texto. Em relação a esta tese de doutoramento, estabeleço os seguintes *pontos de convergência*: i) do ponto de vista do dialogismo bakhtiniano, que governa parte da abordagem interacional da LT, as relações de sentido em torno do texto acontecem numa situação enunciativa situada e simulada, já que estamos tratando de sujeitos que são efeitos de sentido decorrentes de encenações discursivas; ii) o **texto** compreende um evento comunicativo (Beaugrande, 1997) irrepetível, que incorpora um contexto sócio-histórico e cultural; iii) todo texto é heterogêneo no sentido dialógico (porque sempre remete a outros textos e a outros esquemas ideológicos) e de incorporação de diversas vozes discursivas.

Com isso, as noções de sujeito e de linguagem desembocam na incompletude, tanto porque não representam diretamente o mundo exterior quanto porque não há originalidade nem supremacia do dizer, a cada vez que o acontecimento do texto se dá. Em uma perspectiva pragmática, há sempre convenções e histórias de uso intrínsecos aos atos de fala que seriam aparentemente “originais” (Austin, 1990) e frutos de sujeitos inteiramente livres e iguais (Koch, 2018). Assim sendo, Cavalcante *et al.* (2019) mencionam que, nas teses de doutoramento de Mariza Brito (2010) e Carlos Fonseca (2011), a **noção de sujeito** clivado, dividido, compreende um locutor ou um interlocutor que precisa da ilusão de um domínio completo de seu dizer, embora não o tenha. Portanto,

essa concepção de **descentramento do sujeito** não nos impede de olhar para os locutores, e para seus **papéis actanciais no contexto social**, como um sujeito que conscientemente planeja seu texto, arranjando-o conforme seu projeto argumentativo de influência sobre o outro, por **se acreditar completamente “dono” de seu dizer, embora não o seja**. Na verdade, **o sujeito não controla inteiramente as vozes com as quais ele tem que lidar ao organizar seu dizer. Ele é um efeito dos sentidos** que, no contrato de

comunicação, são produzidos em negociação, mas, às vezes, **à revelia de sua intencionalidade** (Cavalcante *et al.*, 2019, p. 33, grifos meus).

A tese de Brito (2010) teve o objetivo de analisar marcas linguísticas do atravessamento do Outro no fio discursivo, fundamentando-se na teoria das heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz (1982). Por sua vez, Fonseca (2015) adotou o mesmo aporte, articulando-o às estratégias argumentativo-retóricas. Quer dizer, ambos os autores abordaram a noção de sujeito clivado pelo inconsciente, embora não a tenham articulado à identidade e a problemas sociais de gênero e de sexualidade, como faço aqui. A abordagem da primeira é mais psicanalítica, ao passo que a do segundo flutua entre as abordagens da psicanálise lacaniana, da pragmática existencial e da teoria enunciativa pós-estruturalista. Assim, Fonseca (2015) propõe a seguinte noção de sujeito:

A noção de sujeito que pretendemos sustentar é a de um **sujeito afetivo-institucional, sujeito organizador de fendas enunciativas e agenciador de práticas discursivas**. O sujeito baseado na noção de **sujeito suposto saber**, não no sentido estritamente lacaniano para quem a expressão representa, entre outras coisas, o processo de transferência que ocorre na análise e é a representação consciente do falso ser, isto é, do falso eu, mas, nas HE [heterogeneidades enunciativas], consideraremos que o sujeito suposto saber representa uma instância enunciativa na qual o sujeito é uma suposição necessária, uma pressuposição advinda do reconhecimento do heterogêneo na cadeia estrutural da ordem simbólica da linguagem, assim como do heterogêneo dos sentidos e das significações, elementos, ao mesmo tempo, estruturantes do sujeito que emergem da e na própria estrutura, e, por um lado, estruturados pelo sujeito na mesma estrutura que lhe confere forma. (Fonseca, 2015, p. 60, grifos meus).

Em seu sentido prático, essa concepção de sujeito tem traços similares com aquela que assumo aqui, sob a ótica dos paradigmas pós-identitário e sociocognitivo. No entanto, a ideia de estrutura não é, por exemplo, a de uma ontologia, uma existência rígida, imutável, como aparenta transparecer a definição acima. Ela não faz jus, por exemplo, à **noção de contexto** do sociocognitivismo: não é uma causalidade sócio-histórica, determinística, mas uma construção (inter)subjetiva no discurso (Van Dijk, 2013, 2020). Acredito, portanto, na noção de sujeito que emerge dos efeitos de sentido do evento comunicativo; sujeito não inteiramente consciente, intencional, “dono” do dizer, tampouco um sujeito submisso completamente a estruturas sociais rígidas, escondidas numa inconsciência inatingível.

Nesta tese, abordo a noção de sujeito atrelada às de contexto e de identidade (cf. Capítulo 2). No entanto, isso não me faz recusar completamente as noções de sujeito abordadas pelos dois linguistas. Por outro lado, no que tange a este trabalho, vale ressaltar que as teorias identitárias são recusadas por Cavalcante *et al.* (2016) e Cavalcante *et al.* (2019), em virtude do

escopo da LT defendido, já que prover explicações das práticas sociais levaria a subárea a ter que mobilizar aportes teórico-metodológicos precisos sobre identidades, os quais são, segundo tais autores, objetos de estudo somente das ciências sociais e antropológicas, não da LT.

Já no tocante à concepção de diálogo interdisciplinar, em relação a Cavalcante *et al.* (2019), apresento os seguintes *pontos de divergência*: i) se a LT toma de empréstimo vários conceitos originais de outras áreas do conhecimento, não penso que só podemos acomodá-los às nossas motivações ideológicas, conforme esses autores. Acredito que, também, podemos utilizá-los do modo como foram elaborados, a fim de fazer jus ao legado dos estudiosos consagrados, não só da LT, mas também das demais vertentes epistemológicas; ii) concordo que, em LT, nossos interesses teórico-metodológicos são singulares, porém, eles não são completamente restritivos em relação aos pressupostos de uma descrição semântico-cognitiva, do sociocognitismo e das teorias interacionais.

Obviamente, em nossos procedimentos analíticos, em LT, não nos interessamos pelos modelos habituais da Psicologia Cognitiva (Van Dijk, 2020) nem temos como meta o estudo de modelos mentais em um laboratório fechado, tal como ocorrem os testes nas ciências da natureza, por exemplo. Porém, uma tarefa devemos assumir: conceder um tratamento analítico adequado aos conceitos trazidos de outras epistemologias. Afinal de contas, que contribuição o sociocognitismo pode oferecer à análise de textos, em LT, se for apenas pressuposto, e não utilizado nos procedimentos analíticos e metodológicos?

É pertinente a ideia de que toda corrente do conhecimento científico precisa delimitar seus objetos e temas de estudo, conforme apontam Cavalcante *et al.* (2016), mas é válido, também, o argumento de que, ao incorporar os paradigmas sociocognitivista, interacionista, discursivo e pós-estruturalista (este, em função da noção de sujeito clivado pelo inconsciente), a LT não corre o risco de perder seu *status* de disciplina linguística “original”, justamente porque é constitutiva e constituinte de um domínio inter- e transdisciplinar (Fávero; Koch, 2012; Koch, 2018) dos estudos da linguagem e do discurso.

Até mesmo Cavalcante *et al.* (2019) alertam para o fato de que a nossa concepção de interação é partidária de noções sociológicas e antropológicas acerca da linguagem e das relações sociais contextualizadas. Com efeito, não basta à LT acomodar essas noções ao seu escopo teórico-analítico e metodológico, mas, sobretudo, percorrer um caminho de mudanças metodológicas, a fim de concretizar várias, senão todas, as ideias que assume. Assim sendo, concordo com o posicionamento abaixo:

O ponto de vista de Beaugrande (1997a) sobre os textos não poderia deixar de implicar uma série de **mudanças metodológicas**, afinal analisar textos do ponto de vista linguístico é muito diferente de investigá-los como um evento. Todo **evento** inclui **agentes** e **contextos**, razão pela qual se faz necessário investigar como agem e como se comportam estes agentes quando constroem ou reconstróem textos e como os contextos influem e participam dos textos. Ao cabo, **o empreendimento da LT é caracteristicamente multidisciplinar** e precisa articular-se com ciências como a **psicologia cognitiva**, a **sociologia**, a **antropologia**, para citar algumas. (Alves Filho, 2017, p. 342, grifos meus).

O empreendimento multidisciplinar da LT, sob as lentes epistemológicas do autor, orienta os desdobramentos teórico-analíticos e metodológicos aqui assumidos, de tal sorte que considerar o texto como evento atrelado aos agentes e aos contextos demanda uma postura não só descritiva e interpretativista, mas também explicativa, de práticas socioculturais, cognitivas e discursivas. Entretanto, não quero dizer que os pontos de convergência apontados em relação a Cavalcante *et al.* (2016) e a Cavalcante *et al.* (2019) sejam negligenciados ou excluídos no/do presente trabalho. Muito pelo contrário: esses pontos foram listados somente em função do que as minhas motivações ideológicas capturam em termos de vagueza e de contradição que esses autores estabelecem face aos próprios paradigmas epistemológicos que mobilizam.

A meu ver, não há como utilizar os procedimentos de descrição e interpretação e não proceder à explicação das práticas sociais inerentes aos eventos comunicativos desencadeados por sujeitos e contextos complexos. Em primeiro lugar, porque não são sinalizados, nos dois estudos comentados, os limites disciplinares que se querem insinuar. Em segundo lugar, não se aponta o sentido de crítica, ao assumir e priorizar uma abordagem sociocognitiva para a análise de textos e, conseqüentemente, um viés crítico-discursivo (além de que isso demandaria, em LT, também a tomada de um engajamento social e político, tal como os ECD).

Outro ponto importante da crítica dirigida aos dois trabalhos é a incorporação, em LT, de pressupostos de outras correntes, de viés crítico (voltadas para a investigação das relações de desigualdade e dominação na sociedade). Tal postura demandaria para a LT a assunção de uma abordagem integracionista do contexto (confluência dos níveis micro e macrosociais), além de um paradigma não positivista e antiessencialista, não só em suas categorias de análise, mas também em seu próprio projeto de saber, o que tornaria insustentável o suposto risco de perda da originalidade e dos limites disciplinares da LT. É dessas demandas que emerge o presente trabalho.

Ao compreender a complexidade que é para a LT assumir e efetivar esses construtos epistemológicos, frutos de diálogos inter/multidisciplinares, o LETTEC é um grupo engajado politicamente desde o início de sua trajetória. No âmbito da pós-graduação, as pesquisas realizadas, ainda que de forma implícita, assumem um caráter não positivista e antiessencialista

nos arcabouços teórico-metodológicos mobilizados, sobretudo, ao elegerem temas e problemas sociais mais típicos das ciências sociais, antropológicas e psicológicas. Ou seja, questões e problemáticas raramente analisáveis sob o prisma da LT, a exemplo daqueles relacionados a grupos sociais minoritarizados (Lima, 2008; Santos, 2019; Matos, 2020; Cardoso, 2021; Castro, 2023; Rocha, 2023).

Em função daquilo que os temas de estudo nos reclamam (Nascimento, 2021), nossas investigações, no âmbito do LETTEC, têm uma preocupação não apenas científica, mas também sociopolítica e cultural (Lima *et al.*, 2023), voltada, portanto, para reflexões sobre ações e mudanças sociais que o estudo de textos, contextos e sujeitos pode propiciar. Por conseguinte, a atitude crítica e multidisciplinar deste trabalho faz eco a trabalhos já concluídos e a outros que estão em andamento (Santana, no prelo) dentro do grupo de pesquisa.

No capítulo a seguir, abordo, em profundidade, essa visada crítica e multidisciplinar, além de situar as concepções de identidade e de dissidências sexuais e de gênero, que estão correlacionadas às noções de sujeito e de contexto aqui assumidas.

2 LINGUÍSTICA *QUEER*: PARADIGMA PÓS-IDENTITÁRIO EM LINGUAGEM

Qualquer disciplina que se dá ao luxo de permanecer restrita a uma torre de marfim corre o perigo de perder todo vínculo com os anseios da sociedade que, no fim das contas, arca com as despesas necessárias para sua manutenção.

KANAVILLIL RAJAGOPALAN (2003, p. 42)

Neste capítulo, apresento os estudos *queer* como um paradigma pós-identitário nos estudos da linguagem. Para tanto, antes de discutir suas bases teórico-metodológicas e seu engajamento sociopolítico, considero relevante, em primeiro lugar, refletir sobre uma visada crítica e multidisciplinar, imiscuída em sua postura ético-política do saber. Em segundo lugar, discuto sobre as dissidências sexuais e de gênero aliadas às noções de “sujeito” e “contexto”, além de apresentar outros conceitos atinentes ao estudo desses fenômenos, como é o caso da cis-heteronormatividade. Por último, busco refletir sobre os ambientes digitais como práticas de (re)engajamento identitárias na vida social contemporânea, focalizando os ciberativismos de gênero e de sexualidade dissidentes.

2.1 POR UMA VISADA CRÍTICA E MULTIDISCIPLINAR

Van Dijk (2017, p. 94), autor pioneiro em todas as viradas epistêmicas da LT, afirma que “os Estudos do Discurso se desenvolveram nos últimos 50 anos como uma área multidisciplinar das humanidades e das ciências sociais”. Por constituir uma forma de interação social, o texto/discurso precisa, segundo ele, de uma abordagem mais macrossociológica, haja vista que esse campo de estudos multidisciplinar demanda, no mínimo, “que cada estrutura ou estratégia de discurso seja descrita em termos gramaticais, pragmáticos, cognitivos, sociocognitivos, sociológicos, antropológicos e políticos e suas inter-relações” (Van Dijk, 2017, p. 95).

Quando trata dos estudos multidisciplinares do discurso, o autor não se refere apenas à diversidade de correntes linguísticas, sociais e antropológicas que toma o texto como objeto de análise, mas também menciona a necessidade de diálogo entre elas a cada dimensão discursiva analisada. Esse campo do saber é multidisciplinar em toda a sua história, não somente nos desdobramentos contemporâneos. No entanto, diz ele, a integração teórica está longe de ser realizada. Muitas disciplinas se assumem multidisciplinares porque simplesmente incluem pressupostos de outras (um dos casos típicos é a LT, que é parcialmente alimentada pelas

microsociologias da etnometodologia e do interacionismo simbólico), mas não conseguem, ainda, incorporá-los, efetiva e sistematicamente, em seus procedimentos analíticos²⁵.

Muitas abordagens teórico-analíticas dos estudos do texto bebem de estudos discursivos, sociais, filosóficos e antropológicos, isso porque a LT, como subárea da Linguística, de vocação inter/multidisciplinar (Capistrano Júnior; Lins; Elias, 2017; Souza; Penhavel; Cintra, 2017; Koch, 2018), responde, de alguma forma, a postulados dessas outras áreas do saber, na assunção de suas bases teórico-metodológicas. Não se trata apenas de um conceito ou outro que essa disciplina toma de empréstimo para estudar seu objeto teórico privilegiado (o texto), mas, sobretudo, suas atuais perspectivas epistemológicas advêm de outras trajetórias das ciências humanas e sociais, e vice-versa, independentemente de seus respectivos escopos de pesquisa.

A questão da interação social, por exemplo, não nasceu na Linguística. Esta incorpora o pressuposto de que o uso autêntico da língua é social, interacional e contextual, em oposição ao uso estritamente formal, sem contexto, fruto da suposta relação especular/representacional entre linguagem e mundo (Morato, 2011; Koch; Cunha-Lima, 2011). Essas visões dicotômicas não são novidades na Sociologia e na Psicologia Social, por exemplo, pois, ao investigar noções atinentes a processos de compreensão das práticas²⁶ sociais, Gabriel Peters (2006) comenta que alguns paradigmas sociológicos estanques ocupam abordagens bem distintas: subjetivismo vs. objetivismo, microsociologia vs. macrosociologia, etc.

O autor aciona o aparato teórico de vários sociólogos, como Pierre Bourdieu (1990, 2008) e Anthony Giddens (2009), quando procura entrelaçar, em sua discussão, os conceitos de agência, estrutura, *habitus* e reflexividade. Face a reflexões não dicotômicas desse arsenal epistemológico, e, ao levar em consideração o conceito de texto como uma forma de interação, levada a cabo por sujeitos sociais, apresento este argumento do autor acerca das práticas sociais:

O caráter socialmente situado e condicionado dos estoques motivacionais que movem a ação individual deriva do fato de que essas **motivações subjetivas não constituem essências antropológicas trans-históricas**, sendo, na

²⁵Apesar de o nascedouro da LT ser tributário de correntes microsociológicas da linguagem, bem como das vertentes do sociocognitivismo (Koch; Cunha-Lima, 2011) e do interacionismo discursivos (Morato, 2011), Cavalcante *et al.* (2016) alegam que essa disciplina dos estudos discursivos, isto é, a LT, não deve proceder à explicação mais ampla das práticas sociais, via procedimentos de descrição e interpretação dos textos. Nesta tese, distancio-me de tal posicionamento teórico.

²⁶Fundamentado em Giddens (2009) e Van Dijk (2003), numa abordagem crítico-discursiva, Gonçalves-Segundo (2018, p. 84) comenta: “A vantagem de trabalharmos com práticas decorre do fato de elas constituírem um elo entre as estruturas sociais – mais abstratas – e seus mecanismos de reprodução, de um lado, e os eventos sociais concretos e sua irreprodutibilidade, de outro. Em outros termos, elas consistem em pontos de articulação entre a *estruturação* e a *construção*, entre a *coerção* e a *agência*. Nesse sentido, o termo *práticas* pode – e deve – englobar tanto as ações sociais instanciadas em coordenadas espaço-temporais localizadas, quanto sua relativa permanência e padronização resultante da reprodução dessas ações [...]. Em consequência disso, torna-se imprescindível considerar uma dimensão reflexiva e cognitiva inerente ao agente mobilizador e (re)produtor da prática [...]”.

verdade, geradas, mantidas e/ou eventualmente transformadas a partir da contínua **inserção do indivíduo em uma rede historicamente específica de relações sociais e em teias pré-constituídas de significações simbólicas**, o que faz com que estas orientações e recursos de conduta carreguem inevitavelmente a marca das características institucionais e culturais presentes em tais contextos coletivos, corroborando essa asserção a observação simples de que **a conduta social** se dá de maneiras significativamente variadas no interior de **diferentes configurações sócio-históricas**. (Peters, 2006, p. 40, grifos meus).

Na perspectiva desse autor, as motivações subjetivas dos indivíduos contêm marcas de relações sociais previamente definidas, porém, não de forma determinística e objetiva, uma vez que há variações nas condutas sociais que, por sua vez, moldam e são moldadas por essas “teias pré-constituídas de significações simbólicas”. Assim, o estudo de fenômenos sociais deve desconsiderar binarismos (subjetivismo \times objetivismo, microsociologia \times macrosociologia, agência \times estrutura). E, para além dessas análises unidirecionais²⁷ do universo social, devem-se privilegiar investigações que ponderem adequadamente as especificidades dos fenômenos, considerando as conexões mútuas entre condutas sociais e diferentes configurações sócio-históricas, em procedimentos descritivos e/ou interpretativos.

Nesse sentido, acredito que, ao estabelecer a ruptura de práticas científicas dicotômicas, o pesquisador deve buscar a integração de diferentes dimensões analíticas no estudo de qualquer aspecto ou problema social, se o que deseja é explicar/compreender, em nível macro, as práticas sociais investigadas. Dessa forma, em estudo subsequente, Peters (2020) traça o panorama de uma *virada praxiológica* nos estudos sociológicos a partir da segunda metade do século XX. Ele convoca várias perspectivas epistemológicas por critérios de aproximação mais do que por aspectos de diferenças internas, e estabelece um modelo ideal-típico de prática social, isto é, concebe o mundo social como um domínio ininterrupto de práticas.

Num estudo do universo social como *ontologia processual*, ao partir da fenomenologia existencial de Martin Heidegger, da fenomenologia carnal de Maurice Merleau-Ponty e da pragmática da linguagem de Ludwig Wittgenstein, Peters (2020) procura estabelecer um diálogo geral entre os postulados centrais da etnometodologia, de Harold Garfinkel; da neo-hermenêutica da ação social, de Charles Taylor; da teoria da prática, de Bourdieu; da teoria do ator-rede, de Bruno Latour; do estruturacionismo, de Giddens; da hermenêutica do sujeito, de Michel Foucault; e da teoria performativista, avançada por Judith Butler.

²⁷Exemplos de disciplinas adeptas desse tipo de procedimento são a Análise de Discurso, de tradição francesa (principalmente, em suas duas primeiras fases), cujas influências sociológicas são abordagens objetivistas e deterministas; e a LT brasileira, cujos interesses maiores repousam sobre a interação de nível micro, compreendendo, na maior parte dos estudos, o caráter não subjetivado da ação textual-discursiva.

Ainda que entre esses arcabouços teóricos hajam diferenças conceituais fundamentais, o autor compreende que o ponto de contato entre eles é um retrato praxiológico da conduta humana na vida social contemporânea, o que permite um esboço de uma “galáxia praxiológica”, resultante de “giros” epistêmicos internos²⁸ nas ciências sociais, em diálogo multidisciplinar. Dessa forma:

O cerne da praxiologia é uma **ontologia radicalmente processual do mundo societário**. De acordo com essa ontologia, o universo social não pode ser tomado simplesmente como um dado que se impõe aos agentes a partir do exterior, mas tem de ser pensado como **resultado contínuo e contingente das práticas daqueles agentes**. [...] teorias praxiológicas de síntese pretendiam incorporar a ênfase sobre competências agênticas, oriunda das críticas microssociológicas ao parsonianismo, mas de um modo que evitasse, ao mesmo tempo, as inclinações ao subjetivismo que limitam microssociologias interpretativas, como a fenomenologia, o interacionismo simbólico e a etnometodologia. (Peters, 2020, p. 170-171, grifos meus).

O autor em questão defende que o mais relevante, no estudo dos fenômenos sociais, não deve ser o universo social como um conjunto de aspectos determinísticos das competências agênticas dos sujeitos, tampouco o interesse em subjetivismos isolados desses sujeitos, em espaços sociais descontextualizados. Por isso, resulta mais eficaz, segundo ele, um estudo voltado para as relações dialéticas das práticas sociais, já que por meio delas há tanto a constituição dos indivíduos pela sociedade quanto a constituição da sociedade pelos indivíduos. Com efeito, o foco investigativo deve privilegiar a prática em si mesma, descartando conceitos dicotômicos que tendem a limitar a compreensão e a explicação das relações sociais.

Como a virada praxiológica é a aglutinação de viradas epistêmicas internas às ciências sociais (coincidindo com a multidimensional), Peters (2020) aponta que, apesar do diálogo proposto entre elas, em determinados procedimentos investigativos, é preciso observar quais pontos de contato as aproximam, visto que, em diferentes aspectos teórico-metodológicos, não coincidem. Dessa forma, acredito que a maior contribuição dessa proposta reside no que o

²⁸Para Peters (2020), a virada praxiológica é resultado de sete viradas internas: i) *existencial*: a subjetividade está entrelaçada ao mundo; ii) *culturalista*: a relação entre conduta social e ordem social existe por meio de esquemas simbólico-cognitivos, em que a cultura é mediada pela prática, e vice-versa; iii) *habitual*: a subjetividade é orientada a agir, pois há uma feição adaptativa e criativa da vida humana nas ações cotidianas; iv) *corporal*: os seres humanos têm corpos e são corpos, frutos da sedimentação de experiências socializadoras, pois a prática é o modo fundamental de existência do social; v) *objetal*: as complexas associações entre humanos e objetos evidenciam que estes influenciam a construção e a transformação da sociedade, além de provocar formas de agir, pensar e sentir dos atores sociais; vi) *intersubjetivista*: a intersubjetividade simbolicamente mediada influencia a subjetividade individual, pois ambas se constroem por meio de experiências socializadoras quanto às “formas de vida” socioculturais; vii) *multidimensional*: compreende a interpenetração das demais viradas internas numa abordagem integrada, pois, mesmo com as implicações teórico-metodológicas, resultantes desse entrecruzamento, o foco epistemológico reside na apreensão da prática como lócus ontológico, que torna-se referência analítica básica para a superação de dicotomias clássicas do pensamento sociológico.

próprio autor nomeia de *abordagem integrada*, que pode ser levada a cabo por meio de dois tipos de procedimento: ontologias planas e ontologias estratificadas.

No primeiro procedimento, o exame sociológico busca apreender as conexões causais entre diferentes níveis da vida social: o micro (análise de interação face a face), o meso (análise de instituições) e o macro (análise de sistemas objetivos). Já o segundo tipo de procedimento (ontologias estratificadas) compreende a análise dos elos mutáveis e heterogêneos pelos quais o universo social se constrói, se desconstrói e se reconstrói em uma multiplicidade de cenários, sem que seja necessária a passagem de um nível ontológico para outro (Peters, 2020). Com efeito, o segundo tipo é o mais adequado a esta pesquisa, uma vez que o meu interesse reside no estudo do sujeito sob um viés performativista de linguagem e de identidade, no curso de práticas sócio-históricas e discursivas (isso será discutido na subseção 2.2).

Com base nessa e nas discussões a seguir, procuro defender que o estudo das práticas sociais está em acordo com a ruptura de binarismos sociais e epistêmicos, o engajamento social, a fuga do positivismo, o estreitamento do pesquisador com o tema da pesquisa e os crescentes diálogos multidisciplinares (Rajagopalan, 2003), uma vez que o interesse pela compreensão e pela explicação de práticas sociais amplas por meio de práticas científicas requer, pelo menos, uma abordagem macrosociológica. Na contemporaneidade, esses fatores estão profundamente ligados às demandas sociais encampadas pelas ciências humanas e sociais, inclusive, pelos de visada crítica (Ferreira; Rajagopalan, 2016). Isso se deve a mudanças sociais, econômicas, políticas, culturais e discursivas realizadas, de forma lenta e contínua, nas relações dos sujeitos com o mundo, segundo a evolução da história e do conhecimento científico e não científico.

No caso da Linguística, trabalhar com linguagem revela uma forte indissolubilidade entre prática científica e prática social, uma vez que toda e qualquer forma de fazer pesquisa passa pelo crivo da linguagem. Segundo Rajagopalan (2003), sendo a prática científica um tipo de prática social e discursiva, é impossível que a pesquisa em linguagem esteja desgarrada das dimensões crítica e ética, ou seja, de conotações ideológicas. Nesse sentido:

Abordar a linguística de forma crítica implica, antes de tudo, abrir mão de uma das ideias preconcebidas a respeito da pesquisa linguística que na verdade apenas tem funcionado como um entrave. Trata-se da crença bastante arraigada de que, por ser um cientista, um estudioso que pretende estudar o fenômeno da linguagem nos mesmos moldes em que qualquer outro cientista estudaria o seu objeto de estudo, o linguista deve apenas buscar uma maior compreensão a respeito daquilo que escolheu estudar, a saber, a linguagem. Ou seja, como um cientista da linguagem, não cabe ao linguista fazer qualquer coisa além de *descrever* a linguagem na melhor forma possível. Qualquer tentativa de *interferir* no fenômeno estudado, seja no sentido de recomendar certos tipos de comportamento linguístico em detrimento de outros, seja no

sentido de influenciar as decisões tomadas na esfera do planejamento linguístico, deve ser sumariamente rechaçada, segundo a cartilha de conduta que sempre norteou os rumos da linguística desde que ela se ergueu como disciplina autônoma, digamos, no início do século XX. (Rajagopalan, 2003, p. 123-124, grifos do autor).

Como trabalhar com linguagem sem interferir no fenômeno estudado? Como descrever certos aspectos das práticas discursivas e não interpretar suas implicações ou desdobramentos nas práticas sociais, se, à medida que estabelece comportamentos linguístico-discursivos, o pesquisador lida, inevitavelmente, com seus próprios valores, ideologias, relações de poder? Sendo a prática científica uma prática social como qualquer outra, não é possível encará-la como algo “neutro”, despojado de posicionamentos ideológico-políticos. A prática científica é, na verdade, um processo contínuo de retroalimentação entre teorias e práticas sociais. Segundo Rajagopalan (2003), a Linguística é um campo de saber e de pesquisa criado pelos sujeitos sociais, razão por que a sua constituição não está à mercê da natureza do objeto que estuda — a linguagem humana.

Na obra que traça um panorama dos múltiplos sentidos de “crítica” nos estudos da linguagem e do discurso, Ferreira e Rajagopalan (2016) comentam que abordagens críticas estão há muito tempo dentro dos paradigmas epistemológicos da Linguística e da Filosofia, quer de forma explícita ou implícita. Exemplos dessas abordagens são o Círculo de Mikhail Bakhtin, a virada pragmática de Ludwig Wittgenstein, a teoria dos atos de fala de John Austin, a desconstrução de Jacques Derrida, a semiótica/pragmática de Gilles Deleuze e Félix Guattari, o pós-estruturalismo de Michel Foucault e a análise de discurso de Michel Pêcheux. A teoria enunciativa (Émile Benveniste), os estudos da variação linguística (William Labov) e a Linguística Sistêmico-Funcional (Michael Halliday) contribuíram para o desenvolvimento de outros estudos linguísticos críticos, tais como: a Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot; a Teoria Social do Discurso e a Análise Crítica do Discurso, de Norman Fairclough; a Semiótica Social crítica, de van Leeuwen e Gunther Kress; a Sociolinguística Crítica, de Jan Blommaert.

Segundo os autores, a crítica da linguagem, presente no surgimento da filosofia, também se fez mais ou menos presente já no surgimento da Linguística, no início do século XX, quando Ferdinand de Saussure procurou ensaiar uma ruptura com pressupostos da tradição linguístico-filosófica ocidental. Às voltas com a proposta de uma ciência da linguagem, Saussure (2012 [1916]) flertou com questões filosóficas, ao defender duas teses cruciais: a de que na língua só existem diferenças e a do caráter arbitrário da relação entre significante e significado. Infelizmente, conforme Ferreira e Rajagopalan (2016), o projeto da linguística estruturalista saussuriana não conseguiu levar adiante uma expectativa de crítica para o fenômeno linguístico

a partir dessas teses. Assim, manteve-se ainda presa à postura positivista do pensamento clássico. Este, por sua vez, foi o alvo da primeira forma de crítica no surgimento da filosofia:

o pensamento clássico nos legou uma compreensão logicista de linguagem, cuja função seria dar corpo à forma de pensamento, visto, por sua vez, como resultado de um ato racional pelo qual se dava o retorno do ser à consciência [...]. Durante muito tempo, essa foi a principal característica do que podemos chamar de um primeiro momento de expectativa de crítica linguístico-filosófica, que se estendeu do período clássico ao período moderno. [...] a expectativa de crítica nesse período, tanto em relação ao pensamento, quanto em relação à linguagem, diz respeito à uma preocupação ou visada estritamente lógica dessas duas instâncias. (Ferreira; Rajagopalan, 2016, p. 17-18).

Diante disso, é possível compreender que o primeiro movimento crítico linguístico-filosófico tomava a lógica e a razão como os únicos critérios para a explicação/interpretação dos fenômenos sociais. Com isso, buscava-se uma ordenação do caos total do mundo por meio da formalização de uma unidade. Esta, por seu turno, dar-se-ia por meio de critérios “falsos” e “verdadeiros”. Só a partir das primeiras décadas do século XX, de acordo com Ferreira e Rajagopalan (2016), com o advento da virada linguístico-pragmática, decorrente da perspectiva wittgenstiniana e do movimento pós-estruturalista, percebeu-se que a busca da unidade era inútil e inatingível.

Face a paradigmas epistemológicos, que rompem com binarismos epistêmicos e as noções de lógica e de razão, traços característicos do pensamento clássico e do pensamento moderno, a busca de unidade é substituída, no pensamento contemporâneo, pela negação da verdade, uma vez que esta era vista como independente da capacidade de conhecimento e reconhecimento por parte dos sujeitos sociais (Rajagopalan, 2016). Acerca da dimensão crítica da pragmática de Austin (1990 [1962]), perspectiva que refuta formas de teorização com pretensões totalizantes, a exemplo de oposições binárias epistêmicas, este autor argumenta que a questão da verdade passa a ser entendida como aquilo que não é em si mesmo, mas o que se produz no dizer, isto é, no proferimento de um enunciado, de um ato de fala, que não se presta a descrever e espelhar estados de coisas no mundo, mas de intervir no mundo e modificá-lo.

Segundo Rajagopalan (2016), o viés crítico de Austin, em sua teoria dos atos de fala (fundamental para a construção dos marcos epistemológicos da teoria *queer* a partir de Butler), reside na ideia de “crise”, isto é, um paradigma filosófico que está relacionado à ideia de que o mundo é um caos, uma desordem. Por isso, nos primórdios da reflexão filosófica, a atitude crítica dizia respeito “à necessidade de se estabelecer uma ordem para o mundo, de se encontrar princípios explicativos para o seu aparente caos, por trás do qual se esconderia alguma forma

de ordem” (Ferreira; Rajagopalan, 2016, p. 15-16). Ou seja, os pensamentos clássico e moderno nada têm a ver com a dimensão crítica da pragmática austiniana, que não valoriza critérios rigorosos, posições dicotômicas (por exemplo, constatividade e performatividade) e certezas arraigadas na ciência (Rajagopalan, 2016).

Nesse panorama, Ferreira e Rajagopalan (2016) afirmam que a linguagem, ao ser colocada no centro das reflexões filosóficas contemporâneas, motivou a *virada linguística*, tendo em vista, por exemplo, a reconsideração da relação entre mente e mundo, entre sujeito e objeto. Foi o que direcionou, na segunda metade do século XX, o movimento pós-estruturalista. Este, por seu turno, pôs em cena a radicalização da diferença, denunciando a multiplicidade ética, estética e política do mundo contemporâneo, além da resistência de certas formas de teorização face a demandas de problemas sociais, resquícios, talvez, de posturas positivistas, da crença filosófica da ordenação do mundo por meio de critérios lógicos e rigorosos, da ilusão de uma verdade independente das práticas sociais, como se as elucubrações científicas fossem desgarradas das possibilidades de falha, de instabilidade, de incerteza e/ou de não neutralidade.

Toda pesquisa se origina de motivações variadas, de posicionamentos ideológico-políticos. Portanto, se inexistem pesquisas eticamente neutras (Rajagopalan, 2003), não faz sentido que, em LT, estudos comprometidos com problemas sociais sejam rechaçados porque pretendem ir além de procedimentos descritivos. Se, conforme Cavalcante *et al.* (2016), a LT assume que as atividades de produção e de compreensão de sentidos do texto são mediadas por práticas sociais, conhecimentos compartilhados, relações dialógicas e interdiscursivas — pressupostos advindos da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia e de outras abordagens discursivas — então, elas devem receber um tratamento analítico adequado (abordagens multidisciplinares, macrosociológicas, integracionistas), já que estão integradas aos eventos comunicativos (textos/discursos) de *todas* as práticas sociais.

A visada multidisciplinar, nos estudos linguísticos, autoriza que o/a pesquisador/a leve em conta a dimensão ética e crítica de sua investigação. Ao não relegar as implicações sociais e ideológicas da ciência à esfera da prática, além de focalizar a relevância social da pesquisa (por exemplo, se a preocupação central for a denúncia de relações de poder que inferiorizam ou violentam grupos sociais), o/a estudioso/a não deve estabelecer hierarquias na produção do conhecimento, uma vez que o aparato epistemológico-metodológico não se sobressai sobre o fenômeno estudado (Rajagopalan, 2003; Gonçalves-Segundo, 2018). Logo, não há nenhum problema em produzir investigações unicamente descritivas. A questão crucial que se coloca é que conceito de “social” está sendo levado em conta nesse tipo de abordagem, e se ele está articulado, convincentemente, aos demais critérios metodológicos da pesquisa.

Ao contrário das correntes de pensamento racionalista²⁹ e pragmatista³⁰, imiscuídas nos argumentos de Cavalcante *et al.* (2016) e Cavalcante *et al.* (2019), a identidade da LT, enquanto disciplina que prioriza o texto como objeto de estudo, não estaria em jogo, quando, na verdade, ao tratarmos de diálogos inter/multidisciplinares, as demandas que se impõem a nós, linguistas de texto, são muito mais profundas. De acordo com Rajagopalan (2003, p. 40-41, grifos meus),

os grandes momentos na história da linguística invariavelmente foram aqueles nos quais houve intensos **diálogos inter- e transdisciplinares** em torno de **questões mais amplas envolvendo a linguagem**. Foram também momentos em que uma proposta teórica advinda da linguística tinha claras consequências nos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos em outras áreas do conhecimento. Era assim a proposta estruturalista de Saussure, com impacto inquestionável na antropologia de Lévi-Strauss, e na psicanálise de Jacques Lacan, para mencionar apenas dois casos.

Nessa perspectiva, penso que estabelecer diálogo entre disciplinas do saber não consiste em relegar a segundo plano as preocupações iniciais do pesquisador a partir de suas motivações ideológico-políticas. Sempre orientado por olhares sociocultural e historicamente construídos (Rajagopalan, 2003), o pesquisador parte de algum lugar, na prática científica, para, ao buscar contribuições de outras epistemologias, incorporar conceitos, abordagens e procedimentos ao escopo das especificidades de seu domínio discursivo de pesquisa. Bentes e Rezende (2017) fundamentam essa reflexão, ao tomar a LT como uma subárea de vocação interdisciplinar:

A LT é um campo de pesquisa autônomo e consolidado, com objeto e indagações próprias. Um de seus recursos é o de **debater pressupostos de outros campos** da linguística e de outros campos do saber e **redimensioná-los segundo suas indagações**, para, com isso, erigir suas especificidades como domínio de pesquisa. A LT é assumida como uma área de vocação interdisciplinar (Bentes; Rezende, 2017, p. 259, grifos meus).

Essa reflexão faz jus ao legado de Koch (2018) de que a LT é um domínio de pesquisa multi- e transdisciplinar, uma vez que o objeto texto é um campo aberto para o estudo das relações entre linguagem, interação, cultura, conhecimento e sociedade. Em primeiro lugar, reitero que essa mesma máxima é a que conduz a minha motivação para a realização desta pesquisa, cuja questão inicial está direcionada às possibilidades de diálogo entre a abordagem

²⁹Ao propor uma hipótese ética do trabalho da linguística, Rajagopalan (2003) reconhece que, apesar de o racionalismo admitir variantes internas, em geral, trata-se de uma corrente de pensamento, no contexto da filosofia da ciência, que compreende que a teoria é neutra e indiferente em relação às eventuais aplicações que dela se faz. Nesse sentido, só haveria ética em pesquisa no caso de aplicação dessa teoria, por isso a sua crença na possibilidade de uma racionalidade não voltada para interesses práticos.

³⁰Essa corrente do pensamento filosófico, salvo suas exceções, lida com o pressuposto de que nenhuma teoria tem consequências, já que ela não pode moldar os acontecimentos da sociedade (Rajagopalan, 2003).

textual da LT, a abordagem sociocognitivista e o paradigma pós-identitário da LQ. Em segundo lugar, eu proponho três indagações importantes: i) com que disciplinas pode a LT dialogar?; ii) que restrições epistemológicas e/ou metodológicas a LT deve estabelecer?; iii) a LT pode responder a demandas de problemas sociais contemporâneos?

O LETTEC, ao assumir uma visada sociopolítica e contextual, flerta com diferentes áreas do conhecimento, ao longo de sua trajetória interdisciplinar (Lima *et al.*, 2023). Ao levar à frente esses questionamentos, ainda que de forma pouco explícita e sistemática, o GT tem estabelecido duas tendências de pesquisa: i) assimilação de conceitos e pressupostos teórico-metodológicos de outras áreas do conhecimento, os quais partilhem de ideias semelhantes às da LT; ii) entrelaçamento entre LT e outras abordagens epistemológicas em torno de conceitos e categorias de análise que possam subsidiar uma análise textual mais profunda, tomando como ponto de partida e de chegada os efeitos de sentido atrelados às motivações de cada pesquisa.

Levando em conta que a LT é uma ferramenta teórico-metodológica que pode dialogar com outras áreas do saber no estudo de práticas sociodiscursivas, os trabalhos desenvolvidos no interior do LETTEC têm revelado, por exemplo, produtivas interfaces entre essa corrente linguística e a história (Lima, 2008; Santos, 2018; Cardoso, 2021), a filosofia da linguagem (Santos, 2014), a argumentação retórica (Santana, 2015; Matos, 2020), a multimodalidade (Castro, 2017) e o campo da política (Nascimento, 2021; Santana, no prelo). Ao tomar as temáticas estudadas (cangaço, política partidária, movimentos sociais LGBTQIA+ e de direitos humanos) como pontos de partida para o estudo de questões sociais e políticas nos eventos comunicativos (textos), essas pesquisas desenvolvem reflexões teóricas e críticas por meio da assimilação e da inter-relação da LT com outras áreas do conhecimento.

No âmbito da pós-graduação, ainda, outros trabalhos, no interior do GT, também articulam as teorias da referenciação, da intertextualidade e da argumentação com a esfera jornalística (Morais, 2016), esfera jurídica (Rocha, 2016), cinema (Santana, 2017, 2022), ensino (Correia, 2020), violência contra a mulher (Rocha, 2023) e questões neurodivergentes (Santos, 2019; Castro, 2023). Propõem, portanto, diálogos interdisciplinares e engajados, não só com outras abordagens do conhecimento, mas, também, com diversos problemas sociais. Em geral, são trabalhos que assumem a perspectiva sociocognitivo-interacional da linguagem (Koch; Cunha-Lima, 2011; Van Dijk, 2016), articulando os conceitos oriundos dos diálogos durante as análises textuais.

Preocupados com uma prática científica que possa melhor compreender e explicar as dinâmicas discursivas e políticas das quais emergem os textos da vida social contemporânea, os membros do GT, em sua maioria, encontram-se, atualmente, em processo de autorreflexão e

de questionamento acerca das restrições epistemológicas e/ou metodológicas da LT face às outras áreas do conhecimento. Diante disso, tem sido constantemente recolocada, em círculos de debate, a necessidade de aprofundamento de estudos sobre o contexto (Van Dijk, 2013, 2020; Hanks, 2008) como uma das alternativas eficazes para a compreensão das relações de poder envolvidas na reiteração e na superação das desigualdades sociais.

Para essa empreitada, Van Dijk (2016, 2017) é um dos autores que está sendo revisitado. Suas perspectivas epistemológicas incidem numa integração teórico-metodológica dos estudos discursivos com outras abordagens das ciências humanas e sociais. Isso está delimitado, de um lado, por análises textuais, e de outro, por preocupações críticas, isto é, que vinculem pesquisa e relevância social na busca da redução das desigualdades e na denúncia do abuso de poder na sociedade. Assim sendo, as contribuições desse autor, desde a primeira fase da LT até os dias atuais, além de seu lugar teórico atual — Estudos Críticos do Discurso (ECD) — elevam os horizontes da pesquisa em linguagem a um patamar crítico e multidisciplinar, tal como proponho neste estudo.

Na busca por estabelecer diálogos multidisciplinares e combater o epistemicídio (uma característica dos pensamentos racionalista e pragmatista da ciência), percebo que, em estudos *sobre, para e com* sujeitos sociais dissidentes (Melo, 2020), é necessário assumir uma postura crítica e ético-política (Rajagopalan, 2003). Nesta pesquisa, por exemplo, o foco em noções epistemológicas (sujeito, contexto e identidade) funciona como ponto de partida de um interesse sociopolítico que mobiliza pesquisadores e pesquisadoras acerca da urgência de mudança social em prol de grupos vulnerabilizados.

No enquadre desta pesquisa, ressoa inapropriada a defesa da não explicação das práticas sociais (Cavalcante *et al.* 2016) por parte dos estudos do texto, uma vez que o afastamento de problemas sociais por parte do linguista significaria a suposta existência de pesquisas neutras. Conforme Rajagopalan (2003), o mito da neutralidade científica é fruto do positivismo da época em que a Linguística se consolidou enquanto disciplina autônoma, isto é, no início do século XX. Porém, hoje, torna-se impossível pensar em pesquisas isentas de conotações ideológicas, já que todas se originam de motivações cujos núcleos são sempre posicionamentos ideológico-políticos das práticas sociais, nos quais a linguagem assume papel central. Sendo assim,

nós, linguistas, devemos, com urgência, **rever muitos dos conceitos e das categorias** com os quais estamos acostumados a trabalhar, no intuito de torná-los mais adequados às **mudanças estonteantes**, principalmente em **nível social, geopolítico, e cultural**, em curso neste início de milênio. [...] Os nossos conceitos básicos relativos à linguagem foram em grande parte herdados do século XIX, quando imperava o lema ‘Uma nação, uma língua,

uma cultura’. Previsivelmente eles estão se mostrando cada vez mais incapazes de corresponder à realidade vivida neste novo milênio, realidade marcada de forma acentuada por novos fenômenos e tendências irreversíveis como a **globalização** e a **interação** entre culturas, com consequências diretas sobre a vida e o comportamento cotidiano dos povos [...]. (Rajagopalan, 2003, p. 25-26, grifos meus).

Fundamentado em uma abordagem multidisciplinar que possibilite uma visada crítica nos estudos linguísticos sobre práticas (con)textuais e identitárias das dissidências sexuais e de gênero, eu advogo em favor de pesquisas inter/multidisciplinares, em LT, cuja preocupação, também, seja “a denúncia de relações de poder e de dominação que oprimem e excluem [grupos sociais específicos] para, assim, tentar viabilizar [percepções e possibilidades para] uma sociedade mais igualitária, justa e democrática” (Gonçalves-Segundo, 2018, p. 79). Todavia, essa postura não deve ser entendida como um caminho direto para a solução imediata de problemas sociais, já que entre o fazer científico e a prática social não existe uma relação unidirecional, e há muitas variáveis no trânsito entre os conhecimentos produzidos no âmbito acadêmico e a vida social *per se*.

Acredito que, diante dos argumentos apresentados, a tarefa crítica e multidisciplinar está longe de ser consolidada. Mas, em matéria de Linguística, já estamos trilhando alguns caminhos produtivos: estudos em Linguística Aplicada indisciplinar (Moita Lopes, 2006) e transgressiva (Pennycook, 2006), em Nova Pragmática (Silva; Ferreira; Alencar, 2014; Rajagopalan, 2010, 2017; Silva; Rajagopalan, 2019) e em Linguística *Queer* (Borba, 2015, 2020a), por exemplo, produzem (des)orientações epistemológicas sobre problemas sociais face às múltiplas inter-relações e fluxos entre linguagem e sociedade. São abordagens que incorporam visões pós-estruturalistas, feministas, antirracistas, decoloniais e *queer*, face à observação da redescrção do sujeito social (heterogêneo, mutável) e aos desdobramentos epistemológicos cruciais (Moita Lopes, 2009), a fim de atender às várias demandas sociais e políticas do mundo contemporâneo.

Várias dessas correntes lidam com noções de sujeito e de identidade *em processo*, construídas nas práticas sociais, históricas e discursivas, as quais estão no horizonte central deste trabalho. Por isso, na próxima subseção, dedico-me a refletir sobre as dissidências sexuais e de gênero, atreladas às questões de sujeito e de contexto, no âmbito dos estudos *queer* e da Linguística *Queer* (LQ).

2.2 SOBRE DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO

Na segunda metade do século XX, com críticas sistemáticas ao paradigma estruturalista, a emergência do movimento pós-estruturalista foi uma expressão da crise no paradigma filosófico e científico moderno, fruto de reposicionamentos de perspectivas epistemológicas e ontológicas do pensamento. No âmbito acadêmico, isso provocou o surgimento de teorizações da linguagem e do discurso para além dos limites disciplinares, constituindo desdobramentos teórico-analíticos críticos (Ferreira; Rajagopalan, 2016).

Nesse contexto, formas de organização política e de ativismos sociais (entre eles, os da população LGBTQIA+) coincidia com o interesse de estudos acadêmicos pelas práticas identitárias de sujeitos minoritarizados, desestabilizando poderes-saberes (Foucault, 2020 [1993]) dominantes, positivistas. Entendidas como experiências abjetas, inferiores, pelo sistema ideológico da cis-heteronormatividade (Pocahy, 2007; Pelúcio, 2009), as dissidências sexuais e de gênero (Colling, 2016; Silva; Melo; Castro, 2017; Borba, 2020a; Silva 2020a) passaram a ter lugar em pesquisas com variadas abordagens.

Nas ciências humanas e sociais, assim como em grupos de ativismos, passaram a coexistir, pelo menos, duas políticas de gênero e de sexualidade: diversidade e diferença. Elas correspondem a distintas práticas sociais e a diversos contextos sócio-históricos, embora, muitas vezes, suas fronteiras não sejam nítidas (Colling, 2015). Nós, enquanto sujeitos sociais, relativamente a essas formas de política, sempre estabelecemos normas, valores, convenções e hierarquias em múltiplas atividades cotidianas. Em todos os lados, sofremos a influência de restrições socioculturais, ideologias e atitudes, inscrevendo-nos em relações de poder (Van Dijk, 2018).

Há importantes estudos brasileiros (cf. Trevisan, 2018 [1986]; Facchini, 2003; 2009; Simões; Facchini, 2009; Green *et al.*, 2018; Quinalha, 2022) que tecem uma densa cartografia da natureza, do surgimento e da atuação dos movimentos sociais em prol da causa LGBTQIA+ no tocante às lutas pela conquista de direitos humanos e de políticas públicas, em diferentes esferas da sociedade. Eles costumam dividir essa agenda política em pelo menos duas vertentes: identitária e pós-identitária (Louro, 2018). Em minha dissertação de mestrado (Matos, 2020), optei pelo paradigma identitário, ao analisar práticas textuais e argumentativas de entidades tradicionais locais desse tipo de ativismo.

Os ativismos em prol da causa LGBTQIA+³¹ sempre tiveram/têm pelo menos dois interesses diferentes, equivalentes aos tipos de política acima mencionados: *assimilação* e *não assimilação* (Seffner, 2011; Miskolci, 2011). Na política identitária ou assimilacionista, alguns grupos “pregavam [e pregam] a necessidade de assimilação da homossexualidade à cultura [cisgênera e] heterossexual” (Borba, 2020a, p. 11), visando aceitação e respeito. Assim, Louro (2018) também afirma que certos grupos dissidentes lutam por reconhecimento, legitimação, inclusão e igualdade de direitos civis e sociais. Seu aparato ideológico gira em torno da diversidade, defendendo a existência de identidades fixas, tidas como essências dos sujeitos dissidentes. O quadro a seguir apresenta uma classificação delas:

Quadro 1: Categorias identitárias de sexo, gênero, sexualidade e expressão de gênero³²

SEXO BIOLÓGICO	Macho, fêmea, intersexo
IDENTIDADE DE GÊNERO	Cisgênero, transgênero, transexual, travesti, <i>two spirit</i> , não binário, agênero, <i>queer</i>
ORIENTAÇÃO SEXUAL	Heterossexual, homossexual/gay, lésbica, bissexual, pansexual, assexual, demisssexual, grayssexual
EXPRESSÃO DE GÊNERO	Andrógino, <i>cross-dresser</i> , transformista, <i>drag queen</i> , <i>drag king</i>

Fonte: elaboração própria com base em Reis e Cazal (2021).

Ampliada desde as edições anteriores (2010 e 2018), a categorização identitária³³ do Quadro (1) aparece no *Manual de educação LGBTI+*, publicado em parceria com a rede Gay Latino e a Aliança Nacional LGBTI+. Devido à sistematização de lutas sociais em favor da inserção de sujeitos não cis-heteronormativos³⁴ no regime hegemônico, esses enquadres

³¹Como está discutido nesta subseção, a recepção do uso dessa expressão (LGBTQIA+) é deixada em segundo plano, uma vez que, neste trabalho, o foco analítico está direcionado aos estudos *queer*, que se voltam para o estudo de processos de normalização e de práticas identitárias do gênero e da sexualidade, por isso, rejeita nomeações atribuídas a dissidências sexuais e de gênero.

³²Edições anteriores, como as do *Manual de comunicação LGBT* (2010) e do *Manual de comunicação LGBTI+* (2018), traziam em menor número as categorias de sexo biológico, gênero, orientação sexual e expressão de gênero, de modo que a referência às identidades “*two spirit*”, “demisssexualidade” e “grayssexualidade” ainda não existia, por exemplo. Para compreender os conceitos dessas categorizações, remeto as leitoras e os leitores aos três manuais, já que a postura aqui adotada é a da não nomeação de identidades.

³³Esse processo de classificação tem a ver com o dispositivo da sexualidade que “vinha sendo construído pelos discursos da igreja, da psiquiatria, da sexologia, do direito, desde finais do século XIX. Tais discursos produziram classificações, dividiram indivíduos e práticas, criaram ‘espécies’ e ‘tipos’ e, simultaneamente, modos de controlar a sexualidade. Produziram sujeitos e corpos ou, para usar a contundência de Judith Butler, se constituíram (e continuam se constituindo) em discursos que ‘habitam os corpos’ [...]”. (Louro, 2018, p. 85).

³⁴A cis-heteronormatividade compreende um conjunto de “estruturas, instituições, relações e ações que promovem e produzem a heterossexualidade [e a cisgeneridade] como natural, autoevidente, desejável, privilegiada e necessária” (Cameron; Kulick, 2003, p. 55 *apud* Borba, 2020a, p. 13-14).

identitários são essencializadores (Pelúcio, 2011) e estão circunscritos às ideias de normalidade e de naturalidade (Louro, 2018), ao almejarem o ganho de uma imagem social positiva e aceitável, assim como as já garantidas à cisgeneridade e à heterossexualidade.

Curiosamente, esses dois últimos sistemas normativos macrosociais aparecem no topo das categorias identitárias de sexo, de gênero e de orientação sexual (Quadro 1), como se sua suposta “neutralidade”, fruto da moralidade hegemônica, autorizasse o surgimento de novas categorias, igualmente rígidas e essenciais. Esse processo de padronização, determinado sócio-culturalmente, impacta na necessidade de criação de categorias no seio dos ativismos sociais da vertente da diversidade. Na verdade, isso é um paradoxo, pois a “heterossexualidade” só foi assim denominada por causa do que veio chamar-se “homossexualidade” (Foucault, 2020; Louro, 2018).

Apesar de contribuírem para a produção de sentidos positivos em torno do gênero e da sexualidade dissidentes, as categorias da diversidade aniquilam do eixo semântico normalizado quaisquer outras identidades que também possam existir, visto que, segundo Costa (1995, p. 2), as categorizações identitárias de heterossexual e homossexual não são “universais, mas localizadas em determinado momento histórico e cultural”. Além disso, quando proferidas e/ou defendidas, elas podem produzir efeitos de sentido negativos, ou seja, regulador e disciplinador (Louro, 2018). Entretanto, para certas políticas identitárias atuais, seria ainda preconceituoso ou inaceitável o uso de categorias como “bichas”, “viados” ou “baitolas”, para designar homens gays, e “sapatonas”, “fanchonas” ou “pitombas”, para mulheres lésbicas (Trevisan, 2018).

O uso de categorias “adequadas” (Pelúcio, 2011), como as do Quadro (1), é muito importante para ativismos LGBTQIA+ tradicionais, de vertente político-identitária. Seffner (2011) diz que essa perspectiva assimilacionista ou essencialista busca reiterar o modelo heterossexual, tratando-o como “o modelo de felicidade”, pois o intuito é conquistar direitos historicamente negados (casamento civil, adoção homoparental, monogamia, etc.), os quais sempre foram privilégios das identidades sociais hegemônicas (pessoas cisgênero e heterossexuais). Por isso, certos grupos de ativistas traçaram/traçam trajetórias de luta firmadas em vários tipos de argumentos, entre eles, o da inclusão e o do respeito à dignidade humana, presentes na legislação brasileira.

Se, por um lado, conforme Trevisan (2018, p. 35), “a cultura precisa criar ‘artefatos de fixação de identidades’, que são esses predicados provisórios, indicativos de características pessoais e agregados ao eu”, por outro lado, nomear/categorizar sujeitos sociais acaba “servindo mais aos objetivos da normatização do que a uma real liberação da sexualidade”, assim como procedem, por exemplo, contextos médico-psiquiátricos, que visam a distanciar o sujeito

heterossexual de desejos considerados desviantes (homossexuais). Esses conflitos ideológicos alimentam arenas discursivas discordantes, não só entre ativistas tradicionais e estudiosos/as acadêmicos/as, como também entre membros de grupos de movimentos sociais (Trevisan, 2018; Borba, 2020a).

Nesse cenário, relações de poder regulatórias não se limitam ao aparato ideológico da cis-heteronormatividade, mas também orquestram contextos discursivos de acadêmicos/as e ativistas que propagam reflexões sobre identidades sexuais e de gênero dissidentes. No influxo dessa problemática, as discussões *queer* adentraram a produção acadêmica e provocaram uma ruptura no fazer/pensar científico. Como expressão de luta em torno de identidades não normativas, o paradigma *queer* representa um importante divisor de águas no tocante às noções de corpo, de gênero e de sexualidade, visto que salienta deslocamentos semântico-pragmáticos (Borba, 2015) na visão positivista do regime acadêmico e de vários modelos de ativismo social de vertente essencialista. E esta, fundamentada no paradigma expressivo e representacional linguístico-filosófico, compreende a identidade como substância ou essência ontológica do sujeito, preexistente a toda e qualquer interação social (Borba, 2014; 2020b; Silva, 2020a).

Como expressões de crise nos paradigmas filosóficos e científicos modernos, a vertente essencialista (identitária, assimilacionista) e a vertente antiessencialista (pós-identitária, não assimilacionista) se contrapõem e oferecem diferentes meios de compreensão das identidades sociais. Segundo Silva (2020a) e Borba (2014, 2020b), a primeira vertente corresponde ao paradigma expressionista de linguagem e identidade, em que os processos identitários são reflexos e expressões de significados sociais pré-construídos. Trata-se de uma causalidade entre língua e identidade, de forma determinística. Por sua vez, a segunda vertente concerne ao paradigma performativo de linguagem e identidade, em que as identidades não são substâncias ontológicas dos sujeitos, mas “efeitos de sentido produzidos e negociados contextualmente” (Silva, 2020a, p. 290). Trata-se, portanto, da transgressão, do trânsito e da não aceitação face a processos de normalização sociais universalizantes.

A política pós-identitária chamada *queer* não tem como principal interesse a aceitação (Borba, 2020a), mas a ambiguidade, a não assimilação, a não acomodação, o não lugar, daí o motivo de sugerir fraturas nos modelos epistêmicos dominantes (Louro, 2018). Fundamentado em Judith Butler, um dos maiores nomes dos estudos *queer*, Borba (2014, p. 446) afirma que a identidade não concerne a algo genuíno e autêntico, o que significa que as categorias identitárias não são verdades transcendentais, independentes, das ações humanas, mas, sim, “efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos”. Por essa razão, faz sentido que a instabilidade e a transgressão sejam características fundamentais das

pesquisas e das lutas sociais contemporâneas sobre práticas identitárias dissidentes. Prioriza-se a ideia de diferença, em contraposição à de diversidade, já que a busca por inclusão no sistema social dominante tende a impelir, também, identidades não normativas para processos de normalização do gênero e da sexualidade.

Segundo Borba (2020a), desde o século XVI, o termo *queer* carregava significados como “estranho”, “peculiar” e “excêntrico”, o que constituía (e ainda pode constituir) uma espécie de injúria ou discriminação sexual e de gênero contra pessoas homossexuais, bissexuais, transexuais, não binárias, etc. Na ótica de ativismos sociais norte-americanos, referir-se às comunidades dissidentes com o uso desse termo significava colocá-las numa “posição de subordinação” e “num circuito de abjeção” (Butler, 1997 *apud* Borba, 2020a, p. 11), reforçando, portanto, sua marginalização social e política.

Até algum tempo, no Brasil, termos como “bicha”, “viado”, “gilete” e “sapatão”, utilizados para nomear pessoas não cis-heteronormativas, atrelavam-se unicamente à ofensa ou à discriminação contra elas, assim como o termo *queer*, inicialmente. No entanto, pouco a pouco, foi sendo produzida uma “inversão performativa da injúria” (Butler, 1997 *apud* Borba, 2020a), ressignificando essas expressões por meio de ações sociopolíticas, virando a ofensa do avesso (Borba, 2020a). Os sentidos negativos foram invertidos dentro de muitas comunidades dissidentes, de forma positiva. Na verdade, passaram a ser reapropriados com fins específicos de questionamento.

Por esse prisma, poder-se-ia dizer que há um antagonismo radical entre os dispositivos ideológicos das políticas identitária e pós-identitária, uma vez que a primeira parece se conformar com as lógicas do sistema social dominante de produção de identidades e de subjetividades, ao passo que a segunda propõe sérios deslocamentos e almeja desnaturalizar esse sistema e seus processos de normalização no que tange às identidades (forjadas, fabricadas, contingentes, instáveis, negociadas). Entretanto, Miskolci (2009) e Colling (2011) ressaltam que esse antagonismo provocado pela teoria *queer* não é a criação de uma inimidade política, pois, na verdade, o que se quer é demonstrar os limites de ideias e estratégias dos movimentos político-identitários, que pouco conseguem desestabilizar a cis-heteronormatividade.

Quando eu me referi à introdução dos estudos *queer* no ambiente acadêmico não quis delegar essa responsabilidade somente a pesquisadores e pesquisadoras, mas também a um grande número de ativistas, inclusive tradicionais (de vertente essencialista), que contribuíram, de variadas formas, para a ampliação e a divulgação de uma perspectiva pós-identitária no cenário científico sobre problemas de gênero e sexualidade. Conforme Colling (2015, 2018), desde a segunda metade do século XX, ativistas acadêmicos/as e ativistas LGBTQIA+

produzem trocas de conhecimentos significativos, o que indica que, no Brasil, quase inexitem cisões entre movimento LGBTQIA+ e coletivos de dissidência sexual e/ou *queer*, ao contrário de Portugal, Espanha ou Chile, por exemplo.

Na verdade, as políticas identitária e pós-identitária não são aparatos socioideológicos e formas de atuação muito estanques. Colling (2018) observa pontos de contato e contribuições mútuas entre essas duas vertentes: i) incorporação de conceitos centrais dos estudos *queer* por setores do movimento LGBTQIA+ (“heteronormatividade”, “heterossexualidade compulsória” etc., que contribuem para o debate da desestabilização da heterossexualidade como sendo de origem natural); ii) aderência à campanha pela despatologização das transidentidades e à lei de identidade de gênero, a qual contribuiu, pelo menos parcialmente, para a emergência de novos ativismos, a exemplo dos transfeministas, já que durante muito tempo a travestilidade e a transexualidade não eram entendidas como identidades de gênero, mas orientações sexuais, em geral; iii) a própria *queerização* do movimento LGBTQIA+, tornando possível a desconstrução dos binarismos identitários (heterossexual/homossexual) e políticos.

Apesar disso, em terras brasileiras, o reenquadramento de sentidos por ativismos sociais LGBTQIA+ acerca de categorias identitárias (Pelúcio, 2011) não pode ser encarado somente de forma homogênea, visto que a missão política nem sempre foi ou é a mesma em todas as vertentes, dadas suas específicas concepções de diversidade e diferença. Aliás, nem todas as políticas a favor da democracia sexual (Fassin, 2005) e de gênero se constituem de esquemas ou padrões completamente opostos entre si (Santos; Feitosa; Vieira, 2017). Assim como há grupos de militantes engendrados pelo prisma da cis-heteronormatividade, há também aqueles que convivem com visões identitárias e pós-identitárias.

Borba (2020a) comenta que, apesar de alguns grupos de militância norte-americanos, nas décadas de 1980 e 1990, terem reivindicado o termo *queer* para si, ainda há aqueles que visam encaixar-se em sistemas normativos dominantes, ao passo que outros buscam provocar fissuras nas normas de reconhecimento sociocultural disponíveis, escapando à normalização e à estabilidade, as quais estão atreladas à cis-heteronormatividade compulsória da sociedade (Louro, 2018). Esta autora detalha um pouco o cenário:

Por um lado, *queer* tem a ver com discussões e fraturas internas dos movimentos organizados das chamadas ‘minorias’ sexuais, com dissensões em relação aos propósitos ou alvos prioritários dessas lutas. A política de identidades, ao mesmo tempo em que visibilizava e fortalecia os movimentos sexuais, também sugeria uma unidade que, para alguns, se aparentava a uma nova forma de normatização. Por outro lado, *queer* se vincula a vertentes do pensamento contemporâneo que problematizam noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência. Ao longo do século XX, teóricos de distintos

campos ajudaram a descentrar ou a perturbar o sujeito racional, coerente e unificado; o sujeito senhor de si, aparentemente livre e capaz de traçar, com suas próprias mãos, o seu destino. Foucault foi um desses teóricos [...]. Assumindo sua ótica, passamos a afirmar que a sexualidade [assim como o gênero] era e é construída discursivamente. (Louro, 2018, p. 84-85).

Creio que as palavras da autora apontam para grupos homogêneos tradicionais que se separam, de forma radical, entre as perspectivas essencialista e antiessencialista (Colling, 2018; Borba, 2014, 2020a, 2020b; Silva, 2020a) de identidade. Nesse debate, Colling (2018) comenta que, tal como movimentos LGBTQIA+, os estudos *queer* também são diversificados, revelando diferentes preocupações, normas, crenças e valores, a saber: i) as críticas a quaisquer normas de gênero e sexualidade; ii) as evidências dos modos de multiplicação das identidades sexuais e de gênero, enquanto entidades dinâmicas; iii) as críticas a perspectivas patologizantes quanto a tais identificações e, também, a perspectivas genéticas, biologizantes e morais; iv) as críticas à separação clássica entre estudos de gênero e estudos de sexualidade.

Na obra *Corpos que importam: sobre os limites materiais e discursivos do “sexo”*, Judith Butler (2002) defende uma posição contrária em relação aos movimentos sociais tradicionais que costumam conceber o “sexo” e o corpo como superfícies neutras e naturais sobre as quais se constrói o gênero social. Ela advoga, pois, uma noção de “sexo” e de corpo como construções ideais e materializadas ao longo do tempo por meio da repetição exaustiva de normas regulatórias, compulsórias. Tanto o sexo quanto o corpo, o gênero e a sexualidade são construções socioculturais sob força de repetição e pressão social. Essa dinâmica sinaliza a própria falha do sistema dominante e a incompletude inerente àquelas normas.

No aparato teórico dessa estudiosa, a aparente neutralidade das normas reguladoras do gênero e da sexualidade é colocada em xeque diante da percepção de sua abertura à construção de identidades abjetas e indesejadas do ponto de vista do poder hegemônico. Consoante Butler (2002), isso é o que denuncia as imprevisibilidades inerentes a tais normas e às possibilidades de (re)materialização dos sexos e dos corpos, desconstruindo a ideia de naturalidade. Pelo contrário, a existência de dissidências reforça que tudo é construção sócio-histórica, e não deliberada e individual. Dessa maneira, a teoria *queer* opõe-se, epistêmica e politicamente, à cis-heteronormatividade e, também, às múltiplas formas de violência contra as dissidências sexuais e de gênero. Assim, ela

se configura como um campo de estudos que se lança ao desafio de desenvolver uma analítica da normalização [...] e, com base nisso, uma crítica aos processos de legislação não voluntária do gênero e da sexualidade [...]. Seu principal foco de intervenção e crítica é a cis-heteronormatividade [...]. [...] os estudos *queer* questionam estruturas sociais, sistemas de significação e

relações de poder extremamente naturalizados. Com base nisso, objetiva-se reverter desigualdades de gênero e sexualidade ao desestabilizar estruturas que as subjazem. Em termos mais crus, quer-se desconstruir a dicotomia hetero/homo e derrubar a fachada de naturalidade e estabilidade de *todas* as identidades. (Borba, 2020a, p. 13-14, grifo do autor).

Esse giro epistemológico dos estudos *queer* coloca em xeque não só definições de gênero e sexualidade consolidadas há muito, mas também desestabiliza a aparente normalidade incrustada às identidades hegemônicas da cisgeneridade e heterossexualidade. Dessa maneira, os interesses investigativos não se limitam à amplitude das identidades dissidentes, mas também se voltam para as estruturas socioculturais que, ao longo do tempo, emprestaram a certos sujeitos-corpos o caráter de neutralidade, normalidade e estabilidade. Passa-se a admitir, conforme Foucault (2020), o questionamento de binarismos de toda ordem, focalizando o desfazimento dos limites epistêmicos, dos sujeitos, dos corpos e das práticas que contrariam normas socioculturais.

O paradigma *queer* questiona uma concepção de “sexo” anterior ao discurso, já que, na verdade, ele (o sexo) é uma construção ou materialização via ações repetitivas e contínuas. Esse pressuposto decorre da Teoria dos Atos de Fala (Austin, 1990 [1962]), ignorada por boa parte dos estudos linguísticos modernos, mas resgatada por Butler (2002) para sua teorização sobre a subversão das identidades como construtos fixos, neutros, estáveis. Ao resgatar os conceitos de performance e de performatividade, além de rejeitar a dicotomia constativo/performativo³⁵, a autora se remete à Filosofia da Linguagem Ordinária, movimento este que surgiu em meio às rupturas epistemológicas do pós-estruturalismo, o qual critica o positivismo lógico e a vertente cartesiana de interpretação dos objetos de estudo científicos. Desse modo, a performatividade toma a linguagem como ação (Austin, 1990 [1962]) e, portanto, como re/des/construção de sentidos nas práticas sociais. Qualquer uso da linguagem, em termos austinianos, não descreve fatos anteriores a ela, mas constitui a própria ação, não havendo distinção entre dizer e fazer.

Como, em grande medida, os usos cotidianos da linguagem estão nas práticas sociais de resistência ou de opressão às identidades dissidentes, é coerente pensar que textos/discursos constituem lugares privilegiados de estratégias de desestabilização da cis-heteronormatividade (Borba, 2020a; Melo, 2020), bem como de violências engendradas por ela. Isso significa que,

³⁵“Ao se debruçar sobre a questão sexo/gênero com as armas forjadas por Austin, ela [Butler] detona a própria distinção entre as duas categorias, argumentando que a aparente solidez da primeira se deve a nada além da força da convenção que se estabeleceu em torno da mesma. Ora, é exatamente o que Austin insinua no fim das suas elucubrações sobre os atos de fala: a categoria de enunciados constativos só se sustenta sob a condição de que o seu caráter performativo se torne algo naturalizado sob a força de repetição e pressão social. A naturalização, no caso, seria apenas um outro nome para o esquecimento de suas origens na performatividade”. (Rajagopalan, 2016, p. 89).

além das dissidências, a suposta naturalidade da identidade heterossexual e cisgênero pode ser contestada nas atividades de textualização. Com efeito, muitas explicações linguísticas podem ser oferecidas às dinâmicas socioculturais complexas do gênero e da sexualidade. Um exemplo já aqui dado é o das categorizações identitárias, que correspondem a categorias sociais por meio das quais os sujeitos se identificam e são identificados (Van Dijk, 2013 [2008]) durante as práticas discursivas.

Butler (2002) atrela os legados austiniano e foucaultiano à construção sócio-histórica e discursiva dos gêneros e das sexualidades, ao propor esta questão: como a performatividade de gênero se relaciona com a concepção de materialização dos corpos, do sexo e da diferença sexual? Se a performatividade for concebida como uma prática contínua de reiteração de normas (não necessariamente as da heterossexualidade e/ou da cisgeneridade), a materialização realiza-se por meio de efeitos de sentido provocados por critérios identitários repetitivos, efeitos esses de naturalização ou de verdades “estáveis” acerca de marcadores sociais da diferença. Produz-se, assim, uma *matriz de inteligibilidade de gênero*:

Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (Butler, 2015, p. 43-44).

Nessa perspectiva, sujeitos sociais que produzem suas próprias identidades na ordem naturalizada de sexo/gênero/prática sexual/desejo sexual (Butler, 2002, 2015) são privilegiados por normas socialmente dominantes e aparentes de continuidade, coerência e estabilidade (cisgeneridade, heterossexualidade). Do contrário, os sujeitos que provocam rupturas nos sistemas de reconhecimento estabelecidos são impelidos para a *matriz de ininteligibilidade* e tratados como indesejáveis, abjetos e/ou não humanos (Butler, 2002; Pocahy, 2007; Pelúcio, 2009). Entretanto, o paradigma *queer* insiste em questionar qualquer atividade performativa que tencione a (re)produção da matriz de inteligibilidade de gênero.

Para os estudos *queer*, interessa muito mais perscrutar os desalinhamentos identitários dos sujeitos sociais que procuram, a qualquer custo, encaixar-se em sistemas de normatização do gênero e da sexualidade. A identidade, em geral, passa a ser entendida como o resultado das dimensões simultâneas da performance e da performatividade, sendo a primeira uma estilização repetida do corpo, e a segunda, uma estrutura regulatória altamente rígida (Butler, 2015; Borba,

2020a). A construção identitária condiz com um conjunto de ações repetidas que produzem efeitos de sentido e criam a ilusão de uma essência (Borba, 2020a). Nesse sentido, a concepção de sujeito também muda; ele não é mais visto como algo anterior à ação discursiva, mas o que se produz nela.

No paradigma pós-identitário, o sujeito social é, a um só tempo, atuante e dependente *nas e das* normas reguladoras do corpo, do sexo, do gênero e da sexualidade, porque as possibilidades de oposição a normas são inerentes às relações de poder, assim como às práticas reiterativas ou rearticuladoras (Butler, 2002). Como já afirmado, incompletude e instabilidade constituem traços da linguagem e dos atos performativos, razão por que normatividades sexuais e de gênero não fogem à regra. Isso não implica, todavia, que, enquanto construções e ações, as práticas discursivas³⁶ permaneçam sempre na estabilidade que fora levada a cabo em determinado espaço-tempo de vida dos sujeitos.

Na introdução da obra que é considerada um marco dos estudos linguísticos a partir da teoria *queer*, intitulada *Queerly phrased: language, gender and sexuality*, as organizadoras Anna Livia e Kira Hall (2010 [1997], p. 114) mencionam que uma crítica pertinente à política de identidades “é a de ser essencialista; ou seja, presume-se que a identidade pessoal é uma categoria não problemática e que todas as relações sociais podem ser derivadas dela”. Esta ideologia política contribui, pois, para a manutenção da matriz de inteligibilidade e/ou da ordem compulsória de sexo/gênero/desejo/prática sexual (Butler, 2015), ao invés de questioná-las.

Encampada, inicialmente, nos estudos sociolinguísticos, a complexa questão do gênero trouxe para as tradicionais disciplinas linguísticas a urgência na problematização de construtos teóricos sedimentados. Até então, o gênero e a orientação sexual, assim como outras variáveis sociais (raça/etnia, classe social, escolaridade, etc.), recebiam tratamento indiferenciado (isto é, não eram alvos de problematização) (Livia; Hall, 2010), compondo, pois, um pano de fundo exterior à produção dos discursos.

Historicamente, a obra *Language and woman's place*, de Robin Lakoff (1975), de acordo com Ostermann e Fontana (2010), inaugurou os estudos sobre a relação entre linguagem e gênero social com base na análise de interações conversacionais entre homens e mulheres. Esse trabalho abriu margem para pesquisas sociolinguísticas sob as perspectivas teóricas gerais

³⁶Conforme Gonçalves-Segundo (2018, p. 89): “As práticas discursivas/semióticas encaixam-se em práticas sociais, constituindo-se em um de seus momentos. As práticas sociais devem ser entendidas como um nível intermediário entre as estruturas sociais, mais abstratas e duráveis, e os eventos sociais, mais concretos e pontuais. Nesse sentido, consistem em um nível que permite compreender tanto a agência quanto a possibilidade de resistência (caráter centrífugo da ação humana), quanto a coerção e a possibilidade de manutenção/reprodução social (caráter centrípeto da ação humana).”.

do déficit, da dominância e da diferença. No entanto, predominava o interesse pela comunidade dos sujeitos heterossexuais, em todos os níveis de análise linguística (Livia; Hall, 2010). Perdurava o pressuposto heterossexista do pensamento sociológico canônico (Miskolci, 2009).

À época, Livia e Hall (2010) constataram que a quantidade de estudos voltados à linguagem de gays e lésbicas era menor que a daqueles sobre a linguagem de homens e mulheres heterossexuais. Enfocavam-se os níveis fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos, lexicais e discursivos da linguagem de sujeitos heterossexuais, justamente pela ausência de problematização do gênero, que era diretamente associado ao sexo biológico. Ainda hoje, infelizmente, há estudos linguísticos que desconsideram as relações entre identidade de gênero, orientação sexual e prática discursiva como uma trinca semântica interdependente, mantendo, assim, a matriz de inteligibilidade e as hegemonias do gênero e da sexualidade.

Em contrapartida, Borba (2020a, p. 25) defende que a teorização de Butler concebe o uso da linguagem com papel fundamental na construção da realidade, uma vez que textos, discursos ou atos de fala não consistem em descrever um estado de coisas anterior à enunciação, mas “produzem uma nova realidade, operam mudanças no mundo e transformam nossa relação com o social e as pessoas que o constituem”. Nesse sentido, o gênero e a sexualidade, no âmbito da LQ, são encarados como fenômenos linguístico-corporais, construídos em ações locais que têm uma relação constitutiva com processos sociais e discursivos mais amplos. Portanto,

[...] a linguística *queer* tem se configurado como uma área de investigação que estuda o espaço semântico-pragmático entre os **discursos dominantes** (i. e. heteronormatividade) e a **performance linguística situada** e tem-se mostrado, assim, como um campo promissor para o estudo de como fenômenos macro-sociológicos que produzem certos indivíduos como seres abjetos, inferiores ou patológicos são sustentados e/ou desafiados nos detalhes mais ínfimos de nossa vida social, notadamente, a **linguagem-em-uso**. (Borba, 2015, p. 94, grifos meus).

Nessa perspectiva, a linguagem em uso deve ser uma das formas de ação social por que sujeitos-corpos são construídos. Seguindo a ideia de Butler (1999 *apud* Borba, 2014), a de que palavras e ações são coisas indissociáveis e ambíguas, acredito que produzir textos é uma forma de ação social, é produzir linguagem e, conseqüentemente, agir com o corpo e sobre o corpo. Por conseguinte, cai bem uma das críticas feitas pela LQ a algumas abordagens dos estudos *queer*, já que estas privilegiam as práticas corporais e relegam o papel da linguagem a segundo plano no processo de análise da construção de identidades (Borba, 2014).

Nesse mesmo raciocínio, Silva (2020a) entende que os estudos *queer* deixam a desejar quando não se atentam à mediação semiótico-discursiva entre performance e performatividade, o que tende a levar, em quase contraposição à teorização butleriana, a análises que generalizam

e naturalizam processos de subjetivação e práticas identitárias de sujeitos que tentam desafiar sistemas normativos macrossociais (por exemplo, a cis-heteronormatividade). Como é que a “mágica” da performatividade acontece? Por quais meios as estruturas regulatórias altamente rígidas se atrelam a práticas discursivas situadas? Ou, nas palavras de Borba (2015), como os discursos dominantes se ligam a performances linguísticas na produção de indivíduos como sujeitos abjetos, minoritarizados?

De acordo com Borba (2014), são as práticas linguísticas e discursivas que produzem e sustentam uma rede complexa de regulações, vigilâncias e punições socioculturais, a qual é constituída de sistemas de saber/poder e saber/discurso historicamente específicos. Nos estudos *queer*, o que acontece, na maioria das vezes, é que se recorre a procedimentos interpretativos apressados, ausentes de esforços analíticos fundamentados em teorizações da linguagem e do discurso, incorrendo, pois, em generalizações e abstrações dos modos de funcionamento da performatividade de gênero.

Ao atribuir papel de destaque à linguagem na produção performativa de sujeitos-corpos, conforme Butler (2015), devemos considerar que ela participa das dinâmicas sociais e culturais que produzem e regulam as identidades. Nesse sentido, ao analisar discursos, organizações historicamente específicas de linguagem, segundo a autora, devemos observar como funcionam as performances corporais e linguísticas e os códigos de significação atrelados a elas. Também, numa perspectiva derridiana, a filósofa acredita que os discursos carregam formas linguísticas convencionais que tornam possíveis a repetição e a transgressão nos atos performativos. Mas, a repetição nunca é totalmente a mesma, pois os signos linguísticos e os recursos semióticos retirados de contextos anteriores podem sofrer rupturas e continuidades simultâneas, tornando possível, portanto, a existência de reiterações subversivas.

Em estudos pautados no paradigma da LQ, de acordo com Borba (2014), devemos observar, a título de exemplo, não como mulheres lésbicas *falam X* ou *Y* porque *são* mulheres lésbicas, mas as dinâmicas sócio-histórico-discursivas que *permitem* que ao *falarem X* ou *Y* elas *sejam percebidas/reconhecidas* como mulheres lésbicas. Dessa forma, enunciados como “é uma mulher” ou “é uma lésbica” não são constatações ou descrições de coisas que preexistem à atividade enunciativa, mas construções e reiterações que permitem que o corpo seja capturado pelas normas da matriz de inteligibilidade de gênero e/ou de sexualidade. Nesse ínterim,

O que o sujeito faz e diz não é a expressão de uma realidade interior, de uma essência pré-existente que funciona como origem de suas ações e subjetividade; o que o sujeito repetidamente diz e faz o constitui como real e natural. A realidade do sujeito que diz, do corpo que fala e age, é performativamente produzida *in situ* pelo que é dito e feito. Com isso, Butler

defende um modelo performativo da identidade no qual nossas ações, repetidas incessantemente, constituem a identidade *como se fosse* algo natural; a essência é, assim, um efeito de performances repetidas que reatualizam discursos histórica e culturalmente específicos. (Borba, 2014, p. 448, grifos do autor).

Uma das principais tarefas de linguistas *queer* é justamente a de buscar interligar as ações discursivas locais de uso de recursos semióticos (performances) aos processos normativos históricos de performances repetidas (performatividade). Silva (2020a) comenta que é possível explicar micronormatividades associadas a sistemas macrossociais (cisnormatividade e heteronormatividade, por exemplo) por meio da análise de interações situadas, coconstruídas entre sujeitos. Dessa forma, em LQ, torna-se relevante o estudo dos modos pelos quais os sujeitos, em práticas discursivas locais, produzem ou não inteligibilidade, bem como formas de subjetivação, mediante diversos recursos linguísticos (fonéticos, morfossintáticos, semânticos, pragmáticos, discursivos) e recursos semióticos (narrativas, espacialidades, temporalidades, corporificação, afetos, intertextualidade), reiterando e/ou transgredindo normatividades sexuais e de gênero.

Apesar da variedade e da multiplicidade de abordagens linguísticas e do discurso que tomam as desorientações *queer* como paradigma crítico e ético-político acerca dos processos de compreensão de micro/macronormatividades sociais, são comuns algumas características entre eles, conforme Silva (2020a): i) uma concepção radicalmente performativa de linguagem, corpo, gênero e sexualidade; ii) a assunção da mediação semiótico-discursiva na produção de inteligibilidade e de subjetivação; iii) o enfoque em práticas discursivas de interação situadas; iv) o caráter da indisciplinaridade e da impureza como direcionamento teórico-metodológico.

Consoante Melo (2020), a LQ configura-se como uma postura política e epistemológica que investiga os discursos contemporâneos *dos corpos e sobre os corpos* que questionam as normatividades sociais, principalmente, as de gênero e sexualidade. Apesar de submetidos aos sistemas dominantes da cisgeneridade e da heteronormatividade, sujeitos-corpos dissidentes podem utilizar múltiplas estratégias textual-discursivas para operarem questionamentos em nível micro (Silva, 2020a), os quais talvez repercutam em transgressões sociais significativas. Já que repetições discursivas são ações no mundo que imprimem aos sujeitos sociais dissidentes normas por meio das quais eles são lidos e reconhecidos (Butler, 2015), então, é possível que atualizações enunciativas produzam deslocamentos semântico-pragmáticos durante as práticas identitárias e a criação de novas subjetividades.

Esse potencial crítico dos sujeitos faz jus ao sentido de “crítica” adotado nos estudos de LQ. Ao produzir reflexões e narrativas *sobre, para e com* sujeitos dissidentes (Melo, 2020), o/a

pesquisador/a não pretende desvelar/solucionar problemas sociais que os afligem, uma vez que esse tipo de atitude crítica se baseia em modelos de pesquisa oriundos do Iluminismo e do positivismo, cujas ideias centrais são a explicação lógica dos fenômenos estudados e a busca pelo progresso da ciência, de forma paulatina, plenamente racional (Ferreira; Rajagopalan, 2016).

O ímpeto crítico desta pesquisa, em LT, inscrita, sobretudo, nos marcos epistemológicos e metodológicos da LQ, recusa a ideia de que a ausência de neutralidade científica esteja atrelada a alguma exigência emancipatória desencadeada pela reflexão ou pela conclusão de estudos sobre problemas sociais. Não é o caso de tentar colocar ordem no “caos”, mas de assumir laços com a crise, em termos austinianos (Rajagopalan, 2016). Por conseguinte, tendo ignorado o mito da neutralidade científica e da concepção logicista dos fenômenos sociais (entre eles, a linguagem), os laços aqui firmados com os paradigmas pós-estruturalista e *queer* assinalam que reiterações subversivas nada têm a ver com mudanças sociais imediatas.

O posicionamento crítico, aqui, diz respeito à assunção da dimensão ético-política, à ruptura de dicotomias epistêmicas e à tomada de perspectivas antiessencialistas em pesquisas linguísticas, as quais refletem, parcialmente, no arcabouço teórico-metodológico, assim como na seleção da temática atrelada à minha trajetória como pesquisador e membro da comunidade das dissidências sexuais e de gênero. Portanto, questionar/estranhar é um compromisso ético e crítico mais importante do que a mudança social enquanto propósito de investigação.

A LQ ocupa um lugar relevante no conjunto das ciências críticas porque, por um lado, segundo Melo (2020), interessa-lhe denunciar as causas e os efeitos das ações sociais que aparentam ser “naturais”. Por outro lado, interessa à LQ um engajamento, um envolvimento dos/as pesquisadores/as com seus respectivos temas de estudo. Assim, reitero que essa postura não diz respeito à busca por soluções de problemas imediatas por meio da pesquisa nem ao desvelamento de opressões sociais por que passam certos sujeitos em relações de poder.

O discurso, sendo um lugar de disputa pelo poder (Foucault, 2014), torna-se condição para (re)produção de processos de normalização ou para possibilidades de resistência a eles. Por isso, não nos interessa lidar com binarismos porque as relações de poder não significam, aqui, a sobreposição de um grupo social sobre outro (sendo o primeiro adepto da ideologia negativa, opressora), mas os sentidos construídos por meio da interação entre os aparatos ideológicos de ambos. Atrelado a isso está o caráter indisciplinar da LQ:

Se, por um lado, na LQ, a recusa à pureza disciplinar – tão característica da moderna Ciência Linguística e dos ideais de cientificidade e neutralidade pautados nos positivismos da Linguística hoje – advém do questionamento da

ficção política da compartimentalização dos saberes; por outro lado, a impureza passa a ser uma prerrogativa também epistemológica em face de seus objetivos críticos. Sem sombra de dúvida, a complexidade de aspectos envolvidos nos fenômenos sociais sobre os quais a LQ se debruça, a exemplo de identidade, subjetividade, reflexividade, agência, gênero, corpo, desejo, práticas sexuais, somada às incontornáveis interseccionalidades de raça, de classe, de nacionalidade, de religião e afins, torna a indisciplinada, a impureza e o trânsito condições para a realização da LQ. (Silva, 2020a, p. 288-289).

Considerando que as abordagens funcionalista, enunciativa e discursiva de muitas disciplinas dos estudos linguísticos (dentre elas, a LT) surgiram num cenário de contestação aos paradigmas estruturalista e gerativista (Ferreira; Rajagopalan, 2016), passando a assumir a necessidade de se analisar textos inseridos em contextos sociais concretos, a LQ também não foge à regra. Aliás, como crítica e engajada (Melo, 2020), a LQ surge de diálogos estabelecidos entre os estudos linguísticos, sociais e antropológicos para motivar pesquisas que visem a compreender embates de uma sociedade predominantemente estruturada por relações de poder (Van Dijk, 2018).

Na visada crítica e multidisciplinar deste trabalho, é relevante o pressuposto de que a linguagem em uso é o ponto de articulação entre os discursos dominantes e as performances linguísticas situadas (Borba, 2014, 2015; Silva, 2020a), o que sinaliza uma aproximação entre a LT e a LQ no que diz respeito à concepção antiessencialista de linguagem, à perspectiva sociointeracional do discurso e ao estudo de práticas textuais locais (Marcuschi, 2008; Bentes, 2001; Cavalcante, 2015; Koch, 2018; Borba, 2020a; Marques, 2020). Para ampliar esses pontos de contato epistemológicos, ainda, a LT assume a abordagem sociocognitivista do contexto (Van Dijk, 2020), ao defender que todas as práticas de interação com textos/discursos são mediadas por uma interface cognitiva, isto é, formas de conhecimento (inter)subjetivas e socioculturais, além de esquemas ideológicos complexos e partilhados entre sujeitos sociais, que “não só falam e agem, mas também pensam, sabem e sentem” (Van Dijk, 2016, p. 27).

Ainda hoje, no entanto, essa articulação não tem sido suficientemente focalizada, quer em termos teóricos, que em termos analíticos, por exemplo, no tocante à interação entre sentidos pré-construídos historicamente e sentidos estrategicamente construídos em práticas discursivas situadas (Alves Filho, 2017). Pouco se sinaliza a necessidade de congregar esses aspectos numa análise das (re)construções identitárias das dissidências sexuais e de gênero, embora se admita a fluidez dos efeitos de sentido dos eventos comunicativos em contextos socioculturais. Isso expõe uma contradição e, ao mesmo tempo, um desafio para os estudos do texto, pois, se queremos investigar problemas sociais via múltiplas situações de interação, não há justificativa

para anular os contextos dos sujeitos e os aspectos globais de suas práticas (cisnormatividade, heteronormatividade, patriarcado, etc.).

Em LT, estudos recentes (Bentes; Rezende, 2017; Alves Filho, 2017; Silva, 2019b; Matos; Lima, 2020; Santana; Tenório-Santos; Matos, 2020; Matos, 2021; Lima *et al.*, 2023), sinalizam a necessidade urgente de os estudos textuais expandirem procedimentos teórico-metodológicos para além dos contextos locais de enunciação, a fim de assumir, efetivamente, a importância dos contextos globais ou macrosociais na construção de sentidos. Isso tem relevância, neste trabalho, porque, para a LQ, desestabilizar a linguagem no nível dos eventos e das práticas pode ter como consequência “uma mudança no nível da estrutura — dos sistemas de linguagem que nos formam” (Melo, 2020, p. 166).

Diante disso, é urgente a necessidade de ampliação epistemológica, metodológica e política, em LT. Ao contrário de Cavalcante *et al.* (2016) e Cavalcante *et al.* (2019), em suas posturas racionalista e pragmatista de ciência (cf. Rajagopalan, 2003), não há como fazer pesquisa sobre problemas sociais, em LT, sem focalizar os sujeitos e seus contextos, que produzem e fazem circular textos/eventos sociocomunicativos, isto é, lugares simbólicos de posicionamentos ideológicos e de disputa discursiva sobre o mundo (Bentes; Rezende, 2017). Enquanto estudioso do texto e de ativismos dissidentes, eu acredito que pesquisas em ciências humanas e sociais podem e devem responder a dinâmicas/demandas sociopolíticas. Quando se trabalha com problemas sociais e políticos, é preciso refletir sobre contribuições que uma pesquisa em linguagem pode oferecer para a justiça social.

Numa interface entre LT, ACD e teoria *queer*, a tese de doutorado de Marques (2016) foi um dos estudos que me permitiu refletir a princípio sobre a relação entre referenciação, identidade, ideologia e dissidências sexuais e de gênero. Nela, o autor analisa, criticamente, a construção identitária da homossexualidade a partir do discurso neopentecostal, mediante a inter-relação entre os processos referenciais (estratégias linguístico-discursivas) e a ideologia homofóbica e cis-heteronormativa (normatividades macrosociais). Ao produzir esse diálogo, também, em estudo mais recente, ele comenta o seguinte:

Acreditamos que a **referenciação** é um processo que carrega **força performativa** e, por isso, pode figurar em uma **análise queer**. Ao ativar referentes, construir arquivos mentais e predicar intrinsecamente não somente se representa a realidade, ela é construída. Não haveria apenas constatação, nos termos de Austin, mas atuação na realidade, ao **organizar conceitos performativamente**. Não há diferença entre a construção de um conceito no texto e a aplicação desse conceito ‘na vida real’, já que o objetivo, no discurso, é produzir realidade. [...]. Se o processo de referenciação [...] serve como aparato para a criação insidiosa de grupos inimigos na qual se aplicam regulamentações de normas excludentes e manifestações de poder discursivo

(i. e., a cis-heteronormatividade), sua análise pode ser produtiva para entendermos e, quem sabe, desafiarmos **dinâmicas de sujeitamento** que performativamente produzem **sujeitos legítimos e ilegítimos**. As dinâmicas de referenciação são ao mesmo tempo **cognitivas, sociais e discursivas** [...]. (Marques, 2020, p. 230-231, grifos meus).

Independentemente das disciplinas que o autor escolheu para seu estudo, vejo que é coerente pensar a aproximação conceitual entre referenciação e performatividade na construção discursiva de identidades e de sujeitos cis-heteronormativos e dissidentes, já que, em ambos os lados, diferentes estratégias ideológicas são utilizadas nos textos/discursos tanto para o reforço das violências e normatividades sociais quanto para a contestação delas. Outro ponto importante é que a ideologia, inerente à cognição social (Van Dijk, 2015), não é vista como algo exclusivo dos grupos dominantes, mas como um mecanismo pertencente a todos os grupos sociais, mediado pelas dimensões cognitivas, sociais e discursivas (Van Dijk, 2013, 2020).

Por conseguinte, torna-se possível conectar alguns desses conceitos a partir de uma visada processual das ações sociais (Peters, 2020). *A priori*, conceber a referenciação como um processo de força performativa quer dizer que, no nível das práticas discursivas, diferentes sujeitos podem reiterar regulamentações de normas excludentes ou desafiar esses processos macrossociais, por meio de performances referenciais, durante a (re)elaboração de conceitos cognitivos. Quando isso ocorre, os conceitos estão ancorados e/ou respondem ao aparato ideológico dos sujeitos, o que significa que dinâmicas de referenciação se aliam, indireta e variavelmente, às dinâmicas de sujeitamento.

Ao operar na criação de novas subjetividades face à (re)construção de objetos de discurso, creio eu, a ideologia não se limita, na perspectiva antiessencialista, a uma “falsa consciência” de sujeitos legítimos ou de grupos sociais dominantes (no sentido marxista), mas compreende, em geral, “sistemas que sustentam e legitimam a oposição e a resistência contra o domínio e a injustiça social” (Van Dijk, 1998, p. 16). Para este autor, a ideologia, como sistema de crenças, normas e valores (Van Dijk, 2015), tem função primordial na produção discursiva das estratégias de sustentação do poder, quer pelo aspecto da manutenção, quer pelo aspecto da mudança. Assim sendo, atividades referenciais, aspectos ideológicos e práticas identitárias performativas atuam, de forma processual e em conjunto, pela via do controle ou da contestação dos fenômenos macrossociológicos, em performances linguísticas situadas.

Em linhas teórico-analíticas semelhantes ao estudo de Marques (2016), o trabalho de Martins (2016), ao associar as teorias da referenciação, da subjetividade e da identidade, constrói uma análise da construção e da reconstrução do sujeito, quando este se posiciona como a primeira pessoa do discurso. Além desse, também há o trabalho de Aranha e Cardoso (2018),

o qual analisa a relação entre referenciação, identidade e texto digital por meio de uma análise linguístico-discursiva. Os autores concluem que o sujeito, por meio de processos referenciais, constrói traços identitários em seu texto, além de ser representado pelos próprios objetos de discurso, em constante atividade de construção e reconstrução de sentidos.

No âmbito dos estudos *queer* sob uma perspectiva linguística, Livia e Hall (2010) mencionaram, já em 1997, as relações entre significados construídos no discurso e propriedades indexicais dos dêiticos. As autoras explicam que a extrema relativização cultural é um traço constitutivo da linguagem, assim como os dêiticos, que contribuem para categorizar e/ou deslocar significados culturais por meio dos usos linguísticos. Com efeito, esse caráter indexical da linguagem e, por que não dizer, também da referenciação, segundo Borba (2020a), implica que as identidades dissidentes, por exemplo, sejam produzidas no discurso por meio de significados não pré-construídos, mas (in)formadas por discursos sociais mais amplos.

Na perspectiva de Borba (2020a, 2020b), a indexicalidade diz respeito ao processo sociocultural, histórico e político que, sob a ótica da crítica *queer*, faz emergir os sentidos e os significados sociais, em práticas discursivas situadas contextualmente. Ou seja, ela põe em funcionamento a performatividade ao vincular ações linguísticas locais a “práticas [linguísticas, institucionais, políticas, dentre outras] que sistematicamente formam os objetos dos quais falam” (Foucault, 1972, p. 64 *apud* Borba, 2020a, p. 31). Dessa forma, Silva (2020a, p. 287) defende que, em LQ, “a atenção às relações indexicais que produzem os efeitos de sentido de recursos semióticos situados é chave central para a leitura da dimensão performativa da linguagem”.

Como propriedade fundamental dos signos linguísticos, a indexicalidade constitui uma contribuição da LQ para os estudos *queer* no que diz respeito a um dos modos de explicação de funcionamento da performatividade (Silva, 2020a). Ela pode permitir uma articulação entre indexicalidade e referenciação para além de uma abordagem microssociológica³⁷. Se, para a teoria da referenciação, de Mondada e Dubois (2003), o significado não antecede o uso da linguagem, conforme a indexicalidade, por outro lado, ela não inclui o pressuposto de que fenômenos linguísticos locais se ancoram em práticas discursivas anteriores acerca dos referentes (signos linguísticos). Portanto, para considerar, analiticamente, a referenciação para

³⁷Em LT, segundo Custódio Filho (2011), a segunda tendência dos estudos em referenciação tem como pressuposto a explicação do paradigma sociocognitivista que conduz a construção referencial do texto. Isso significa que índices linguísticos (objetos de discurso, neste caso) emergem de processos sócio-históricos, políticos e culturais (indexicalidade), o que pode tornar a análise textual mais produtiva e mais ampla.

além da interação social de nível micro, pode ser eficaz associá-la à indexicalidade. Como afirma Borba (2020a, p. 29):

Em linguística formal, signos indexicais (ou dêiticos) incluem palavras como ‘aqui’, ‘lá’, ‘agora’, ‘eu’, ‘você’ etc. que têm como função apontar para o contexto situacional de enunciação (i. e., seu local, tempo e a relação entre participantes da interação). Contudo, áreas como a antropologia linguística e a LQ, cujo interesse cai sobre o uso e a função social da língua, se preocupam com signos não denotativos, i. e., aqueles que apontam para aspectos macrosociológicos e, assim, pressupõem um sentido social que não está diretamente vinculado ao signo, mas é a ele associado por causa de sua história de uso em determinados contextos.

A partir disso, entendo que todo índice linguístico é dêitico e, portanto, indexical. Essa reflexão pode servir a uma ampliação conceitual dos processos de referenciação, tal como têm sido formulados e empregados, nas análises textuais, em LT. Se, por exemplo, passarmos a admitir o caráter indexical dos dêiticos (entendidos, no âmbito da LT brasileira, como um tipo de processo referencial, ao lado da introdução e da anáfora), observando-os para além de uma lógica de progressão cotextual, as nossas práticas analíticas podem fazer jus a uma perspectiva *queer* da linguagem e do discurso, já que as identidades, neste trabalho, não são entendidas como produtos socioculturais, mas como processos de permanente instabilidade e ancoragem em fenômenos macrosociais, em histórias de uso da linguagem.

Nesta subseção, os trabalhos ilustrados preconizam que é possível produzir pesquisas multidisciplinares *sobre, para e com* dissidências sexuais e de gênero, nos estudos do discurso (Silva; Melo; Castro, 2017), nos quais se enquadram os estudos da LT. Face aos paradigmas epistemológicos acionados, ao invés da concepção de sujeito “clivado” entre consciente e inconsciente (Authier-Revuz, 1990), fundamental nas pesquisas de Brito (2010) e de Fonseca (2015), opto, neste estudo, pelas concepções de Butler (2015) e Borba (2014, 2020a): sujeito discursivo e não autoevidente. Essa concepção do paradigma *queer* é associada, no Capítulo 3, às definições de contexto e de prática identitária do sociocognitivismo.

A seguir, discuto, de forma breve, sobre os ambientes digitais enquanto locações de práticas de (re)engajamento identitárias das dissidências sexuais e de gênero.

2.3 AMBIENTES DIGITAIS: PRÁTICAS DE (RE)ENGAJAMENTO IDENTITÁRIAS

Para levar a efeito a ideia de que dissidências sexuais e de gênero encontram, em práticas textual-discursivas *online*, uma expansão maior de possibilidades para a reestruturação e/ou reengajamento de suas práticas identitárias, compreendo que seja necessário, *a priori*, estabelecer conexões entre as características dos ambientes digitais, da linguagem *online* e dos

ativismos digitais de grupos sociais minoritarizados. Além disso, também é importante pensar um pouco acerca das concepções de sujeito, identidade e contexto em práticas discursivas digitais que favorecem o campo político dos activismos *queer*.

A Internet talvez seja a maior e mais duradoura tecnologia digital do ciberespaço (Lévy, 2015). A *Web* (*World Wide Web*) foi criada, em 1989, pelo pesquisador sueco Tim Berners-Lee, e consistia em um sistema de informações que era livremente acessado pela conexão entre computadores do mundo inteiro. Nessa fase inicial, o conteúdo ali disponível podia apenas ser lido, mas não modificado. Conhecida, também, como “teia de informação”, a *Web* 1.0 permitia somente o acesso a páginas digitais estáticas e concedia pouquíssima interação aos usuários (Khantzode; Sarode, 2016).

Com o advento da *Web* 2.0, denominada, também, “teia de verbalização”, os ambientes digitais passaram a permitir a interação social em grande volume, já que os usuários poderiam não só ler, mas também produzir informações em rede. Como consequência disso, o número de *sites* criados aumentou significativamente em relação ao surgimento da *Web* 1.0, uma vez que a flexibilidade se tornou característica do *design*, da criação e da modificação dos conteúdos colaborativos (Khantzode; Sarode, 2016). De acordo com esses autores, novas formas de comunicação e de interação foram originadas, mas ainda não era possível, no início, um compartilhamento de informações entre plataformas *online* diferentes. Por essa razão, novos aperfeiçoamentos e/ou expansões foram sendo realizados.

Da *Web* 2.0 para a *Web* 3.0, os ambientes digitais, no que tange às relações sociais, passaram a agregar funções, atividades e serviços cada vez mais flexíveis e sofisticados, a saber: melhorias em gestão de dados, apoio à acessibilidade da internet móvel, organização da colaboração na *web* social, interconectividade entre plataformas, etc. Por sua vez, a *Web* 4.0 assegura uma transparência global na colaboração entre comunidades ligadas à indústria, à política e a outros grupos sociais. Por fim, o aprimoramento dessas gerações pela *Web* 5.0 e *Web* 6.0 se refletem na capacidade de interação do usuário, por exemplo, com conteúdo captável por *softwares* que reconhecem emoções (Khantzode; Sarode, 2016).

A evolução da internet permitiu a expansão de interações sociais em rede, da produção coletiva de conhecimento e da criação de comunidades ou redes sociais. Nos ambientes digitais, um tipo de atividade que se tornou comum e bastante recorrente com os aperfeiçoamentos desde a *Web* 2.0 até a *Web* 6.0 foi a possibilidade de divulgação de conteúdo, de forma independente e em larga escala. Vejamos a seguir um exemplo de conteúdo publicado na plataforma digital investigada neste trabalho:

Figura 2: Excerto de vídeo com entrevista do canal *Pheeno TV*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=azQlbq-9QgU>. Acesso em: 03 mar. 2023.

A Figura (2) ilustra a publicação de vídeos por criadores de conteúdo, no YouTube, e a publicação de comentários de seguidores (destacados pelo círculo em vermelho) de canais em resposta a esses vídeos. Essa plataforma digital é uma das esferas de interação e convivência do humano com os usos linguísticos *online*. Trata-se de um site de compartilhamento de vídeos, o qual foi criado no ano de 2005, ganhando, logo em seguida, bastante popularidade. Além de oferecer a possibilidade de *upload* de vídeos, o site também funciona como rede social (Burgess; Green, 2009 *apud* Barton; Lee, 2015), haja vista que há interação constante entre publicadores e leitores de conteúdos, bem como entre interlocutores de vídeos diferentes.

No YouTube, o tipo de interação mais frequente é o que acontece em comentários acerca dos vídeos disponibilizados nos canais. Estes, por sua vez, constituem comunidades digitais e redes colaborativas de sujeitos que compartilham experiências de forma diversificada. Nesse espaço de mediação semiótica *on-line*, permitido *a priori* pela conectividade do *software* e, em seguida, pelas ações discursivas dos sujeitos,

pressupõe-se a existência de um modelo sobre o modo de atuação no ambiente que diz respeito a como participar de uma discussão em rede social; quais recursos estão à disposição dos usuários; a quem dirigir a mensagem considerando o número indeterminado de usuários em interação na rede; como identificar retorno ao que foi publicado; que repercussão e implicações a publicação pode ganhar na rede (Elias; Cavalcante, 2017, p. 323-324).

A conexão digital é uma noção importante para se pensar as interações sociais e os processos de formação de comunidades *online*. Esse processo tem a ver com a *cibercultura*, a qual, segundo Lévy (2000), diz respeito a um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, atitudes e valores nos meandros do ciberespaço, constituindo, pois, um movimento social, cujas palavras de ordem são a interconexão, a criação de comunidades digitais e a inteligência coletiva (Roesler, 2012). Assim, essas comunidades costumam ser construídas com base em afinidades de interesses, de conhecimentos, de projetos mútuos, em um processo de cooperação, independentemente das proximidades geográficas (Lévy, 2000).

Nesse panorama, é coerente refletir sobre práticas textual-discursivas *online* que são produzidas, compartilhadas e administradas por grupos/comunidades sociais diversas. Não é difícil perceber que, pelo menos desde a última década, os ativismos digitais ou ciberativismos têm ampliado suas lutas, em grande medida, na extensão do ambiente *off-line* para o *online*, principalmente, no tocante às pautas identitárias. Segundo Castells (2007), o advento da internet, juntamente com a cibercultura, propiciou transformações culturais e identitárias na sociedade, além de ampliar os laços de solidariedade para além do contexto físico. Nessa linha de pensamento, Santos (2020) define:

O ciberativismo é entendido como sendo uma forma de uso da internet para a organização e operação de movimentos politicamente motivados (VEGH, 2003). Ativismo digital ou ciberativismo são termos que dizem respeito tanto a adesão a causas temporárias quanto a participação em movimentos sociais mais tradicionais. Com vistas a alcançar suas metas, o ciberativismo localiza mecanismos diversos e inovadores – redes sociais, blogs, isto é, espaços multimodais – para dinamizar seus movimentos na esfera pública. Com a expansão das sociedades de rede, os movimentos sociais entenderam que as mudanças só aconteceriam, de fato, com o apoio massivo da população. A percepção de que as reivindicações marginalizadas precisariam lutar por visibilidade no universo da indústria das mídias define uma mudança de paradigma dos modos de se fazer ativismo [...]. (Santos, 2020, p. 80-81).

Frente a isso, observo que há, no mundo contemporâneo, uma espécie de ruptura entre as fronteiras *online* e *off-line*, tal como se pensava no surgimento da *Web 1.0*. Isso significa que o ambiente digital, concebido por grupos de ativismos sociais, desde a *Web 2.0*, passou a ser um espaço mais amplo, uma esfera a mais de atuação e propagação das pautas políticas ligadas,

sobretudo, a questões identitárias. Como a autora acima comenta, a facilidade da produção e do compartilhamento de informações em rede pelos movimentos sociais feministas, negros, LGBTQIA+, etc. ajudou e ajuda a promover a expansão das lutas e do apoio de outros grupos sociais, inclusive, de parte daqueles anteriormente vistos como inimigos.

Tendo em vista a evolução das tecnologias digitais na sociedade contemporânea, não podemos mais imaginar uma separação entre vida real e vida virtual, principalmente, se forem observados os modos de atuação política em ambiente *online*, nos últimos anos. A esse respeito, Cunha (2021, p. 39) defende: “Se antes interessava discutir e estabelecer os limites entre uma vida real e outra virtual, hoje o que se evidencia é o rompimento dessas fronteiras, a dissolução da vida real na virtual e vice-versa”. Assim sendo, os sujeitos sociais, hoje, flutuam entre cenários digitais e não digitais, aliançados por questões discursivas, políticas, econômicas, culturais e interacionais variadas e complexas. Com efeito, o que há é uma crescente produção de contextos fragmentados, bem como de identidades subversivas (Butler, 2015).

Vivenciamos, portanto, uma era *pós-digital* (Blommaert, 2020), uma vez que, com a hibridização dos sistemas midiáticos e as tendências de universalização de redes sem fio (Silva, 2020b), “as infraestruturas digitais tornaram-se parte do que é convencionalmente descrito como ‘estrutura social’” (Blommaert, 2020, p. 1). Esses espaços públicos *online*, portanto, são extensões da vida *off-line*, nos quais, os sujeitos sociais encontram possibilidades cada vez mais flexíveis e heterogêneas de interação e construção de identidades. Acerca disso, Barton e Lee (2015, p. 29-30) dizem que “a internet e suas novas mídias produziram mudanças na linguagem e em seu uso de um modo sem precedentes [...]. Novas mídias fornecem diferentes relações entre pessoas e tecnologias, dando origem a novas *potencialidades*”.

Com base nesse cenário, os autores apontam algumas razões que devem motivar as pesquisas linguísticas e justificar o estudo do universo *online* por parte de linguistas para uma compreensão mais abrangente da linguagem. A saber: i) o mundo é cada vez mais mediado pelo texto, e a *web* é parte essencial dessa mediação; ii) conceitos linguísticos básicos estão mudando de significado, tornando-se necessário um novo conjunto de conceitos; iii) recursos linguísticos são mobilizados para afirmar novas identidades e representar o eu em espaços *online*; iv) as pessoas combinam recursos semióticos de novas maneiras e inventam novas relações entre linguagem e outros modos de construção de sentidos; v) a linguagem é central nas novas formas de criação de conhecimento e novas formas de investigação (Barton; Lee, 2015, p. 29).

Tal como Rajagopalan (2003) preconiza a ampliação e/ou reestruturação dos conceitos e categorias de estudo com que operamos, nas investigações linguísticas, a fim de dar conta de uma visada ética e crítica nesse campo de estudos, Barton e Lee (2015) também defendem que,

hoje, nossos arcabouços teórico-metodológicos precisam ser redefinidos face a novas formas de comunicação e aos modelamentos contextuais que medeiam as práticas discursivas digitais dos sujeitos sociais. Essas dinâmicas têm contribuído para reforçar ou remodelar formas antigas de ativismo, facilitando a ampliação de disputas ideológicas. Nesse sentido, podemos, também, definir

[...] o ciberespaço como um território em que signos são negociados, todos eles passíveis de deslizamentos e estabilizações. Nesse sentido, consideramos que o crescente uso dos meios digitais abriu caminhos para fins diversos. Entre eles, a reunião massiva de pessoas engajadas com sentidos de resistência e luta. (Cunha, 2021, p. 39).

Por esses termos, Barton e Lee (2015) entendem que a vida *online* e a vida *off-line* estão justapostas, já que os usos da linguagem *online* têm evidenciado cada vez mais a ampliação das identidades por papéis sociais dos sujeitos. Isso significa que a desconstrução da separação entre identidades *online* e *off-line* se materializa nos ambientes digitais contemporâneos. Com efeito, a autorrepresentação *online* é identificada como um aspecto-chave do mundo digital (Crandall, 2007 apud Barton; Lee, 2015), uma vez que as pessoas desempenham/constroem diferentes traços identitários conforme suas necessidades e objetivos, em diferentes contextos.

Em tal perspectiva, Silva (2020b) observa que, enquanto uma atividade móvel e multidimensional, a produção de significados, em práticas discursivas *online*, promove o estreitamento de fronteiras, o que recai sobre a questão do contexto atrelada à propriedade indexical da linguagem:

Esse [fator] faz alusão a natureza imbricada e constitutiva do funcionamento de diferentes níveis dos processos de significação, desfazendo binarismos tradicionais que regulam o modo de compreender o problema do significado nos estudos da linguagem, a exemplo das referências à dimensão local e à dimensão global da questão contextual. Ou seja, enquanto perspectivas imobilistas e unidimensionais invocam a categoria contexto para produzir explanações analíticas sobre discursos que hora privilegiam isoladamente sua dimensão emergente (instável), e hora o fazem em relação à sua dimensão mais estruturada (estável), numa perspectiva indexical da significação esses dois planos são encarados como camadas sobrepostas e articuladas. (Silva, 2020b, p. 1181).

Como será visto no Capítulo 3, a concepção de contexto aqui assumida leva em conta a articulação das dimensões local e global. Por seu caráter multilinear e instável, no que concerne, principalmente, aos “fluxos semiótico-identitários ocasionados pela digitalização da vida na *web*” (Silva, 2020b, p. 1180), os ambientes digitais, creio eu, viabilizam a expansão de

(re)construções identitárias de sujeitos sociais minoritarizados, a exemplo de dissidências sexuais e de gênero, em face de suas dimensões discursivas, sociocognitivas e políticas. Nessas locações digitais, atividades textuais de descontextualização e recontextualização possibilitam que, com maior velocidade, sujeitos dissidentes amplifiquem suas audiências, suas trajetórias identitárias e seus repertórios ideológicos atinentes a comunidades epistêmicas.

No próximo capítulo, apresento as bases epistemológicas do sociocognitivismo, de modo a retomar questões discutidas até aqui e a formalizar os construtos teórico-analíticos desta pesquisa a partir de sua visada crítica e multidisciplinar.

3 SOCIOCOGNITIVISMO: PARADIGMA CONTEXTUAL EM LINGUAGEM

[...] a linguagem não se realiza fora dos contextos sociais e dos eventos discursivos, visto que a construção e o entendimento do texto dependem sempre do conhecimento partilhado pelos sujeitos. Essas ações conjuntas envolvem, portanto, uma dimensão cognitiva e social.

GERALDA LIMA (2008, p. 234-235).

Neste último capítulo teórico, meu propósito é apresentar a proposta do sociocognitivismo e seus conceitos: episódio comunicativo, situação, modelos de contexto, sujeito e identidade. Faço uma revisão dos estudos cognitivos nos estudos linguísticos e, mais especificamente, na LT. No meio do percurso, são apresentados alguns conceitos de interação, além da crítica de Van Dijk a perspectivas unidirecionais (exclusivamente cognitivas ou sociais). Nesse sentido, os modelos de contexto são definidos e discutidos como a base da abordagem sociocognitiva, que busca interligar discurso, cognição e sociedade. Por fim, após ter vinculado a teoria enunciativa com categorias contextuais e prática identitária, procuro discutir, brevemente, os pontos de convergência entre a LT, o sociocognitivismo e a LQ.

3.1 A COGNIÇÃO SOCIAL

Em *Do cognitivismo ao sociocognitivismo*, Koch e Cunha-Lima (2011 [2004]) fazem uma resenha dos principais temas estudados por diversas áreas do conhecimento sobre a relação entre linguagem, cognição e vida social. Elas começam por dizer que ainda não há um programa de pesquisa bem definido sobre a cognição social. No caso da Linguística, a qual desde cedo se interessou pelos estudos da mente ligados ao funcionamento da linguagem, essa realidade é, ainda, patente.

De acordo com essas autoras, as ciências cognitivas clássicas surgiram na década de 1950 como uma reação contrária ao behaviorismo, que se interessava pelo estudo do comportamento humano observável, sem preocupação alguma pelas questões mentais e subjetivas, visto que o funcionamento da mente seria algo impossível para a investigação científica. Para os behavioristas, embora fosse instigante descobrir esse funcionamento, o método científico disponível no momento não daria conta da tarefa.

Van Dijk (2020 [2008]), em *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*, aponta que a falta de interesse na cognição está, historicamente, em muitas disciplinas

científicas, por esse e outros motivos. Em primeiro lugar, elas compreendiam/compreendem que a atividade cognitiva não pode ser estudada, justamente por considerá-la inacessível. Em segundo lugar, a postura antimentalista de várias disciplinas está no fato de privilegiarem a ação e os fatores sociais, externos, isolados dos processos mentais. Um exemplo disso são os estudos de John Rupert Firth (1930, 1968) e de Bronislaw Malinowski (1956), os quais originaram a Linguística Sistêmico-Funcional.

Contrariamente, o cognitivismo clássico deu início a procedimentos investigativos que tentavam responder a certas perguntas: “Como o conhecimento está representado e estruturado na mente? [...] Como a mente se estrutura, ela é dividida em partes independentes que se coordenam ou existe conexão entre todas as partes? Qual a origem dos nossos conhecimentos, são eles inatos ou derivam da experiência?” (Koch; Cunha-Lima, 2011, p. 252). Esses tipos de questionamento eram direcionados mais para o processamento mental do que para os aspectos sociais, visto que se acreditava na radical oposição entre mente e corpo, conforme perspectiva cartesiana.

Para desenvolver estratégias de investigação, os cognitivistas clássicos partiram das inovações apresentadas pela Lógica, o que levou à inserção dos processos inteligentes, da mente e do conhecimento na seara científica. Segundo o pensamento da época, “fornecer modelos cognitivamente plausíveis, ou cognitivamente motivados, de diversas capacidades humanas passou a ser uma preocupação para muitos pesquisadores” (Koch; Cunha-Lima, 2011, p. 253). Assim, o computador, associado ao raciocínio lógico-matemático, seria, anos mais tarde, um instrumento de simulação da mente humana.

Na primeira metade do século XX, o cognitivismo clássico se caracterizou por duas fases principais: a cibernética e a Inteligência Artificial. De acordo com as autoras, na fase inicial, várias disciplinas contribuíram para o projeto cognitivista, tais como a Psicologia, a Ciência da Informação, as Neurociências e a Linguística, pois acreditavam que o cérebro era uma máquina, uma espécie de processador de tipo binário. Este, por seu turno, seria capaz de reproduzir o funcionamento da mente humana. A rede neural era simulada por conexões de neurônios artificiais que poderiam realizar várias operações funcionais, visando a um modelo ideal para a descrição da mente.

A fase inicial da cibernética compreendia tentativas diversas de construção de modelos computacionais, sendo dois deles o modelo conexionista e o modelo serial. O primeiro era assim chamado porque conseguia funcionar em máquinas diferentes, de forma a reproduzir as conexões entre neurônios artificiais. Já o segundo modelo foi considerado melhor, pois fazia uma descrição mais lógica por meio de regras executadas sobre uma memória de trabalho. Este

realizava raciocínios complexos, diferentemente do modelo conexionista (Koch; Cunha-Lima, 2011).

As autoras mencionam que, para muitos estudiosos das duas fases, o objetivo de compreender o pensamento consistia em explicar o raciocínio lógico-matemático. Portanto, “pensar” seria igual a “calcular”, designando, de imediato, uma atividade mecânica que o ser humano apreenderia através da Lógica, da Matemática e da Física. Como a mente e o corpo eram concebidos separadamente, uma questão que instigava os cognitivistas clássicos era saber como fenômenos externos podem ser representados e manipulados na/pela mente. Acreditava-se que as coisas do mundo sofrem representação interna por meio de símbolos.

Por sua vez, a fase inicial da Inteligência Artificial prosseguiu com algumas conclusões da cibernética. Esforços ainda maiores foram postos na crença de que processadores seriais paralelos poderiam recriar o comportamento inteligente humano. Koch e Cunha-Lima (2011, p. 266) detalham: “O pressuposto básico desse projeto científico é o de que reproduzir um comportamento (ou modelá-lo [...]) é entendê-lo”. Para que as máquinas elaboradas pudessem atender a essa demanda, seriam necessários alguns procedimentos: i) especificar a tarefa; ii) estabelecer os conhecimentos necessários para a tarefa; iii) definir o modo de codificação desses conhecimentos; iv) especificar a sequência dos passos envolvidos.

O projeto cognitivista clássico, apesar de promissor e confiante em muitas de suas etapas de desenvolvimento, chegou ao final do século XX sem conceder as respostas satisfatórias sobre os problemas da percepção visual, do controle motor e da linguagem. Isso se deu, *a priori*, porque suas hipóteses estavam restritas a paradigmas muito formais e lógicos. Por outro lado, a inadequação geral dos modelos de pesquisa construídos não correspondia ao comportamento inteligente tal como ocorre no ser humano (Koch; Cunha-Lima, 2011).

Vinte anos após a publicação do texto dessas linguistas, é inegável que os avanços tecnológicos da Inteligência Artificial continuaram a dar bons frutos, mas meu interesse aqui é não aprofundar a discussão sobre isso, tanto por questão de espaço quanto por falta de foco em relação a esta pesquisa. Fato é que de lá para cá passou a ser ignorada a ideia de que uma criação da computação serviria como modelo da mente humana. A questão do processamento mental como representação e manipulação de símbolos já não fazia mais sentido, visto que, segundo Koch e Cunha-Lima (2011), pelo menos na Lógica e na Matemática, símbolos são elementos estáveis e imutáveis, ao contrário dos sistemas cognitivos naturais, que são flexíveis, adaptáveis e têm a capacidade de adquirir aprendizado.

Por esse prisma, conforme as autoras, o cognitivismo clássico foi abalado em três pontos importantes, relativos aos seus princípios explicativos e pressupostos básicos acerca da mente.

A saber: i) a computação não é necessariamente simbólica; ii) mente e corpo não são duas entidades opostas e estanques; iii) a cognição é um fenômeno situado e social. Esses aspectos foram discutidos no Capítulo 1. E pode parecer óbvio, e até redundante, hoje, fazer essas afirmações, mas não o era para as teorias cognitivas de primeira fase. Parte significativa das mudanças ocorridas em torno dos estudos sobre a mente diz respeito à tradicional separação entre as ciências cognitivas e as ciências sociais.

Van Dijk (2020) comenta que muitas correntes científicas, a exemplo da Linguística Sistêmico-Funcional, são incompletas até hoje porque trazem o legado de ciências sociais clássicas de postura anticognitivista. Exclusivamente adeptas das teorias da ação social, várias abordagens ignoram os conceitos mentais, isto é, desprezam o uso de conhecimentos e as interpretações psicológicas nos sistemas sociais. Koch e Cunha-Lima (2011) concordam com isso ao sinalizarem que, por muito tempo, o diálogo entre os dois campos científicos sempre foi difícil, já que muitos estudiosos não consideravam a ligação existente entre cognição e vida social.

Em outro estudo, Van Dijk (2016), ao mencionar a relação de mútua constituição entre discurso, cognição e sociedade, defende que o estudo da linguagem implica compreender que os processos cognitivos não são estanques dos sujeitos que atuam, coletivamente, em atividades sucessivas e simultâneas, (re)construindo conhecimentos sobre a realidade sociocultural. Então, não existe prática discursiva sem o uso de vários tipos de conhecimentos partilhados entre sujeitos sociais, e o elo entre discurso e sociedade só pode ser explicado por uma dimensão cognitiva. Nos estudos linguísticos, e, também, em LT, isso condiz com o fundamento comum de que a língua existe porque existem falantes em função de ações (Morato, 2011) discursivas, cognitivas e sociais (Beaugrande, 1997).

Participar dos eventos comunicativos constitui um tipo de ação conjunta guiado pela base comum. Van Dijk (2020), fundamentado em Clark (1981, 1996), diz que a Base Comum (BC) é um conjunto de conhecimentos, crenças e representações acumulados e compartilhados pelos sujeitos ao longo das ações conjuntas. São partes constitutivas de uma BC: a BC Inicial, o Estado Corrente da atividade conjunta e os Eventos Públicos até o momento presente da interação. Koch e Cunha-Lima (2011), também, baseadas no estudo de Clark (1992), comentam que os conhecimentos têm três origens principais: i) a *comunidade* da qual os sujeitos participam; ii) os *conhecimentos* comuns supostamente partilhados pela comunidade; iii) os *laços em comum* construídos e as *experiências* compartilhadas por membros da comunidade.

A formação de comunidades e de conhecimentos por meio de laços em comum e de experiências partilhadas têm a ver, conforme Barton e Lee (2015), com os aspectos da intensa

participação social em ambientes digitais: colaboração, interatividade e coenunciação. Tudo o que é feito e dito, nessas ações conjuntas, constitui um grande repositório de informações que impregnam as atividades cognitivas de cada comunidade e de cada membro dela. Por isso, Van Dijk (2020) fala da existência de uma BC da comunidade e de outra, a BC pessoal, porque os conhecimentos e as experiências dos participantes da interação tanto podem coincidir quanto podem divergir. São construções cognitivas não apenas coletivas, mas também pessoais.

Convém assinalar que toda atividade sociocognitiva, a exemplo do processamento textual, envolve a interação, a atenção e o compartilhar de conhecimentos e experiências, visto que as práticas de linguagem não compõem um conjunto de atos individuais e independentes. Por isso, os tipos de interação, de papéis e de conhecimentos podem variar a cada evento comunicativo (texto). *A priori*, as interações podem ser flexíveis ou dinâmicas, ritualísticas ou previsíveis, “focalizadas” ou “não focalizadas” (Goffman, 1961 *apud* Morato, 2011). Por sua vez, os papéis dos participantes podem ser simétricos ou assimétricos. Já os conhecimentos e as experiências, armazenados na memória de longo prazo, podem ser do tipo procedural e enciclopédico (Cf. Capítulo 1).

Nesse panorama, compreendo que o aparato sociocognitivista incorpora aos eventos comunicativos (textos/discursos) o caráter dinâmico e variável das interações, em contextos reais de uso da língua, com o uso constante de conhecimentos prévios e compartilhados. Os textos, enquanto formas de cognição social (Koch, 2002, 2018), devem ser analisados, descritos e explicados sob a perspectiva das atividades de coconstrução dos conhecimentos dos sujeitos, ao invés das atividades de processamento, já que o estudo da cognição não mais se reporta ao nível da mente do indivíduo, isolado de um contexto sócio-histórico (Marcuschi, 2003).

Falar de contexto, então, implica que não se podem separar radicalmente linguagem e situação comunicativa, texto e contexto, pois seus limites não são nítidos nem intransponíveis. Muita confusão epistemológica tem sido feita sobre a relação entre texto e contexto, e uma das justificativas repousa na crença da polarização extrema entre aspectos “internos” e “externos” do cognitivismo clássico. Para Duranti e Goodwin (1992), citados por Koch e Cunha-Lima (2011), toda atividade linguística envolve um evento focal e um campo de ação desse evento, os quais sugerem a existência de dimensões contextuais diferentes (o lugar, os participantes, os meios utilizados, os recursos extralinguísticos, os textos, os conhecimentos partilhados). Esses níveis da atividade sociocognitiva e interacional são complementares e estão entrelaçados.

A propósito, uma provável separação entre texto e contexto só interessa, precisamente, a investigações teóricas e metodológicas. Nesta pesquisa, chamo atenção para os conceitos apresentados por Van Dijk (2020, p. 46):

- Episódio social = interação social + situação social;
- Situação social = entorno social relevante da interação social;
- Episódio comunicativo = discurso + situação comunicativa;
- Situação comunicativa = entorno relevante do discurso;
- Contexto-I = modelo mental subjetivo do episódio comunicativo;
- Contexto-E = modelo mental subjetivo da situação comunicativa.

Focalizo somente os conceitos de *episódio comunicativo*, de *contexto-I* e de *contexto-E*. Em primeiro lugar, os episódios comunicativos ou interacionais são fragmentos cotidianos que acontecem em situações de comunicação autênticas e “que consistem em fala, texto ou outra interação social, mais as propriedades relevantes da situação social, tais como o tempo, o lugar, os papéis e relações sociais, os objetivos e o conhecimento” (Van Dijk, 2020, p. 46). Esse episódio corresponde à noção de texto defendida por Cavalcante *et al.* (2019): evento/enunciado comunicativo, instável e irrepetível, reconhecível por uma unidade de sentido, num contexto sócio-histórico. Influenciado, também, por Van Dijk, posso sintetizar a definição de texto como evento comunicativo que ocorre com o ato de dizer/enunciar algo num entorno físico. Texto é aquilo que acontece em uma enunciação.

A princípio, essa definição de texto parece estar incompleta, se observados os outros aspectos da concepção de Van Dijk (2020). Porém, compreendo que o autor chama atenção para o fato de que é preciso separar bem as coisas quando se faz um estudo contextual, já que ele mesmo diferencia episódio comunicativo (texto) de contexto. A divisão do “contexto” em dois tipos (contexto-I e contexto-E) explicita a proposta sociocognitiva e multidisciplinar desse estudioso. Portanto, diferentemente da situação social e da situação comunicativa, o *contexto-I* compreende “uma noção *inclusiva* de contexto [...], isto é, uma noção que inclui a representação mental [do sujeito sobre] a interação em curso” (Van Dijk, 2020, p. 46).

Já o *contexto-E* concerne a uma visão *exclusiva*, ou seja, trata-se de um modelo do entorno situacional da interação. Em seu estudo, o autor focaliza esse conceito, concebendo-o como “o modelo dos entornos situacionais do discurso, excluído o próprio discurso, para poder mostrar como esses entornos situacionais podem influenciar o discurso via modelos mentais” (Van Dijk, 2020, p. 47). Face a essas definições, percebo que, em termos teórico-analíticos, o episódio comunicativo pode englobar os dois tipos de contexto, uma vez que as construções subjetivas dos usuários da língua são sobre as propriedades dos entornos situacionais e

discursivos. Creio que um modo de acercar as construções cognitivas dos sujeitos pode ser a análise de “pistas de contextualização”, tanto as apontadas por Gumperz (2002 [1992], p. 152) quanto as de referenciação, indexicalidade, intertextualidade, organização tópica, etc.

Para Van Dijk (2020), tratar de cognição social é tratar de contexto. Nesse caso, o contexto pode ser entendido, a princípio, como modelo subjetivo dos participantes da interação, no curso de suas ações conjuntas e sociais. Ao lamentar a escassez de estudos sistemáticos sobre o “contexto”, em ciências humanas e sociais, o autor reivindica uma teoria multidisciplinar do contexto, apontando, pois, os principais pressupostos: i) os contextos são construtos subjetivos dos participantes; ii) são experiências únicas; iii) são modelos mentais; iv) são um tipo específico de modelo da experiência; v) são esquemáticos; vi) controlam a produção e a compreensão do discurso; vii) têm bases sociais; viii) são dinâmicos; ix) são, frequentemente, amplamente planejados; x) são culturalmente variáveis; xi) são o ‘centro do meu/nosso mundo’.

Ao lado de tais princípios teóricos, os contextos, também, têm funções pragmáticas, trabalham com as propriedades da relevância e da adequação, além de estarem associados a diferentes domínios discursivos, políticos e socioculturais. Tendo por base os conceitos de episódios (social e comunicativo), situações (social e comunicativa) e contextos (inclusivo e exclusivo), Van Dijk (2020) vai trabalhar com a teoria da cognição social por meio da noção de *modelos de contexto*.

3.2 OS MODELOS DE CONTEXTO

No prefácio de seu *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*, Van Dijk (2020 [2008]) apresenta a necessidade urgente de um estudo teórico do contexto como categoria de análise. Segundo ele, o “contexto”, apesar de figurar como importante na longa tradição dos estudos humanísticos, linguísticos e sociais, sempre foi limitado àquilo que serve como “pano de fundo” ao discurso. Comenta que até o momento somente as pesquisas em Etnografia da Fala e em Antropologia Linguística souberam dar um tratamento óbvio do contexto como um componente dos eventos comunicativos, isto é, dos textos/discursos.

De acordo com a longa pesquisa feita para essa obra, Van Dijk (2020) aponta que pouquíssimos estudos tratam do contexto como conjunto de restrições e consequências em relação ao discurso, e sua maioria enfoca apenas o discurso, concebendo o “contexto” como um aspecto que contribui para a compreensão/análise dos discursos. Vejo que esse tratamento é muito comum, em LT, cujos estudos contemporâneos se dizem contextuais, quando, na verdade, sob olhar minucioso, o contexto é descrito somente em termos de sistemas de conhecimentos (linguístico, enciclopédico, interacional).

Todavia, “contexto” e “sistemas de conhecimento” (ou Base Comum), como definidos nas subseções 1.4 e 3.1, são componentes intrínsecos à abordagem sociocognitivista, mas não são sinônimos. Na proposta teórica desse autor, o contexto é algo muito maior que o “pano de fundo” do discurso, mais amplo que os conhecimentos participantes de sua construção. Por isso, ao convocar várias perspectivas epistemológicas para um diálogo, o autor entende a necessidade de uma abordagem de contexto multidisciplinar, que possa tornar sistemático o estudo dos elementos das situações comunicativas dos textos/discursos por meio do critério de relevância atribuído pelos sujeitos.

Ao adentrar o projeto de construção dessa abordagem, ele se contrapõe a um legado de abordagens linguísticas de base funcionalista, enunciativa e discursiva: “Não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciada por ele) mas a maneira como os participantes [da interação] definem essa situação” (Van Dijk, 2020, p. 11). Durante muito tempo, defendeu-se tal concepção de contexto, mesmo naqueles estudos assumidamente cognitivos. Para o autor, essa postura sempre foi limitada, visto que, por um lado, eles nada tinham de cognitivo e, por outro, nenhum conseguiu oferecer descrições e análises efetivamente contextuais.

Em primeiro lugar, o autor defende que os contextos não podem ser tomados como condições ou restrições sociais objetivas, mas enquanto construtos dos participantes da interação discursiva. Por isso, ele procura evitar o positivismo, o realismo e o determinismo sociais dos quais tanto usufruíram as abordagens sociológicas, como também outros domínios do conhecimento científico. Inclusive, nos ECD, essa é uma grande diferença entre a abordagem de Van Dijk e as dos demais autores, que costumam adotar um paradigma marxista no estudo das práticas sociais (estrutura social causal, determinística). Já em LT, desde os anos 1990, por exemplo, defende-se uma postura sociocognitivista, quando, na verdade, até aqui se fizeram estudos quase exclusivamente interacionais, calcados em postulados da Análise da Conversação e/ou de outras vertentes do Interacionismo (Morato, 2011).

Na obra complementar ao estudo do contexto, intitulada *Sociedad y discurso: cómo influyen los contextos sociales sobre el texto y la conversación*, Van Dijk (2013 [2008]) trata o interacionismo como uma lamentável ideologia reducionista que, junto ao behaviorismo, sustentou a falácia positivista da “observação”, em várias disciplinas científicas, durante anos. Segundo o autor, posturas antimentalistas, decorrentes da separação entre as ciências sociais e as ciências cognitivas, compartilham há muito o pressuposto de que o uso e a análise do discurso são feitos com interpretação e conhecimento por parte de sujeitos sociais. Isso é contraditório, pois estruturas e significados não são “observáveis” sem um fundamento de natureza cognitiva.

Situando-se nos ECD, esse pesquisador justifica que, no entanto, sua perspectiva não contraria o interacionismo por completo. Por isso, faz algumas ressalvas:

Os estudos críticos do discurso têm destacado que isso [mera análise da conversação ou da interação “observável”] também é assim quando consideramos os participantes como meros falantes e não como atores sociais que trazem consigo suas identidades ou papéis sociais ou suas relações de poder quando participam num evento comunicativo. A teoria de contexto [...] está de acordo com essa crítica ao interacionismo livre de contexto social. [...] não é incompatível com os enfoques interacionais que se empregam atualmente em muitas ciências sociais. [...] amplia os enfoques livres de contexto do texto e da fala articulando um marco multidisciplinar que oferece um vínculo necessário entre discurso, cognição e sociedade. (Van Dijk, 2013 [2008], p. 11, tradução minha).

A partir do panorama observado, ele situa o foco de sua abordagem: os modelos de contexto. Com base nisso, quatro dos pressupostos básicos, expostos por mim na subseção anterior, são cruciais aqui: i) os contextos são construtos subjetivos dos participantes; ii) são experiências únicas; iii) são modelos mentais; iv) são um tipo específico de modelos da experiência. Assentado em pressupostos das Psicologia Social e Cognitiva, ele começa por defender os modelos de contexto como modelos mentais das propriedades relevantes da situação social e comunicativa por parte dos atores sociais, dos usuários da língua.

Diante desse quadro, propõe-se a detalhar a teoria dos modelos de contexto como um tipo especial dos modelos da experiência cotidiana, o que implica que os usuários da língua não só processam o discurso, mas também constroem, dinamicamente, sua análise e interpretação subjetiva *online*. Por essa razão, o autor lamenta a ausência de uma teoria cognitiva de conjunto sobre o contexto como um tipo de modelo mental, na Psicologia. Nos estudos desta área, tem-se focalizado mais a relação entre estruturas do discurso e representações subjacentes a ele ou a modelos mentais (modelos de situação) de eventos ou situações mencionadas, mas não a interpretação (inter)subjetiva da situação de interação dos participantes.

As primeiras propostas sobre propriedades gerais dos modelos mentais, segundo Van Dijk (2020), surgiram com Kenneth Craik (1943) e sua abordagem sobre os “modelos em escala reduzida” do mundo. Só depois, no início dos anos 1980, em quadros teóricos distintos, Johnson-Laird (1983) propôs o estudo de modelos mentais com o intento de encontrar soluções para problemas de inferência. Por sua vez, Van Dijk e Kintsch (1983) propuseram teoricamente os modelos mentais para o uso da língua e o discurso. Eram entendidos como “modelos de situação” e serviam para explicar a compreensão do discurso por parte dos sujeitos via múltiplas estratégias limitadas a algum tipo de representação mental. Assim sendo, os sentidos de textos locais e globais eram referentes apenas ao tema e ao assunto da interação discursiva.

Procurando ampliar essa perspectiva de relação, Van Dijk (2020) argumenta que, além da construção de sentido dos textos, os usuários da língua também constroem modelos mentais dos eventos que são assuntos desses textos, pois os modelos são relativamente significativos para os participantes da interação, de modo que as interpretações particulares que fazem das situações comunicativas não tendem sempre a coincidir. Por isso, em consonância com o autor, faz-se necessária a atenção a diferentes formas de coerência semântica, baseadas em modelos mentais, assim como àquela coerência construída por meio de pistas contextuais via cotexto.

Na esteira das definições teóricas desse estudioso, os modelos de contexto como modelos mentais são construções/interpretações subjetivas daquelas propriedades da situação sociocomunicativa que são relevantes para os usuários da língua. Ao participarem dela, ativa e dinamicamente, os atores sociais procedem a construções de sentidos dos discursos sobre as suas próprias experiências e os eventos cotidianos. Quando se referem a tais experiências, eventos e situações passadas, esses sujeitos modelam a si mesmos, bem como outros aspectos da situação social do momento.

Nesse sentido, os modelos mentais são únicos, pessoais e subjetivos, mas com restrições objetivas, visto que os usuários da língua constroem e interpretam, cada qual a seu modo, eventos do dia a dia, com base em objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias. Além desses condicionamentos subjetivos, os modelos de contexto também sofrem influências de condicionamentos “objetivos”, como a percepção de propriedades físicas, das pessoas, etc. Isto é, esses modelos também têm dimensões sociais e intersubjetivas relevantes. Nessa teoria, conforme Van Dijk (2013), seria importante investigar como se dá o impacto dessa percepção da objetividade na construção cognitiva dos usuários da língua.

Como os modelos de contextos se tornam a interface fundamental numa relação entre os modelos mentais e os discursos sobre os eventos da experiência cotidiana, ele comenta que ambos se definem frequentemente por esquemas de experiências repetidas. O modelo mental de um texto ou de uma situação social é único, mas isso não significa que sua estrutura abstrata não seja definida também objetivamente pelas percepções acumuladas dos sujeitos. Por isso, esse modelo cognitivo não retoma somente os fatos sob a perspectiva dos participantes do evento comunicativo (texto), mas também mobiliza significados sobre as opiniões e as emoções deles.

Tanto as experiências cotidianas quanto os modelos abstratos de eventos que as constituem encontram-se armazenados na Memória Episódica, que é uma parte da Memória de Longo Termo. Em conformidade com o autor, tanto derivamos quanto construímos das nossas memórias pessoais unidades ou tópicos mais globais a partir de detalhes de um texto: formamos

modelos globais por meio de trechos de modelos locais sob abstração, generalização e contextualização das experiências diárias. Com isso, formamos nossa autobiografia mental como uma coleção de modelos mentais, um conjunto de experiências pessoais da vida inteira.

Ao detalhar a formação dos modelos de contexto como modelos mentais, Van Dijk (2020) afirma que estes, por seu caráter egocêntrico, condizem com o fato de que nós, usuários da língua e sujeitos sociais, temos uma memória autobiográfica ou um conhecimento pessoal de um tipo mais abstrato que pode ser acessível e acessado por muito tempo. São memórias pessoais ou autobiográficas que se alocam na Memória Episódica, ao passo que a Memória Semântica (ou Memória Social), entrelaçada a elas, é responsável por armazenar conhecimentos gerais e abstratos da vida sociocultural.

Assim sendo, esse estudioso segue defendendo que aquilo que está armazenado em nossos modelos mentais mais duráveis não é só a maneira como produzimos e compreendemos o discurso, mas também, e principalmente, todas as nossas experiências pessoais segundo os “enquadres” (Goffman, 2002 [1974]) de representação na memória episódica. Isso significa que os modelos mentais possuem estratégias de construção do contexto intrínsecas à modelagem da vida de todos os dias, de onde emerge a contribuição das rotinas, que promovem o ordenamento das experiências ao nos permitirem fazer um balanço das coisas mais ou menos relevantes frente à necessidade de unicidade e/ou de variação nos eventos cotidianos.

Tendo chegado a este ponto, os pressupostos teóricos de Van Dijk (2020) assinalam que há modelos mentais distintos para situações, acontecimentos, processos e ações divergentes, o que não torna a estrutura interna deles algo totalmente arbitrário, mas organizado por um número limitado de categorias fixas, isto é, esquemas de modelos de contextos, que, de forma multifacetada, podem contar com dimensões de espaço, tempo, protagonistas, eventos/ações, intenção, causação, etc. Penso, então, que esses modelos lidam com dimensões arbitrárias e estabilizadas, ao mesmo tempo.

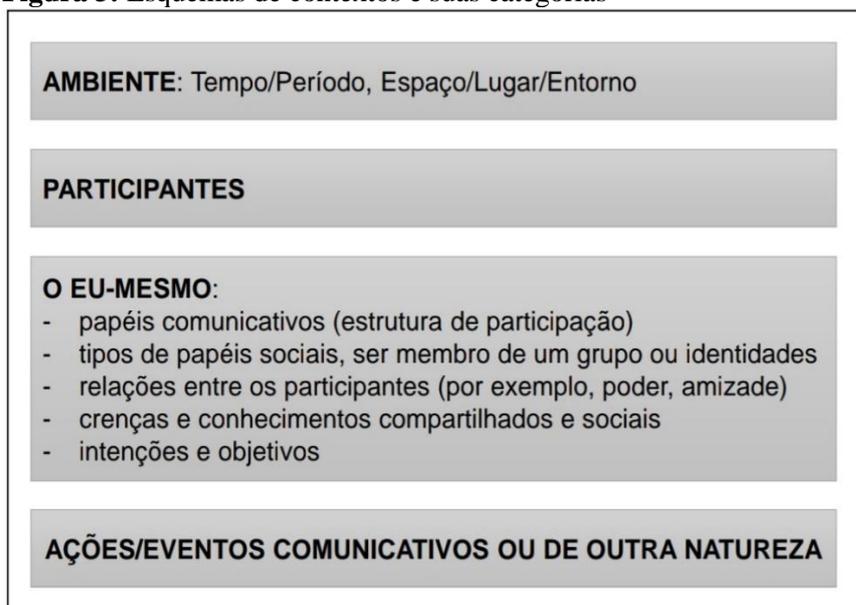
O autor comenta que há várias categorias de estudo da Psicologia Social que também são relevantes para uma teoria sociocognitiva do contexto, a saber: situações sociais, atores, crenças, interações, grupos, noções de linguagem, discurso e comunicação. Tais aspectos, de acordo com sua opinião, podem ser combinados para que se façam as relações entre o enfoque cognitivo e as análises social e cultural. Entendo, pois, que tal articulação busca atender a uma análise mais complexa e profunda dos contextos dos atores sociais e, por que não, também de suas identidades sociais e discursivas.

Segundo Van Dijk (2020), os modelos não estão restritos à dimensão local ou à microestrutura da produção/compreensão do discurso. Antes de descrever os esquemas dos

modelos de contextos, ele apresenta duas de suas primeiras propriedades: os contextos locais e os contextos globais. Para o autor, a teoria da macroestrutura explica que a representação mental de eventos se dá nessas duas propriedades contextuais em vários níveis de granularidade e de especificidade. Portanto, o processamento textual ocorre no nível local, mas com macrocontrole (memória de trabalho de longo termo). Isso permite que, a cada estágio do processamento e da construção contextual, alguns níveis da estrutura social se tornem relevantes e, ao serem mobilizados pelo sujeito, influenciem a produção discursiva.

Nesse aparato conceptual, o autor argumenta que os contextos são continuamente organizados em grandes unidades cognitivas que se tornam relevantes para o controle local no nível da microestrutura. Desse modo, a relação entre microestruturas e macroestruturas sociais e seu controle no discurso é uma construção cognitiva dos participantes da interação. Com efeito, os esquemas de modelos de contextos comportam categorias fixas que lidam com os níveis local e global de representação e construção, conforme a Figura (3):

Figura 3: Esquemas de contextos e suas categorias



Fonte: Van Dijk (2020, p. 113-114).

De acordo com a Figura (3), o autor menciona que os modelos de contexto são subjetivos e egocêntricos, visto que constituem um tipo específico de modelos da experiência, através dos quais os participantes podem construir e reconstruir o “Eu”. A categoria central dos esquemas de modelos de contexto é o “Eu-mesmo”, o que o atrela à autoconsciência, à autorrepresentação e à subjetividade, mas, creio eu, não de forma determinística, essencialista. Desse modo, as experiências pessoais do usuário da língua são caracterizadas por algum tipo de representação

que ele tem de si mesmo, derivando, assim, várias identidades em forma de um “autoesquema”, quando estas entram numa nova configuração contextual.

Compreendo que o esquema acima comporta, necessariamente, os elementos básicos das situações sociais em que se dá qualquer forma de interação discursiva. Grosso modo, ela ratifica o primado teórico das categorias básicas da Linguística da Enunciação – pessoa, espaço e tempo (Benveniste, 1989, 1995). Todavia, a análise acurada de Van Dijk (2020) permite uma ampliação dessas noções como partes dos modelos de contexto, no nível macroestrutural.

Os participantes da interação ou atores sociais, conforme a Figura (3), encontram-se, a princípio, num tempo e num lugar/entorno específicos. Estas categorias contextuais, segundo Van Dijk (2013), influenciam os atores sociais e também são influenciadas pelas construções subjetivas deles. Porém, tais influências não são diretas ou objetivas; elas acontecem somente se, por exemplo, os atores compreendem seus respectivos papéis sociais e os de outrem, os quais envolvem regras e convenções sociais, diferentemente de aspectos ambientais como o calor ou o ruído, que, de modo geral, não provocam restrições contextuais sobre a configuração textual.

Para além disso, os modelos de contextos não só constroem relevantemente algumas propriedades das situações sociais e comunicativas dos usuários da língua. Encaixadas numa estrutura social, essas propriedades, com o controle contextual, podem variar em muitos níveis do discurso e da interação. Assim, os participantes podem ser construídos e reconstruídos como membros de grupos sociais, discursivamente relevantes, culturalmente variáveis. Conforme o autor, à medida que o discurso avança pela construção dinâmica dos modelos de contexto, tais membros realizam identidades, de formas explícitas e implícitas, porque fazem avaliações contínuas de si mesmos.

Em sua obra complementar, Van Dijk (2013, p. 58, tradução minha) preconiza que os modelos de contexto ainda são resultantes de vários processos de compreensão social. A saber:

- O papel do Eu (*Self*) na percepção da situação comunicativa e na interação;
- A categorização e a compreensão dos atores sociais como membros de um grupo e como coparticipantes individuais na interação discursiva;
- A formação de juízos e impressões sobre os coparticipantes;
- A atribuição dos coparticipantes a identidades sociais, papéis, intenções, propósitos e objetivos, como as explicações ou as expectativas do discurso;
- A redução da informação complexa sobre os atores sociais mediante estereótipos, formação de esquemas, heurística, prejuízos, etc.;
- A compreensão e a avaliação das ações que levam a cabo os participantes, em relação, por exemplo, com os atributos pessoais ou sociais dos participantes ou com as circunstâncias do entorno;
- As inferências sobre os conhecimentos ou de outras crenças dos participantes.

Também, como partes de modelos de contextos, as intenções são concebidas enquanto ações em andamento que coincidem com o nível micro de análise ou com aquilo que o precede imediatamente. Por outro lado, os objetivos correspondem a propósitos, ou seja, modelos mentais de ações com consequências esperadas, ainda que o sujeito não tenha total controle das consequências na produção/compreensão do discurso. Ao lado das intenções e dos objetivos, também se encontram as atitudes e as ideologias³⁸ das pessoas. Ainda que Van Dijk (2020) não as mencione no esquema da Figura (3), mais adiante, ele as incluirá entre outras categorias cognitivas, a exemplo do conhecimento linguístico. Destarte, quando participam da interação discursiva, os sujeitos precisam saber se seus interlocutores participam do mesmo grupo ideológico ou não.

As atividades executadas pelos sujeitos sociais estão ligadas à interdependência mútua entre atitudes e ideologias. Em consonância com esse pesquisador, como traços fundamentais da cognição social, as ideologias subjazem às atitudes sociais de grupo nas práticas discursivas. Ambas são tipos de conhecimentos compartilhados pelos membros de grupos sociais, as quais se encontram armazenadas nos modelos de experiências e nos modelos de eventos dos sujeitos. Já que os modelos de contexto são *a priori* pessoais e subjetivos, quando produzem opiniões pessoais sobre eventos específicos, os sujeitos são controlados, parcialmente, por ideologias e atitudes de grupo.

Em outras palavras, as ideologias não só influenciam sobre nossas opiniões em nossos modelos mentais acerca dos eventos sociais ou políticos, como também sobre os modelos de contexto da mesma situação comunicativa. E este modelo de contexto ideológico controla a expressão discursiva dos modelos de evento de base ideológica, assim como as atitudes mais gerais (se se expressam ou não, e como). (Van Dijk, 2013, p. 127, tradução minha).

As avaliações e as emoções dos atores sociais acerca dos espaços também afetam suas atividades e, por conseguinte, as práticas discursivas. Seja lá quais tipos de espaços forem (privados ou públicos, abertos ou fechados, íntimos ou distantes, gratuitos ou pagos, naturais ou construídos), é certo que eles definem “a localização do Eu/corpo, das comunidades e dos atores sociais; as propriedades que se lhes atribuem podem afetar o modelo de contexto em

³⁸O conceito de “ideologia”, aqui empregado, também é de van Dijk (2015), que o diferencia daquele adotado tradicionalmente pela filosofia e pelas ciências sociais clássicas (“falsa consciência”, algo negativo). Para o autor, as ideologias se definem por sistemas de crenças, normas e valores compartilhados por membros de grupos sociais, servindo não só para “manter e legitimar o abuso de poder social e político”, como também para determinados grupos resistirem à dominação com “o fito de propagar atitudes e práticas igualitárias [...]” (Van Dijk, 2015, p. 54).

curso e, portanto, e de maneira indireta, o processamento do discurso [...]” (Van Dijk, 2013, p. 87, tradução minha). De acordo com os paradigmas cognitivos e sociais adotados pelo autor, essas avaliações e emoções não são apenas pessoais e subjetivas, mas possuem bases sociais fundadas em atitudes e estereótipos coletivos.

A estrutura esquemática convencional dos modelos de contexto com suas categorias, conteúdos e mudanças dinâmicas ajuda a definir, na atividade dos participantes, o que deve ser relevante no momento da interação e do evento comunicativo. Assim sendo, essa configuração de relevância funciona com base num processo cognitivo que seleciona dados procedentes da situação social imediata. Esta é, por sua vez, guiada por um esquema adquirido e compartilhado cultural e socialmente dos tipos de categorias contextuais (Van Dijk, 2013, 2020).

Na prática, como se dá o processamento textual por meio dos modelos de contexto? Com base na noção de relevância do autor, os usuários da língua, ao participarem da interação discursiva, precisam de crenças e conhecimentos prévios sobre os conhecimentos e as crenças dos demais. Para Van Dijk (2003), citado por ele mesmo, em sua obra de 2020, o que torna isso possível é a atuação do *dispositivo-K*, isto é, um dos componentes dos modelos de contexto, responsável por ajudar os sujeitos a realizarem estratégias de uso dos conhecimentos pessoais e compartilhados. Nesse sentido, os locutores utilizam estratégias rápidas e imperfeitas ao mesmo tempo, para fazer hipóteses do que os interlocutores já sabem e conhecem. Isso, porém, não está isento de erros ou repetições desnecessárias.

A priori, para lidar com problemas de comunicação e de administração do conhecimento pessoal, um usuário da língua, na condição de falante/locutor, pode aplicar uma estratégia geral simples, segundo Van Dijk (2020): K1 – assumir que os interlocutores sabem o que ele lhes disse antes (no evento comunicativo do momento ou em outros eventos anteriores). Além dessa estratégia, há uma outra de que o falante pode fazer uso para todo conhecimento pessoal novo: K2 – assumir que os interlocutores não sabem desse conhecimento adquirido desde a última comunicação com eles. Já a respeito da administração do conhecimento social específico por intermédio do dispositivo-K, é possível que o falante utilize uma nova estratégia simples: K3 – assumir que os interlocutores conhecem aquilo de que ele já os informara antes.

No caso de conhecimentos socioculturais gerais, conforme o autor, podem ser utilizadas duas estratégias: i) K4 – assumir que os interlocutores têm o mesmo conhecimento sociocultural que o locutor. Esta envolve uma Comunidade Epistêmica ou mais, cujos conhecimentos são mais ou menos universais, culturais, nacionais e também locais, compartilhados por membros de grupos sociais particulares; ii) K5 – assumir que os interlocutores partilham o conhecimento de todas as comunidades epistêmicas mais amplas das quais participam (Van Dijk, 2020).

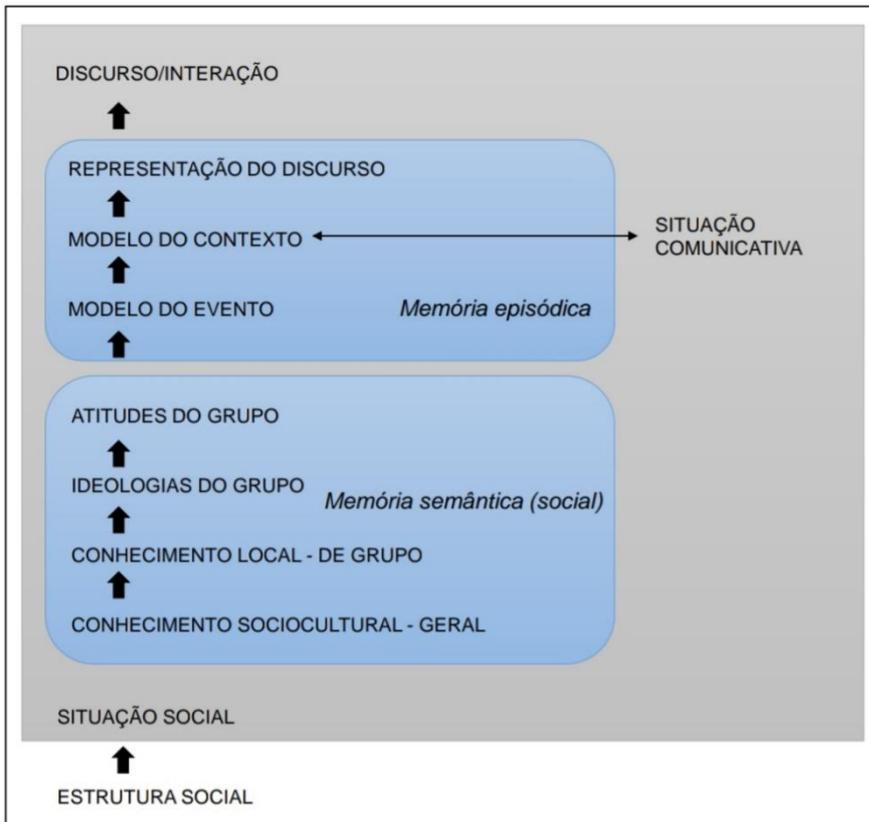
Por esse prisma, o autor conclui que, no processamento discursivo, o dispositivo-K estabelece a BC dos interlocutores, e, somado ao modelo contextual, ele os ajuda a coordenarem não só a ação conjunta, mas também a construção do texto. Vale lembrar que, na atuação desse dispositivo, o modelo de evento consiste em uma interface de filtragem, de seleção e de recontextualização entre aquilo que se sabe e aquilo que se diz. Portanto, infere-se que a construção do contexto compreende o uso de estratégias específicas com vistas a estabelecer e a atualizar a BC na prática discursiva. Logo, o autor diz que as estratégias-K pressupõem diferentes tipos de conhecimento, incluindo as comunidades epistêmicas e os processos de aquisição e compartilhamento de conhecimentos.

No tocante às comunidades epistêmicas (de conhecimentos), vale dizer que Van Dijk (2020) as considera como grupos aos quais se filiam os usuários da língua. Cada uma delas apresenta padrões específicos de crenças, ideologias e conhecimentos, os quais podem não ser validados por outras comunidades. Em outro estudo, publicado em 2015, ele denomina as comunidades epistêmicas diferentes como endogrupos (*Nós*) e exogrupos sociais (*Eles*). Nesse sentido, os modelos de contexto tanto podem produzir as identidades sociais momentaneamente relevantes dos sujeitos quanto podem adquirir relevância os conhecimentos associados a elas.

Entrelaçando pressupostos de Butler (2002, 2015) e de Van Dijk (2013, 2020), penso que essas identidades são dinâmicas, processuais, instáveis e estáveis, ao mesmo tempo, tais como os modelos de contexto, que se constroem por meio uma dimensão cognitiva *online*, em contínua (re)construção do texto. Ao cabo da compreensão generalizada do funcionamento dos modelos de contexto por parte do gerenciamento dos usuários da língua, o autor em questão presume que eles não são elaborados do zero ou repentinamente no início dos textos, visto que os modelos de eventos existem anteriormente e são processos específicos das experiências em andamento.

Conforme o autor, uma grande parte do modelo de contexto lida com dimensões mais ou menos estabilizadas antes do evento comunicativo e, durante sua execução por parte do dispositivo-K, o próprio discurso responde às informações que são atualizadas dinamicamente sobre aquilo que foi feito e dito, o que condiciona as ações discursivas seguintes. Ao dispor do esquema geral dos modelos de contexto, o sujeito consegue construir e reconstruir estratégias linguístico-discursivas, o que significa que os contextos tanto controlam o discurso quanto são controlados por este. Vejamos um esboço:

Figura 4: Esquema simples da produção de discurso controlada pelo contexto



Fonte: Van Dijk (2020, p. 148).

O esquema da Figura (4) contribui para desmoronar confusões epistemológicas acerca das noções de (modelos de) contexto e de situação social (ou comunicativa), tradicionalmente assumidas em muitos estudos linguísticos e discursivos. Não se tratam de categorias idênticas ou equivalentes. Destarte, ele me permite lembrar da teoria da macroestrutura, da qual tratei anteriormente, visto que ela compreende a produção do discurso ou da interação como um recorte encaixado na ampla estrutura social. Ao discutir sobre um vínculo necessário entre as ciências cognitivas e as ciências sociais clássicas a respeito das relações entre os contextos situacionais, políticos e sociais, Van Dijk (2013, p. 49, tradução minha) comenta:

É bastante trivial que as (macro)estruturas sociais podem vincular-se com a fala e o texto porque os usuários da linguagem, como membros da sociedade, ‘as conhecem’ e podem ‘pensar’ acerca do mundo, no entanto, falam, escrevem, escutam ou leem. Quer dizer, os atores sociais podem participar na conversação em todos os níveis da estrutura social, porque são capazes de construir modelos dessa estrutura.

Muitas dessas obviedades foram herdadas das ciências sociais e cognitivas clássicas por várias disciplinas da Linguística, mas, infelizmente, pouco foram estudadas. Em termos de LT contemporânea, nós, adeptas/os das abordagens sociocognitivista e interacionista, levamos

a efeito o pressuposto de que toda situação social pode influenciar a produção e a compreensão do texto a partir de seus elementos constitutivos. Porém, apesar de crer na importância da estrutura social na emergência dos eventos comunicativos, não costumamos utilizá-la em nossas análises.

No esquema proposto (Figura 4), Van Dijk (2020) assinala que o controle da produção do discurso pelo contexto começa na categoria mais ampla (interação), discorre até as mais específicas (realização fonética e gráfica), passa pelos assuntos gerais e pelos esquemas generalizantes e desemboca nos significados locais e nas sentenças. No evento comunicativo, os modelos de contexto, segundo o autor, controlam as estruturas variáveis do texto de modos específicos, o que significa que um locutor — ao focalizar o “como” do discurso — pode influenciar diretamente os modelos de contexto de seus interlocutores. Imagino que, no intento de proceder a análises textual e contextual de determinado *corpus* de pesquisa, seja possível observar como os vários níveis do discurso e as categorias contextuais são elaborados pelas dimensões local e global das construções cognitivas dos participantes da interação.

De acordo com Morato (2011), o interacionismo simbólico e a etnometodologia são algumas das abordagens que influenciaram o surgimento e/ou a ampliação conceitual e metodológica de estudos conversacionais, textuais e pragmáticos, no âmbito da Linguística. Fundamentada em Vion (1992), essa estudiosa comenta que os processos interativos estão vinculados à produção e à reprodução das estruturas sociais e, igualmente, essas mesmas estruturas são importantes para o estudo da realidade social. Acrescento que essas estruturas são importantes em estudos analíticos de construção social da realidade, uma vez que, no arcabouço aqui delineado, não há realidade preexistente ao discurso. Dessa maneira, com base em Van Dijk (2020), os vários aspectos envolvidos na elaboração dos modelos de contexto podem ser estudados desde o nível local (interação) até o nível global (estrutura social), com vistas à explicação mais ampla das práticas sociais de linguagem.

Se, por um lado, é verdade que as estruturas contextuais controlam e influenciam as estruturas do discurso³⁹, por outro, o inverso também ocorre. Van Dijk (2020) lamenta que, após tanta valorização atribuída ao papel do contexto nos estudos da linguagem, têm sido muito pouco abordados os condicionamentos contextuais que interferem sobre estratégias discursivas

³⁹As estruturas do discurso, citadas por van Dijk (2020), são as seguintes: estilo, registro, sons, pistas para contextualização, estruturas visuais, sintaxe, léxico, marcadores discursivos, sinônimos, metáfora, agentividade, tempo, modalidade, grau de precisão/vagueza, desmentidos, pressuposição, acarretamento, coerência, assuntos, turnos e tomadas conversacionais, recusas, humor, polidez, etc. Já alguns aspectos relacionados às estruturas do discurso são a variação, o gênero textual/discursivo, o gênero social, a raça, a classe, o significado, a retórica, a argumentação, a narrativa e os atos de fala.

que ultrapassam os níveis morfológicos e da sentença. Menciono o caso da LT contemporânea, que, ao estudar as estratégias textuais, ultrapassou o foco da correferencialidade e se dedicou também à relação dessa com a situação comunicativa; entretanto, ela pouco tem focalizado, sistematicamente, os condicionamentos contextuais por parte das construções subjetivas dos participantes da interação.

Ao adotar uma noção de variação mais ampla que a dos estudos sociolinguísticos, esse autor passa a defender que o contexto varia se determinados elementos se mantêm estáveis. Segundo ele, as variáveis sociais isoladas em si mesmas são categorias de estudo limitadas, já que, sem qualquer alvo de problematização e combinação, nada podem dizer sobre as estruturas contextuais que modelam o discurso e vice-versa. Por isso, seria mais produtivo, para ele, um estudo da variação linguística em termos de categorias não preestabelecidas, mas definidas pelos próprios participantes da prática discursiva. Isso o leva a defender que um problema fundamental de pesquisa seria estudar formas combinadas de influência contextual, não de forma estatística habitual, mas de maneira qualitativa, por meio de uma análise de discurso detalhada. Tal proposta apresenta-se de forma mais produtiva e, a meu ver, desemboca num estudo de relação entre categorias e identidades sociais dos sujeitos do discurso. A respeito dessas reflexões, ele comenta:

O tratamento que damos aqui à influência social complexa, mediante modelos de contexto, faz precisamente isso, porque os falantes se representam, a si mesmos e a seus coparticipantes, em termos de várias categorias sociais ao mesmo tempo — podendo as identificações mudar durante o texto e a fala. Cada situação comunicativa é, portanto, representada subjetivamente de uma forma complexa, na qual cada variedade das propriedades sociais pode ter saliência maior ou menor numa dada situação: ora a identidade de gênero é mais relevante do que as identidades de idade, classe social ou profissão, ora é menos relevante, dependendo da natureza da atividade em curso, dos propósitos dessa atividade ou de outros fatores da situação. O fato é que muitos teóricos hoje insistem que as identidades sociais envolvidas são de fato construídas ou ‘desempenhadas’ precisamente através do discurso. (Van Dijk, 2020, p. 164-165).

Portanto, no estudo das intersecções discurso-contexto e contexto-discurso, é preciso estabelecer, de antemão, uma definição evidente de cada termo, pois, por exemplo, tanto o contexto pode ser tomado como parte do discurso quanto como interpretação do entorno deste. Como já definido, aqui, de acordo com Van Dijk, a noção de contexto concerne à construção subjetiva dos entornos sociais relevantes do texto. Assim, para dar conta das influências mútuas entre texto e contexto, faz-se necessário relacionar a situação social, o modelo de contexto e o uso da língua. De posse dessas coordenadas, o autor argumenta que “as estruturas societárias

ou situacionais só podem afetar o discurso pela intermediação ou interface das representações mentais dos usuários da língua” (Van Dijk, 2020, p. 169).

Em sua obra complementar sobre o contexto, Van Dijk (2013) destrincha os principais aspectos concernentes aos modos como as situações sociais são compreendidas pelos atores sociais e como elas influenciam as atividades desses sujeitos. Com base em vários estudos, ele sintetiza a estrutura das situações por meio de algumas categorias: lugar, tempo, pessoas, atividades e aspectos cognitivos. Portanto, elabora o seguinte esquema simplificado:

Figura 5: Estrutura esquemática simplificada das situações sociais



Fonte: Van Dijk (2013 [2008], p. 66-67, tradução minha).

A interface sociocognitiva consiste num modo de influência contextual que falta em muitos estudos cognitivos tradicionais, já que, no final das contas, eles tratam da relação entre situação social e discurso como determinística. Para o autor, essa postura é limitada a uma abordagem social sem qualquer base cognitiva, quando, na verdade, a relação entre discurso e contexto deveria ser variável, pessoal e situacionalmente. Não se deve ignorar a pertinência de condições materiais (imediatas) sobre a prática discursiva, mas elas devem ser concebidas como (inter)subjetivas e interpretativas em relação ao discurso. Em resumo: “a força ‘influenciadora’ crucial não está na sociedade ou na estrutura social propriamente dita, mas nas representações ou construções que os membros da sociedade fazem dessa estrutura social e dessas situações sociais” (Van Dijk, 2020, p. 170).

Numa abordagem sociocognitiva integrada do contexto, como a proposta pelo autor, interessa muito mais explicar os aspectos variáveis de pessoa para pessoa, com base no “Eu-mesmo” de cada modelo de contexto, do que centrar-se nos fundamentos sociais dos modelos de contexto a partir de generalizações feitas sobre os discursos desses sujeitos. Isso quer dizer que, para ele, como os modelos de contexto não coadunam com uma perspectiva de influência direta ou causal, é preciso observar como os mesmos condicionamentos contextuais podem afetar diferentemente os textos produzidos e compreendidos por distintos sujeitos.

Então, surge uma questão importante: qual é o papel dos condicionamentos contextuais nos processos de produção e compreensão do discurso? Em conformidade com Van Dijk (2020, p. 174), “pode-se assumir que o controle contextual [...] pode ser mais ou menos percebido, mais ou menos consciente, e, portanto, mais ou menos *controlado e controlável*”. Com base nisso, penso que o sujeito, ao construir um modelo de contexto para o evento comunicativo, é parcialmente influenciado por forças sociais maiores, ao passo que também sofre o controle cognitivo da BC (base comum), fruto de suas experiências perspectivadas de forma particular. Por isso, o autor assume que “uma parte do modelo de contexto é construída automaticamente ou ‘subconscientemente’” (Van Dijk, 2020, p. 175).

A partir disso, ousa afirmar que os condicionamentos contextuais, grosso modo, podem ser similares aos modelos de contexto, já que estes contribuem para que os participantes da interação discursiva se comuniquem e estabeleçam seus contratos de convivência social para a (re)definição de rotinas cotidianas subsequentes. Além disso, os condicionamentos podem ser entendidos tanto por aspectos cognitivos (parte de modelos de contexto e de processos mentais) quanto por aspectos sociais (relações entre participantes em ações verbais ou comunicativas). Assim, o autor ressalta que, se as regras desse controle sociocognitivo forem desconsideradas ou não funcionarem como deveriam, discursos inadequados serão produzidos.

Ainda em *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*, Van Dijk (2020, p. 184-185) preconiza que “os contextos não são observáveis, portanto, o discurso pode ser tomado como um dos modos de torná-los visíveis, via expressão ou manifestação”. Ele defende, também, que os contextos dos episódios comunicativos se diferenciam de outras experiências por sua configuração dinâmica da comunicação e da interação discursiva. Isso não significa que os contextos subjazem ao discurso, pois, mediante a complexidade do controle contextual ligada à interface cognitiva, “o texto e a fala não covariam diretamente com propriedades sociais dos falantes, tais como o gênero, a raça ou a classe, ou com relações dos participantes, tais como familiaridade ou poder, ou com características mais abrangentes” (p. 187).

Eis aí um dos desafios do estudo dos modelos de contextos em eventos comunicativos variados. Tal postulado fundamenta as ideias de Cavalcante *et al.* (2019), que definem o texto como evento comunicativo único, instável e irrepetível, em um contexto sócio-histórico. Van Dijk (2020, p. 188) fortalece esse conceito, ao dizer que “cada evento comunicativo é uma combinação única e complexa de condições situacionais e de suas consequências discursivas, também únicas”. Essa concepção contribui para um entendimento mais abrangente dos modelos de contexto, visto que, por um lado, é preciso saber, conforme o autor, que as propriedades sociais dos sujeitos interagem com uma grande parte de condicionamentos contextuais; de outro, as situações sociais, embora “objetivas”, não são subjetivamente as mesmas para os diferentes participantes da interação discursiva.

3.3 O “EU-MESMO” E A (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Tendo em vista que os contextos são construtos subjetivos dos interlocutores e que, por essa razão, o “Eu-mesmo” consiste na categoria central dos esquemas de modelos de contextos, imagino que inter-relações podem ser estabelecidas entre o aparelho enunciativo, com foco na categoria de pessoa (Benveniste, 1989), a noção de sujeito do contexto (“Eu-mesmo”) e a questão identitária. Ressalto que, ao abordar o paradigma pós-identitário da LQ, como discutido no Capítulo 2, é necessário tratar agora: i) da categoria do “eu” no aparelho enunciativo; ii) da noção de identidade, já que este é um assunto pouquíssimo estudado em LT.

Em *Problemas de linguística geral II*, Benveniste (1989, p. 82) define a enunciação como o ato de produzir enunciados, “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Não se pode confundir enunciação com enunciado, visto que este se trata do texto devidamente produzido na ação. Esse enunciado é, pois, produzido por quem, em primeiro lugar, põe as categorias linguísticas em funcionamento. Assim, o locutor, que se coloca numa instância do discurso (isto é, na enunciação) e se identifica com o “eu” que fala, “atinge um ouvinte” e “implanta o *outro* diante de si” (Benveniste, 1989, p. 84, grifo do autor).

De acordo com o autor, o ato individual do locutor, no processo enunciativo, instaura as categorias de pessoa (expressa pela relação *eu-tu*), de espaço e de tempo. Isso ocorre porque “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (Benveniste, 1989, p. 85). Por essa razão, penso que cada ato enunciativo, assim como a noção de texto defendida na subseção 3.2, é único e não lida com a repetição, visto que o aparelho enunciativo (eu-aqui-agora) se constitui

de formas vazias das quais o locutor se apropria, seja para referir a si mesmo, ao outro ou à não pessoa (enunciação “não subjetiva”) (Benveniste, 1995).

É no primeiro livro sobre a teoria da enunciação, *Problemas de linguística geral I*, que esse autor já atrela a categoria de pessoa à noção de subjetividade e, conseqüentemente, à de sujeito:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’.

A ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo [...] mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. Ora, essa ‘subjetividade’, [...], não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É ‘ego’ que diz *ego*. Encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que se determina pelo *status* linguístico da ‘pessoa’.

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. (Benveniste, 1995, p. 286, grifos do autor).

Essas definições fundamentam a ideia de que todo ato enunciativo, quando instaurado pelo sujeito, usuário da língua, permite-lhe construir não só uma realidade do discurso, como também sua própria subjetividade em contraste com a presença do *outro*. Nesse sentido, compreendo que, a cada enunciação, o sujeito pode construir subjetividades diferentes das anteriores, já que a realidade discursiva da enunciação só tem uma referência atual e os pronomes pessoais (que não englobam os “eu” de todos os locutores) “escapam ao *status* de todos os outros signos da linguagem” (Benveniste, 1995, p. 288). Portanto, o “eu” enunciativo pode ser concebido como transitório, assim como o “Eu-mesmo” da cognição social.

Quando o sujeito/locutor constrói sua subjetividade — indicação da emergência do “Eu-mesmo”, segundo Van Dijk (2020) — é porque o faz com o uso da língua remetendo a si mesmo. Isso significa, de acordo com Benveniste (1995), o melhor testemunho objetivo de identidade que ele pode dar de si mesmo. Além disso, o sujeito do discurso, por contraste de subjetividade, confere ao *outro* da enunciação a condição de diferença. E, ao instanciar uma realidade do discurso, o sujeito tanto pode participar de uma enunciação “subjetiva” quanto de uma enunciação “não subjetiva”, isso porque ele também está suscetível a se referir a coisas fora da interlocução (Benveniste, 1995).

No interacionismo simbólico, Mead (1963), citado por Morato (2011), preocupa-se com a investigação da gênese da subjetividade e, por isso mesmo, com a questão do sujeito (*Self*) no

processo de interação social. Para ele, segundo a autora, o sujeito constitui uma identidade social durante a atividade de comunicação; isto é, o sujeito surge da experiência social e, sendo um objeto para si mesmo, tem em sua essência uma estrutura social. Atrilando essa posição teórica àquela do uso da primeira pessoa enquanto um forte indicador de subjetividade (Benveniste, 1995), acredito que o “Eu-mesmo” se associa, na emergência da interação, às questões (inter)subjetivas e identitárias.

As atividades enunciativas acontecem em contextos bem demarcados pela condição de *intersubjetividade*, já que esta desencadeia a comunicação linguística (Benveniste, 1995). A partir disso, penso que, na coconstrução do discurso sob a elaboração dinâmica dos modelos de contexto, os atores sociais jogam o tempo inteiro com a realização de identidades associadas: i) aos esquemas socioculturais compartilhados por membros de endogrupos e exogrupos sociais (Van Dijk, 2015); ii) aos papéis sociais e comunicativos; iii) às relações com os demais participantes; iv) aos objetivos e às intenções; v) à situação social e à situação comunicativa; vi) e às atividades desempenhadas na interação (Van Dijk, 2013, 2020).

De acordo com esse autor, os modelos de contexto elaborados pelo sujeito do discurso contribuem para a formação de modelos cognitivos pessoais (criando “autoesquemas”), que também contam com dimensões sociais e intersubjetivas. Desse modo, permito-me pensar que a construção dinâmica dos contextos do sujeito consiste no entrelaçamento de aspectos pessoal, mental e social (cf. Figura 5). Quando atua em favor de propósitos e intenções, restringido por papéis, relações intersubjetivas e esquemas socioculturais e cognitivos partilhados, o sujeito constrói uma ou mais identidades durante as práticas discursivas.

Frente a isso, é possível situar: i) o caráter dinâmico, fragmentário e não autoevidente das identidades; ii) os papéis, os lugares e as interações sociais como elementos cruciais para as (re)construções identitárias dos sujeitos; iii) as variações identitárias como resultados da elaboração dinâmica dos contextos sob o prisma das circunstâncias situacionais, interacionais, socioculturais, políticas e históricas. Assim sendo, a questão identitária, assim como a noção de contexto, deixa de ser concebida como algo fixo ou previamente dado, em contraposição a postulados filosóficos, psicológicos, sociológicos e antropológicos representacionistas.

Quando trata dos modelos da experiência cotidiana como artefatos dinâmicos, Van Dijk (2020) defende que as identidades são realizações interativas, pois, durante a produção e a compreensão dos discursos, de maneiras explícitas e implícitas, os coparticipantes fazem avaliações e definições contínuas de si mesmos. Desse modo, o “Eu-mesmo” de cada ator social, que vai (re)elaborando os eventos dos quais participa, nem sempre é o mesmo. No entanto, ainda que ele seja dinâmico e associado a muitas identidades-por-papéis, pode também

ser estático de alguma forma, em algum momento da prática discursiva, sendo uma “constante” que combina identidades constitutivas e corporificadas num só sujeito.

Com base em Van Dijk (2013, 2020), acredito, preliminarmente, que o “Eu-mesmo” condiz com uma construção dinâmica e estável ao mesmo tempo, já que seus modelos de contexto, nas situações sociais e comunicativas, são controlados nos níveis micro e macro da estrutura social, o que lhe permite elaborar sucessivas identidades descentradas e variadas, em diferentes estágios da vida. Também, é possível dizer que o “Eu-mesmo” desempenha papel crucial nas reflexividades discursiva e interacional, nas expressões referenciais, nos signos indexicais, etc., os quais se manifestam, explícita ou implicitamente, no discurso e na interação. Portanto,

é certo que os atores sociais constroem gradualmente as identidades sociais, quer dizer, através da interação e do discurso, mas uma vez que essa identidade tenha sido adquirida como conhecimento, um ator competente pode *aplicar* ou empregar essa identidade, com todas as possíveis adequações, mudanças e modificações que sejam necessárias de acordo com o contexto. Mas é muito importante lembrar que os atores não são capazes de construir ou atuar local ou contextualmente uma identidade sem ter algum conhecimento social acerca dessa identidade, conhecimento que quase sempre se baseia no que pode denominar-se uma *prática identitária* prévia. (Van Dijk, 2013, p. 112, grifos do autor, tradução minha).

Dessa maneira, a ideia de identidade instável e não autoevidente parece combinar com a da abordagem sociocognitiva, como também com a de pessoa, da teoria enunciativa, se pensada junto à noção de sujeito discursivo (Butler, 2002, 2015; Borba, 2020a), que, em micronormatividades de uso da linguagem, pode transgredir sistemas macrosociais amplos. A permanência de conteúdos cognitivos (modelos de eventos e experiências, BC, etc.) que esse sujeito tem de si mesmo tende a contribuir para que suas práticas identitárias (Van Dijk, 2013) situadas reestabeçam o “Eu-mesmo” de outras interações ou constituam um novo, em níveis variados de instabilidade e/ou estabilidade. Portanto, o “Eu-mesmo”, como construto subjetivo e pessoal, de um lado, e como social e intersubjetivo, de outro, direciona o entendimento de que o sujeito se situa entre diferentes possibilidades de reforço, fricção ou subversão de processos de normalização sociais (Silva, 2020a), na (re)construção de “autoesquemas” (Van Dijk, 2020).

O texto, enquanto evento comunicativo único, inserido em um contexto sócio-histórico (Cavalcante *et al.*, 2019), constitui o lugar da interação social (Koch, 2018), onde o sujeito, junto a outros participantes, constrói efeitos de sentido para si mesmo, enquanto (re)elabora seu dizer. Para além da situação comunicativa e da construção de identidades descontextualizadas, o sujeito, estando encaixado numa situação social ampla, pode reconstruir identidades prévias

de si por meio da construção dinâmica dos contextos da configuração textual do momento. Assim, em se tratando de práticas identitárias, elaborações dinâmicas e não autoevidentes, inscritas em relações de poder (Van Dijk, 2018), convém falar não só do “Eu-mesmo” (Van Dijk, 2020), mas também do “Eu social” (Van Dijk, 2013).

Por esse prisma, penso que modelos de contexto, isto é, construções subjetivas dos participantes da interação discursiva sobre as propriedades relevantes das situações sociais e comunicativas, impactam os processos de (re)construção de sentidos do texto. Nesse ínterim, os sentidos construídos para os textos têm muito a dizer sobre quais práticas identitárias dos sujeitos se realizam neles. Logo, tanto os sujeitos quanto os textos são reconfigurados nos modelamentos sociocognitivo e discursivo (Bentes; Morato, 2021) de cada prática social e/ou comunicativa.

Curiosamente, a questão do sentido, em LT, muito se aproxima de perspectivas teórico-metodológicas antagônicas. Um exemplo é a Análise de Discurso, principalmente a de linha francesa, que, além de operar com conceitos de texto e de ideologia, também se preocupa com o sentido, porém, numa acepção diferente da que é empregada aqui. Alves Filho (2017) faz um estudo sobre os vários construtos das duas subáreas. Acerca do sentido, ele diz o seguinte:

O estudo da significação e da construção dos sentidos constitui uma preocupação comum a ambas as correntes, mas respostas diferentes têm sido oferecidas por elas. No geral, o analista de discurso deseja localizar ou desvelar, em *corpora* de textos, sentidos estabilizados nas formações sociais e discursivas, enquanto o linguista de texto visa explicar as estratégias de construção e reconstrução de sentido acionadas na construção de um texto. [...]. Temos aqui certamente um dos maiores desafios teóricos e metodológicos tanto para a LT como para AD [Análise de Discurso]: explicar convincentemente e consistentemente como *o sentido pré-construído historicamente* e *o sentido estrategicamente construído durante o discurso* operam e interagem na construção do sentido global dos textos e discursos. Esta tarefa é legítima porque nos textos e discursos empíricos esta confluência entre o sentido histórico e o sentido pragmático é autenticamente real e socialmente recorrente. (Alves Filho, 2017, p. 347-348, grifos do autor).

Nessa linha de pensamento, as duas correntes lidam com diferentes programas de investigação, justamente porque suas filiações teóricas e posturas ideológicas são distintas, o que não significa que, em termos práticos, as análises dos dados de uma pesquisa encontrem resultados muito estanques. Apesar dessas oposições, quero dizer que, em alguns pontos, LT e AD se aproximam, principalmente, a respeito da noção de sentido. Estou adotando aqui, de acordo com Van Dijk (2020, 2013), que os modelos de contexto lidam com as dimensões local e global dos textos e das identidades dos sujeitos.

O estudo contextual desse autor aponta que muitos aspectos dos eventos comunicativos são inconscientes, automatizados, ao passo que outros são conscientes. Então, torna-se coerente pensar que os sentidos dos textos, face ao modelamento contextual dos sujeitos, são construídos segundo os níveis micro e macro das estruturas sociais. Assim, o desafio sugerido por Alves Filho (2017) parece plausível, visto que um dos papéis do/a linguista de texto poderia ser, também, o de explicar/investigar em que nível (e como) sentidos estabilizados (anteriores à interação e à situação sociocomunicativa) interagem com a (re)construção de textos, contextos e (identidades dos) sujeitos.

Se, conforme esses postulados teóricos, a noção de sujeito discursivo depende da concepção de modelos de contexto e, mais especificamente, da categoria do “Eu-mesmo” atrelada à questão identitária, é porque a noção de texto contemporânea, em LT, oferece um suporte inicial para proceder ao tratamento teórico-analítico integracionista e ético-político de práticas (con)textuais e identitárias dissidentes. Em LT, o texto é um processo interacional de sujeitos sociais, influenciados pela percepção cognitiva individual e intersubjetiva, construída *online*, com base em aspectos contextuais. Isso significa que, sendo os modelos de contexto construções cognitivas *a priori*, esses aspectos podem corresponder às dimensões dos atores sociais (pessoal, mental e social)⁴⁰, conforme Figura (5).

Tradicionalmente, em LT, mesmo com a influência das teorias enunciativa, pragmática, sociocognitivo-interacionista e discursiva, a predominante noção de sujeito está circunscrita à de locutor/enunciador ou participante da interação discursiva; isto é, aquele que assume posição social no processo comunicativo e é identificado pela categoria de pessoa (“eu”), num tempo (“agora”) e num lugar (“aqui”) específicos. Consoante Van Dijk (2020), ocorre, porém, que essa tríade remete somente à estrutura de participação do sujeito no evento comunicativo. Para além disso, o sujeito não só maneja/constrói papéis comunicativos, mas também papéis sociais, identidades, relações com os demais participantes, conhecimentos pessoais e socioculturais, ideologias, objetivos e intenções.

Adotar esse posicionamento dentro dos estudos do texto implica direcionar a atenção não só para os processos discursivos, sociais e cognitivos amplos engajados na interação, mas também e, principalmente, para as identidades dos atores sociais, que, em práticas reflexivas, constroem e reconstróem sentidos para/sobre os textos da vida cotidiana. Para os procedimentos teórico-analíticos da LT contemporânea — grosso modo, uma disciplina da microssociologia da linguagem —, essa procura ser uma ampliação epistemológico-metodológica importante,

⁴⁰Essas três dimensões só se separam por razões didáticas e para atender a propósitos de análise, visto que a abordagem sociocognitiva rechaça, por exemplo, a dicotomia mente-corpo do cognitivismo clássico.

uma vez que a relação entre a noção de sujeito “clivado” (Cavalcante *et al.*, 2019) e a teorização identitária cairia bem ao escopo de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas com esse enfoque da subjetividade (Brito, 2010; Fonseca, 2015, para citar alguns).

A partir disso, posso afirmar que os sujeitos, na condição de atores sociais, quando elaboram modelos de contexto, constroem e reconstróem, simultaneamente, várias identidades sociais associadas aos outros elementos contextuais. Eu considero de extrema relevância as concepções de identidade, de sujeito e de contexto assumidas aqui, uma vez que, segundo o objetivo central desta pesquisa, elas podem atender aos projetos de sentido e de transgressão social de sujeitos não autoevidentes, que constituem experiências cotidianas *online* e *off-line*; sujeitos que podem desestabilizar histórias de uso, significados sociais, por meio de estratégias de (con)textualização indexicais. Além disso, essas concepções me permitem escapar, dentro da LT, de paradigmas estáticos, positivistas, da produção do conhecimento científico.

Posto isto, volto à estrutura da participação comunicativa e social do sujeito para defender, de acordo com Van Dijk (2013), que a construção e a reconstrução de identidades sociais contribuem, assertivamente, para a formação dos modelos de contextos nas interações discursivas, de tal modo que, assim como se classificam a si mesmos, os atores sociais também são dotados de percepção pessoal e atribuem categorias sociais aos coparticipantes. Ao longo de seus modelos de experiência, eles adquirem não só “protótipos das situações”, mas também elaboram “*protótipos e esquemas* gerais das outras pessoas e dos membros de coletividades sociais” (Van Dijk, 2013, p. 105, tradução minha).

O autor defende que os textos sofrem um impacto sistemático de aspectos ou dimensões pessoais, cognitivas e sociais dos sujeitos. Portanto, é coerente dizer que eles podem envolver o gênero, a sexualidade, a etnia, a raça, a idade, a ocupação/profissão, a posição social, os papéis sociais, os interesses, os conhecimentos, as regras, as opiniões, os objetivos, etc. Em suas palavras: “Os membros de uma cultura aprendem assim que as categorias como gênero, idade, etnia, *status*, parentesco, nível de intimidade ou poder são com frequência relevantes para a produção ou a interpretação adequada do texto ou da fala” (Van Dijk, 2013, p. 24).

A atribuição de categorias sociais por parte dos sujeitos do discurso tem a ver com os processos de referenciação e de categorização social. Para Bentes e Rezende (2017, p. 276-277), pensar a referenciação como uma prática sociocultural significa “compreender como ordenamos e hierarquizamos os fatos, eventos e sujeitos sociais para *darmos a conhecer* e a *reconhecer* [...] versões públicas da realidade social”. Por esse prisma, há uma relação profícua entre textualização e categorização do mundo que afeta as *práticas discursivas de denominação* (Bentes; Rezende, 2017) dos atores sociais e suas relações de poder. Defendem, também, que

os textos são como “lugares de disputa simbólica” sobre a realidade social, implicando que os processos e as estratégias de construção categorial tenham uma natureza gradual, negociada e, na maioria das vezes, reflexiva.

A meu ver, os temas da referenciação e da categorização social têm estreita ligação com os conceitos de modelos de contexto e de práticas identitárias dos sujeitos. Em primeiro lugar, assim como eu, esses autores acreditam em uma LT voltada às dimensões local e global dos contextos, aos fatos sociais e às atividades de designação de agentes, eventos e objetos. Em segundo lugar, eles também defendem que as atividades de referenciação e categorização social respondem “às imposições/restrições sociais e culturais” e não são “meros atos volitivos isolados” (Bentes; Rezende, 2017, p. 277). Em outras palavras, a referenciação está atrelada às demandas dos campos sociais dos quais emergem os sujeitos. Assim, qualquer atividade de textualização não pode limitar-se ao nível microsociológico, principalmente se ela envolve práticas discursivas de (re)categorização relacionadas a identidades de atores sociais.

Como já discutido, as identidades sociais dos sujeitos, mediante a elaboração contínua, pessoal e subjetiva dos modelos de contexto de uma situação social e comunicativa, também lidam com a dimensão macroestrutural, o que torna possível o controle contextual da estrutura social de forma não aleatória. Todo o processamento discursivo, assim como a (re)construção de identidades dos sujeitos, contém uma base pessoal (autobiográfica) e uma base social (Van Dijk, 2020). Desse modo, a cognição social permite esses sujeitos, no momento do evento comunicativo, realizarem identidades multifacetadas, não autoevidentes, razão por que, neste referencial teórico, elas não são concebidas, exclusivamente, como instáveis.

Quer dizer, os papéis e as identidades sociais, como as identidades pessoais, também têm características mais ou menos estáveis. Podem associar-se com conhecimentos e habilidades específicas, como um trabalho específico, com tarefas, obrigações e deveres específicos, com objetivos, normas e valores gerais, com sentimentos de pertença a um grupo ou categoria social, e outras similares.

Muitas dessas propriedades dos membros de um grupo compartilhadas socialmente se constroem pouco a pouco durante a vida, e são bastante estáveis e difíceis de mudar. [...] as pessoas são classificadas, empregadas, contratadas e tratadas, de alguma maneira, em relação com essas ‘identidades atribuídas’, mais ou menos estáveis, quer dizer, de acordo com seus papéis e ocupações. (Van Dijk, 2013, p. 112, tradução minha).

A noção de sujeito discursivo (ou ator social não autoevidente) me permite trabalhar com a teorização pós-identitária, sob a ótica do “Eu-mesmo”. Isso demanda procedimentos analíticos sobre práticas identitárias (pessoais e sociais) dos sujeitos, não só do ponto de vista de práticas sociais e comunicativas, mas, sobretudo, do âmbito de atores pertencentes a grupos

sociais histórica e culturalmente demarcados por formas de atuação política, conhecimentos, papéis sociais/comunicativos, ideologias e atitudes específicos. Por exemplo, dissidências sexuais e de gênero compõem um grupo social complexo e diverso, em práticas identitárias específicas. Portanto, se as identidades são realizações discursivas que mantêm alguma relação com a história, a política e a cultura, suponho que tais sujeitos dissidentes atribuem a si mesmos, e a outros, categorias específicas e diferentes, no curso das interações.

Diante do panorama teórico-reflexivo dos Capítulos 1, 2 e 3, os sujeitos, a depender dos eventos comunicativos e modelos de contexto, podem produzir diversas identidades vinculadas a diferentes categorias sociais, as quais exercerão o controle sobre a produção e a compreensão do discurso. Na maioria das vezes, uma ou mais identidades do sujeito podem se organizar hierarquicamente, em relação aos demais participantes e diante das relações intra e/ou intergrupais (Van Dijk, 2013, 2015). Penso que, para o/a analista do texto, convém observar se as (re)construções identitárias se dão de forma instável, estável ou multifacetada, na atividade sociocognitivo-discursiva. Portanto, a perspectiva antiessencialista (Butler, 2015) da identidade ganha vez perante as noções de contexto e de sujeito, nesta pesquisa.

Na subseção a seguir, para finalizar as discussões teóricas, sinalizo alguns pontos de convergência, isto é, diálogos possíveis entre a LT, o sociocognitismo dos ECD e o paradigma pós-identitário da LQ, no tocante às noções de sujeito, contexto e identidade.

3.4 ATANDO AS PONTAS: SUJEITO, CONTEXTO E IDENTIDADE EM DIÁLOGO

Vimos até aqui um panorama em torno dos construtos teórico-analíticos do sujeito, do contexto e da identidade. Em diversos momentos, pude sinalizar alguns pontos de convergência entre as três abordagens do discurso. *A priori*, todos incidem numa ontologia radicalmente processual das práticas sociais (Peters, 2020), o que implica dizer que, a despeito de aspectos epistemológicos divergentes, o meu interesse reside em congregar e priorizar os seus pontos de contato, a fim de proceder a uma abordagem analítica integracionista/multidisciplinar e crítica (Ferreira; Rajagopalan, 2016; Van Dijk, 2017) de práticas (con)textuais e identitárias, em ambiente digital.

Como já definido, a LT é o ponto de partida desta investigação, mas, apesar de constituir um entroncamento multidisciplinar e heterogêneo (Koch, 2018), apresenta inconsistências e incompletudes diante de algumas orientações de pesquisa (ver subseções 1.7 e 3.2), acerca das quais dediquei uma reflexão crítica, em face dos paradigmas racionalista e pragmatista (ver subseção 2.1). Portanto, reconheço a necessidade de reivindicar um reposicionamento dos

marcos epistemológico-metodológicos dessa subárea, a começar pela reconsideração das definições de linguagem, texto, contexto, referência e sujeito, além da inclusão da identidade como objeto de estudo:

- i) **Linguagem:** forma de ação no mundo, não ontológica e não representacional, mas estruturada pelas práticas sociointeracionais e estruturante dos conhecimentos produzidos em atividades conjuntas e simbólicas dos sujeitos sociais (Austin, 1990; Butler, 2015; Morato, 2011; Borba, 2014; Koch, 2018);
- ii) **Texto:** episódio comunicativo multifacetado, instável e irrepetível, produzido numa situação de interação, na relação com aspectos discursivos, socioculturais, cognitivos, históricos e políticos (Koch, 2018; Van Dijk, 2020; Cavalcante *et al.*, 2019; Koch; Elias, 2016; Lima *et al.*, 2023);
- iii) **Contexto:** construção (inter)subjativa dinâmica de interlocutores, articulada a componentes da situação comunicativa, da situação social e da estrutura social (Van Dijk, 2013, 2020; Lima *et al.*, 2023);
- iv) **Referência:** atividade discursiva, de natureza sociocultural, orientada por processos de instabilidade e estabilidade nos níveis linguístico, cognitivo e social (Mondada; Dubois, 2003; Bentes; Rezende, 2017; Lima *et al.*, 2023);
- v) **Sujeito:** efeito de sentido, construído em atividade, no evento comunicativo; não inteiramente consciente e intencional de seu dizer nem dependente completamente de macronormatividades socioculturais rígidas; não autoevidente (Butler, 2002, 2015; Cavalcante *et al.*, 2019; Borba, 2020a);
- vi) **Identidade:** construção do sujeito desempenhada/produzida em meio a atividades linguísticas, discursivas, interacionais, cognitivas, culturais, políticas e históricas; pode significar uma prática discursiva não autoevidente, mas, com temporalidade social constituída por atos corpóreo-discursivos repetidos do sujeito (Butler, 2015; Borba, 2020a; Van Dijk, 2013, 2020).

Para levar a efeito o processo de mestiçagem conceitual acima, considereirei somente as relações de similitude entre as três abordagens encampadas aqui. Trata-se de uma postura de tradição teórico-metodológica, no âmbito do LETTEC, pois privilegiamos “uma agenda de pesquisa, em LT, cujos desdobramentos teórico-analíticos se prestem a subsidiar estudos sobre temas da vida social contemporânea” (Lima *et al.*, 2023, p. 11). Surge daí a necessidade de redimensionarmos os aparatos epistemológicos com que operamos a cada vez que uma nova

pesquisa passa a ser desenvolvida. Esta investigação não foge à regra. Por isso, considerando o diálogo proposto entre LT, LQ e sociocognitivism, reitero os seus pontos de convergência principais: i) concepção antiessencialista de linguagem; ii) perspectiva sociointeracional do discurso; iii) estudo de práticas textuais situadas. Assim sendo, a preocupação da LQ vem a calhar aos propósitos multidisciplinares e políticos em torno dos temas aqui escolhidos:

linguistas *queer* têm argumentado que qualquer análise social deve se guiar pelo pressuposto de que **o sentido de práticas discursivas e ações nelas implicadas não é fixo** e por causa disso não podemos classificá-lo como cis-heteronormativo ou subversivo sem antes olhar para **os detalhes contextuais de sua produção**. A LQ, assim, parte do princípio de que tanto **a manutenção das normas** quanto sua **contestação** não podem ser vistas aprioristicamente como propriedades de certos tipos de ação ou de indivíduos específicos, mas sim como **emergentes do contexto social** em seu lugar e tempo de atualização. (Borba, 2020a, p. 27, grifos meus).

A perspectiva antiessencialista e o caráter processual constituem o corolário de todos os fenômenos e conceitos acionados no presente trabalho. Conforme Borba (2020a, p. 30), se é um consenso, em LQ, que “a relação entre signo e seu significado e entre o ato de fala e seu efeito não é direta, mas sim mediada por uma história de uso que o vincula [signo indexical] a vários sentidos possíveis que só poderão ser determinados contextualmente”, também pode valer o pressuposto de que essa mediação se produz pela/na (re)construção de conceitos cognitivos (modelos de contexto), uma vez que a identidade é um processo desencadeado pelo sujeito, em práticas discursivas situadas que indexam dimensões ideológicas, relações de poder e processos de normalização sociais relativos aos conceitos cognitivos.

A abordagem sociocognitiva diz respeito a uma noção de contexto como construção subjetiva sobre as propriedades relevantes da situação comunicativa, esta que, na perspectiva benvenistiana, corresponde à situação de enunciação composta pelos sujeitos da interlocução (locutor e interlocutor), pelo lugar e pelo momento da interlocução. Assim, numa perspectiva alargada de referenciação a partir das relações indexicais da linguagem, os dêiticos pessoais e espaço-temporais não se reduzem à situação imediata ou circunstancial da produção textual, mas evocam sistemas macrossociais, a exemplo de significados sociais atribuídos a gênero, sexualidade, raça, classe, profissão, religião, afetos, papéis sociais, dentre outros marcadores contextuais.

Uma vez assumida a dimensão não essencialista das noções centrais desta pesquisa (sujeito, contexto e identidade), acredito que, em termos butlerianos, *desempenhar* gênero e sexualidade por meio da linguagem implica levar em conta construções subjetivas e sociais de um sujeito sociocognitivo não abstrato, não racional, não intencional e não ideal; isto é, trata-

se de um sujeito construído na relação indireta entre os discursos e o mundo (Mondada; Dubois, 2003), já que entre estes não há uma relação causal, direta, determinística (Van Dijk, 2020). Assim, ao constituir um estudo crítico e multidisciplinar, ou seja, para além de uma postura não representacionista da linguagem, concordo com Silva (2019a, p. 71, grifos do autor):

É por pensar que questões centradas em dicotomias exclusivas para tratar de questões de linguagem – logo, questões sociais – são em si mesmas inapropriadas que parece, numa postura mais alinhada às posturas integracionistas aqui elencadas, ser mais produtivo pensar num *continuum de contextualização*, no qual contextos locais e globais, interno e entorno, linguístico e social se sobrepõem mutuamente e, em muitos casos, indelimitavelmente, restando, assim, para fins de análise e interpretação, uma prática teórico-analítica não-dicotômica, a qual visa mais a uma compreensão holística dos processos de produção de sentidos nas práticas discursivas do que a uma subdivisão estanque de níveis incomunicáveis de uma análise preta da abstração metodológica.

Inicialmente, nos procedimentos analíticos, esse *continuum* de contextualização pode ser mobilizado por meio da descrição/interpretação de pistas de contextualização (estratégias linguístico-discursivas) que fazem emergir ou indexicalizar certos processos sócio-históricos, sociocognitivos, interacionais, culturais e políticos. Portanto, ele condiz com a importância de se investigar práticas (con)textuais e identitárias de sujeitos não ontológicos, não autoevidentes e classificados socioculturalmente como desviantes. Assim sendo, reitero que essas práticas são construídas e/ou reconstruídas discursivamente, podendo estabelecer diferentes dinâmicas de subjetividade, seja de reforço, de fricção ou de transgressão de sistemas macrossociais (Borba, 2020b; Silva, 2020a).

No Capítulo 4, a seguir, apresento os aspectos metodológicos, além de abordar as etapas de construção e de desenvolvimento desta pesquisa.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS E CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Chamar a atenção para a constante atualização dos modelos [de contexto] em decorrência de nossos conhecimentos constituídos situadamente na relação linguagem, mundo e práticas sociais não significa dizer que somos totalmente ‘livres’ para fazer uso da língua e produzir textos, indiscriminadamente [...].

VANDA ELIAS (2017, p. 463).

Neste capítulo, apresento a seleção dos critérios metodológicos para a construção da pesquisa, além do desenvolvimento de todas as etapas. *A priori*, faço uma breve revisão sistemática de estudos produzidos sobre “sujeito” e “contexto” no âmbito da LT, a fim de perscrutar a originalidade desta tese. Em segundo lugar, discorro sobre o tipo de pesquisa e os tipos de método utilizados. Depois, apresento o mapa epistemológico-metodológico produzido para estudos (con)textuais e identitários de dissidências sexuais e de gênero, em LT. Num quarto momento, evidencio a comunidade digital investigada e as características gerais das práticas discursivas produzidas nessa locação. Subsequentemente, apresento as categorias de análise, o percurso de constituição do *corpus* e os procedimentos analíticos mobilizados.

4.1 UMA BREVE REVISÃO SISTEMÁTICA

A revisão sistemática consiste numa atividade fundamental para execução de todas as pesquisas que se preocupam com o caráter da originalidade. Além disso, possibilita que o estudioso sistematize, com maior acuidade, a produção científica já existente sobre um tema de pesquisa. De acordo com Sampaio e Mancini (2007, p. 84), trata-se de “uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema [...] disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica”.

Em se tratando de uma pesquisa em LT, cujo objetivo principal seja o de aperfeiçoar procedimentos analítico-descritivos, faz-se necessário atender a essa questão, tendo em vista que, como já apontado no Capítulo 1, pelo menos dois trabalhos, na última década, ofereceram contribuições acerca da noção de sujeito. No entanto, aqui, tratei da revisão sistemática somente como breve orientação sobre o panorama geral dos estudos textuais contemporâneos, visto que o meu interesse de pesquisa é, ao mesmo tempo, teórico-metodológico e ético-político.

Buscando apenas atestar o caráter de originalidade desta pesquisa, realizei uma breve revisão sistemática de teses de doutorado, anteriormente produzidas, no Brasil, e relacionadas

ou não às abordagens teóricas assumidas aqui. Sendo assim, selecionei três plataformas digitais, inserindo os seguintes termos no campo de busca: “linguística textual”, “sujeito” e “modelos de contexto”. Eis o panorama geral:

Tabela 1: Critérios gerais da revisão sistemática

PLATAFORMA	TERMOS DE BUSCA	CORRESPONDÊNCIA	FILTROS	TRABALHOS ENCONTRADOS
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD)	Linguística textual; sujeito; modelos de contexto;	Todos os termos	Título e resumo em português	18
Repositório Institucional da UFS	Linguística textual; sujeito; modelos de contexto;	Todos os termos	Título e resumo em português	99
Catálogo de Teses e Dissertações da Capes	Linguística textual; sujeito; modelos de contexto;	Todos os termos	Títulos em português	422 + 76 = 498

Fonte: elaboração própria.

Diante disso, o primeiro critério de inclusão abarcou somente as teses atinentes às áreas de Linguística e de Letras. Ou seja, meu interesse consistiu em observar apenas as pesquisas desenvolvidas nessas duas áreas. Em seguida, assumi os seguintes procedimentos de filtragem: i) leitura dos títulos e resumos das teses; ii) identificação da abordagem teórica; iii) identificação do objetivo geral.

Inicialmente, nos trabalhos disponibilizados pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD), verifiquei que, de um lado, apenas dois trabalhos mencionavam os termos “sujeito” e “contexto”, não como categorias de análise, mas como pano de fundo dos estudos; por outro lado, a concepção de contexto trabalhada não focalizava o sociocognitivismo, tal como proponho aqui.

Subsequentemente, verifiquei que, no Repositório Institucional da UFS, somente uma tese de doutorado, defendida em 2022, tratava de contextos educacionais na área de educação, mas não enquanto categoria de análise. Em geral, nenhum dos trabalhos encontrados nessa plataforma se aproxima da abordagem sociocognitiva do contexto e da noção de sujeito, enquanto temas de estudo, em LT.

Já no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, devido à falha na atualização da página, foi necessário dividir a busca dos trabalhos em duas etapas: i) inserção dos termos “linguística textual” e “sujeito”; ii) “linguística textual” e “modelos de contexto”. Além disso, como a quantidade de trabalhos era muito grande (422 trabalhos na primeira etapa e 76 na segunda, totalizando 498 teses), limitei os procedimentos de filtragem à leitura dos títulos das teses encontradas. Para tanto, utilizei o ícone de localização de busca (Ctrl+F), disponível no canto superior direito da plataforma.

Quanto à primeira etapa, a maior parte dos trabalhos mencionados pela plataforma correspondia à produção acadêmica da década de 1990, o que tornou impossível o seu acesso em formato digital. Outra observação pertinente é que, nos títulos, a presença do termo “sujeito” remetia a concepções gramaticais da noção. Só duas teses trabalhavam com a noção de sujeito clivado e cindido, mas não como objetivo de pesquisa: a primeira, em LT (Brito, 2010), e a segunda, em Análise do Discurso (Eckert-Hoff, 2004).

Noutras pesquisas encontradas, o sujeito era tratado como mero recurso de pano de fundo (indivíduos investigados como sujeitos). Vale mencionar, também, o trabalho de Fonseca (2015), o qual, de modo semelhante ao de Brito (2010), menciona uma concepção de sujeito clivado sob o prisma das heterogeneidades enunciativas, num viés psicanalítico. Curiosamente, esse trabalho não foi recuperado pelas três plataformas de busca adotadas.

Já com relação à segunda etapa, verifiquei que nenhum dos trabalhos encontrados, naquela plataforma, tomava, em seu objetivo geral ou específico, a noção de contexto com base no aparato sociocognitivista. Apenas alguns tomavam essa abordagem como pano de fundo para a análise de seus respectivos e diversificados *corpora*.

Além disso, pensei realizar, também, a busca por trabalhos no Google Acadêmico e no *Scielo*, mas descartei essas plataformas porque, em primeiro lugar, elas não dispunham dos mesmos campos de busca acessíveis tal como os demais e, em segundo, porque a filtragem escolhida compreendia apenas teses de doutorado, e não artigos científicos publicados em periódicos eletrônicos especializados.

Diante disso, cheguei à atestação de que, nas três plataformas digitais elencadas, nenhum dos trabalhos anteriormente produzidos, no Brasil, aproxima-se da minha proposta de investigação doutoral, o que lhe confere o caráter de originalidade.

Após a execução dessa etapa inicial, prossegui com outros delineamentos da pesquisa, selecionando, de acordo com prévias reflexões teórico-metodológicas e políticas, o tipo de investigação e os critérios metodológicos.

4.2 TIPO DE PESQUISA E CRITÉRIOS METODOLÓGICOS

Com relação ao seu desenvolvimento, esta pesquisa é básica e aplicada. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51), esse tipo de pesquisa “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”. Por sua vez, a pesquisa aplicada “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51).

Por serem genéricos, esses conceitos ganham contornos diferenciados nesta pesquisa: em primeiro lugar, a pesquisa básica não exclui a pesquisa aplicada; em segundo lugar, a pesquisa aplicada não se dirige a interesses locais (porque, ao contrário da minha pesquisa do mestrado, o recorte de identidades estudadas é ampliado, aqui, e considera sujeitos espalhados em diferentes práticas sociais e identitárias), mas a problemas específicos (rotas amplas de interpretação das (re)construções identitárias dissidentes e da ampliação de percepções sobre possibilidades de reengajamento das ações com foco em mudanças sociais).

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta pesquisa também pode ser situada entre o estudo de campo e o de caso. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 59), a pesquisa de campo “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. Por sua vez, o estudo de caso

envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento [...]. O estudo de caso possui uma metodologia de pesquisa classificada como ‘aplicada’, na qual se busca a aplicação prática de conhecimentos para a solução de problemas sociais (Prodanov; Freitas, 2013, p. 60).

Esses dois procedimentos técnicos, junto à postura ético-política no delineamento dos temas e dos dados analisados, correspondem a um tipo de pesquisa de viés etnográfico, uma vez que, aqui, a comunidade investigada é a das dissidências sexuais e de gênero, em ambiente digital. A etnografia, um método criado na Antropologia, consiste na imersão do pesquisador numa determinada comunidade humana por um determinado período de tempo, a fim de estudar suas atividades e relações socioculturais (Paiva, 2019).

Tendo em vista que as locações digitais produzem circunstâncias semiótico-identitárias (Silva, 2020b) para a expansão da (re)construção das dissidências sexuais e de gênero, ora como ampliação da vida *off-line*, ora como aperfeiçoamento da flexibilidade na produção identitária

de sujeitos-corpos dissidentes, assumo o estudo de campo em ambiente digital como o ponto de partida para a identificação de uma comunidade epistêmica *online*, mas não de forma imersiva por um longo período de tempo.

A internet constitui uma tecnologia midiática que possibilita a produção de práticas sociais (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011). Com efeito, a linguagem em uso é o motor principal da digitalização da vida na *web* (Silva, 2020b), contribuindo, assim, para a expansão de práticas identitárias e (con)textuais de sujeitos dissidentes, na formação de comunidades digitais ligadas por laços afetivos, socioculturais e políticos (Lévy, 2015; Castells, 2007). Uma vez que várias formas de ativismo digital refletem uma popularização massiva de pessoas engajadas em experiências de luta e de resistência (Santos, 2020; Cunha, 2021), torna-se crucial observar ligações entre as potencialidades midiáticas (Barton; Lee, 2015) e os modelos sociocognitivos (Bentes; Morato, 2021), na (re)construção identitária desses sujeitos.

Diante do caráter básico, aplicado e ético-político do estudo, a principal técnica de coleta de dados utilizada concerne à observação direta extensiva e sistemática (Prodanov; Freitas, 2013), porque as arenas discursivas de autorrepresentação *online*⁴¹ (Barton; Lee, 2015) se atrelam a histórias de vida com o uso da primeira pessoa no singular; concomitantemente, a sistematização dos dados, disponíveis em ambiente digital, faz-se necessária junto a aspectos teórico-analíticos assumidos e à constituição de um esquema epistemológico-metodológico, possibilitando, *a posteriori*, uma exploração analítico-crítica em torno da noção de sujeito, e, conseqüentemente, das de contexto e identidade.

Aqui, embora o estudo de campo em ambiente digital esteja restrito à minha observação oculta⁴², compreendo que, em ciências humanas e sociais, não necessariamente positivistas, o foco investigativo não recai sobre a solução imediata dos problemas estudados, mas, sobretudo, sobre o aperfeiçoamento de marcos interpretativos tradicionais e/ou sobre a expansão da compreensão de dinâmicas sociopolíticas e culturais vinculadas a grupos humanos estudados. Isso se efetiva, em grande parte, por meio de aprofundamento teórico-analítico e/ou político investido. Por isso, nesta investigação, eu optei pelas abordagens qualitativa e interpretativista. Em primeiro lugar, a abordagem qualitativa

⁴¹Convém lembrar que o termo “autorrepresentação”, aqui, não condiz com um tipo de modelo cognitivo estabilizado na Base Comum do sujeito do discurso, mas, sim, um tipo de atividade discursiva, dinâmica e sociocognitivamente motivada. Ou seja, é uma prática de reconstrução de sentidos do texto, da qual esse sujeito participa, ao falar de si mesmo.

⁴²De acordo com Skågby (2011), numa pesquisa qualitativa em rede, o pesquisador que opta pela observação oculta é integrante da comunidade digital, mas não se manifesta de forma explícita; ele apenas procede à leitura dos fenômenos sociais que se desenrolam ali.

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. [...] O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Nesse sentido, a (inter)subjetividade, questão crucial para a noção de sujeito empregada no processo de análise dos dados, diz respeito tanto à manifestada nos textos *online* analisados quanto àquela do próprio pesquisador (no caso, eu). Para Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 30), “na pesquisa qualitativa é possível examinar uma grande variedade de aspectos do processo social, como o tecido social da vida diária, o significado das experiências e o imaginário dos participantes da pesquisa”. Nesse enquadre, o significado das ações sociais ancora em uma abordagem interpretativista cujo procedimento analítico incorpora a descrição de processos linguístico-discursivos, mas não se limita à identificação deles.

Nesta pesquisa, a visada crítica e multidisciplinar demanda da abordagem descritivo-interpretativista (Cavalcante *et al.* 2016) uma explicação das práticas sociais e discursivas no que concerne a esquemas cognitivos e ideológicos e a relações de poder entre sujeitos de comunidades epistêmicas. Compreende, também, dinâmicas de (re)engajamento sociopolítico, indicadas por pistas de (con)textualização, em práticas identitárias digitais. Esse tipo de abordagem, aliás, conforme os objetivos específicos em curso, compreende a integração de vários níveis de análise (do cotexto ao contexto).

4.3 ELABORANDO UM MAPA EPISTEMOLÓGICO-METODOLÓGICO

Em LT, não é muito comum a formulação de procedimentos metodológicos precisos, com etapas previamente definidas, tampouco em estudos críticos e multidisciplinares, nessa subárea, acerca de temáticas sociopolíticas da vida contemporânea. Logo, a partir das reflexões teóricas e dos diálogos multidisciplinares propostos aqui para a análise de práticas (con)textuais e identitárias de sujeitos dissidentes, acredito que cabe, inicialmente, uma atenção a mapas epistemológico-metodológicos sob uma perspectiva crítica e ético-política do discurso.

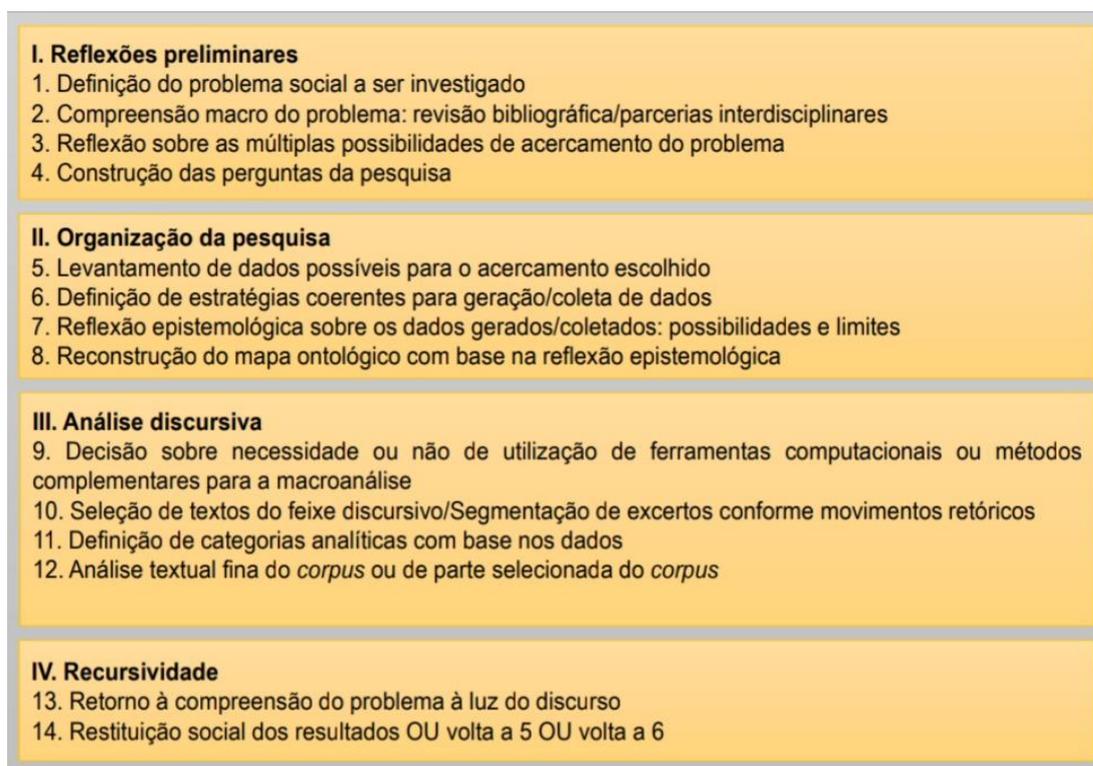
Para início de conversa, refiro-me ao estudo de Resende (2017), que, em Análise de Discurso Crítica (ADC), orientou, parcialmente, as decisões epistemológicas e metodológicas do percurso preliminar desta investigação. Segundo a autora, as pesquisas em ADC partem da percepção de um problema, seja ele de ordem teórica ou de ordem social. Geralmente, a

identificação do problema é feita “na atividade decorrente de uma prática particular, em seu aparato semiótico (ação discursiva) ou na reflexividade sobre uma dada prática (representação discursiva)” (Resende, 2017, p. 37).

Esta pesquisa se originou da convergência de duas problemáticas, ou seja, da inserção de uma em outra: i) percepção de lacunas, nos estudos de LT, acerca do aprofundamento teórico e analítico-descritivo para a análise de sujeitos, produtores de discursos e contextos, em práticas sociais subversivas; ii) incorporação desta problemática na necessidade de reconsideração de práticas discursivas científicas acerca da compreensão de práticas identitárias e (con)textuais de sujeitos dissidentes engajados em ações sociopolíticas, em ambientes digitais.

Ao se considerar a necessidade de execução de pesquisas linguístico-textuais em uma postura engajada pela busca de explicação de questões sociais contemporâneas, sob um viés crítico e multidisciplinar (Van Dijk, 2017; Rajagopalan, 2003), é importante que a elaboração de mapas epistemológicos e metodológicos considere etapas subsequentes, transversais e concomitantes, ao mesmo tempo. A saber:

Figura 6: Mapa epistemológico para ADC



Fonte: Resende (2017, p. 41).

Inserida na ADC, a autora, ao propor o mapa acima, considera um conjunto de fases capazes de atender aos objetivos de determinado empreendimento de pesquisa que vise a explicar problemas sociais na articulação com os conceitos teóricos e as análises obtidas. Desse

modo, as fases da presente investigação compreenderam, de algum modo, as apresentadas no mapa da Figura (6). Mas, esta pesquisa não é filiada inteiramente à ADC, por isso, considere a elaboração de um mapa epistemológico-metodológico mais genérico, com base no modelo ideal-típico de uma LT engajada, que priorize as relações entre discursos, sujeitos e contextos.

Quadro 2: Mapa epistemológico-metodológico para uma LT ético-política

I. REFLEXÕES PRELIMINARES
<ol style="list-style-type: none"> 1. Definição de questões de pesquisa e de problemáticas sociais; 2. Revisão da literatura sobre as problemáticas; 3. Reflexão sobre múltiplas possibilidades de acercamento dos temas sociais; 4. Redefinição das questões de pesquisa com foco nos construtos teóricos, nos fenômenos sociais e/ou em ambos;
II. ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA
<ol style="list-style-type: none"> 5. Levantamento de dados passíveis de análise sob o acercamento dos temas sociais; 6. Definição de estratégias operacionais para geração de dados (por exemplo, recorte temporal, condições materiais de registro analítico dos dados); 7. Definição de locações <i>off-line</i> e/ou <i>online</i> para geração dos dados; 8. Avaliação de possibilidade de reconstrução das questões de pesquisa com base na escolha da locação; 9. Definição de critérios <i>stricto sensu</i>: tipo de pesquisa, procedimentos técnicos, abordagem (qualitativa, quantitativa, quali-quantitativa) e procedimentos de análise (descrição, interpretação, explicação, etc.); 10. Atenção a marcos legais e normativos da ética em pesquisa;
III. ANÁLISE TEXTUAL E CONTEXTUAL
<ol style="list-style-type: none"> 11. Decisão ou não sobre uso de ferramentas digitais para geração dos dados; 12. Sistematização dos dados conforme estratégias operacionais, dimensões sociais e situacionais da locação <i>online</i> e/ou <i>off-line</i> e critérios metodológicos <i>stricto sensu</i>; 13. Definição de excertos dos dados (constituição de <i>corpus</i>); 14. Definição de categorias analíticas com base no <i>corpus</i> constituído; 15. Análise do <i>corpus</i> para explicação mais ampla das práticas sociais via textos e contextos;
IV. RECURSIVIDADE
<ol style="list-style-type: none"> 16. Retorno à compreensão dos temas sociais à luz da análise do <i>corpus</i>: relações entre discursos, sujeitos e contextos; 17. Ponderação dos resultados com base nas perspectivas epistemológicas mobilizadas; 18. Elaboração de relatório ou trabalho final com fins de registro da pesquisa.

Fonte: elaboração própria.

Convém falar um pouco da construção da pesquisa, com base nesse mapa (Quadro 2). Após o encerramento do mestrado, em 2020, quando identifiquei as duas problemáticas (p. 133), realizei algumas leituras pertinentes às noções de sujeito, contexto e identidade (Butler,

2002, 2015; Van Dijk, 2013, 2020). Em meio às reflexões teóricas, imaginei que, em ambientes digitais, locações de efervescência de usos linguísticos, dissidências sexuais e de gênero amplificam lutas por direitos humanos, quando desconstroem e/ou reconstroem a si mesmos, numa tentativa de atualização ou de contestação das relações de poder que as afligem. Nesse sentido, práticas de (con)textualização digitais ofereceriam condições privilegiadas para a descrição e a interpretação das práticas identitárias desses sujeitos, possibilitando algumas explicações sociais e aperfeiçoamentos epistemológicos do ponto de vista da LT.

Reconheci, portanto, a necessidade de realização de uma pesquisa com visada crítica e multidisciplinar, a fim de associar noções de sujeito contemporâneas com os paradigmas contextual e pós-identitário, já que um estudo integracionista e antiessencialista de (con)textos dissidentes poderia contribuir para a análise de sujeitos nem soberanos nem completamente constringidos por coerções socioculturais, pressuposto este apontado anteriormente, mas não explorado, em termos sociais e cognitivos, por estudiosos da LT (Brito, 2010; Fonseca, 2015; Cavalcante *et al.*, 2019). Destarte, elaborei duas questões de pesquisa⁴³, de modo que a primeira é de cunho teórico-metodológico, e a segunda, de cunho teórico-analítico e político.

Nessas reflexões preliminares, as duas questões iam sendo continuamente reformuladas conforme a observação de plataformas digitais que veiculam conteúdos sobre dissidências sexuais e de gênero. Com efeito, percebi que seria mais viável, como recurso para geração dos dados, selecionar as plataformas mais utilizadas pela sociedade brasileira contemporânea, a exemplo do *WhatsApp*, do *Twitter* (agora denominado *X*) e do *YouTube*.

Com base na categoria central do “Eu-mesmo”, dos esquemas de modelos de contexto (Van Dijk, 2013, 2020), e nos aportes teóricos de sujeito e identidade (Butler, 2002, 2015), notei que o *YouTube* se trata da plataforma mais viável para a análise de sujeitos dissidentes em processos de autorrepresentação *online* (Barton; Lee, 2015), em entrevistas autobiográficas. Além disso, motivado pela crença de que, em ambientes digitais, esses sujeitos dissidentes encontram maior flexibilidade para construção e reconstrução de suas identidades, verifiquei que gêneros discursivos, como vídeos contendo histórias de vida, possibilitam uma melhor observação das dinâmicas identitárias não cis-heteronormativas.

O *YouTube* foi a segunda plataforma mais utilizada, no Brasil, no ano de 2022 (138 milhões de usuários), depois do *WhatsApp*. Diante disso, estabeleci um recorte temporal para

⁴³Que diálogo pode ser estabelecido entre o sociocognitismo, o paradigma pós-identitário e a noção de “sujeito”, em LT, com vistas ao estudo de (con)textos das dissidências sexuais e de gênero? E que práticas identitárias de gênero e de sexualidade são (re)elaboradas por esses sujeitos minoritarizados perante à cis-heteronormatividade?

a tarefa de geração dos dados (junho de 2022 a maio de 2023), porque, em primeiro lugar, seria essa a etapa subsequente às de leitura e de resenha de aportes teóricos, conforme o cronograma da pesquisa; em segundo lugar, era preciso definir um período específico para a geração dos dados, tendo como condição um tempo restante para as últimas fases da pesquisa (análise dos dados e redação final da tese), antes do seu prazo de conclusão. Nesse cenário, percebi que, desta vez, trabalhar com áudios de vídeos do YouTube demandaria um estudo de campo específico, voltado para as características multimodais dos dados.

Após a definição da plataforma digital (YouTube) como um modo provisório de acercar as questões de pesquisa, procurei selecionar estratégias coerentes para geração dos dados a serem analisados. Para isso, minha tarefa sequencial foi a escolha justificada de pelo menos um canal do YouTube, cujos conteúdos priorizassem trajetórias de vida, em primeira pessoa do singular, de sujeitos de gênero e de sexualidade dissidentes (ver subseção 4.4). Em seguida, inscrevi-me no canal selecionado (*Pheeno TV*), a fim de assistir aos vídeos veiculados, além de poder construir conhecimentos acerca daquelas comunidades epistêmicas em interação.

Nesse sentido, cheguei ao passo 11 do Quadro (2), a fim de definir ferramentas digitais para a geração dos dados. Verifiquei que há um ícone de transcrição automática do conteúdo verbal dos vídeos (ver subseção 4.4), disponível no canto superior direito da página digital dos canais do YouTube. Esse tipo de recurso digital poderia me auxiliar durante a tarefa de sistematização do *corpus*. No entanto, após testá-lo, notei que se trata de um recurso de transcrição problemático, já que o conteúdo não é reproduzido literalmente (há problemas de ortografia, pontuação e erro no reconhecimento do léxico utilizado). Portanto, eu estabeleci que, para transcrever os áudios dos vídeos do canal, utilizaria o site de transcrição denominado *You-TLDR*⁴⁴, junto ao editor de textos *Word*, cuja reprodução do conteúdo textual dos vídeos é mais fidedigna, restando apenas a correção de algumas palavras e alguns sinais de pontuação.

Durante minha fase de envolvimento com a comunidade digital selecionada, assisti a alguns vídeos de várias *playlists* (pastas) que continham histórias de vida narradas em primeira pessoa do singular. Notei que a maior parte dos conteúdos publicados correspondia a entrevistas autobiográficas, e os sujeitos entrevistados, olhando frontalmente para a câmera, respondiam às perguntas livremente e se identificavam, em sua maioria, como pessoas LGBTQIA+.

Após definir critérios *stricto sensu*, e, levando em conta a dimensão ético-política da abordagem epistemológica crítica e do compromisso social investido, aqui, compreendi que seria necessário proceder a um cadastro do meu projeto de pesquisa na Plataforma Brasil, com

⁴⁴Ferramenta disponível no link: you-tldr.com.

o intuito de garantir o caráter ético da investigação. Em primeiro lugar, precisava garantir a autorização da coleta e do uso dos dados, a qual seria concedida pelos administradores da comunidade digital escolhida. E, em segundo lugar, garantir a privacidade dos dados pessoais dos sujeitos investigados.

Para proceder com essa tarefa, preenchi documentos digitais exigidos pela Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016, concernente ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Declaração de Pesquisador, Declaração de Instituição e Infraestrutura, etc.). No dia 09 do mês de setembro do ano de 2022, enviei a documentação via e-mail para os administradores do canal do YouTube. Porém, não obtive qualquer resposta (vale lembrar que as assinaturas deles são necessárias para garantir o cadastro do projeto e sua consequente aprovação pelo CEP). Em vista disso, recorri à atual Resolução e verifiquei, com base em seu parágrafo único, que seria possível utilizar os dados digitais desse canal, sem a necessidade de autorização. A propósito, eis o trecho da Resolução:

Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

I - pesquisa de opinião pública com participantes não identificados;

II - pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;

III - pesquisa que utilize informações de domínio público; (Resolução Nº 510, 2016, p. 1-2).

Essas informações do documento oficial me fazem compreender que a plataforma do YouTube, por ser de domínio público e gratuito, não impede que uma pesquisa, em ciências humanas e sociais, seja produzida sem a autorização prévia de administradores dos canais. Cheguei, também, a essa conclusão porque fiz um teste para comprovar a efetividade do dispositivo legal da Resolução mencionada: visita aos vídeos de vários canais, produtores de conteúdos diversos, inclusive do canal selecionado por mim, sem estar conectado ao *Gmail* (atualmente, é possível inscrever-se em canais, e “curtir”, “comentar” e “compartilhar” vídeos do YouTube se o usuário tiver efetuado *login* via Google).

Com relação aos passos 13, 14 e 15 do Quadro (2), convém dizer que foi realizada a seleção/geração dos textos *online* (excertos das transcrições dos vídeos no recorte temporal definido) a serem analisados. Por sua vez, a definição de categorias analíticas com base no *corpus* foi um processo dinâmico, realizado antes (imersão em vídeos do canal e na vinculação deles aos interesses teóricos e políticos da pesquisa) e durante as atividades de sistematização, leitura, descrição e interpretação dos excertos transcritos. Já a análise textual e contextual do

corpus (passo 15) foi feita com base nas noções e nas categorias analíticas prévias diluídas nos capítulos teóricos (estratégias linguístico-discursivas e processos sociocognitivos).

Por último, os resultados da fase da “Recursividade” (Quadro 2), isto é, o retorno à compreensão das problemáticas sociais e a ponderação dos resultados da pesquisa estão na última seção deste trabalho, que foi denominada “Palavras finais”.

4.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA E SEUS DISCURSOS DISSIDENTES

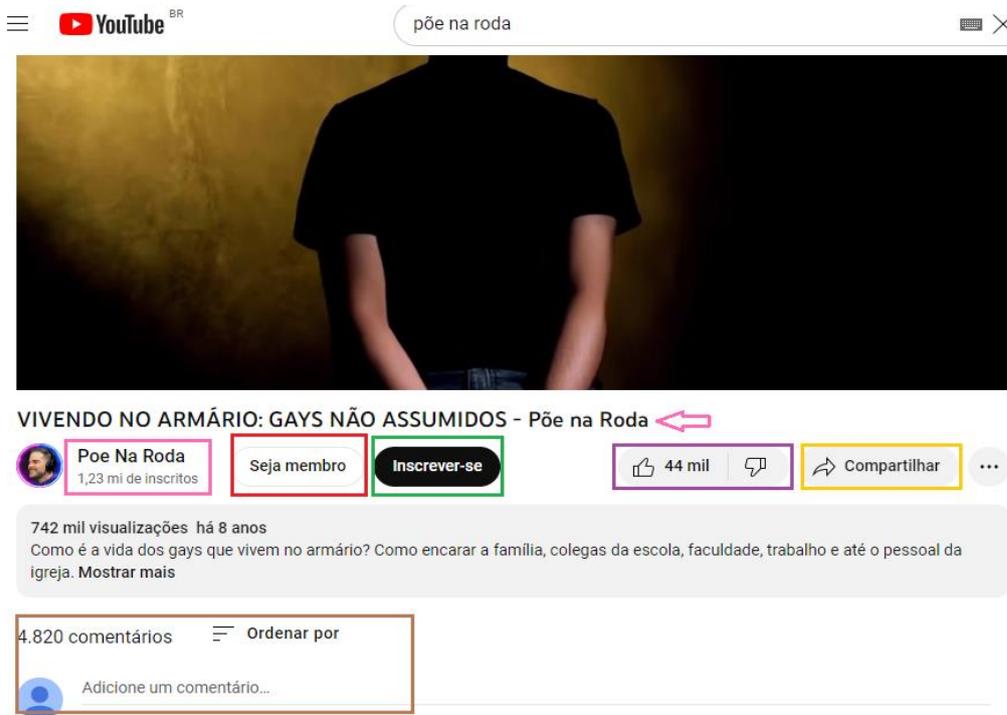
Em se tratando de uma pesquisa crítica, ética e sociopolítica acerca da noção de sujeito, associada às de contexto e identidade, a partir da LT, faz-se necessário discorrer, brevemente, sobre os sujeitos-corpos dissidentes que circulam no ambiente digital do canal do YouTube. Mas, antes disso, convém apresentar que ambiente público é esse e as formas de participação social que ocorrem nessa locação digital.

Barton e Lee (2015) comentam que nós atuamos, hoje, num mundo social textualmente mediado por novas tecnologias e novas mídias, de modo que a linguagem *online* se constitui de aspectos cruciais para o desenrolar dos processos socioculturais em rede: práticas de letramento, espaços de escrita, virtualidades, multimodalidade, posicionamentos discursivos, grupos de afinidade e globalização. Todos esses processos se encontram em diversas locações digitais, a exemplo das redes sociais.

Na plataforma (ou rede social) do YouTube, predomina a publicação de vídeos pelos chamados influenciadores digitais e criadores de conteúdo. Esses sujeitos têm acesso privado a canais criados por conta própria e, assim, sobem vídeos de acordo com agendas flexíveis e com base em temas sociais específicos. Por sua vez, os sujeitos sociais que assistem aos vídeos, nos canais da plataforma, podem se inscrever ou não (de forma gratuita), tornar-se membros ou não (pagar por conteúdos privados) nos/dos canais que visitam, esporádica ou frequentemente.

Eis um exemplo abaixo:

Figura 7: Excerto de vídeo do canal *Põe na Roda*



Fonte: YouTube, 2023.

Nessa ilustração, destaco alguns ícones disponíveis na página do vídeo postado pelos criadores e administradores do canal *Põe na Roda*, fundado no ano de 2014. Assim, a seta na cor rosa aponta para o título do vídeo; a caixinha na cor rosa indica o nome do canal e a quantidade de leitores/usuários inscritos nele (1 milhão e 23 mil inscrições); a caixinha na cor vermelha indica a opção de tornar-se membro do canal; já a caixinha na cor verde indica a opção de inscrever-se; além disso, a caixinha na cor roxa contorna o ícone que indica a quantidade de pessoas que curtiram o vídeo (ou seja, que marcaram “gostei”); também há o ícone da opção “compartilhar”, contornado pela cor amarela; por último, há a indicação da quantidade de comentários dos leitores em resposta ao vídeo em questão e o espaço destinado à postagem de mais comentários, contornados pela cor marrom.

A Figura (7) é a captura de tela de um dos primeiros vídeos desse que é o maior canal da plataforma sobre a temática LGBTQIA+. Desde 2016, acessando, sempre que possível, os vídeos desse canal, tenho aprendido muito sobre algumas problemáticas das dissidências sexuais e de gênero. Não à toa, essa foi uma das motivações para o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado, a partir do ano de 2018. Essa poderia ser a locação digital para o trabalho de doutoramento, no entanto, os critérios de seleção de um canal específico para o estudo de campo digital permitiram a escolha de um outro.

Inicialmente, o primeiro critério de definição da comunidade digital foi a publicação de conteúdo com entrevistas autobiográficas, visto que isso poderia ser articulado à categoria central dos modelos de contexto, bem como possibilitaria observar dinâmicas identitárias na trajetória pessoal de sujeitos minoritarizados em razão do gênero e da sexualidade. Por sua vez, o segundo critério de seleção do canal do YouTube foi a observação prévia de *playlists* que agrupassem essas entrevistas com a participação de sujeitos convidados pelos administradores do canal. Assim, tornar-se-ia mais preciso escolher uma *playlist* do canal para, na fase de sistematização dos dados, proceder à transcrição de conteúdos previamente relevantes, quer sob a ótica do aparato epistemológico-metodológico, quer sob a ótica das lutas sociopolíticas.

Diante dos dois critérios definidos e após uma longa busca em canais variados sobre a temática LGBTQIA+ ou sobre dissidências sexuais e de gênero, verifiquei a existência de um canal que dispunha e dispõe de *playlists* com depoimentos de pessoas com categorias sociais diversas. Refiro-me ao *Pheeno TV*, canal que possui doze anos de funcionamento, contando, até 28 de fevereiro de 2024, com 168 mil inscrições e 2.300 vídeos publicados no YouTube.

Figura 8: Página inicial do canal *Pheeno TV*

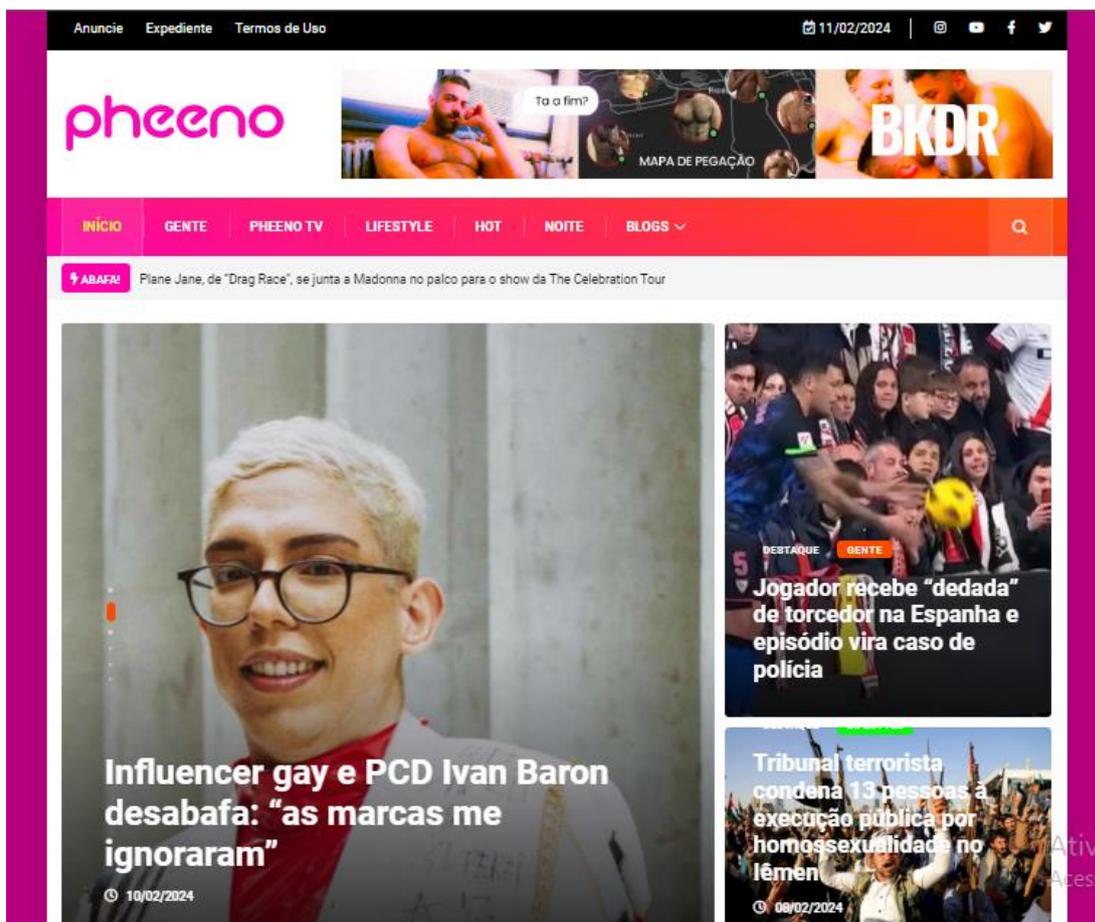
The image is a screenshot of the YouTube channel page for 'Pheeno TV'. At the top, there is a search bar containing 'pheeno tv' and a 'Fazer login' button. The channel's profile picture is a pink circle with the letters 'ph' in white. The channel name 'Pheeno TV' is displayed in bold, followed by the handle '@PheenoTV', subscriber count '168 mil inscritos', and video count '2,3 mil vídeos'. Below this, there is a link to the channel's Instagram profile and an 'Inscrever-se' (Subscribe) button. The main content area shows a video player with a thumbnail of a man in a patterned shirt speaking. The video title is 'Artista não-binária usa sua voz para lutar ...'. To the right of the video, there is a description in Portuguese: 'Artista não-binária usa sua voz para lutar contra Instituições r...'. Below the description, it says '769 visualizações · há 2 meses'. The video player shows a progress bar at 0:02 / 8:09. The left sidebar contains navigation options: 'Início', 'Shorts', 'Inscrições', 'Você', and 'Histórico'. At the bottom left, there is an 'Explorar' section with options like 'Em alta', 'Shopping', 'Música', and 'Filmes'. A Windows watermark is visible in the bottom right corner.

Fonte: YouTube, 2024.

Desde a sua criação, esse canal produz conteúdo *com e sobre* dissidências sexuais e de gênero, recobrando identidades distintas e outros marcadores sociais da diferença (etnia, raça, classe socioeconômica, profissão, necessidades especiais, etc.). Dentre os tipos de conteúdo disponíveis em diferentes *playlists*, posso citar alguns: entrevistas com personalidades (famosas

e não famosas) de gênero e de sexualidade dissidentes, esquetes com canto, assuntos *hot*, gravações de shows com cantores e cantoras da comunidade LGBTQIA+, informações educativas, encenações cômicas, etc. Além do canal no YouTube, quase todos os conteúdos também estão disponíveis no site e no perfil do *Instagram* dessa comunidade epistêmica.

Figura 9: Página inicial do site *Pheeno*



Fonte: <https://pheeno.com.br/>. Acesso: 05 de fevereiro de 2024.

É possível visualizar, na Figura (9) acima, alguns ícones semelhantes aos dos conteúdos disponibilizados também no canal do YouTube: assuntos *hot* e os vídeos. Além disso, há os ícones sobre estilo de vida (*lifestyle*) e blogs, bem como a divulgação de notícias relacionadas aos temas das comunidades epistêmicas das dissidências sexuais e de gênero.

Na Figura (10) a seguir, também, a comunidade do *Pheeno TV* costuma publicar, em maior escala, notícias diversas sobre essas temáticas. Eis a captura de tela do seu perfil do *Instagram*:

Figura 10: Página inicial do perfil *Pheeno* no *Instagram*



Fonte: *Instagram*. Acesso: 05 de fevereiro de 2024.

No entanto, optei por trabalhar com a comunidade do canal do YouTube pela facilidade de acesso à reprodução dos vídeos via aparelhos celular e notebook, além da maior experiência que tenho com essa plataforma digital. Para proceder à geração de dados para esta pesquisa, verifiquei que havia *playlists* do canal com vídeos de entrevistas autobiográficas. Elas são assim intituladas: “Temporada 2020”, “Temporada 2021”, “Ícones LGBTQ+”, “Depoimentos” e “Papo com música”. Focalizando o interesse na autorrepresentação *online* dissidente, uma vez que ela sinaliza um campo aberto para a análise textual e contextual de práticas identitárias, percebi que a *playlist* com depoimentos poderia compor o *corpus* desta investigação. Aliás, segundo Gibbs (2009), histórias ou relatos de vida têm a ver com a visão subjetiva do sujeito sobre si mesmo, o que constitui, aqui, um dos principais aspectos para a geração dos dados.

A *playlist* “Depoimentos” é a maior do canal com histórias de vida narradas em primeira pessoa, contando até o momento com 207 vídeos, visto que está sempre sendo atualizada. Como dito na subseção 4.3, o recorte temporal estabelecido para a geração dos dados (seleção de vídeos da *playlist* para transcrição e análise) se deu entre os meses de junho de 2022 e maio de 2023 (todavia, isso estava sujeito a alterações). *A priori*, contei com o universo de 64 entrevistas autobiográficas e, conseqüentemente, com autorrepresentação *online*, conforme o recorte. A seguir, uma captura de tela de um dos vídeos da *playlist*.

Figura 11: Excerto de vídeo da *playlist* “Depoimentos” do *Pheeno TV*

The image shows a YouTube video player interface. The main video features a woman with long dark hair, wearing a bright yellow top and black pants, sitting in front of a backdrop with the word 'pheeno' repeated in large white letters on a yellow and orange background. Below the video, the title reads: "DJ lésbica relembra traição de ex que a fez crescer na carreira: 'Foi com a minha prima' @ Pheeno TV". The channel name 'Pheeno TV' is visible with 165 mil inscritos and an 'Inscrever-se' button. Below the video are icons for likes (132), comments, and sharing. On the right side, a playlist titled 'Depoimentos' is open, showing a list of videos with thumbnails and titles. The first video in the list is 'Queen mineira expoe racismo entre artistas drags: 'Falam...'' by UARA CAR, with a duration of 12:28. Other videos include 'Ator pornô defende passivos: 'Fazemos a maior parte do...'' by LUKE TA (8:27), 'Biomédico gerencia carreira como ator pornô a fim de...' by DEANNE SOU (8:03), 'Cantor eternizou voz da mãe em seu 1º EP: 'Nossos rótulo...' by GLAÚ (13:34), and '1º drag intérprete de libras do Brasil faz apelo: 'Tragam...' by RITA D'Á (9:24). A Windows watermark is visible at the bottom right of the playlist window.

Fonte: YouTube, 2023.

Nessa ilustração, é possível identificar, por meio do título do vídeo, duas categorias sociais referentes à pessoa em foco: profissão (DJ) e orientação sexual (lésbica). Ao lado direito (em destaque com cor azul), há duzentos vídeos de outras dissidências sexuais e de gênero contando parte de suas trajetórias de vida, relacionadas, sobretudo, aos diferentes modos de identificação com gênero e sexualidade, aos modos como são lidas/reconhecidas por outros sujeitos em outros contextos. Na maioria dos vídeos dessa *playlist* do canal, percebo que há uma estreita relação entre entrevistas autobiográficas e dinâmicas de subjetivação, passíveis, portanto, de análises.

Os vídeos da *playlist* “Depoimentos” preenchem, portanto, vários requisitos para ajudar a compreender processos socioculturais e relações de poder, relacionados a dinâmicas de (re)engajamento de sujeitos dissidentes, em práticas discursivas digitais da contemporaneidade. Sendo assim, os usos linguísticos, nessa locação digital, contribuem para a composição de *corpora* linguísticos, um “prato cheio” para pesquisas nos estudos da linguagem e do discurso. Segundo Bauer e Aarts (2015, p. 45), “*corpora*, no sentido linguístico, são coleções de dados de linguagem que servem para vários tipos de pesquisa”. São compostos de materiais escritos e/ou falados e auxiliam no armazenamento de informações como um banco de dados eletrônico (McArthur, 1992 *apud* Bauer; Aarts, 2015), principalmente, em situações sociais digitais.

Levando em conta a seleção da locação digital, assim como os critérios de exclusão e de inclusão do *corpus* de linguagem desta pesquisa (ver subseção 4.6), chamo atenção para o

gênero discursivo autobiografia, o qual, em formato estritamente verbal (extraído do conteúdo multimodal dos vídeos do canal), é composto por material falado. Mas, para fins da análise textual e contextual, aqui, ele recebeu um tratamento de transcrição, configurando-se, portanto, em material escrito.

A autobiografia pode ser definida como “uma narrativa introspectiva em prosa que uma pessoa real faz da própria existência, quando essa pessoa acentua sua vida individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune, 1975, p. 14). Fundamentado nisso e, também, em Bakhtin (2006), assume Lessa (2013, p. 131) que o “eu que narra sua vida, suas experiências, relaciona-se organicamente com os outros, liga-se à sociedade em que vive, aos seus valores, a certas representações sociais (ideologias, crenças, senso comum)”. Dessa forma, denominei de entrevistas autobiográficas o *corpus* desta pesquisa porque, nos vídeos da *playlist* “Depoimentos”, os sujeitos constroem o “Eu-mesmo” à medida que reconstróem suas próprias trajetórias de vida pessoal.

Pude, então, imaginar um esquema que contribua para demonstrar, de alguma maneira, uma inter-relação entre a autorrepresentação *online*, a entrevista autobiográfica e o “Eu-mesmo”, segundo o que observei e interpretei dos vídeos da *playlist* para a geração dos dados:

Figura 12: Autorrepresentação *online*, entrevista autobiográfica e “Eu-mesmo”



Fonte: elaboração própria.

Em vista disso, acredito que, nesta pesquisa, sob os contornos iniciais da LT, em diálogo multidisciplinar, seja necessário falar não só de sujeitos-corpos dissidentes, mas também de discursos dissidentes, ou seja, entrevistas autobiográficas que podem talvez desafiar sistemas macrossociais de inteligibilidade, a exemplo da cis-heteronormatividade (Silva, 2020a). Assim,

imagino que, com relação aos possíveis benefícios resultantes desta investigação, os sujeitos dissidentes, ainda que de forma indireta, contribuem para a composição de um acervo coeso, coerente e sociocognitivamente político em torno das grandes lutas socioculturais e históricas relativas a grupos minoritarizados, na sociedade brasileira contemporânea.

4.5 O “EU-MESMO” EM (CON)TEXTO *ONLINE*: CATEGORIAS DE ANÁLISE

Ao seguir o mapa epistemológico-metodológico (Quadro 2), convém apresentar, agora, uma definição provisória das categorias analíticas sob a observação direta extensiva que realizei acerca da comunidade epistêmica do *Pheeno TV*. Para proceder com essa tarefa, considere as duas questões de pesquisa e os objetivos específicos. Dessa maneira, os passos subsequentes da pesquisa assumiram contornos mais precisos, a fim de chegar aos resultados esperados.

De acordo com o percurso teórico-reflexivo, desenvolvido nos Capítulos 1, 2 e 3, propus que as categorias de análise fossem definidas em dois grupos: textual e contextual. Mesmo que, nesta pesquisa, o texto não seja visto como algo desgarrado do contexto, sugiro que, para fins de organização dos procedimentos analíticos, ele esteja incluído no subgrupo das estratégias linguístico-discursivas, e a questão do contexto, no subgrupo dos processos sociocognitivos.

Van Dijk (2020) ensina que, quando o esquema geral e os conteúdos provisórios das categorias dos modelos de contexto são construídos pelo sujeito, surgem condições para o início da produção discursiva em vários níveis de expressão (fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, dentre outros). Para mim, em acordo com os enquadramentos teóricos desta pesquisa, os níveis textuais se realizam, grosso modo, conforme as principais categorias de análise da LT brasileira contemporânea, ao passo que os aspectos contextuais são sugeridos pelas categorias dos modelos de contexto (Van Dijk, 2013, 2020) junto às perspectivas crítica (Rajagopalan, 2003, 2016) e pós-identitária (Butler, 2015; Borba, 2020a).

As categorias de análise para o estudo do “Eu-mesmo” em (con)texto *online* dissidente foram construídas sob as perspectivas epistemológicas acionadas, os tipos de procedimentos analíticos escolhidos e as reflexões preliminares desencadeadas pela constituição do *corpus*: processos de referenciação; signos indexicais; organização tópica; propriedades dos modelos de contexto; aspectos socioculturais (gênero, sexualidade, base comum, identidades, atitudes, ideologias), etc. Para fins analítico-descritivos e interpretativos, apresento um modelo para a fase das análises, que estão dispostas no Capítulo 5.

Quadro 3: Categorias de análise para o estudo do “Eu-mesmo” em (con)texto

TEXTO	CONTEXTO
Estratégias linguístico-discursivas	Processos sociocognitivos
Processos referenciais Signos indexicais Organizadores tópicos	Objetivos, interesses Posição social (<i>status</i> , profissão) Gênero Sexualidade Raça, etnia Faixa etária Opiniões, ideologias, atitudes Base comum (pessoal, social) Papéis comunicativos Papéis sociais Identidades (pessoal, social) Personalidade Relações entre participantes Ambiente (tempo, espaço)

Fonte: elaboração própria.

Após essa definição prévia, convém falar, brevemente, da construção do *corpus* e dos procedimentos de análise, na subseção a seguir.

4.6 CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Ao lidar com um grande volume de dados disponíveis na *playlist* “Depoimentos” (207 vídeos), optei por uma sistematização, a fim de chegar à construção de um *corpus* adequado aos delineamentos epistemológicos. Logo, o tratamento dos dados (vídeos da comunidade digital) resultou, inicialmente, na constituição do *corpus* linguístico por meio de duas triagens (critérios de exclusão e critérios de inclusão). Conforme o quadro abaixo:

Quadro 4: Critérios para a constituição do *corpus*

TRIAGEM I - CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	
1º	Vídeos deslocados do recorte temporal - junho de 2022 a maio de 2023
2º	Vídeos com dois ou mais sujeitos entrevistados
3º	Vídeos sobre assuntos não pertencentes a trajetórias de vida pessoal
TRIAGEM II - CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	
1º	Foco em um vídeo de publicação mensal
2º	Maior alcance (visualizações, curtidas e comentários)
3º	Relevância contextual de gênero e/ou de sexualidade dissidente

Fonte: elaboração própria.

Antes de explicar os critérios, convém dizer que a coleta de dados só foi finalizada no dia 10 de dezembro de 2023, a fim de obter uma melhor atualização do alcance da publicação dos vídeos do canal. Considerei essa característica típica do ambiente digital do YouTube por estar atrelada à inter-relação entre repercussões sociais e experiências de subjetivação dos interlocutores, que, em sua maioria, devem pertencer à comunidade epistêmica de sujeitos dissidentes e mantêm, de alguma forma, interações colaborativas contínuas com os textos *online* ali veiculados. Ressalto, com base nisso, que o tipo de *corpus* aqui construído não compreende textos produzidos, exclusivamente, em situações digitais (os vídeos do *Pheeno TV* são gravados de modo *off-line* e, após edição, são publicados em ambiente *online*). Seus modos de enunciação iniciais não são essencialmente *online*. Por essa razão, esse *corpus* não foi analisado a partir da dimensão da circulação textual, mas a partir do meu contexto de interlocução de pesquisador. Daí o fato de eu não ter adotado o procedimento técnico etnográfico-virtual.

De acordo com o Quadro (4), a primeira triagem tratou-se de três **critérios de exclusão**: 1º) vídeos da *playlist* “Depoimentos” que não pertencem ao recorte temporal de junho de 2022 a maio de 2023; 2º) vídeos que contêm mais de um sujeito entrevistado em foco (ou seja, há alguns vídeos na *playlist* em que há mais de duas pessoas entrevistadas); 3º) vídeos cujos conteúdos não tratam de trajetórias de vida pessoal dos sujeitos entrevistados (ou seja, quando estes não se referem ao próprio “eu” e a suas práticas identitárias, pois, em alguns vídeos, as temáticas abordadas são outras). Nessa primeira sistematização, resultaram 64 (sessenta e quatro) entrevistas autobiográficas, tendo sido excluídas 143 (cento e quarenta e três) que não se enquadravam nos critérios estabelecidos (ver Apêndice A).

Na sequência, realizei a segunda triagem, que tratou-se de três **critérios de inclusão**: 1º) seleção de um vídeo por mês no recorte temporal estabelecido (junho de 2022 a maio de 2023); 2º) maior alcance de publicação dos vídeos no canal (mais visualizações, mais curtidas e mais ou menos comentários; nesta pesquisa, não tenho interesse por comentários sobre os vídeos); 3º) entrevistas autobiográficas com relevância contextual de gênero e/ou de sexualidade dissidente (muitas vezes, vídeos do canal de maior alcance não tratam de trajetórias de vida pessoal acerca do gênero e/ou da sexualidade dissidente, o que incorre, neste estudo, na escolha de outros vídeos de segunda posição no critério de maior alcance). Portanto, totalizou-se o número de 12 (doze) entrevistas autobiográficas para serem transcritas. Seguem, abaixo, duas tabelas com os resultados da segunda triagem dos dados e com o extrato do *corpus*.

Tabela 2: Dados do *corpus* conforme critérios de inclusão: recorte mensal e maior alcance

Nº	LEGENDA/TÍTULO DO VÍDEO	DURAÇÃO	DATA	ALCANCE
01	“Alunos me buscam justamente por ser gay, que não vai ser machista, vai falar baixo”, conta personal (V-129)	8min14s	29 jun. 2022	27.847 visualizações 1.400 “gostei” 100 comentários
02	Kaio Carioca: “Quando comecei no pornô queriam muito o ‘negão, ativo, com pa*zão’, hoje tanto faz (V-132)	5min54s	6 jul. 2022	47.859 visualizações 2.100 “gostei” 178 comentários
03	Fernando Brutto é adepto de receber ‘fisting’: “Tem técnica, treino e precisa de muita concentração” (V-138)	13min06s	18 ago. 2022	14.547 visualizações 686 “gostei” 63 comentários
04	Apresentador de 43 anos sobre etarismo: “No mundo gay você passa dos 40, você é uma maricona” (V-143)	8min20s	8 set. 2022	8.743 visualizações 500 “gostei” 90 comentários
05	1ª OPÇÃO: Fabuus relata luta contra as drogas: “Me fizeram começar na prostituição e ter início de esquizofrenia” (V-154)	12min55s	20 out. 2022	27.472 visualizações 1.300 “gostei” 125 comentários
	2ª OPÇÃO: Terapeuta tântrico defende a profissão: “Você não usar o nome ‘massagem tântrica’ e oferecer sexo” (V-153)	11min26s	18 out. 2022	13.436 visualizações 566 “gostei” 18 comentários
06	Criador 18+ relembra passado GP: “Entenda que você vai encontrar alguém carente: de sexo ou atenção” (V-162)	10min37s	29 nov. 2022	43.627 visualizações 1.900 “gostei” 111 comentários
07	Notado por Ludmilla, Dornelles sorteou sexo com fã: “Quem não tem dinheiro tem que ser inteligente” (V-166)	12min50s	15 dez. 2022	3.514 visualizações 369 “gostei” 56 comentários
08	Ex-drag evita se relacionar com pintosas: “Prefiro pessoas que não chamam atenção porque tenho medo” (V-174)	7min54s	26 jan. 2023	1.816 visualizações 93 “gostei” 46 comentários
09	Fotógrafo bear sobre desunião do meio: “Falam que não tenho pelo suficiente pra ser urso, só barba” (V-177)	6min09s	9 fev. 2023	3.726 visualizações 261 “gostei” 23 comentários
10	Paulista fugiu das agressões da família para ser ator pornô no Rio: “Não tinha mais nada a perder” (V-179)	7min12s	17 mar. 2023	78.763 visualizações 3.500 “gostei” 238 comentários
11	Alef: “Muitos homens não aceitam que gostam de trans porque na cabeça deles não somos pessoas” (V-188)	14min11s	27 abril 2023	3.987 visualizações 254 “gostei” 31 comentários
12	1ª OPÇÃO: Modelo hétero que viralizou com um banho é aliado da comunidade LGBT: “O meio artístico é mais fluido” (V-190)	9min41s	4 maio 2023	5.555 visualizações 333 “gostei” 40 comentários

Fonte: elaboração própria.

Segundo a Tabela (2) acima, conforme o 1º e o 2º critérios de inclusão (recorte mensal e maior alcance), três vídeos não foram incluídos. O lugar da Entrevista 05, referente ao mês de outubro de 2022, foi ocupado duas vezes por dois focos temáticos que não traziam histórias de vida pessoal com relação à construção identitária de gênero e de sexualidade dissidentes. O primeiro tópico discursivo era a luta contra as drogas: “*Fabuus relata luta contra as drogas: Me fizeram começar na prostituição e ter início de esquizofrenia*” (V-154). Já o segundo abordava o tema da terapia tântrica: “*Terapeuta tântrico defende a profissão: ‘Você não usar o nome ‘massagem tântrica’ e oferecer sexo*” (V-153).

Ainda, nesses dois primeiros critérios de inclusão, a primeira opção para ocupar a Entrevista 12, referente ao mês de maio de 2023, não foi incluída porque se tratava de uma performance identitária de um homem heterossexual: “*Modelo hétero que viralizou com um banho é aliado da comunidade LGBT: ‘O meio artístico é mais fluido*” (V-190). Assim sendo, por não atenderem aos dois critérios iniciais, foram excluídas. Restaram, então, para o 3º critério de inclusão mais doze entrevistas com foco em trajetórias de vida acerca do gênero e/ou da sexualidade dissidente. Vejamos:

Tabela 3: Dados do *corpus* conforme critério de inclusão: gênero e/ou sexualidade dissidente

Nº	LEGENDA/ TÍTULO DO VÍDEO	DURAÇÃO	DATA	ALCANCE
01	“Alunos me buscam justamente por ser gay, que não vai ser machista, vai falar baixo”, conta personal (V-129)	8min14s	29 jun. 2022	27.847 visualizações 1.400 “gostei” 100 comentários
02	Kaio Carioca: “Quando comecei no pornô queria muito o ‘negão, ativo, com pa*zão’, hoje tanto faz (V-132)	5min54s	6 jul. 2022	47.859 visualizações 2.100 “gostei” 178 comentários
03	Fernando Brutto é adepto de receber ‘fisting’: “Tem técnica, treino e precisa de muita concentração” (V-138)	13min06s	18 ago. 2022	14.547 visualizações 686 “gostei” 63 comentários
04	Apresentador de 43 anos sobre etarismo: “No mundo gay você passa dos 40, você é uma maricona” (V-143)	8min20s	8 set. 2022	8.743 visualizações 500 “gostei” 90 comentários
05	Walisson: “Não existe rede de apoio para a bicha preta afeminada, mas a comunidade está evoluindo” (V-155)	6min23s	25 out. 2022	1.124 visualizações 88 “gostei” 7 comentários
06	Criador 18+ relembra passado GP: “Entenda que você vai encontrar alguém carente: de sexo ou atenção” (V-162)	10min37s	29 nov. 2022	43.627 visualizações 1.900 “gostei” 111 comentários

07	Notado por Ludmilla, Dornelles sorteou sexo com fã: “Quem não tem dinheiro tem que ser inteligente” (V-166)	12min50s	15 dez. 2022	3.514 visualizações 369 “gostei” 56 comentários
08	Ex-drag evita se relacionar com pintosas: “Prefiro pessoas que não chamam atenção porque tenho medo” (V-174)	7min54s	26 jan. 2023	1.816 visualizações 93 “gostei” 46 comentários
09	Fotógrafo bear sobre desunião do meio: “Falam que não tenho pelo suficiente pra ser urso, só barba” (V-177)	6min09s	9 fev. 2023	3.726 visualizações 261 “gostei” 23 comentários
10	Paulista fugiu das agressões da família para ser ator pornô no Rio: “Não tinha mais nada a perder” (V-179)	7min12s	17 mar. 2023	78.763 visualizações 3.500 “gostei” 238 comentários
11	Alef: “Muitos homens não aceitam que gostam de trans porque na cabeça deles não somos pessoas” (V-188)	14min11s	27 abril 2023	3.987 visualizações 254 “gostei” 31 comentários
12	Psicólogo “descomplica” assexualidade: “Não conseguia g0z@r com outras pessoas e resolvi investigar” (V-193)	21min48s	16 maio 2023	2.471 visualizações 209 “gostei” 14 comentários

Fonte: elaboração própria.

Como foi explicado na subseção 4.3, o *corpus*, com base nas informações da Tabela (3), foi construído por meio do recurso de transcrição oferecido pelo site *You-TLDR.com*. No entanto, um grande volume de dados foi gerado por meio desse procedimento, e não seria possível analisá-lo dentro do tempo de que eu dispunha depois do dia 10 de dezembro de 2023 (prazo final para a sistematização dos dados). Resolvi, portanto, utilizar mais uma triagem, focalizando as 06 (seis) entrevistas autobiográficas de maior alcance no recorte temporal estabelecido (junho de 2022 a maio de 2023). Sendo assim, resultou como *corpus* o conjunto composto pelas Entrevistas 01, 02, 03, 04, 06 e 10 (ver Apêndice B).

Logo, a transcrição do conteúdo verbal dos vídeos selecionados foi feita com o auxílio de duas ferramentas: o *You-TLDR.com* e o editor de textos *Word*. Utilizei como norma a transcrição livre (reprodução literal e reticências para pausas). Assim, foi considerada somente a modalidade verbal da língua portuguesa. Sob a noção de texto adotada, aqui, isso corresponde ao cotexto (superfície) da produção textual. Por sua vez, os procedimentos de análise utilizados foram dois complementares: i) descrição de estratégias linguístico-discursivas; ii) interpretação de processos sociocognitivos, interacionais, culturais, políticos e históricos (cf. Quadro 3).

No Capítulo 5, a seguir, realizo as análises do *corpus* constituído para esta pesquisa, utilizando, portanto, esses dois procedimentos analíticos.

5 SUJEITOS DISSIDENTES: PRÁTICAS (CON)TEXTUAIS E IDENTITÁRIAS

Se o corpo não é um 'ser', mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e da heterossexualidade compulsória, então que linguagem resta para compreender essa representação corporal, esse gênero, que constitui sua significação 'interna' em sua superfície?

JUDITH BUTLER (2015, p. 240).

O objetivo deste capítulo é proceder à análise (con)textual de práticas identitárias, em entrevistas autobiográficas, concedidas à comunidade digital do *Pheeno TV*, no período de junho de 2022 a maio de 2023. Como já apresentado, o *corpus* da pesquisa compreende 06 (seis) entrevistas, que foram transcritas, tratadas e submetidas a dois procedimentos analíticos: descrição de estratégias linguístico-discursivas e interpretação de processos sociocognitivos, interacionais, culturais, históricos e políticos. Assim sendo, busco compreender as práticas discursivas de dissidências sexuais e de gênero, de modo a ampliar o escopo analítico-descritivo da LT. Por conseguinte, faço elucubrações acerca de práticas e problemáticas sociais vinculadas a esse grupo minoritarizado.

Levando em consideração o fato de que não tive acesso direto aos roteiros de gravação dos vídeos, que, aqui, receberam um tratamento de transcrição para constituição do *corpus*, passo, portanto, a organizar a trajetória analítica por meio dos temas que emergem de excertos. Ao seguir a ordem cronológica de publicação desses vídeos na plataforma digital, procuro integrar as categorias de análise, à medida que os sujeitos mobilizam múltiplas estratégias de textualização e contextualização. Portanto, as transcrições das entrevistas autobiográficas estão codificadas desta forma: Entrevista 01 (V-129), Entrevista 02 (V-132), Entrevista 03 (V-138), Entrevista 04 (V-143), Entrevista 06 (V-162) e Entrevista 10 (V-179).

Antes, porém, da trajetória analítica, convém mencionar os critérios de seleção dos excertos do *corpus*, pois o estudo do sujeito sob a ótica da categoria contextual do “Eu-mesmo” precisa atender aos aspectos centrais do objetivo da pesquisa: relevância da prática identitária de gênero e de sexualidade. Com efeito, foram selecionados para análise 18 (dezoito) excertos, ou seja, aqueles que, em primeiro lugar, abordassem o uso de estratégias linguístico-discursivas vinculadas ao próprio sujeito, e, em segundo lugar, compreendessem informações e marcadores contextuais (raça, idade, profissão, por exemplo) inter-relacionados ao gênero e à sexualidade do sujeito. Começamos, então, pela primeira entrevista:

Excerto nº 1 (Entrevista 01)

“Assumir-se” e identificação com espaços públicos da comunidade:

Sou *personal trainer*. [vinheta do canal com música] Se assumir, todo mundo é... pra família acaba sendo muito complicado, mas... é, comigo não foi diferente. É... com 18 anos, eu queria vir pro Rio e... fiquei meio deslumbrado com baladas e... eu sou de Rezende, uma cidade de interior. Então, quando eu vim para cá, passei o réveillon aqui e fui em baladas. Vi homens bonitos e vi que aqui era um pouco... era um pouco diferente da minha cidade.

Antes da entrevista propriamente dita, o sujeito do Excerto nº 1 cumprimenta a equipe do *Pheeno TV*, diz seu nome, sua idade e seu local de residência. Logo em seguida, a vinheta do canal é apresentada junto a trechos de posturas corporais do entrevistado. Assim, inicia-se a entrevista com as respostas dele já editadas quando da publicação no YouTube. Seguindo a apresentação pessoal, o sujeito, por meio da introdução referencial “*personal trainer*”, aciona o marcador contextual da posição social referente à profissão. Em seguida, ele passa a construir sentidos em torno da ordem de indexicalidade do “assumir-se gay” para a família por meio de predicação e avaliação negativa (“muito complicado”) e de assertiva particular (“comigo não foi diferente”).

Os sentidos de busca de enquadramento da realidade gay em sistemas sociais de inteligibilidade, os quais, discursivamente, esse sujeito constrói, ancoram na suposição que ele mesmo estabelece com a comunidade epistêmica de homens que também sentem atração por outros. Por meio dos índices linguísticos destacados, ele procede à construção de uma realidade social de sofrimento com relação à identidade supostamente dada, ativando, assim: i) a Base Comum social, levando em conta que o seu público alvo (os interlocutores do canal) compreende os mesmos conhecimentos de mundo que ele supõe serem partilhados (“comigo não foi diferente”); ii) a estratégia-K de conhecimento sociocultural: os interlocutores têm o mesmo conhecimento que ele (assumir-se gay para a família é um processo complicado, pois pode levar ao sofrimento, já que não se sabe como ela irá receptionar esse fato).

Portanto, a mobilização da base comum e da estratégia-K por parte desse sujeito aponta para um conjunto de experiências compartilhadas pelos membros da comunidade epistêmica gay acerca da ordem de indexicalidade “assumir-se gay” e seus respectivos significados sociais de sofrimento e rejeição sob as ideologias e atitudes de outros atores sociais. Em meio à ativação de modelos cognitivos partilhados, a criação de um autoesquema por meio da apresentação pessoal do “Eu-mesmo” e da emergência da comunidade epistêmica específica instancia uma

negociação interacional com os prováveis interlocutores do canal, produzindo uma relação social harmônica, nesse evento comunicativo.

Com base nesse Excerto nº 1, é importante destacar que nenhum objeto de discurso tem uma natureza linguística explícita e autoevidente, o qual possa indiciar um significado social relativo à identidade gay como algo substancial. Por exemplo, as expressões nominais “todo mundo” e “família” não designam entidades do mundo perfeitamente adequadas à linguagem. Pelo contrário: trata-se de entidades construídas na prática discursiva, e, embora tenham alguma ancoragem sociocognitiva por causa de suas histórias de uso, adquirem efeitos de sentido particulares para o sujeito, nessa nova situação social e comunicativa, pois há famílias e famílias e, com base em nossos conhecimentos de mundo, cada família reage de formas distintas ao reconhecimento da sexualidade dissidente de algum de seus entes. Surge daí a pergunta: quem são os atores sociais subjetivamente categorizados por essas expressões referenciais?

A descrição linguístico-discursiva das expressões referenciais não pode restringir, mas, sim, orientar a interpretação dos processos sociocognitivos acima. Com base nisso, a prática discursiva do sujeito não pode ser reduzida à identificação pontual de índices linguísticos. A análise deve partir dessas pistas para chegar à compreensão mais ampla das práticas sociais, de modo que se explique por que o uso de expressões referenciais, a exemplo de “homens bonitos”, pode ser imputável ao sujeito não cis-heteronormativo. Conforme Borba (2020a), isso permite que a crítica sociocultural *queer* não conclua, de modo apressado, que toda prática performativa de um sujeito construído como gay escape a normatividades sexuais e de gênero. Se o texto e a identidade são eventos e práticas irrepetíveis, embora com histórias de uso, entendo que a ruptura de uma suposta causalidade entre linguagem e sociedade só pode ser alcançada via a interface cognitiva (Van Dijk, 2020).

Observando um pouco mais o Excerto nº 1, posso destacar a menção do sujeito com relação a mais dois conhecimentos de mundo associados ao “assumir-se gay” (“fiquei meio deslumbrado com baladas”; “aqui [Rio de Janeiro] era um pouco diferente da minha cidade”). Por sua vez, esses conhecimentos, ancorados no modelo de contexto construído por meio de uma base comum social e de sentidos de inteligibilidade (“comigo não foi diferente [assumir-se gay]), introduzem o processo de construção da sexualidade gay do sujeito entrevistado. *A priori*, as expressões referenciais “baladas” e “minha cidade”, desmembradas dos dois trechos, pendem para esquemas ideológicos opostos, vinculados a espaços sociais de enquadramento ou de não pertencimento da identidade gay, conforme a interpretação subjetiva do “Eu-mesmo”.

Nesse modelo de contexto, se a introdução do referente “Rio” se mantém, na progressão textual, com o anafórico-dêitico “aqui”, ela não se reduz ao nível linguístico ou cotextual do

evento comunicativo atrelado à construção identitária. Quer dizer, o dêitico “aqui” aponta, sobretudo, para processos macrosociais de sexualidade inteligível, nos quais estão presentes sentidos de aceitação da sexualidade dissidente em face de grupos ideologicamente opostos (comunidade heterossexual, talvez), assim como o sentido de diminuição do sofrimento por causa da identidade gay. Adquire, assim, maior força performativa o ato de fala que associa um modelo substancial de identidade com o objeto do desejo sexual do homem gay: “Vi *homens bonitos* e vi que *aqui* era um pouco diferente da minha cidade”.

A partir disso, posso compreender que há, também, uma polarização ideológica entre o dêitico “aqui” (Rio de Janeiro) e o índice “Rezende” (minha cidade), porque o sujeito, nesse momento do texto, constrói o espaço social como a propriedade mais relevante de seu modelo de contexto. Por seu turno, esse modelo, construído em torno das experiências de subjetivação sobre os processos de nomeação e de autoaceitação da sexualidade dissidente, focaliza o espaço como mais um dos aspectos que alicerçam os efeitos de sentido da performance linguística situada, mostrando, assim, uma articulação entre espaço e identidade. Porém, o espaço, aqui, não é visto como entorno físico. Como afirmam Barboza e Borba (2020, p. 104-105):

Espaços têm, assim, papel central nas performances identitárias na medida em que a capacidade de mover-se e ocupá-los está intimamente ligada às identidades sexuais e de gênero (e também a outras facetas identitárias, como classe, raça, etc.). [...] Espaços e identidades, então, são mútua e performativamente constituídos. Em outros termos, espaços influenciam nossas performances, da mesma maneira em que nossas performances também operam uma produção do espaço. Espaços, assim, também só podem ser produzidos e vividos no discurso – para se tornarem inteligíveis, mobilizam toda uma história de práticas e significações.

Dessa maneira, o sujeito constrói, de forma positiva, os espaços sociais para a vivência da inteligibilidade gay, a exemplo das baladas cariocas, onde pôde conhecer homens bonitos e, portanto, desejáveis. Historicamente, as baladas são alguns dos espaços de sociabilidade para as dissidências sexuais e de gênero vivenciarem, de forma livre, suas performances identitárias, com menor receio e risco de sofrerem agressões e violências (Trevisan, 2018). Isto é, benefícios que a cidade natal (Rezende) não poderia propiciar ao sujeito entrevistado. Depois disso, ainda, no ato da apresentação pessoal, ele menciona sua idade por meio da expressão referencial “38 anos”, o que sinaliza que vai narrar parte da trajetória de vida referente a vinte anos atrás, desde a faixa etária dos “18 anos”, expressão presente no Excerto nº 1.

Excerto nº 2 (Entrevista 01)

Descoberta da identidade gay pela família:

Minha tia descobriu que eu era gay. Ela acabou contando pra minha mãe. Minha mãe, na época, aquele susto... que... toda mãe acho que leva, né? Não susto por não desconfiar que isso pudesse acontecer. Mas, quando isso é falado, quando isso é uma certeza, acaba sendo um pouco diferente, né? E minha mãe, ela... falou que queria que eu voltasse para Rezende. E... bom, falou todas aquelas coisas que as pessoas falam. Falou que se eu não voltasse para Rezende ela ia se matar...

No Excerto nº 2, finalmente, a construção do objeto de discurso “gay”, desmembrada da predicação “descobriu que eu era *gay*”, sinaliza a performance identitária do sujeito, a qual se inscreve na matriz de inteligibilidade compulsória entre gênero e desejo sexual. Se, antes, a elaboração desse objeto flutuava no nível mais cognitivo do discurso, agora passa a preencher, também, uma categoria linguística, que faz indicar uma ordem de indexicalidade atinente a significados sociais em torno do que é ser considerado um homem gay. A partir disso, emergem sentidos de estabilidade da sexualidade por meio de uma afirmação imobilista (“eu era gay”). Associadas à atualização de sentidos de uma identidade pessoal estável, são convocadas as atitudes e ideologias de grupos sociais ideologicamente opostos, a exemplo da comunidade epistêmica heterossexual, na qual o sujeito enquadra dois de seus entes familiares (“minha tia” e “minha mãe”).

Alinhamentos explícitos de mútua compreensão entre o entrevistado e o público alvo (entrevistador do canal e os interlocutores que assistiram/assistem ao vídeo) são sinalizados, parcialmente, pelo uso de marcador interacional discursivo (“né?”) e pela mobilização de uma base comum ativada com outra estratégia-K sociocultural (“aquele susto que toda mãe acho que leva, né?”). Nesse trecho do discurso, o sujeito continua a construir seu modelo de contexto por meio da ativação de conhecimentos de mundo sobre as atitudes socialmente esperadas de uma mãe supostamente heterossexual em relação à tomada de consciência da identidade gay de seu filho. Isso se dá, sobretudo, pela focalização do dêitico “aquele susto”, que aponta para um sistema macrossocial de não enquadramento da identidade gay nos moldes da sexualidade reconhecida como natural, autoevidente, aceitável (no caso, a sexualidade heteronormativa).

Assim sendo, a anáfora encapsuladora “isso”, que abrange um segmento cotextual precedente (“eu era gay”), contribui para manter a continuidade referencial, tópica e temática concernente ao relato da descoberta da sexualidade por parte da família do sujeito. Esse é um dos modos pelos quais a elaboração do modelo de contexto sobre a sexualidade tida como relevante, nessa situação comunicativa, assinala a importância da progressão textual para além

do enunciado como produto da enunciação. Portanto, na sequência do evento comunicativo, consigo notar que o sujeito faz instanciar significados sociais mais imediatos e outros mais socioculturais e históricos, respectivamente: “Minha mãe falou que queria que eu voltasse para Rezende” (trecho 1); “Minha mãe falou todas aquelas coisas que as pessoas falam” (trecho 2). No trecho 1, há uma informação específica e evidente. Já no trecho 2, há a indicação de conhecimentos socioculturais que o sujeito supõe serem partilhados com seus interlocutores.

Provavelmente, com base em nossos conhecimentos enciclopédicos e interacionais, a mãe, quando encontrou-se com o filho, após a descoberta da orientação sexual gay, deve ter proferido atos de fala fundamentados em ideologias homofóbicas e em significados de não encaixamento da identidade gay nos moldes da matriz de inteligibilidade sexual vigente — sexo biológico (macho) > gênero (homem) > orientação sexual (heterossexual). Assim, a expressão referencial “todas aquelas coisas” pode indexicalizar significados sociais de não aceitação da identidade gay no tocante ao esquema ideológico da mãe: i) “eu não criei você para isso”; ii) “você escolheu isso”; iii) “isso não é normal”. Além disso, há a ameaça de suicídio como estratégia de importunação emocional, a fim de culpabilizar o outro, ao enquadrá-lo numa leitura social ininteligível.

Todavia, segundo as estratégias linguístico-discursivas descritas, o sujeito procura enquadrar a sua sexualidade gay em processos de normalização sexuais, mas, às vezes, de forma contraintuitiva: i) “eu era gay” (Excerto nº 2); ii) “eu era uma criança viada” (Excerto nº 3, p. 156-157). Por sua vez, face à suposta heterossexualidade necessária e autoevidente da mãe, mediante a reação negativa realizada por ela, é possível compreender que ele também busca manter significados sociais de estabilidade e de inteligibilidade da sexualidade, visando obter a aceitação da comunidade epistêmica heterossexual.

Essa dinâmica sociocognitivo-discursiva avança com a ativação de conhecimentos pessoais armazenados na memória episódica, os quais evocam algumas situações conflituosas de autoaceitação da sexualidade dissidente, além de outras ideologias e atitudes homofóbicas à época do processo de escolarização:

Excerto nº 3 (Entrevista 01)

Homofobia, (não) autoaceitação e proteção à comunidade na escola:

Na escola, eu... era meio complicado... eu era... eu era uma... criança viada, do jeito que as pessoas falam. É... mais ou menos, porque eu era muito reprimido, entendeu? Então... por exemplo, quando minha mãe saía, eu experimentava coisas dela. É... coisa que todo gay faz, mas eu sempre ficava tentando... mudar minha voz. É... evitava falar... e na escola acabou que... eu não tive nenhum amigo na

escola assim... eu lembro de uma situação que o garoto veio... falar comigo... assim: “viadinho não sei o quê, eu vou te pegar no final da aula” [ri]. Eu ficava assim: “mas... não tô entendendo por que”, sabe? E... enfim... eu fiquei quietinho, mas morrendo de medo assim... falando “cara, eu nunca briguei na escola”... não sei o quê... Eu era grande, mas eu tipo tinha medo, porque eu nunca tinha brigado com ninguém na escola. E tinha uma... uma lésbica da minha sala... é... que se chamava Rafaela, inclusive, muito engraçado. E ela, do nada, ela se levantou e falou assim: “você não vai bater nele, não”. E ela era muito pequenininha. E ela jogava futebol. Ela já era bem masculina, e tal... Ela subiu na... na carteira, que era mais ou menos desse tamanho [gesto com as mãos], ficou da altura dele, deu um tapão na cara dele, e eu fiquei [risos] chocado com aquela situação. Inclusive, quando... quando... eu... eu acho que muita gente passa por isso, também, quando eu tinha... quando era adolescente, teve algum momento que eu tentei também me matar, como vários tentam, entendeu?

A partir desse excerto, há uma relação entre os conhecimentos da memória episódica do sujeito acerca da discriminação homofóbica na escola e os conhecimentos sobre algumas situações de conflito identitário consigo mesmo. A mobilização dessas experiências contribui para a construção de sentidos do texto, uma vez que serve a digressões narrativas que terão uma continuidade temática ancorada em atitudes homofóbicas vivenciadas na escola. Portanto, essas experiências, entrelaçadas, conduzem, discursivamente, relações talvez indiretas de causa (discriminação homofóbica) e de consequência (tentativa de suicídio): “quando era adolescente, teve algum momento que eu tentei também me matar, como vários tentam”.

O uso do dêitico pessoal “eu”, quando o sujeito refere a si mesmo, é recategorizado por três expressões avaliativas (“meio complicado”, “uma criança viada” e “meio reprimido”). Essa construção referencial passa a constituir efeitos de sentido sobre aceitação ou não da identidade gay tida como essência, como um dado ontológico, pois, à medida que o texto avança, os modelos da experiência reiteram histórias de uso que o sujeito assume como partilhadas pelos membros da comunidade epistêmica gay. Isto é, a base comum pessoal do sujeito funciona como parte de sistemas macrosociais rituais das experiências que ele julga serem as mesmas que as de outros homens gays, tanto em relação ao processo de autoaceitação de uma realidade constatada (“eu era uma criança viada”) quanto em relação a situações corriqueiras do cotidiano de homens gays no espaço escolar (“viadinho, eu vou te pegar no final da aula”).

Com base nisso, é possível notar uma polarização ideológica de crenças e valores entre uma comunidade epistêmica gay e uma comunidade epistêmica heterossexual. Em primeiro lugar, o “Eu-mesmo” é construído por meio do processo de compreensão social concernente à categorização. Ao mobilizar diferentes recursos linguístico-discursivos e construir um modelo de contexto sob uma base comum social, ele busca ancorar suas próprias experiências com a

sexualidade nas de outros membros ou atores sociais que fazem parte desse mesmo universo contextual e ideológico. Assim, seu autoesquema identitário vai estabelecendo processos de estabilização referencial que pendem para um reforço da matriz de inteligibilidade sexual enquadrada no mundo gay (“eu era uma criança viada”; “eu era muito reprimido”; “eu experimentava coisas dela [da minha mãe]”; “coisa que todo gay faz”; “eu sempre ficava tentando mudar minha voz”; “[eu] evitava falar”).

Esses processos de estabilização referencial decorrem de estereótipos que o sujeito constrói ao ativar ordens de indexicalidade referentes a processos de sofrimento em virtude de uma essência identitária gay a que não se pode refutar. Além disso, os estereótipos construídos também apontam para convenções ou rituais tidos como substanciais à comunidade de homens gays, apagando possíveis sentidos de transgressão identitária: i) todo gay é reprimido; ii) todo gay não se aceita logo de início; iii) todo gay tem um timbre vocal feminino (suave); iv) todo gay experimenta coisas típicas de mulheres (vestidos, saias, saltos, batom, unhas pintadas, brincos, por exemplo). Trata-se de assertivas generalistas construídas com base em estereótipos e em referentes previamente dados sob a perspectiva do sujeito, os quais seriam anteriores à emergência do evento comunicativo. Portanto, essa dinâmica discursiva indicia significados sociais do conflito entre o reconhecimento da identidade essencial e a não aceitação da identidade face a situações discriminatórias da homofobia.

Nesse evento comunicativo, a base comum pessoal pode ter uma explicação de ordem cognitiva e de ordem sociocultural. Por meio dela, o sujeito mobiliza experiências vividas à época do seu processo de escolarização e da construção da identidade gay, esta que ele reconhece como um atributo ao nascer. Por conseguinte, ele vincula essas experiências pessoais a experiências socioculturais, as quais seriam previsíveis e, sobretudo, vivenciadas por todas as pessoas que se reconhecem como pertencentes às categorias sociais de homem e de gay. Enquanto processo de compreensão social, a estabilização referencial é reforçada, no nível sociocognitivo, ao categorizar a identidade lésbica como algo fixo. Ou seja, constroem-se juízos e expectativas de gênero e de sexualidade acerca de uma inteligibilidade sedimentada na sociedade cis-heteronormativa em torno da imagem de uma mulher lésbica (“uma lésbica da minha sala”, “Rafaela”, “ela”, “muito pequenininha”, “bem masculina”).

Penso que essa construção do objeto de discurso “uma lésbica da minha sala”, nos moldes da análise crítica aqui proposta, extrapola os limites de descrição da progressão textual, ou seja, da continuidade referencial do texto, pois a análise *queer* integrada não se reduz à indicialidade de estratégias linguístico-discursivas nas performances identitárias situadas. Estas, por sua vez, são compreendidas sob a postura política pós-identitária do analista por meio

de um *continuum* de contextualização (Silva, 2019a), que flutua entre dimensões micro e macrosociais das atividades discursivas.

Por essa razão, embora seja possível descrever, no nível cotextual, a manutenção do referente “uma lésbica da minha sala” via expressões anafóricas de recategorização (“Rafaela”, “ela”, “muito pequenininha”, “bem masculina”), meu interesse maior consiste na interpretação e na explicação de práticas sociais que são reiteradas em práticas discursivas situadas dos sujeitos, que, por sua vez, posicionam, também, outros atores sociais em categorias identitárias e em normatividades sexuais e de gênero essencialistas.

Sob a ótica da crítica sociocultural *queer* (Borba, 2014, 2020a), o sexo, o corpo, o gênero e a sexualidade respondem a processos políticos, sócio-históricos e culturais, discursivamente constituídos pelos atores sociais, membros de grupos e de comunidades epistêmicas (Van Dijk, 2013, 2020). A respeito disso, cabe trazer uma reflexão de Butler sobre performatividade, temporalidade social e aparência de substância das práticas identitárias:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-o para um outro que requer concebê-lo como uma *temporalidade social* constituída. Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a *aparência de substância* é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização *performativa* em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença. (Butler, 2015, p. 242-243, grifos da autora).

Antes de prosseguir com a análise situada, poderíamos pensar um pouco sobre a relação entre as concepções de texto, identidade e performatividade. *A priori*, a ideia de que o texto seja um evento comunicativo sócio-histórico irrepitível (Cavalcante *et al.*, 2019) não contradiz a noção de realização performativa estilizada do gênero, conforme perspectiva butleriana, uma vez que a irrepitibilidade textual não significa que o texto não pode ser retomado em novas interações sociodiscursivas futuras. Ainda que sua dimensão cotextual seja reiterada em novas situações sociais e comunicativas, os efeitos de sentido nunca são os mesmos, porque a enunciação é já outra em face do processo de recontextualização (Bentes; Rezende, 2008). Igualmente, gênero e sexualidade, enquanto repetições estilizadas de atos corpóreo-discursivos, não condizem com uma estabilidade identitária em todo evento comunicativo, ainda que o sujeito tenha a ilusão de uma essência impregnada em si mesmo.

Entretanto, na Entrevista 01 (V-129), o “Eu-mesmo” elaborado persiste no reforço da matriz de inteligibilidade corpo/sexo/gênero/desejo, ao evocar convenções de sexualidade que, nessa prática discursiva, reiteram um modelo substancial de identidade relativo a si mesmo e a outros atores sociais. Assim, as identidades gay e lésbica são construídas por ele sob a aparência de substância, como se toda experiência de subjetivação fosse um dado da natureza que imputaria aos sujeitos sociais um conjunto de características distintivas, que são, na verdade, gestos, movimentos e estilos corporais estilizados ao longo do tempo: ser gay (“coisa que todo gay faz”; “eu experimentava coisas dela [minha mãe]”) e ser lésbica (“ela jogava futebol”; “ela já era bem masculina”). Assim, o gênero e a sexualidade desse sujeito são elaborados não como temporalidades sociais, mas como substâncias das quais derivam todos os seus atos corpóreo-discursivos (Butler, 2015).

É desse processo de compreensão social que sentidos de aliança dentro da comunidade epistêmica de sujeitos dissidentes (gays e lésbicas) são construídos pelo sujeito acerca de sua trajetória autobiográfica de inteligibilidade gay. Aliança essa que detém a função social de proteção a sujeitos daquela comunidade, com o papel político de combate à homofobia. Ao retomar o fio discursivo de sua trajetória pessoal, enquanto membro da comunidade epistêmica gay, o sujeito da Entrevista 01 reativa o segmento tópico do início sobre o marcador contextual de profissão:

Excerto nº 4 (Entrevista 01)

Relação entre identidade sexual e profissão:

Quando eu entrei na Educação Física, eu queria trabalhar em escola. Eu não queria trabalhar em academia. Eu treinava... fazia musculação... gostava de tudo aquilo. Mas... eu achava que eu não tinha um perfil, porque você sempre via os professores da academia... aqueles professores mais... espalhafatosos que gritam e que falam sobre o time de futebol... e que... e eu não sou. Eu sou uma pessoa mais discreta, uma pessoa... eu converso muito com as pessoas, mas eu sou... um pouco mais restrito, assim... eu não... eu não saio gritando, falando... bom dia pra academia inteira. Na hora que eu entro na musculação, dou um grito pra academia inteira escutar. Eu fui percebendo que vários dos meus alunos... eles me buscavam para ter aulas... aula comigo porque... justamente pelo fato de... eu ser gay... Eu ter esse meu jeito, é... o jeito que é meu, entendeu? E que... não é de nenhum *personal* hetero masculino é... super machista... Não, eu sou um professor gay que vai falar baixo, que vai te motivar, mas educadamente, e que... E vários alunos eles sentem falta desse perfil também.

Se, nos excertos anteriores, esse sujeito acionou modelos de eventos derivados de suas experiências de subjetivação nos círculos familiar e escolar, agora, ele atrela o marcador contextual de sexualidade ao de posição social, ou seja, ao de profissão (*personal trainer*). Porém, permanece a polarização ideológica entre a comunidade epistêmica gay (*Nós*) e a comunidade heterossexual (*Eles*) (Van Dijk, 2015). Desta vez, esse conflito ideológico está relacionado a atos corpóreo-discursivos diferentes, estereotípicos, socialmente estilizados e reconhecíveis (Butler, 2015), em torno da profissão de *personal trainer*.

No modelo de contexto que emerge da base comum social, nesse momento do evento comunicativo, o sujeito atribui gestos e atitudes, que seriam típicos de homens heterossexuais, a conhecimentos socioculturais e a papéis sociais estereotípicos de um modelo de identidade machista. Essa dinâmica discursiva é confirmada, na continuidade referencial e tópica do texto, por meio de algumas anáforas diretas: “aqueles professores mais espalhafatosos”, “nenhum *personal* hetero masculino” e “super machista”. Além disso, anáforas indiretas (“o time de futebol”, ‘bom dia pra academia inteira”), verbos no presente do indicativo (“gritam”, “falam”) e, também, verbos no gerúndio (“gritando”, “falando”) contribuem para reiterar o estereótipo do *personal trainer* heterossexual, machista e mal educado/barulhento. A anáfora indireta diz respeito a um tipo de processo referencial constituído, geralmente,

por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto. Trata-se de uma estratégia endofórica de *ativação* de referentes novos e não de uma *reativação* de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita. [...] envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores e processamento local (Marcuschi, 2012, p. 53-54, grifos do autor).

Por exemplo, a expressão nominal definida “o time de futebol” não compreende uma retomada anafórica direta e explícita da expressão “aqueles professores mais espalhafatosos”, enquadrados pelo sujeito em uma ideologia cis-heteronormativa e machista, mas, está ancorada nessa expressão, segundo seu modelo de contexto. Assim, “o time de futebol” é um novo objeto de discurso que, em termos sociocognitivos, está associado àquela ideologia da comunidade epistêmica heterossexual, cujo repertório de conhecimentos e práticas socioculturais tem como um de seus ingredientes o gosto pelo esporte do futebol.

Por sua vez, o “Eu-mesmo” gay é construído de forma diferente com relação a essa mesma profissão: “uma pessoa mais discreta”, “um pouco mais restrito”, “esse meu jeito”, “um professor gay”, “esse perfil”, etc. Além dessas expressões referenciais, construídas no discurso, vale destacar outros tipos de atitudes inerentes a um professor de musculação gay: “eu converso

muito com as pessoas”, “eu sou um professor gay que vai falar baixo, que vai te motivar, mas educadamente”. Assim, é da diferença de ideologias, atitudes e traços de personalidade (Van Dijk, 2020), que emerge a construção do *personal trainer* gay não machista, não espalhafatoso e não barulhento, na reativação da base comum social.

Trata-se, portanto, de uma construção estereotípica aparentemente disruptiva diante de conhecimentos (interacionais e procedurais) que o sujeito entrevistado supõe serem partilhados com a bagagem cognitiva dos interlocutores. Também, as assertivas particulares, nesse Excerto nº 4, pendem para uma estabilização referencial das atitudes e ideologias da identidade gay essencialista por meio da negação de estereótipos da comunidade epistêmica oposta: “eu não saio gritando”. Aqui, a polarização ideológica, construída discursivamente, tende a posicionar, respectivamente, o sujeito gay e o sujeito heterossexual da educação física no endogrupo social (*Nós*) positivo e no exogrupo social (*Eles*) negativo (Van Dijk, 2015), via atitudes, crenças e valores sociais, que, após passarem pela fase de protótipos, estabilizam-se como estereótipos:

Os **nomes** enquanto rótulos correspondem aos **protótipos** e contribuem para sua **estabilização** ao curso de diferentes processos. Primeiro, eles correspondem às unidades discretas da língua, que permitem uma descontextualização do protótipo segundo os paradigmas disponíveis na língua e garantem sua invariância através dos contextos. Em seguida, a nomeação do protótipo torna possível seu compartilhamento entre muitos indivíduos através da comunicação lingüística, e ele se torna, de fato, um objeto socialmente distribuído, estabilizado no seio de um grupo de sujeitos. Tal protótipo compartilhado evolui para uma representação coletiva chamada geralmente de **estereótipo** (Mondada; Dubois, 2003, p. 42, grifos meus).

Com base nisso, a orientação sexual essencialista, tal como construída e percebida pelo sujeito da Entrevista 01, não passa de efeito de sentido, conforme Butler (2015), de uma aparência de substância decorrente da temporalidade social constituída por meio da repetição estilizada de atos corpóreo-discursivos. Para tanto, os processos de discretização referencial colaboram *a priori* com a criação de efeitos de objetividade e “verdade” de identidades estáveis, anteriores à atividade discursiva. Isso significa que, segundo o modelo de contexto do sujeito entrevistado, o protótipo do *personal trainer* gay, educado e não machista, no seio de uma comunidade gay, supostamente homogênea, evoluiu para um estereótipo, uma representação coletiva rígida, com base em histórias de uso acerca do homem gay como alguém impregnado de educação e delicadeza. Então, esse processo de compreensão social pode fazer parte de atos corpóreo-discursivos de diferentes grupos ideológicos, ao longo do tempo.

Preliminarmente, ao tatear as transcrições do *corpus* desta pesquisa, construí sentidos mais recorrentes sobre o reforço de uma inteligibilidade do gênero e da sexualidade, atrelado a processos de estabilização referencial que indexam estereótipos socioculturais.

Excerto nº 5 (Entrevista 02)

Identidade bissexual e homofobia:

[...] hoje estou aqui no *Pheeno* pra poder contar pra vocês um pouco sobre a minha trajetória dentro do mundo pornô. [...]. Eu sou bissexual e... meu primeiro contato foi através é... de uma oportunidade pra poder gravar um... um pornô gay. Entendo que... hetero é hetero, bissexual é bissexual e gay é gay. Eu não acredito em homens heteros que transam com outros homens, ou gays, é... só por... por dinheiro. Eu acho que hetero, ele vai fazer... fazer qualquer outra coisa da vida, mas não vai transar com gay. [...] eu vejo o preconceito das pessoas mais para com os gays, né? Todas as vezes que eu falei que... que eu sou bissexual pra as pessoas, é... eles entenderam de boa, não sofri nenhum tipo de preconceito. Não... não... não nessa parte. É... então... também fui levando de boa. Mas eu percebo que as pessoas têm mais preconceito quando o cara é... se assume gay.

Nesse primeiro excerto da Entrevista 02, a criação de um autoesquema identitário parece repousar, assim como o da entrevista anterior, em processos de discretização e estabilização referencial, logo no início da elaboração de categorias linguísticas e cognitivas. O sujeito, antes de focalizar o tópico “a minha trajetória no mundo pornô”, remete o discurso a si mesmo com a produção de um objeto que incide em uma assertiva particular: “Eu sou bissexual”. Dessa forma, constrói-se um conceito cognitivo acerca da sexualidade que não condiz com a oposição binária hetero/homo, da vertente essencialista, mas também se evoca uma gama de saberes e práticas sociais da ordem compulsória sexo/gênero/desejo, uma vez que a suposta constatação da realidade preexistente (“Eu sou bissexual”) à entrevista autobiográfica é reiterada.

A anáfora direta “bissexual”, retomando o “eu”, como aparentaria, não se trata de uma perfeita correspondência da adequação perfeita entre palavras e coisas do mundo. Nesse trecho do discurso, o eu que diz “eu sou bissexual” não estabelece uma objetividade material das coisas no uso da linguagem. Embora permita construir sentidos de inteligibilidade, descritibilidade e verdade, o “eu” não se reduz à demarcação de um processo referencial dêitico imediato, mas, sobretudo, indexa um conjunto de significados sociais e culturais acerca do que pode ser um desejo ou uma prática bissexual. De acordo com Jaeger *et al.* (2019, p. 3-5):

Atualmente, a palavra bissexualidade tem sido usada como um termo ‘guarda-chuva’ para se referir à sexualidade de pessoas que sentem atração sexual e/ou

afetiva por mais de um gênero, incluindo outras identidades não monossexuais como pansexualidade, polisssexualidade e sexualidade fluida [...]. Ainda que existissem relatos dessas práticas ao longo do tempo e em grupos culturais distintos, a palavra bissexualidade começou a ser usada como uma classificação da sexualidade e como uma categoria identitária somente no século XX.

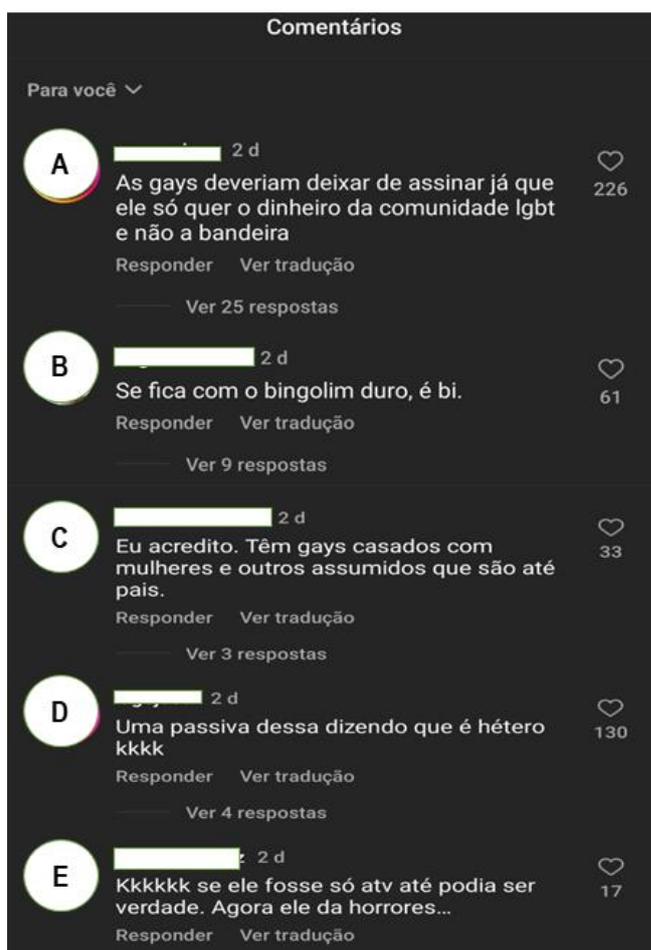
Nessa perspectiva de identidade como essência, o sujeito constrói para si a ideia de pertencimento a um grupo de pessoas que transgridem a monossexualidade. Ao estabelecer um “Eu-mesmo” sob um modelo substancial de identidade, isto é, um processo de compreensão social que impele certas formas de subjetivação para uma matriz de inteligibilidade, sob a ilusão de que, dessa maneira, elas serão incluídas ou assimiladas tal como as identidades essencialistas da cisgeneridade e da heterossexualidade, o sujeito, nesse Excerto nº 5, reforça mais duas normatividades sexuais: “hetero é hetero”; “gay é gay”. Assim, ao introduzir novos objetos de discurso, ele enquadra outras identidades supostamente fixas em outros papéis sociais e, conseqüentemente, em outras comunidades epistêmicas.

Em seu modelo de contexto ideológico, a heterossexualidade não coaduna com práticas profissionais que envolvam a atividade sexual entre homens que não sintam desejos e afetos por outros (“não acredito em homens heteros que transam com outros homens só por dinheiro”; “eu acho que hetero vai fazer qualquer outra coisa da vida, mas não vai transar com gay”). Segundo uma matriz de inteligibilidade corpo/sexo/gênero/desejo, para esse sujeito, a prática sexual entre homens, mesmo que de forma profissional, deve coincidir com os critérios de desejo/atração e afeto. Afora isso, não haveria heterossexualidade inteligível ou até mesmo confiável. Trata-se, pois, de uma avaliação negativa acerca de práticas profissionais de homens que se definem como heterossexuais, mesmo trabalhando na indústria pornográfica gay.

No dia 1º de fevereiro de 2024, foi publicado, no site *Pheeno*, um *post* com notícia e entrevista em vídeo sobre a sexualidade de um ator de conteúdos adultos gays⁴⁵. Em 2023, esse ator foi o mais procurado em vídeos do site *Pornhub*. Dois dias depois, nenhum comentário foi feito em resposta. Mas, no perfil do *Instagram*, houve uma repercussão notável nos comentários ao mesmo *post* (409 comentários). Repercussão essa que permitiu evocar disputas político-identitárias acerca da inteligibilidade e validade da heterossexualidade face a uma perspectiva essencialista de identidade. A seguir, a Figura (13) ilustra alguns comentários encontrados por mim, segundo a barra de rolagem infinita do meu perfil, nessa rede social.

⁴⁵MALIK DELGATY, ASTRO DE FILMES ADULTOS GAYS, SE DECLARA HÉTERO: “É SÓ TRABALHO”. Disponível em: <https://pheeno.com.br/2024/02/malik-delgaty-astro-de-filmes-adultos-gays-se-declara-hetero-e-so-trabalho/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

Figura 13: Comentários ao *post* do *Pheeno* sobre ator pornô gay autodeclarado heterossexual⁴⁶



Fonte: *Instagram*. Acesso em: 03 de fevereiro de 2024.

Os comentários dos cinco sujeitos foram nomeados pelas letras “A”, “B”, “C”, “D” e “E”, além de terem sido ocultados os seus nomes, para fins de atendimento à ética de sigilo das informações. De início, é possível afirmar que os textos produzidos sobre a sexualidade do ator noticiado constituem repertórios ideológicos propagados na comunidade epistêmica de homens gays. Não à toa, suponho que os sujeitos dos comentários performatizam identidades gays, pois suas ideologias criam polarizações discursivas com a comunidade das pessoas heterossexuais. Ambas as comunidades são construídas por tipos de conhecimentos, experiências e laços em comum específicos, impregnando os modelos de contextos sociais e pessoais dos sujeitos, em variadas e irrepetíveis interações discursivas (Koch; Cunha-Lima, 2011; Van Dijk, 2020).

Nos cinco comentários, creio que essas polarizações são construídas por meio de questionamentos. A saber: i) a legitimidade de uma representatividade gay por meio de

⁴⁶O uso de comentários *online*, nessa análise em específico, justifica-se pela relevância política da minha base comum pessoal para compreensão mais ampla de processos socioculturais, históricos e ideológicos, os quais estão sendo mobilizados durante a trajetória analítico-descritiva, crítica e ético-política da presente investigação.

atuação/encenação, elaborada por um sujeito heterossexual, uma vez que isso não condiz com o suposto lugar de fala da política de identidades não cis-heteronormativas (“As gays deveriam deixar de assinar já que ele só quer o dinheiro da comunidade lgbt e não a bandeira” - comentário A); ii) a dissociação que pode haver entre a prática sexual profissional e a prática sexual casual/afetivo-sexual (“Se fica com o bingolim duro, é bi” - comentário B); iii) a legitimidade das práticas heterossexuais sob a denúncia de práticas sexuais não condizentes com os desejos e afetos essencialistas de homens gays (“Eu acredito. Têm gays casados com mulheres e outros assumidos que são até pais” - comentário C).

Com relação ao comentário “B”, cabe ressaltar um conhecimento de mundo relevante acerca de performances sexuais na indústria pornográfica gay: grosso modo, todos os atores, quer ativos, quer passivos, utilizam medicamentos estimuladores da libido, a fim de obterem melhor desempenho sexual durante as gravações de filmes e vídeos⁴⁷. Trata-se, pois, de uma informação talvez desconhecida pelo sujeito que proferiu esse ato de fala, pois, ao focalizar a relevância da ação biológica de ereção da genitália masculina para a cópula do ato sexual performativo gay, ele associa, de forma imediata, a compulsoriedade entre o desejo sexual, a prática sexual gay e a categoria identitária gay, a qual estaria sendo ocultada pelo ator da notícia.

Já no comentário “C”, por exemplo, a relevância contextual, construída pelo sujeito do ato de fala, consiste na ativação de um conhecimento sociocultural geral (estratégia-K4): assumo que os interlocutores têm o mesmo conhecimento que eu (muitos homens casam com mulheres por motivo de convenção social, mas acabam traindo o compromisso, ao se relacionar sexualmente com outros homens). Nesse caso, a atuação do ator referido serviria, também, para “camuflar” sua identidade gay, o que coloca a heterossexualidade autodeclarada em questão, segundo as insinuações contextuais do comentário.

Outros comentários questionam a legitimidade da heterossexualidade autodeclarada do ator da notícia por causa de sua encenação profissional, nos vídeos das produtoras de conteúdos adultos gays, acerca da preferência na prática sexual. Assim, o comentário “D”, em tom jocoso, focaliza a performance do gay passivo, de modo a enquadrá-lo na ordem compulsória dos desejos sexuais, tomando o alvo da penetração anal como o único traço definidor da identidade gay (“Uma passiva dessa dizendo que é hétero kkkk”). Por sua vez, o comentário “E” vai na mesma direção, porém, adiciona o conhecimento da performance do gay ativo, realizada pelo ator em questão (“kkkkkk se ele fosse só atv até podia ser verdade. Agora ele da horrores...”).

⁴⁷COMO DIEGO SANS CONTOU QUE É PORNÔ PRO PAI? E TRETAS DO PORNÔ GAY! – IDENTIDADE – PÔE NA RODA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=335e4CMN8Zk>. Acesso em: 03 fev. 2024.

Face à base comum social da mesma comunidade epistêmica gay, é possível recuperar significados sociais via processos de estabilização categorial que produzem estereótipos acerca da performatividade de homens que sentem atração e/ou praticam relações sexuais com outros homens, por exemplo: i) homens heterossexuais que trabalham com conteúdos adultos gays não podem ser confiáveis se se autodeclaram heterossexuais e, por essa razão, não seriam aliados à comunidade LGBT (comentário A); ii) todo homem heterossexual que tem relações sexuais com outros homens é bissexual (comentário B); iii) homens gays não assumidos tendem a performar a identidade e a prática sexual de homens heterossexuais (comentário C); iv) todo gay é exclusivamente passivo (comentário D); v) não há gay ativo (comentário E).

Na construção contextual desses atos de fala (comentários A, B, C, D, E), que produzem diferentes sentidos e evocam diferentes (mas complementares) significados sociais acerca da comunidade epistêmica gay, supostamente homogênea, as performances discursivas produzem desalinhamentos identitários inteligíveis entre sujeitos autodeclarados gays e a performance identitária do ator social autodeclarado heterossexual, o qual, no ramo da indústria midiático-pornográfica gay, rompe com a esperada ordem compulsória sexo/gênero/desejo, segundo os moldes de reconhecimento e de categorização social previamente estabelecidos nas políticas de identidade essencialistas.

Em conjunto, esses eventos comunicativos, dentro de esquemas ideológicos e formas de conhecimento atinentes a sexualidades dissidentes, contribuem para a explicação mais ampla das práticas sociais que, em práticas discursivas situadas (como é o caso das entrevistas autobiográficas, nesta pesquisa), encontram histórias de uso e possibilidades de reforço, fricção e/ou transgressão (Silva, 2020a) de macronormatividades sexuais e de gênero. Parte desses significados sociais é indexada pelo sujeito da Entrevista 02, principalmente, no Excerto nº 5. Tal problemática acerca dos limites das identidades tidas como substanciais coloca em xeque a relevância que o sujeito entrevistado atribui à coerência entre prática sexual e posição social (profissão), ativando conhecimentos, atitudes e ideologias dos interlocutores sobre modelos de identidade opostos: heterossexualidade e homossexualidade.

Posso dizer, também, que é desse processo de estabilização categorial por meio de rótulos e estereótipos, que o sujeito atribui o seu próprio enquadramento na comunidade das pessoas bissexuais, que não seriam nem uma coisa nem outra, isto é, para além do binarismo hetero/homo. Mesmo assim, ele nomeia e categoriza suas práticas de subjetivação mediadas pelos desejos e afetos por pessoas de ambos os gêneros (mulher e homem). Com base nas pistas de textualização e nas insinuações contextuais, é possível inferir que a prática sexual é tomada pelo sujeito como o primeiro parâmetro de definição da orientação sexual ontológica, já que,

antes de adentrar a profissão de ator pornográfico gay, ele talvez se reconhecesse/percebesse como um homem heterossexual (“meu primeiro contato [com a prática sexual gay] foi através é... de uma oportunidade pra poder gravar um... um pornô gay”).

Diante da inter-relação entre estabilização referencial e papel social (enquadrado no marcador contextual de profissão), o modelo de contexto do sujeito, ainda, no Excerto nº 5, estabelece uma escala de opressões, uma hierarquia de discriminações, por meio de categorias sociais identitárias as quais ele julga como completamente opostas: em primeiro lugar, pessoas heterossexuais não sofrem qualquer forma de preconceito; em segundo, pessoas bissexuais sofrem menos preconceito que pessoas gays; por fim, gays sofrem mais do que bissexuais porque também não sentem desejo e/ou praticam relações sexuais com mulheres (“eu vejo o preconceito das pessoas mais para com os gays, né?”), isto é, não estabelecem fricção com a ordem compulsória sexo/gênero/desejo/prática sexual da sociedade cis-heteronormativa (Butler, 2015).

Na construção do modelo de contexto do sujeito, esse processo de compreensão social é reforçado por algumas experiências de subjetivação, as quais decorrem de relações sociais vivenciadas até o momento (“Todas as vezes que eu falei que... que eu sou bissexual... para as pessoas... elas entenderam de boa, não sofri nenhum tipo de preconceito”). Isso tem a ver, também, com suas preferências sexuais.

Excerto nº 6 (Entrevista 02)

Preferências sexuais no mundo pornográfico gay:

Eu acho que as pessoas ficam curiosas pra saber se o cara faz... no meu caso... se eu faço passivo, e tal... aquela coisa toda... E, realmente, eu recusei, né? Os meus seguidores, meus fãs... eles sabem disso. Eu recusei não é porque eu quero ser mais homem que ninguém, é porque, realmente, eu acho que você tem que fazer aquilo que você gosta. Se você gosta de ser passivo, você... maravilha... faz passivo. Se você gosta de ser ativo, ótimo... faça passivo, fa/faça ativo. Mas, no meu caso, eu gosto de fazer ativo mesmo. Se eu gostasse de fazer passivo, não tinha problema algum... eu já tinha aceitado, já, até gravar para outras produtoras que eu acredito que esteja até me aguardando pra saber se eu vou aceitar fazer passivo ou não. Sou ativo liberal. Eu não tenho problema nenhum em chupar o cara. Não tenho problema algum em beijar... em fazer carinho... sou ativo liberal.

Nesse momento sequencial do evento comunicativo autobiográfico, o sujeito introduz novos objetos de discurso, que, por sua vez, indexam significados sociais sobre conceitos dicotômicos (ser passivo/ser ativo). De um lado, ao enquadrar-se dentro da categoria identitária

bissexual, o “Eu-mesmo”, construído aqui, estabelece uma correspondência entre a identidade tida como substância e a prática profissional relacionada a esse modelo de identidade, incidindo na coerência entre o desejo e a prática profissional/casual (“eu acho que você tem que fazer aquilo que você gosta. Se você gosta de ser passivo, você... maravilha... faz passivo. Se você gosta de ser ativo, ótimo... faça passivo, fa/faça ativo”). Nesse modelo contextual, sua forma de subjetivação como homem bissexual ativo corresponde a todas as performances sexuais e de gênero que ele imprime em sua prática profissional como ator pornô.

Por outro lado, ao reativar a base comum social da comunidade epistêmica gay, no tocante à sua preferência sexual como ativo (“não é porque eu quero ser mais homem que ninguém, é porque, realmente, eu acho que você tem que fazer aquilo que você gosta”), ele procura justificar que suas atitudes e ideologias pessoais não invalidam outras preferências sexuais, como a de ser passivo durante a prática sexual gay. A força argumentativa desse ato de fala é potencializada, quando esse sujeito, ao dirigir-se, também, a outros interlocutores para além da situação comunicativa imediata, utiliza uma estratégia-K3: eles conhecem aquilo de que eu já os informei antes (“Os meus seguidores, os meus fãs... eles sabem disso”).

Essa administração do conhecimento contextual diz respeito a um tipo de conhecimento social específico, o qual o sujeito supõe compartilhado por ter sido explicitado em eventos comunicativos anteriores. Por isso, o conhecimento sobre o papel social do homem bissexual ou gay ativo também é considerado. A partir dessa estratégia, o sujeito reconstrói significados sociais negativos acerca da performance do homem ativo em uma prática sexual entre homens (“Eu não tenho problema nenhum em chupar o cara. Não tenho problema algum em beijar... em fazer carinho”). Isso ocorre por meio da indexicalidade desencadeada pela recategorização do referente “ativo”, no uso da expressão “ativo liberal”, desmembrada da assertiva particular “Sou ativo liberal”. Assim, impõe-se outro sentido sobre o papel social do homem ativo na prática sexual gay: ao invés da limitação à penetração anal, o sujeito passa a fazer tudo o que um passivo faz, exceto ser o alvo da penetração.

É possível concluir que, nos excertos anteriores da Entrevista 02, alguns conhecimentos, ideologias e atitudes pessoais e sociais se alinham e se contradizem com os comentários dos sujeitos “A”, “B”, “C”, “D” e “E”. Em primeiro lugar, os alinhamentos de crenças e valores ocorrem com a defesa da suposta não dissociação entre prática sexual profissional e prática sexual casual/afetivo-sexual: “eu não acredito em homens heteros que transam com outros homens, ou gays... só por dinheiro” (Excerto nº 5); “Se fica com o bingolim duro, é bi” (comentário “B”). Em segundo lugar, um exemplo de contradição entre os posicionamentos ideológicos desses sujeitos está na diferença entre assertivas particulares avaliativas quanto à

performance do homem gay passivo: “eu acho que você tem que fazer aquilo que você gosta. Se você gosta de ser passivo, você... maravilha... faz passivo. Se você gosta de ser ativo, ótimo” (Excerto nº 6); “Uma passiva dessa dizendo que é hétero kkkk” (comentário “D”).

Na mídia pornográfica gay, assumindo o papel social de “ativo liberal”, talvez esse sujeito não tenha lidado com discriminação em virtude de sua bissexualidade, tomada, em seu modelo contextual, como uma identidade inteligível e, provavelmente, menos marginalizada que a identidade gay, segundo um modelo essencialista de identidade (“elas entenderam de boa, não sofri nenhum tipo de preconceito”). Entretanto, segundo Jaeger *et al.* (2019), a bifobia é algo comum na sociedade em geral e, também, em certas comunidades epistêmicas atreladas a políticas de identidade essencialistas, que, por reforçarem normatividades sexuais e de gênero sob a ótica da ordem compulsória sexo/gênero/desejo, não estabelecem como válidos sentidos de fluidez no que tange à multiplicidade de desejos e afetos para além de um gênero.

Na continuidade referencial, tópica e temática da Entrevista 02, o “Eu-mesmo” avança na relevância contextual da prática sexual de ativo liberal, mas, desta vez, na intersecção com o marcador contextual de raça.

Excerto nº 7 (Entrevista 02)

Hipersexualização do homem negro na mídia pornográfica:

[...] quando eu comecei, é... eu percebi que... o pessoal esperava mais um... um... o... negão, né, ter pauzão e ser ativo. Ao decorrer do tempo, né, principalmente nos tempos atuais, é... eu percebi que tanto faz, né, se o... se o cara é negro e ter pauzão... e fazer passivo... e fazer... ou fazer ativo, até porque têm pessoas claras, pessoas brancas, né, que também têm pauzão, né, e que... que faz passivo muito bem, como faz ativo muito bem. E... eu acho que... tem que deixar o cara independente de ele ser negro... de ele ser... ser branco... ele fazer aquilo que ele acha que ele faz de melhor. Ah, é importante no pornô você ter pauzão, né? Não só no pornô, como na... o cara que faz programa, né? Se você não tem pauzão... a coisa não rende muito, né? Então, acredito que se eu não tivesse... eu não tenho pauzão, mas eu tenho 22, né? Se eu não tivesse talvez os meus 22, eu não estaria atuando até hoje, né? São catorze anos. E... de sucesso.

A performance corpóreo-discursiva bissexual como uma identidade preexistente ao uso da linguagem, ou seja, como um dado da natureza, construída nos excertos anteriores, mantém-se, nesse Excerto nº 7. Porém, são acrescentados novos significados, pois a sexualidade, desta vez, passa a ser racializada. Ou seja, a bissexualidade deixa de ser relacionada apenas ao gênero masculino e se entrelaça, também, à raça (cf. Sedgwick, 2007) e ao corpo racializado. Assim,

o sujeito inicia o segmento tópico que atrela raça, corporificação e preferência sexual (“o pessoal esperava mais um negão, né, ter pauzão e ser ativo”), isto é, intersecções que buscam atender a uma normalização social de gênero, raça e sexualidade esperada dos homens negros, principalmente, homens negros heterossexuais.

De acordo com Silva Júnior (2011), a sexualidade dos homens negros é cristalizada, no seio dos sistemas macrossociais dominantes, no tocante aos seguintes traços fenotípicos e comportamentais: reprodutor, viril, genitália avantajada e desempenho sexual fenomenal e positivo (ou seja, desempenho sexual acima da média em relação a homens de outras raças). Assim, logo de início, o sujeito relata que suas expectativas eram diferentes àquelas do seu público alvo (pessoas que assistem seus conteúdos adultos gays): aguardavam que ele, sendo negro e bissexual, mas ator de filmes pornográficos gays, tivesse, obrigatoriamente, a genitália avantajada (“pauzão”) e a preferência sexual (“ativo”) que o posicionassem nos atributos inerentes ao de um homem negro: viril, grande apetite sexual e dominação (Lima; Cerqueira, 2007).

A primeira expressão referencial “negão” produz uma estilização de si como um sujeito dotado de virilidade e força física, sendo alvo de grande interesse erótico por parte de homens gays, homens bissexuais, mulheres heterossexuais e mulheres bissexuais, sobretudo, em função da expectativa de sua genitália avantajada (Simões; França; Macedo, 2010; Melo; Moita Lopes, 2020). Por sua vez, a segunda expressão referencial “pauzão”, construída com o uso de aumentativo sufixal - ão, sendo um índice linguístico dêitico, em termos performativos, indexa uma parte do corpo que seria tipicamente inerente ao corpo de um homem negro, fazendo evocar significados sociais de macheza, vigor, corpulência e potência sexual (Bonfante, 2020).

Esses significados sociais, emergentes da performance identitária do sujeito, apontam para a cristalização, em uma temporalidade social constituída acerca de si, de expectativas de gênero, de sexualidade, de raça e de desempenho sexual em torno do homem negro. Em se tratando das expectativas em relação a um homem negro bissexual, parece que, segundo esse sujeito, muita coisa não muda. No entanto, na medida em que o texto avança, é possível notar que ele desnaturaliza essas expectativas segundo suas experiências pessoais no mundo da indústria pornográfica gay (“Ao decorrer do tempo, né, principalmente nos tempos atuais, é... eu percebi que tanto faz, né, se o... se o cara é negro e ter pauzão... e fazer passivo... e fazer... ou fazer ativo”).

A partir desse momento do evento comunicativo, ele desestabiliza traços performativos de normatividades sexuais, de gênero e de raça esperadas, isto é, a hipersexualização do homem negro. Segundo a ativação de sua memória episódica, a virilidade e a dominação caem por terra

face à percepção de uma variedade de dinâmicas cotidianas de sua profissão de ator pornô. Entre essas dinâmicas, segundo ele, os mesmos atributos que lhe são/eram atribuídos pelo público em geral também pertencem, hoje, aos homens brancos da mesma profissão. Com isso, ocorrem deslocamentos semântico-pragmáticos da matriz de inteligibilidade construída socioculturalmente sobre os traços fenotípicos e comportamentais do homem essencialmente negro (genitália avantajada, desempenho sexual positivo).

Nesse modelo de contexto, o índice linguístico “pauzão”, apesar de não recategorizado por outro item lexical, na progressão textual, sofre modificações de sentido. Quando da introdução referencial, ele atende a um estereótipo cristalizado na ordem de indexicalidade de homem negro ativo. Em sua primeira retomada anafórica direta (“tanto faz, né, se o cara é *negro* e ter *pauzão...* e fazer *passivo*”), expectativas de corpo/sexo/gênero/prática sexual são rompidas com a expressão “tanto faz”, além da intersecção com a introdução referencial “passivo”. Na segunda anáfora direta (“têm pessoas claras, *pessoas brancas*, né, que também têm *pauzão*”), ele associa a raça branca ao traço de genitália avantajada, unicamente relacionada ao homem negro, segundo a sexualidade negra racializada sob os moldes da sexualidade hegemônica. Até aqui, a ruptura com a exclusiva hipersexualização do homem negro do mundo pornô se mantém, mas, ao final do tópico, ela é novamente ratificada.

No trecho 1 (“Ah, é importante, no pornô, você ter pauzão, né”), bem como no trecho 2 (“Se você não tem pauzão, a coisa não rende muito, né”), o “Eu-mesmo” é ratificado como um homem negro bissexual viril, de genitália avantajada e com ótimo desempenho sexual sob um modelo substancial de identidade. Como algo predeterminado para todos os membros da raça negra, a performance identitária aqui construída reitera significados sociais essencialistas acerca de como deve ser e como deve agir todo homem negro, em suas práticas sexuais. Dessa forma, há, em algum momento do discurso, a reiteração de normatividades sexuais, de gênero e de raça, criando sentidos de inteligibilidade e objetividade. Já em outros momentos, de certa forma, há uma fricção com a desestabilização dessas normatividades, ao desnaturalizá-las da perspectiva de uma única raça, mas ao atribuí-las a outras também não preestabelecidas pelos modelos de sexualidade dominantes na sociedade cis-heteronormativa falocêntrica.

A seguir, o sujeito da Entrevista 03, antes de se referir à sua sexualidade, define a profissão como a propriedade prioritariamente relevante na situação social e comunicativa da entrevista ao *Pheeno TV*: criador de conteúdo digital para maiores de 18 anos e ator de sexo interativo em casas de show. Depois de construir esse tópico discursivo, ele se enquadra na categoria identitária da homossexualidade:

Excerto nº 8 (Entrevista 03)

Descoberta e nomeação da identidade homossexual:

A questão da minha homossexualidade... acho que é uma coisa que... a gente percebe desde pequeno, a gente não sabe nomear um pouco isso... Então... início da adolescência... 12, 13, 14 anos... eu começo a perceber que o... o... às vezes, quando eu via um pornô, quando eu via alguma coisa assim, eu prestava mais atenção no cara do que na menina... eu comecei a perceber que... sabe aquela brincadeira... a gente chama, aqui, no Rio, de minha, troca-troca, que às vezes rola entre os amiguinhos, quando se é adolescente? Aquilo me deixava mais excitado do que qualquer coisa. E eu via que a minha relação com as mulheres... eu via as meninas... era muito uma relação de muito mais admiração ou “que menina incrível”, do que sexual, sabe? Então, eu fui percebendo... e eu fui nomear isso... eu fui dar nome de que, olha, isso é ser homossexual, eu devia ter uns 16, 17 anos, internamente, né, que eu... eu vou tomar essa consciência de que, “pô, cara, acho que eu sou homossexual mesmo”.

Nesse primeiro excerto, o sujeito constrói o “Eu-mesmo” com base na ativação de uma memória episódica, trazendo à tona algumas experiências de subjetivação, experiências de relações sociais relativas às primeiras percepções do desejo sexual, as quais ele nomeia de diferentes formas: “homossexualidade”, “isso”, “aquela brincadeira”, “meinha”, “troca-troca” e “aquilo”. Por meio do uso desses índices linguísticos, o sujeito indexicaliza crenças e experiências próprias e de outras pessoas, as quais, segundo uma base comum social da comunidade epistêmica homossexual, indiciam a repetição estilizada de atos que garantem um modelo substancial de identidade.

Embora essas expressões nominais não constituam uma cadeia coesiva referencial, ao longo da progressão textual, elas ancoram umas nas outras por intermédio de reificações semântico-pragmáticas que evocam histórias de uso sobre o processo da suposta autodescoberta da identidade gay inteligível, ontológica. No caso da expressão “aquela brincadeira”, duas outras são construídas como recategorizações anafóricas diretas e, portanto, como dois rótulos socioculturais, apontando para conotações resultantes da variabilidade cultural dos modelos de contexto: “meinha” e “troca-troca”. Nessa performance discursiva, ambos desencadeiam o mesmo efeito de sentido: brincadeiras de encenação da cópula anal.

Paralelamente, o “Eu-mesmo” construído, nesse evento comunicativo, tende a reforçar o processo de estabilização categorial por meio da criação de uma polarização ideológica entre a comunidade epistêmica homossexual e a comunidade epistêmica heterossexual. Com efeito, essa dinâmica se dá pela aparência de substância de binarismos da sexualidade: hetero *versus* homo. No primeiro caso, a esfera discursiva evocada é a mídia pornográfica para o público

heterossexual, em que os desejos sexuais gays teriam sido percebidos de forma espontânea pelo sujeito: “às vezes, quando eu via um pornô, quando eu via alguma coisa assim, eu prestava mais atenção no cara do que na menina”.

Já no segundo caso, as relações sociais entre esse sujeito e as meninas não envolviam quaisquer desejos sexuais: “eu via as meninas... era muito uma relação de muito mais admiração ou ‘que menina incrível’, do que sexual, sabe?”. Nesse sentido, o modelo de contexto do sujeito, no que concerne ao suposto desenvolvimento de uma autoconsciência, focaliza os primeiros desejos voltados para meninos e homens como os mais relevantes para a percepção de sua identidade homossexual ontológica. Por conseguinte, o uso da introdução referencial, ou do índice linguístico, “(d)a minha homossexualidade”, ao criar um dos primeiros tópicos no discurso, é mobilizado pelo sujeito como se fosse uma unidade discreta da língua enquanto sistema, chegando a constituir *a priori* um protótipo, que, logo em seguida, condiz com uma representação coletiva compartilhada por muitas comunidades epistêmicas.

Após a construção e/ou reificação de um modelo substancial de identidade, o “Eu-mesmo” vai focalizar o processo de recepção dessa realidade ontológica por parte de outros sujeitos, a saber: a mãe, a família e os amigos.

Excerto nº 9 (Entrevista 03)

Processo de compreensão social da identidade gay:

E eu costumo dizer que o meu processo de aceitação acabou sendo, felizmente, diferente da média que... que se vê no Brasil, hoje, relativamente tranquilo, assim... fácil de aceitar, porque eu sempre tive uma formação, né? Meus pais sempre foram de esquerda... então, sempre tive uma formação ah... ah... muito de aceitar isso, então o meu próprio processo de aceitação foi mais fácil. Eu gosto muito de... de lembrar que a minha mãe... a minha mãe ela tem uma pequena livraria em Friburgo e a reação dela assim que eu conto foi exatamente ler muito e me dar de presente três livros, né? *O terceiro travesseiro*, que é um clássico de quem tá se assumindo. É... *Devassos no paraíso*, que é um livro de antropologia sobre a homossexualidade no Brasil... Então ela leu e depois me deu... e o *Kama Sutra gay*. Sim, ela pegou e me deu o *Kama Sutra gay* [ri]. Então, eu achei muito bacana que a reação da minha mãe, nesse momento, foi isso: foi buscar ler, já que ela era dona de uma livraria e foi aceitar. Então, realmente, depois que a família aceitou, aí ficou leve... aí, cara... aí se amigo meu sabe ou não sabe, vai saber... aí se amigo meu quer... Aí, ficou muito mais fácil. Eu acho que, realmente, no meu caso, e acho que a maioria das pessoas é isso: o momento que a tua família te aceita, te acolhe, e que você conta pra eles... o resto...

Três questões são apontadas aqui como aspectos sociais e políticos relevantes para a construção de condições necessárias ao processo de recepção e/ou aceitação da identidade gay

essencialista: i) a naturalização da identidade dissidente; ii) a questão político-partidária; iii) a formação intelectual. Com relação à primeira questão, a descrição de estratégias linguístico-discursivas contribui para um mapeamento de expressões referenciais nominais, a saber: “o meu processo de aceitação”, “diferente da média”, “relativamente tranquilo”, “fácil de aceitar”. Na construção linguística dessas expressões, o uso do advérbio de modo (“relativamente”) e do verbo no infinitivo (“aceitar”) extrapolam a dimensão morfológica e, na estruturação sintática específica, contribuem para intensificar e complementar, semântica e respectivamente, o tópico discursivo principal instanciado pelo “Eu-mesmo”: “o meu processo de aceitação”.

Por meio desses índices linguísticos, o sujeito indexicaliza crenças e valores sociais acerca da sexualidade gay tida como algo evidente, natural, ontológica, em certas esferas ou espaços sociais. Sua memória autobiográfica é permeada de experiências de subjetivação que sinalizam um entrelaçamento entre processo de aceitação gay e cristalização do pressuposto da sexualidade dissidente como algo inteligível, como um dado da natureza a que não se pode refutar e/ou discriminar. Com efeito, os esquemas ideológicos e socioculturais que subjazem ao processo de naturalização da sexualidade gay podem talvez ser explicados pelo partilhar dos mesmos conhecimentos entre membros de grupos sociais semelhantes. Isso significa que, quando o sujeito menciona a aproximação de seu núcleo familiar à questão político-partidária (“Meus pais sempre foram de esquerda”), ele procura justificar o seu processo de aceitação por parte de outros atores sociais pela via de uma ideologia política muito específica. No século 21,

Uma nova esquerda se caracteriza pelo resgate definitivo do conceito de **liberdade** e pela **rejeição a qualquer forma de autoritarismo**. Seu perfil se define pela identidade com o interesse público. [...] A política, no sentido da ação compartilhada na vida pública, possibilita que os indivíduos atinjam sua plena realidade como homens, na medida em que não apenas existem para eles mesmos, mas aparecem para os outros. [...] a única Esquerda que hoje pode falar alguma coisa para o futuro tem de ser **democrática**, que define o sentido da política como coisa pública, que se compromete com **a defesa da cidadania**, e que luta pela **justiça social**. Em suma, que não abdica da **defesa da liberdade como valor fundamental** e razão de ser da política (Coelho, 2009, p. 524, grifos meus).

Essa citação ilustra os valores fundamentais da política ideológica de esquerda, os quais são indexados, parcialmente, pela assertiva particular “meus pais sempre foram de esquerda”. Por seu turno, evocam-se significados sociais de liberdade, democracia e cidadania, no evento comunicativo desse sujeito, no Excerto nº 9. Esses significados, segundo seu modelo de contexto, fazem parte das ideologias e atitudes dos atores sociais com os quais ele mantém relações harmônicas. Por partilharem, certamente, de aspectos semelhantes e/ou iguais aos da

política de esquerda, esses atores (pai, mãe, parentes, amigos) contribuíram, de alguma forma, com o seu processo de aceitação e, conseqüentemente, com o processo de compreensão social acerca da performance identitária gay.

Com base na emergência da pista de contextualização “esquerda”, instanciada pela construção de uma expressão nominal típica (uso de substantivo), o “Eu-mesmo” é construído como alguém privilegiado socialmente durante o processo de recepção da identidade dissidente, o qual, em outras situações sociais, nem sempre é percebido como algo evidente, mas, sim, como algo negativo, anormal. Assim sendo, as expressões referenciais, descritas anteriormente, orbitam em torno dessa prática identitária construída por ele como autoevidente, verdadeira, natural. Por esse prisma, os índices linguísticos indexicalizam significados sociais positivos acerca da ideologia política de esquerda. Esta é ressignificada, aqui, como um conjunto de conhecimentos socioculturais que percebem múltiplas formas de subjetivação da sexualidade como possibilidades de vivências sociais democráticas, válidas e autoevidentes.

Não à toa, esses significados sociais construídos como positivos ancoram em outras esferas discursivas que também compartilham de bases comuns semelhantes em torno do mesmo significado social de democracia. Trata-se, pois, dos domínios discursivos da literatura, da antropologia e da autoajuda. Em termos de estratégias linguístico-discursivas, o aspecto citacional das relações intertextuais por referência⁴⁸ aparece com a emergência de três objetos de discurso: “O terceiro travesseiro”, “Devassos no paraíso” e “Kama Sutra gay”. O sujeito explica, de modo geral, os assuntos tratados em cada um desses três livros. Tendo sido indicados pela sua mãe, ele ratifica a conexão existente entre os esquemas ideológicos da política de esquerda e os dos seus pais. Indo mais longe, poderíamos pensar que também os círculos familiar e de amizade dele partilham de bases comuns muito próximas, o que permitiu reiterar, no processo de aceitação e, também, nas relações sociais harmônicas, sentidos de inteligibilidade e de substância quanto à identidade homossexual.

Com base nesses modelos cognitivos, o sujeito introduz, no excerto a seguir, o marcador contextual da profissão, que ele associa às suas vivências de desconstrução de estereótipos e de normatividades sexuais gestadas em outras comunidades epistêmicas.

⁴⁸Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 124-125), a referência se trata de um tipo de intertextualidade explícita, marcada por um código tipográfico ou por uma menção, na superfície textual. Pode compreender, também, “uma remissão explícita a personagens ou a entidades outras presentes num dado texto”.

Excerto nº 10 (Entrevista 03)

Profissão no mundo pornográfico gay e outras profissões:

Sexo, pra mim, não é nenhum tabu. Eu tenho um outro emprego... em que... um emprego corporativo, um emprego em que eu... que eu faço licenciamentos, e tal. Eu também dou aulas particulares, e eu sou o criador de conteúdo e... ator pornô, ou que quer que você chame... é... ator de sexo interativo... e tá tudo bem. E Ok. E é isso. E... e... é mais um emprego, é mais uma possibilidade de produção, porque sexo não é nada demais. Fazer sexo não é nenhum problema. Vender sexo ou vender conteúdo de sexo... Não é nenhum problema. É 2022, sabe? Nós somos gays. A gente não precisa seguir moral cristã. A gente não precisa seguir nenhum tipo de moral que condene o sexo como uma prática suja... proibida... errada... Sexo é uma prática, uma prática deliciosa. Qual é o problema em ser um profissional que venda uma prática que é o sexo? A não ser que você tenha algum tipo de valor religioso qualquer... Em termos filosóficos... Filosoficamente falando... qual é?

Nesse último excerto da Entrevista 03, o sujeito passa a constituir sentidos em torno da noção de sexo como prática sexual por meio de suas experiências de subjetivação e de seu modelo de contexto ideológico. Ao introduzir o referente “sexo”, ele enumera uma série de assertivas negativas, que, por sua vez, encontram-se em predicacões concernentes a esse objeto de discurso: i) “não é nenhum tabu”; ii) “não é nada demais”; iii) “não é nenhum problema”; iv) não é “uma prática suja, proibida, errada”. No entanto, essas avaliações não são lineares, ou seja, não orbitam somente ao redor da noção de sexo, defendida aqui.

Na medida em que o discurso avança, é possível notar uma dispersão de significados sociais por meio de ancoragem categorial, pois, desde uma escala mais genérica sobre a noção de sexo enquanto prática, a construção de sentidos em torno do referente “sexo” vai interligar-se a uma escala pessoal do marcador contextual de profissão. Na verdade, a posição social do sujeito, segundo seu modelo de contexto, amplia-se *a priori* por meio das seguintes expressões nominais, quer de forma direta ou indireta: “o criador de conteúdo”, “ator pornô”, “ator de sexo interativo”, “uma possibilidade de produção”, “conteúdo de sexo”, “vender sexo”, “uma prática deliciosa”, etc.

Ainda, na dispersão de sentidos desencadeada pelo uso dessas expressões referenciais, o “Eu-mesmo”, indiciado pelo dêitico pessoal “eu”, sofre recategorização a partir de índices linguísticos construídos sob um mesmo campo semântico do marcador contextual de profissão: “o criador de conteúdo”, “ator pornô”, “ator de sexo interativo”, “um profissional”. Mas a extensão de significados sociais não se limita a isso, uma vez que outros novos objetos de discurso são construídos: “um outro emprego” e “aulas particulares”. O primeiro é retomado

pela anáfora direta “um emprego corporativo” e pela anáfora associativa “licenciamentos”, que especificam o outro ramo profissional, ao passo que o segundo só é ativado de modo parcial, pois não recebe continuidade ao longo da progressão textual.

A descrição dessas estratégias linguístico-discursivas serve, portanto, para uma melhor compreensão das práticas sociopolíticas e identitárias que emergem no evento comunicativo. Por meio delas, o “Eu-mesmo” procura restabelecer conflitos ideológicos a respeito das práticas sexuais sob a ótica de pelo menos duas comunidades epistêmicas: a cristã e a gay. Se, de um lado, a primeira define o sexo como uma prática suja, proibida e errada, principalmente, aquela produzida para fins mercadológicos, na qual os valores morais (a pureza, a intimidade e até a castidade) seriam transgredidos, do outro lado, a comunidade gay conceberia a prática sexual como algo intrínseco às ideias de liberação e de entrega completa aos desejos do corpo.

Em uma dimensão cotextual, imediata, dessa prática discursiva dissidente, o esquema ideológico da comunidade gay pode ser descrito, parcialmente, pela localização explícita do “eu”, retomado várias vezes pela mesma expressão anafórico-dêitica, e da expressão dêitica “nós”, no trecho “Nós somos gays”. Por outro lado, o esquema ideológico da comunidade cristã pode ser identificado, linguisticamente, por um conjunto de expressões referenciais, desde que transformadas em assertivas não negativas: i) sexo é um tabu; ii) sexo é um problema; iii) sexo é uma prática suja, e, no caso da comunidade gay, sexo é uma prática abominável⁴⁹.

Dessa maneira, o modelo de contexto, aqui construído, vai de uma dimensão mais pessoal a uma mais macrossocial. Ao partir da suposição de bases comuns, cujas ordens de indexicalidade são opostas (a moral cristã e a liberação sexual do mundo gay), o sujeito procura constituir, de início, deslocamentos semântico-pragmáticos de crenças e valores da comunidade epistêmica contrária à sua. Por consequência, ele busca justificar e reforçar essa polarização ideológica por meio das práticas de liberação sexuais que seriam inteligíveis, ontológicas, a todos os membros da sua comunidade. Por fim, esses efeitos de sentido, em uma perspectiva filosófica essencialista de identidade, emprestariam uma aparência de substância a identidades sexuais dissidentes, neste caso, as identidades gays.

⁴⁹Na comunidade epistêmica cristã, independentemente da instituição religiosa, predominam significados sociais de abominação, impureza, não naturalização e pecado acerca das práticas sexuais que extrapolam a relação homem/mulher. Geralmente, recorre-se ao exercício de citação de trechos bíblicos, tais como: i) “Com varão te não deitarás, como se fosse mulher: abominação é. [...] Com nenhuma destas cousas vos contamineis: porque em todas estas cousas se contaminaram as gentes que eu lanço fora de diante da vossa face” (Levítico, 18: 22, 24); ii) “Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro” (Romanos, 1: 26, 27).

Em face da crença no sexo como “uma prática deliciosa” ou nada errada (“A gente não precisa seguir nenhum tipo de moral que condene o sexo como uma prática suja... proibida... errada”), a identidade gay, segundo o modelo de contexto do sujeito entrevistado, passa a constituir significados sociais positivos e aceitáveis, uma vez que, desde o início do evento comunicativo, o “Eu-mesmo” se constrói sob a concepção de identidade como uma substância inerente ao ator social, em que a repetição estilizada de atos corpóreo-discursivos não seria uma prática sociocultural e intersubjetiva sob a ilusão da aparência ontológica, mas a permanência de uma identidade fixa não cis-heteronormativa e não moralista cristã, reproduzida ao longo da trajetória de vida do sujeito dissidente.

Também nos excertos da entrevista a seguir, outro sujeito, ao identificar-se como um homem gay, incide na construção de efeitos de sentido de uma identidade ontológica. Desta vez, porém, a propriedade mais relevante do episódio comunicativo é o marcador contextual da idade.

Excerto nº 11 (Entrevista 04)

Autoconsciência da identidade gay:

Quando que me entendi como um gay, né... é... eu acho que muito cedo. Acho que com uns 16 anos, mas é sempre muito difícil na cultura... francesa, eu acho que também brasileira, de se assumir, né? E... foi muito jovem, né? É... entrei na faculdade... na Faculdade de Medicina com 16 anos... É... e aí que eu entendi que realmente eu tive que me assumir era o melhor. E... com 17, eu tive meu primeiro namorado. Nunca tive namorada. É... foi uma experiência incrível. É... eu acho que eu senti um pouco de amor por ele, mas, realmente, eu... tive muita experiência mais sexual que... que... que de... de amor... até encontrar o meu marido, porque eu casei muito cedo, com 20 anos, gente. [risos].

No começo da Entrevista 04, o sujeito, nesse Excerto nº 11, procede a uma apresentação pessoal, dizendo o nome profissional, a idade, a primeira nacionalidade, o estado civil e a quantidade de membros da família. Menciona, também, suas três profissões: apresentador de televisão, empresário e influenciador digital. Nesse primeiro momento, ele faz coro aos excertos das entrevistas autobiográficas anteriores, ao reiterar, logo no início do evento comunicativo, um modelo substancial de identidade e, portanto, significados sociais de inteligibilidade gay.

A esta altura do percurso analítico, convém apontar duas questões importantes sobre o tipo de situação social em que se deu a realização dessas ações e eventos comunicativos que, por conseguinte, desencadearam na publicação de vídeos na plataforma do YouTube. Nesta pesquisa, esses vídeos são nomeados como entrevistas autobiográficas porque, em primeiro

lugar, os papéis comunicativos, no início de todas elas, contêm traços em comum: apresentação pessoal (nome, idade, identidade de gênero, orientação sexual, local de origem, estado civil, profissão) e a explicitação de um único objetivo (narrar a trajetória de vida em relação ao gênero, à sexualidade e/ou à profissão no âmbito da comunidade das dissidências sexuais e de gênero).

Em segundo lugar, imagino que, a par desses papéis comunicativos, um dos interesses do canal *Pheeno TV* pode ser o de propagar a multiplicidade de dissidências sexuais e de gênero, em ambiente digital. Com efeito, uma concepção política assimilacionista ou essencialista subjaz adequadamente a esse propósito. Talvez seja justamente por isso que, nas entrevistas até aqui analisadas, perdure o reforço da matriz de inteligibilidade corpo/sexo/gênero/desejo. Um projeto de mudança e de inclusão social, que está na base da política de identidades, faz jus a estratégias de ativismos de dissidências sexuais e de gênero pautados em práticas discursivas de denominação e de categorização social, impelindo sujeitos minoritarizados para processos de normalização macrossociais.

A questão do casamento homoafetivo, por exemplo, é um dos direitos civis que sempre está em pauta no curso dos movimentos tradicionais desse grupo social (Seffner, 2011; Trevisan, 2018). Não à toa, o Excerto nº 11 está alinhado a isso, quando o sujeito menciona que casou muito cedo com outro homem. Após ter vivenciado um relacionamento com o primeiro namorado, ainda na França, o qual ele mesmo nomeia e recategoriza como “uma experiência incrível”, seu casamento ocorreu muito cedo (“eu casei muito cedo, com 20 anos, gente”), se comparado à maioria dos homens gays.

Nessa trajetória autobiográfica, face aos excertos das demais entrevistas do *corpus*, a prática (con)textual e identitária de sexualidade é interligada ao marcador contextual da idade. Este, mediante as experiências de subjetivação e os modelos de eventos do sujeito, não é reconhecido de forma positiva, uma vez que se trata da motivação para muitos conflitos ideológicos e práticas discriminatórias dentro da própria comunidade epistêmica gay. Por isso, o próximo excerto focaliza a inter-relação entre identidade gay, idade e etarismo:

Excerto nº 12 (Entrevista 04)

Idade e etarismo na comunidade LGBT e gay:

Envelhecer na comunidade LGBT... claro que é um problema. Um problema muito grande. É... você não tem direito a envelhecer. Você não tem direito a envelhecer. É muito difícil. É... o mundo gay... e eu falo do mundo gay porque é o mundo que eu conheço, mas é cruel... É cruel, já que quando você chega com 25 anos, você já tá passado, cara. Muito difícil. É... vocês têm que lidar com isso. Mas, para

lidar com isso, vocês têm que ficar bem com você. [...]. Olha, estou com 43, tô achando que o meu corpo tá bacana, tô bem na minha cabeça, tô me achando lindo... E aí? Tudo bem... os gays não estão me olhando, mas é assim... a discriminação no mundo gay sempre foram... sempre é assim. E existe e vai existir até o final do mundo. No meu casamento, escutei coisas? Sim, escutei, mas escutei coisas revertidas, porque meu marido é tão lindo, que eles, às vezes, na comunidade, preferem meu marido [risos] que eu. [...]. preconceito eu tô vendo com os outros amigos meus, que estão um pouco fora da idade padrão do... do... da comunidade, que não têm mais é... sucesso, entre aspas, e pode ser difícil para eles sobreviver na comunidade gay, né? E outra coisa importante que eu não falei para vocês: temos 18 anos de diferença. É... o Luí sempre viveu no nosso relacionamento com o receio de... hum... de ele envelhecer mais que eu. [...] Então, para quem não sabe o que que é etarismo? Vou explicar para você: etarismo é... é discriminação sobre a idade, ou poderíamos chamar isso de ageísmo, também. É... quanto... quanto mais você avança na sua idade, você está sendo discriminado. Existe também pelas mulheres, por exemplo. É... a gente vê já isso muito... muito nos heterossexuais. Por exemplo: uma mulher quando... quando ela passa uns 30... uns 40... já tá velha, não pode mais fazer carreira na televisão, não pode usar cabelo branco... enquanto um homem de 40 anos, com cabelo branco, ele tá muito lindo; ou, quando o homem chega nos 40 anos, ele tá no auge da vida dele. E, no mundo gay, a mesma coisa. No mundo gay, quando você passa dos 30, você já é um velho... é quando você passar dos 40, 50, você é uma maricona.

Nesse novo excerto, a prática identitária do sujeito focaliza o marcador contextual da idade como a propriedade mais relevante de seu modelo de contexto atinente à percepção sociocultural da identidade gay, de forma essencialista. Em vez de homofobia, a discriminação sofrida por esse sujeito diz respeito à percepção de sua idade por parte da própria comunidade gay. *A priori*, a descrição de processos referenciais contribui para a interpretação desse processo sociocognitivo e cultural. Assim, a introdução referencial “envelhecer na comunidade LGBT” é recategorizada pelas seguintes expressões nominais: “um problema”, “um problema muito grande”, “muito difícil”. Nesse sentido, as expressões destacadas evocam significados sociais da perspectiva de homens gays que discriminam uns aos outros por causa da idade avançada.

Na continuidade temática e referencial do excerto, o objeto de discurso “25 anos” sinaliza a faixa etária que o sujeito percebe como o alvo da discriminação pela idade. Trata-se, segundo seu modelo de contexto, da idade-limite para que um sujeito-corpo gay seja objeto do desejo dentro da comunidade à qual pertence. Assim, “o mundo gay” e “o etarismo” são os dois outros referentes associados à base comum pessoal/social e à memória autobiográfica/social para compreensão desse tipo de discriminação na comunidade gay. Em primeiro lugar, “o mundo gay” é retomado, inicialmente, pela anáfora de caráter avaliativo negativo “cruel”.

Posteriormente, outras recategorizações mantêm esse referente em modo de ativação linguística e cognitiva: “a comunidade”, “a comunidade gay” e “o mundo gay”.

Em segundo lugar, o referente “etarismo” é introduzido pela anáfora encapsuladora “isso”, que realiza um movimento de retrospectão e outro de prospecção: no primeiro, ela abarca as informações a respeito do direito a não envelhecer e a idade-limite para o corpo gay desejável; já em segundo, ela é um novo referente introduzido no discurso, acrescentando informações em torno do tópico discursivo principal. Mas não se limita ao nível cotextual. Essa expressão aponta, sobretudo, para um conjunto de conhecimentos pessoais e sociais a respeito das características e dos prejuízos emocionais que podem ser causados a sujeitos gays pela prática da discriminação por idade. Dessa forma, as informações semânticas compostas pelo uso dessa anáfora se mantêm ao longo do evento comunicativo por meio de outras expressões nominais: “a discriminação”, “coisas revertidas”, “preconceito”, “etarismo”, “ageísmo” e “a mesma coisa”.

Conforme Van Dijk (2013), os modelos de contexto são resultantes de vários processos de compreensão social, a exemplo do reconhecimento de pertencimento dos sujeitos a certos grupos sociais, bem como a formação de juízos e impressões acerca dos membros pertencentes à mesma comunidade epistêmica. Assim sendo, o sujeito, nesse Excerto nº 12, reconhece-se como membro da comunidade gay, mas produz avaliações negativas acerca de outros membros no tocante à discriminação por causa da idade. Destarte, o seu modelo de contexto é construído com base em esquemas de experiências repetidas acerca do etarismo, vivenciado tanto por ele quanto por alguns amigos.

De um lado, ele constrói um autoesquema identitário via a ativação de experiências vivenciadas em seu casamento homoafetivo: “escutei coisas revertidas, porque meu marido é tão lindo, que eles, às vezes, na comunidade, preferem meu marido [risos] que eu”. Apesar dos dezoito anos de diferença entre os dois, motivo que já preocupou o seu marido por medo de envelhecimento mais rápido, um outro fator se conecta ao etarismo vivenciado: a aparência física (ou a beleza) atribuída ao seu marido por outros homens gays da comunidade. Dessa forma, a construção identitária desse sujeito entrevistado ocorre, não por meio das formas de subjetivação isoladas, mas através da comparação com outras experiências vivenciadas, supostamente, por outros membros da comunidade gay. Nesse caso, só a idade avançada não bastaria para explicar o etarismo, tendo em vista que essa relação não se dá de forma direta.

Por outro lado, segundo o sujeito entrevistado, o etarismo é vivenciado por outros atores sociais, os quais ele reconhece como membros de sua comunidade epistêmica. Trata-se de atores categorizados como sendo de idade avançada, com os quais esse sujeito estabelece a

relação social de amizade. No trecho a seguir, retirado do Excerto nº 12, a discriminação por idade, perpetrada contra homens gays, dentro do próprio grupo, estabelece alguma relação com o sucesso, acerca do qual muitas informações ficam implícitas: “preconceito eu tô vendo com os outros amigos meus, que estão um pouco fora da idade padrão do... do... da comunidade, que não têm mais é... sucesso, entre aspas, e pode ser difícil para eles sobreviver na comunidade gay, né?”.

Mais uma vez, a questão da idade deixa de ser construída de forma determinística, uma vez que o sujeito não explicita outros conhecimentos de suas vivências para que o interlocutor possa compreender que tipo de sucesso está sendo abordado. Portanto, creio que uma pista de contextualização para auxiliar na compreensão pode ser a já mencionada por meio de várias expressões referenciais: o sucesso no relacionamento amoroso. Como o sujeito entrevistado casou-se cinco anos anteriores à idade-limite (“25 anos”), então, ele não vivenciou o etarismo enquanto esteve solteiro. No entanto, em seu relacionamento atual, ele chegou a vivenciar essa experiência de uma maneira inesperada: o marido, mais avançado na idade, é mais aceito como objeto de desejo e/ou de admiração por parte de outros homens gays.

Ainda, para ampliar a força argumentativa do contexto e, conseqüentemente, da prática identitária, construída por meio da inter-relação entre os processos de sexualidade e idade, o sujeito remete à comunidade epistêmica das pessoas heterossexuais: “Por exemplo: uma mulher quando... quando ela passa uns 30... uns 40... já tá velha, não pode mais fazer carreira na televisão, não pode usar cabelo branco... enquanto um homem de 40 anos, com cabelo branco, ele tá muito lindo; ou, quando o homem chega nos 40 anos, ele tá no auge da vida dele. E, no mundo gay, a mesma coisa”. Assim, ao evocar outra situação social de etarismo, desta vez, da comunidade epistêmica tida como oposta à comunidade gay, em razão do tipo de sexualidade, esse sujeito estabelece uma hierarquia de opressões entre homens e mulheres heterossexuais.

Enquanto, com o avançar da idade, homens são cada vez mais valorizados, em termos de profissão e aparência física, as mulheres, por sua vez, tornam-se menos interessantes para a mídia televisiva, que é, por exemplo, um dos campos de atuação profissional desse mesmo sujeito. Nesse novo segmento tópico, o “Eu-mesmo” se reconstrói por meio da comparação tanto com membros da mesma comunidade epistêmica (“meu marido”, “o Luí”) quanto com membros de outras comunidades, a exemplo da heterossexual (“uma mulher”, “[uma mulher] velha”, “cabelo branco” *versus* “um homem de 40 anos”, “cabelo branco”, “ele”, “muito lindo”, “(n)o auge da vida dele”). Trata-se de significados sociais mais ou menos estabilizados numa sociedade predominantemente machista e cis-heteronormativa, os quais, indexicalizados por índices linguísticos nominais, influenciam, de algum modo, o discurso do sujeito entrevistado.

Os modelos de contexto ideológicos e identitários não são construídos a partir do zero, tampouco são representações estabilizadas na bagagem cognitiva dos atores sociais (Van Dijk, 2020), as quais, a cada episódio comunicativo, influenciariam, diretamente, todos os atos de fala proferidos. Na verdade, cada elaboração contextual é mediada, cognitivamente, o que implica que o sujeito mobiliza, naquela atividade discursiva situada, não apenas conhecimentos de práticas identitárias repetidas ao longo do tempo (Butler, 2015), mas, também, bases socioculturais mais amplas, cujos significados são reconstruídos por meio da filtragem pessoal e situacional desse mesmo ator social.

No evento comunicativo analisado, o marcador contextual de idade não subjaz ao “Eu-mesmo” como categoria demográfica rígida, mas é desestabilizado em função das experiências de subjetivação particulares do sujeito social que narra sua trajetória de vida dentro de uma comunidade epistêmica específica. Com efeito, o dêitico pessoal “você”, ao final do excerto, não corresponde, necessariamente, aos entrevistadores, coparticipantes da interação discursiva situada, mas aponta, sobretudo, para o “Eu-mesmo”, que é recategorizado, desta vez, pelas expressões nominais “um velho” e “uma mariconna”, isto é, vozes sociais atribuídas pelo sujeito a outros atores da comunidade gay. Estes seriam responsáveis pela prática discriminatória do etarismo, em função de o sujeito já ter passado dos quarenta anos de idade.

Nos excertos da Entrevista 06 a seguir, a prática (con)textual e identitária emergente atrela, mais uma vez, a construção de uma identidade bissexual ao marcador contextual de profissão.

Excerto nº 13 (Entrevista 06)

Percepção da identidade bissexual:

[...] o processo de eu me entender foi muito louco, porque, durante muita parte da minha vida, achei que eu era hetero. E aí... depois, eu comecei a ficar com homens, aí eu falei: “Ah, então eu sou gay”. Aí eu fiquei durante muito tempo ficando com homens e achei que eu não gostava de mulher, tipo, era uma coisa que eu acreditava gostar, mas não era aquilo, sabe? Só que depois de um tempo eu voltei a me relacionar com mulheres, e eu gosto, só que não tanto quanto eu gosto de homem. É que eu... eu não entendia da bissexualidade: você não precisa gostar 50% de um, 50% de outro; não precisa ser uma... uma balança, sabe? Então, assim... hoje, eu entendo que eu gosto muito de homem, mais do que mulher. Mas eu também gosto de mulher. Então, eu me entendo como bissexual.

Nesse evento comunicativo, o sujeito define o seu processo de construção da identidade bissexual como uma fase difícil de compreender, porque, em primeiro lugar, ele se percebeu

como heterossexual (“achei que eu era hetero”); em segundo lugar, passou a se reconhecer como gay (“eu comecei a ficar com homens”); em terceiro lugar, voltou a ter relacionamentos heterossexuais e, por isso, ficou confuso (“depois de um tempo eu voltei a me relacionar com mulheres”). Em todos esses processos, mediante práticas afetivas e/ou sexuais com pessoas de diferentes performances de gênero, esse sujeito constrói, no discurso, suas experiências de subjetivação como sendo da ordem do caos, ou melhor, da ininteligibilidade (Butler, 2015), visto que elas não poderiam ser classificadas e nomeadas, algum tempo atrás, a fim de serem compreendidas por completo.

O fenômeno do desejo e/ou do afeto por pessoas de diferentes performances de gênero (Jaeger *et al.*, 2019), antes de ser enquadrado em um rótulo e, conseqüentemente, evoluir para um estereótipo (Mondada; Dubois, 2003), é percebido como algo incômodo, no processo de discursivização do sujeito atinente à sexualidade. Assim, a fluidez dessas experiências, segundo seu modelo de contexto, não poderia pertencer a uma espécie de identidade rígida, substancial, ontológica, tal como devem possuir os atores sociais que se reconhecem como heterossexuais e gays. Nessa perspectiva, para que ele viesse a existir, de fato, como membro de alguma comunidade epistêmica específica, seria necessário nomear as suas experiências sexuais e/ou afetivas com homens e mulheres.

Logo, na continuidade tópica e referencial do evento comunicativo, o sujeito demonstra uma anterioridade e uma posterioridade entre uma espécie de identidade unidirecional (“eu não entendia da bissexualidade: você não precisa gostar 50% de um, 50% de outro”) e uma identidade não unidirecional (“não precisa ser uma balança, sabe?”). Tratar-se-ia, pois, de uma temporalidade social através da construção de algum tipo de conhecimento sociocultural (Van Dijk, 2020) sobre essa sexualidade fluida (Jaeger, *et al.* 2019). Conhecimento este que permitiu que ele chegasse a uma conclusão aparentemente agradável: “hoje, eu entendo que eu gosto muito de homem, mais do que mulher. Mas eu também gosto de mulher. Então, eu me entendo como bissexual”.

No início dessa entrevista, o uso de estratégias linguístico-discursivas, a exemplo de índices linguísticos de ordem gramatical, contribui para que o sujeito possa traçar um paralelo temporal entre o passado e o presente. Com relação ao primeiro, quando ele ainda não conseguia categorizar a sua sexualidade, são reservados os verbos de modo indicativo no pretérito perfeito (“foi”, “achei”, “comecei”, “falei”, “fiquei”, “voltei”). Cabe ressaltar que pouquíssimos verbos no pretérito imperfeito são utilizados (“gostava”, “acreditava”, “entendia”). Já para o presente, quando ele já produz o efeito de uma autoconsciência identitária, são reservados os verbos de modo indicativo no tempo presente (“precisa”, “entendo”, “gosto”).

Nessa dinâmica linguístico-discursiva, o uso do dêitico temporal “hoje”, ao final, aponta não só para a situação comunicativa imediata, mas, sobretudo, para uma temporalidade social constituída com o significado de um eu permanente (Butler, 2015), o qual tem a aparência de substância por causa da realização performativa repetitiva (“eu gosto muito de homem, mais do que de mulher. Mas eu também gosto de mulher”). Assim, segundo o modelo de contexto do sujeito, a categoria da bissexualidade passa a existir, de modo que, na fase atual de sua vida, é possível reconhecer-se como um sujeito legítimo, autoevidente, enquadrado na posição “B” da sigla da comunidade LGBTQIA+.

Ainda, esse autoesquema identitário inteligível poderia ser justificado pelo uso de operador discursivo adversativo (“mas”), além do uso de advérbio de acréscimo e inclusão (“também”), no seguinte trecho: “*Mas eu também* gosto de mulher”. Se, no trecho anterior, ele já havia mencionado a sua atração afetiva e/ou sexual por mulheres (“mais do que de mulher”), ao levar em consideração que a bissexualidade não é “uma balança” de afetos e desejos com relação aos dois gêneros (homem e mulher), então, por que a repetição dessa assertiva? Suponho que, nesse momento, impõe-se ao sujeito uma determinada crença social muito comum: ser bissexual é menos pior que ser gay. Sendo assim, a influência contextual, aqui, coincide com a interpretação subjetiva do contexto.

Nesse excerto, o sujeito, ao ativar esquemas de experiências de subjetivação repetidas, procura produzir efeitos de sentido de inteligibilidade da sexualidade fluida, com a qual, hoje, ele se identifica (“eu me entendo como bissexual”), tendo em vista as relações sociais baseadas nas práticas sexuais e/ou afetivas que mantém com pessoas de ambos os gêneros (homem e mulher). Por conseguinte, o “Eu-mesmo” se constrói como inteligível por meio de práticas discursivas de denominação (Bentes; Rezende, 2017). Estas indiciam relações sociais por meio de processos de estabilização referencial, uma vez que as pistas de contextualização fazem emergir conceitos cognitivos mais ou menos estabilizados da comunidade epistêmica dos bissexuais, além de apontarem para atores sociais reconhecíveis por meio de papéis sociais pré-definidos em uma rede de categorias identitárias assimilacionistas da sexualidade dissidente.

Excerto nº 14 (Entrevista 06)

Bifobia e fetichização da bissexualidade:

O bi... assim... ele é visto como confuso, na verdade, né? É... e até... até hoje, eu ainda ouço que... tipo... “ah, bissexualidade é frescura”... “ah, você é gay que fica com mulheres”... ou “você é igual a algumas pessoas... você é hetero e você... ah, só fica com gays por *Pink Money*”... igual umas pessoas falam. Eu tenho amigos que são bi, mas, assim... eles trabalham com público gay porque eles gostam também.

Mas, enfim... rola toda uma... uma confusão, e você não pode falar que é bissexual, hoje, porque as pessoas não validam. Tenho muitos amigos heteros que têm fetiche em mulher bissexual, pra ficar com uma... com duas mulheres, e as duas mulheres se pegarem... e tal. Mas, aí, um homem bissexual, para ele é... é... o fim do mundo... é um gay, sabe? É... então, tipo... existe, sim, essa sexualização, só que mais da mulher.

Após uma ruptura da organização tópica, nesse novo excerto, o sujeito aponta que a bissexualidade é entendida socialmente como algo confuso e, por isso mesmo, ininteligível. Por meio da mobilização da memória autobiográfica, experiências de subjetivação são construídas junto à formação de juízos de outros atores sociais, que invalidam a categorização identitária da bissexualidade. Se, para o sujeito entrevistado, a sexualidade fluida, hoje, é reconhecida como uma experiência de subjetivação autoevidente, para outros, ela é não naturalizada, uma vez que a rigidez cognitiva, inerente à concepção essencialista e unidirecional de linguagem e identidade, está atrelada às regulações de sujeitos-corpos da sociedade cis-heteronormativa monogâmica, que invalida experiências não monossexuais.

Os efeitos de sentido de ininteligibilidade acerca da não naturalização da bissexualidade, resultantes das ações sociodiscursivas de outros atores sociais, são elaborados pelo sujeito por meio de três relações intertextuais do tipo *enunciador genérico*⁵⁰: i) “Ah, bissexualidade é frescura”; ii) “Ah, você é gay que fica com mulheres”; iii) “Você é igual a algumas pessoas... você é hetero e você... ah, só fica com gays por *Pink Money*”. Trata-se de enunciados que comportam, assim, as categorias identitárias bissexual, gay e heterossexual. No primeiro caso, a bissexualidade, antes categorizada pelo sujeito como “uma balança”, agora é recategorizada, modificada, como “frescura”. No segundo, o sujeito, antes categorizado como “bissexual” (Excerto nº 13), agora é transformado, discursivamente, como “gay”. Já no último caso, a expressão referencial “gay” é recategorizada como “hetero”.

Nesse evento comunicativo, a construção de sentidos sobre a identidade sexual pode ser explicada em dois movimentos interpretativos complementares: o primeiro é em relação à prática de ininteligibilidade acerca da bissexualidade, cujos significados socioculturais de não normalização, segundo o sujeito, são imputáveis a outros atores sociais (“o bi... ele é visto como

⁵⁰Baseadas em Genette (1982), que trata da teoria das intertextualidades restritas, Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 122) afirmam que a relação intertextual do tipo enunciador genérico compreende um “segmento do texto alheio introduzido [que] não pode ser atribuído especificamente a um enunciador: faz parte do repertório de uma comunidade, como acontece com os provérbios, ditos populares, clichês, que podem introduzir-se em inúmeros gêneros, às vezes para reforçar um ponto de vista, às vezes para subverter por completo o conteúdo socialmente convencionalizado”.

confuso”); já o segundo movimento se dá a partir da progressão textual por meio de algumas expressões nominais (uma delas é a anáfora indireta “bissexualidade”, ancorada na expressão avaliativa negativa “confuso”, enquanto as outras duas, “gay” e “hetero”, podem constituir componentes semânticos de “confuso”, se esta for interpretada como rótulo, isto é, um objeto categorial socialmente estabilizado em um determinado grupo de sujeitos (Mondada; Dubois, 2003). Isto é, a ininteligibilidade atribuída à bissexualidade, nessa perspectiva, decorre de conhecimentos socialmente convencionados de uma ou mais comunidades epistêmicas.

Sendo assim, o sujeito, na continuidade temática do texto, com a introdução referencial “muitos amigos heteros”, revela que o grupo social responsável pela prática discriminatória da bifobia é a comunidade epistêmica dos homens heterossexuais, que, por um lado, validam a normalização de gênero e de sexualidade das mulheres bissexuais, mas, por outro lado, negam a naturalização do processo performativo dos homens que se identificam com a bissexualidade. Convém dizer que, em uma perspectiva identitária (que é assumida pelo sujeito em questão, em virtude da aparência de substância da bissexualidade), a discriminação bifóbica faz parte do termo “guarda-chuva” da homofobia, ou seja, um grande leque de violências perpetradas contra a comunidade das dissidências sexuais e de gênero. De acordo com Reis e Cazal (2021, p. 121):

Homofobia é toda e qualquer forma de preconceito e discriminação que atinge pessoas que, de alguma maneira, descumprem normas heterossexistas que regulam a sexualidade, seja na sua prática sexual, no seu desejo, no seu afeto ou no seu comportamento. Lesbofobia, bifobia e transfobia são a mesma discriminação, mas voltadas especificamente para mulheres lésbicas, mulheres e homens bissexuais, travestis ou transexuais. [...] não são só sentimentos negativos. Elas se materializam em práticas discriminatórias, desigualdade no acesso a direitos, discursos preconceituosos e violência.

Nesse caso, o fenômeno da bifobia decorre da comunidade heterossexual, que, sob o modelo de contexto, constrói práticas discursivas de categorização decorrentes das práticas monossexuais, exclusivamente heterossexuais, unicamente válidas. Resultantes de processos sociocognitivos, culturais e políticos da sociedade cis-heteronormativa monogâmica, essas práticas reproduzem ideologias machistas, tendo em vista que o processo de fetichização imputa às mulheres bissexuais a agência voluntária de atendimento às investidas e aos desejos sexuais dos homens heterossexuais (Silva, 2019b). Então, a ininteligibilidade da bissexualidade para os homens, nesse modelo de sociedade, seria determinada pela crença de que eles não podem realizar a performance sexual e/ou afetiva gay, tida como algo não natural (bissexualidade entendida como uma soma entre heterossexualidade e homossexualidade).

Excerto nº 15 (Entrevista 06)**Trabalho e preferências sexuais no mundo do pornô:**

[...] criei meu *OnlyFans*... é... gravei filme pra produtora, também... Eu tenho acho que quatro filmes pra “Irmãos Dotados”. [...] É... então... eu sou versátil. É... eu gravei muito tempo como ativo por estratégia de marketing, porque... assim... o meio gay, ele meio que exclui o passivo, assim, de tudo, né? E, na criação de conteúdo, também. Então, assim... o passivo, ele sempre fica como em segundo plano, como o ativo, ele fica em segundo plano no hetero... Então, assim, num filme hetero, sempre a estrela vai ser a mulher... que tá ali dando. Então, assim... o homem, ele tá sempre em segundo plano. Então, por isso que não ganha muito dinheiro fazendo pornô hetero... porque o cara não... não... o cara que tá ali, comendo, tanto faz. E, no pornô gay, a estrela sempre vai ser o ativo. Eu não concordo, mas os gays sempre vão dar mais importância pra quem tá comendo.

No mundo da indústria pornográfica gay, o sujeito entrevistado, nesse Excerto nº 15, define-se como “versátil”, ou seja, uma introdução referencial que vai ter ancoragem por meio de algumas anáforas indiretas: “ativo”, “o meio gay”, “o passivo”, “(n)o pornô gay”, “a estrela” e “os gays”. Esse processo de categorização referencial é construído pelo sujeito como sendo de uma ordem diferente das performances identitárias produzidas em sua profissão como ator pornô. Ou seja, a preferência sexual desse sujeito emerge da dissociação entre prática afetivo-sexual e prática profissional.

Aqui, a questão da preferência sexual é construída de outra forma, de modo que é possível estabelecer uma comparação entre essa entrevista e outras. Por exemplo, na Entrevista 02 (Excerto nº 7), o sujeito desconstrói, parcialmente, a performance da sexualidade racializada do gay negro e ativo por meio da desnaturalização da relação entre corpo/sexo/gênero/prática, genitália avantajada, virilidade e dominação. Já aqui, a preferência sexual do gay ativo, no domínio discursivo da indústria pornográfica gay, emerge de significados sociais reiterados em esquemas ideológicos da comunidade epistêmica gay.

Ao construir inteligibilidade acerca de sua preferência sexual para além desse domínio discursivo (mundo do pornô gay), por meio de uma assertiva particular (“eu sou versátil”), o sujeito, nesse evento comunicativo, constrói efeitos de sentido negativos para a comunidade gay, que, segundo ele, exclui a performance do gay passivo, isto é, o alvo da dominação no ato da encenação sexual gay. Isso, então, serve como fenômeno ideológico desencadeador de sua conduta, de suas atitudes e papéis sociais, desempenhados, por sua vez, como atendimento a sistemas normativos da sexualidade gay (“eu gravei muito tempo como ativo por estratégia de marketing”).

Na elaboração de uma escala de opressões no tocante à hierarquia ativo-passivo, esse sujeito atribui à posição social do gay passivo uma importância menor que a do gay ativo, na prática performativa do mundo pornográfico. Portanto, emergem significados sociais de subjugação e inferiorização de corpos, e estes, mesmo em práticas sexuais dissidentes, são impelidos para zonas de reconhecimento sociocultural menos privilegiadas, tendo em vista serem o alvo da regulação nas relações de poder de dominação; nesse caso, a dominação sexual. Assim sendo, a prática contextual e identitária do sujeito, nesse Excerto nº 15, é a de reiteração de atos corpóreo-discursivos das normatividades excludentes no mundo do pornô gay.

Na análise dos excertos da Entrevista 10, a seguir, o sujeito dissidente reitera uma concepção essencialista de identidade por meio de atos de fala performativos da sexualidade gay. Vejamos:

Excerto nº 16 (Entrevista 10)

Autodescoberta da identidade gay:

Eu tinha... mais ou menos uns 13 anos de idade... mais ou menos... Por incrível que pareça, foi numa praia que eu vi os homens de sunga, né, e, assim... dá pra ver o que eles estão usando... e não... e me atraía. E, as mulheres, não. Eu era mais afeminado na época, agora, eu tô mais... vamos colocar assim... um pouco mais masculino, né?

Semelhantemente aos demais processos de subjetivação e de prática identitária das trajetórias autobiográficas anteriores, o sujeito da Entrevista 10, nesse Excerto nº 16, vai se enquadrar, por meio de insinuações contextuais, na comunidade epistêmica gay. Elas incidem, *a priori*, na categorização identitária a partir do desejo sexual pelo corpo convencionalmente construído como masculino, e, em segundo lugar, na construção estereotípica do homem gay como necessariamente efeminado.

Em uma comunidade epistêmica gay, é pertinente o reconhecimento do desejo sexual dos homens uns pelos outros como uma das primeiras experiências de subjetivação para a repetição estilizada de atos corpóreo-discursivos acerca da identidade. Se, por meio da memória episódica (Van Dijk, 2020), o sujeito relata situações sociais nas quais esse tipo de desejo emergiu, então, é comum que ele atribua uma aparência de substância ao efeito de gênero e da sexualidade, ao reativar modelos de eventos daquelas experiências.

Além disso, a construção estereotípica do homem gay efeminado também faz parte da construção do modelo de contexto do sujeito, logo no começo do evento comunicativo, em que ele ativa o estado inicial da Base Comum social. Esta, sendo uma forma de cognição social,

assim como a linguagem em uso, auxilia-o a construir efeitos de sentido do gênero e da sexualidade por meio da menção aos gestos e aos estilos corporais (Butler, 2015) delicados, convencionalmente associados às mulheres cisgênero e heterossexuais.

Nesse estado inicial do partilhar de conhecimentos socioculturais, quando o modelo de contexto do sujeito é construído, o “Eu-mesmo” emerge de uma temporalidade social, que, em várias situações foi marcada, de forma permanente, pela performance estilizada do homem gay efeminado (“Eu era mais afeminado na época”). Porém, devido a vários outros fatores, houve uma época em que os atos corpóreo-discursivos desse corpo efeminado foram paulatinamente se rompendo, vindo, pois, a constituir outra performance: a do homem gay masculinizado (“Agora eu tô um pouco mais masculino”). Por que isso aconteceu?

Nessa atividade discursiva, outras experiências de subjetivação, derivadas de modelos de eventos, são ativadas pelo sujeito, a fim de explicar a elaboração contextual que tem como alicerce a polarização ideológica entre gestos e estilos corporais (efeminado/masculinizado). Por questão de espaço, não apresento o excerto da entrevista em que a base comum pessoal do sujeito traz à tona uma situação social de agressão física motivada pela homofobia. Mas, exponho o núcleo do relato: “Ele [um cara da rua] saiu do carro e... me bateu... me bateu... bateu... me bateu muito... muito... muito... muito. E daí isso me fez me tornar um pouquinho mais masculino”.

Por conseguinte, o sujeito, nessa prática (con)textual e identitária, justifica que a sua atual performance masculinizada se deve a esse tipo de situação social (agressão homofóbica), a qual o motivou a assumir, reflexivamente, uma conduta social diferente, isto é, a do homem gay menos efeminado, a fim de construir a ideia de um eu permanente marcado pela repetição estilizada de gestos e movimentos corporais que se assemelham, convencionalmente, aos de um homem heterossexual. Dessa forma, seu propósito consiste em receber uma leitura social menos preconceituosa e mais inteligível.

No excerto a seguir, ainda engajado em um modelo de contexto que cria a aparência de substância em torno da sexualidade gay, o sujeito relata que a situação social de violência física de motivação homofóbica teve início em seu ambiente familiar.

Excerto nº 17 (Entrevista 10)

Homofobia e expulsão do ambiente familiar:

A minha família sempre me repreendeu sobre isso. Tipo assim: “Não pode usar isso, que isso é de menina, né... e o outro é de menino”, entendeu? Então, sempre tinha essa... desigualdade... desigualdade, né? Então, daí... eu me assumi com 15 anos de idade, né? Daí eu fui expulso de casa. Aí eu fui pra casa

de uma amiga... daí eu fui pra casa de uma amiga... passei um tempo lá... fiquei na rua, já, entendeu? E... assim... passei fome, passei frio, passei tudo, tudo que vocês podem imaginar. Tive que sobreviver, né, na rua. E assim... agora, eu... eu... eu agora tô bem. Meu pai, antigamente, me batia muito, também... meu pai, minha mãe também me batia muito. E, daí... na época... foi muito questão de brigas, também. Brigas porque eu vestia aquela camisetinha, brigas porque eu vestia aquele shortinho... tinha ainda a escola, né, pra... pra terminar, entendeu? Então, tinha um monte de coisa. E daí... eu tive... eu fiquei um ano na casa da minha amiga... daí esse... daí voltei pra casa da minha mãe, de novo. Daí, de novo, novamente, fui expulso de novo porque eu era... voltou a essa história, entendeu? Então, foi sempre um vai e volta de... de... de casas, né? Eu nunca tinha uma casa fixa. Quem leva a... o... o tapa na cara, quem leva as coisas são os afeminados, as travestis... [...] Tive um problema que meu pai me bateu na escola um dia, também, na frente da diretora. E... daí, a gente foi pro Conselho Tutelar, né? Eu tinha batido num menino que tava me fazendo... fazendo *bullying* comigo. Daí eu fui chamado pra diretoria, né? Daí chegou o meu pai, já furioso naquela época, daí eu... ele me bateu... me bateu muito na frente da diretora... muito... muito... muito... de eu ter que ir pro hospital e ele pra delegacia.

Nesse novo excerto, o sujeito relata, com base em sua memória autobiográfica, uma gama de situações sociais de violência de motivação homofóbica contra a estilização repetida de atos corpóreos atrelados à sexualidade gay, desde o ambiente familiar até o espaço escolar. De início, à introdução do objeto de discurso “a minha família” são atribuídas várias práticas discursivas e sociais que impelem corpos minoritarizados e suas performances identitárias não naturalizadas para papéis socialmente marcados por convenções de gênero (menino/menina). Inicialmente, isso pode ser encapsulado pela agressão física: “Meu pai, antigamente, me batia muito, também... meu pai, minha mãe também me batia muito”.

Com relação aos esquemas de experiências repetidos, a performance identitária desse sujeito incide na temporalidade social constituída por meio da realização performativa de gestos e movimentos corporais (Butler, 2015), categorizados como efeminados e atribuídos, por meio de estereótipos, a mulheres cisgênero e heterossexuais. Assim sendo, sua atitude de “assumir-se gay” foi compreendida, de forma negativa, pelos seus pais, que acabaram o expulsando de casa, atitude esta socialmente esperada pela comunidade epistêmica gay, já que, para os modelos cognitivos de membros da comunidade heterossexual, a identidade gay é não natural, não autoevidente.

Além da imposição de papéis sociais de gênero e de sexualidade (“Não pode usar isso, que isso é de menina”) e da expulsão do seio familiar, em virtude da crença em um modelo substancial de identidade gay que transgride os efeitos de verdade e de inteligibilidade da heterossexualidade, os quais são esperados da performance de um indivíduo que se reconhece

e é reconhecido como homem, outras situações de violência são recuperadas pelo sujeito. Um exemplo é o do tipo de vestimenta que não pode ser usado pelos homens: “Brigas porque eu vestia aquela camisetinha, brigas porque eu vestia aquele shortinho”.

Desde o nascimento, certos valores são inculcados nos indivíduos lidos/reconhecidos como homens, os quais devem ser seguidos de acordo com o regime de gênero estabelecido, histórica e socioculturalmente. Esses indivíduos são, pois, lidos como homens em virtude da determinação biológica do sexo do macho, também estabelecido como autoevidente, essencial, e, portanto, coerente com o gênero masculino e a prática dos afetos e desejos heterossexuais. Nas práticas sociais, eles devem assumir, em relação às mulheres cisgênero e heterossexuais, opostos comportamentos estilizados, além de significados sociais de dominação por causa do gênero masculino, de modo a enquadrar-se nas normatividades sexuais e de gênero da sociedade cis-heteronormativa, heterossexista, machista e patriarcal.

Segundo o modelo de contexto do sujeito, quando essas normatividades são subvertidas, sujeitos de comunidades epistêmicas opostas (a exemplo da heterossexual), por estar em papéis socialmente privilegiados (atendem aos parâmetros da cis-heteronormatividade), realizam, performativamente, a violência homofóbica, atendendo às condições de felicidade (Austin, 1990) e aos rituais de gênero de atos de fala do tipo: “isso é de menina e o outro é de menino”. Por certo, ao fazer parte da comunidade heterossexual, os pais desse sujeito se sentiam na obrigação de “corrigir” e “consertar” as performances de gênero e de sexualidade dele, a fim de atender às condições de felicidade daquelas normatividades.

Dessa forma, a atitude social da agressão física, recuperada por meio da base comum pessoal desse sujeito, ilustra uma confluência entre entornos socioculturais hostis à vivência da sexualidade gay, a saber: “Eu tinha batido num menino que tava me fazendo... fazendo *bullying* comigo. Daí eu fui chamado pra diretoria, né? Daí chegou o meu pai, já furioso naquela época, daí eu... ele me bateu”. Nesse sentido, segundo Cameron (2010), ser gay efeminado significa não atender aos padrões de masculinidade ou feminilidade majoritariamente determinados. Daí a conduta social de agressão física do pai, enquadrado na base comum de ideologia homofóbica.

Por fim, no excerto a seguir, esse mesmo sujeito introduz novos tópicos discursivos, elaborando uma performance identitária por meio do marcador contextual de profissão. As violências sociais sofridas por ele, a exemplo da exclusão do seio familiar, são colocadas como justificativas para a sua entrada no mundo da indústria pornográfica gay.

Excerto nº 18 (Entrevista 10)**Trabalho como ator pornô, garoto de programa e discriminação:**

[...] desse primeiro filme, eu fui descobrindo várias outras vertentes que você pode... é... ganhar dinheiro com isso, entendeu? Tipo... *OnlyFans*, tipo... *Xvideos*, entendeu? *Pornhub*... Então... tipo assim, eu acho que... toda forma de ganhar dinheiro é válida. Depois que eu entrei na *Hot Boys*, eu comecei a fazer programa... e daí eu vi que esse... esse meio pode, sim, se igualar, entendeu? Então... minha vertente do mundo pornô é... é ser passivo. Eu sou mais passivo... e sempre foi assim. Eu não tenho vontade de ser ativo ou versátil, né? Não é algo que o meu público quer, entendeu? O meu público quer... eu passivo lá... é... o pau grande, grosso... é a DP, é o gemido, é... é tudo. [...] Existe muita discriminação, no Brasil, com atores pornô, até porque, tipo assim... é... tipo, você vai num shopping, vamos colocar assim, daí você passa... a pessoa te olha, você sabe que a pessoa tá te olhando. Mas, assim... ela não vem falar com você... Por quê? Porque você é uma figura do prazer dela... você, não, é uma figura do... do prazer dela à noite, entendeu? Ela vai tá lá... batendo o bolo dela, à noite, entendeu? E... ela não é uma coisa que você vê assim... pela rua... igual uma pessoa de uma... uma... uma atriz do... do... da Globo, entendeu?

Nesse último excerto da Entrevista 10, o sujeito associa a identidade gay com a profissão de ator pornô. Esta pode ser interpretada como a “válvula de escape” para ele, pois foi o que o ajudou financeiramente, visto que fora excluído de casa e abandonado pelos próprios pais. Por meio de uma assertiva generalista (“toda forma de ganhar dinheiro é válida”) acerca das atividades profissionais que proporcionam, hoje, a sua ascensão socioeconômica, ele produz ancoragem referencial com as seguintes expressões nominais: “*OnlyFans*”, “*Xvideos*”, “*Pornhub*” e “*Hot Boys*”. Esses índices linguísticos mobilizam relações intertextuais por referência, uma vez que sugerem aos interlocutores a ativação de conhecimentos de mundo sobre instituições sociais voltadas para a comercialização de conteúdos adultos gays, sejam eles amadores ou não.

A intertextualidade explícita de referência (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008) ocorre, aqui, por meio de expressões nominais que remetem, de forma direta, não a entidades que estão somente em eventos comunicativos anteriores a este, mas, sobretudo, à base comum social da comunidade epistêmica gay, que tende a ser o público que mais consome esse tipo de conteúdo. Ao levar em consideração que os interlocutores do *Pheeno TV* já conhecem aquilo de que se fala, o sujeito entrevistado apenas nomeia essas instituições. Supõe, portanto, alguns tipos de conhecimento partilhado, sem ser necessário explicitar as características específicas de cada uma das instituições da indústria pornográfica gay.

Na continuidade tópica e temática acerca de sua profissão como ator pornô, ele apresenta a assertiva particular: “Eu sou mais passivo”. Semelhantemente ao sujeito da Entrevista 02, ele

conduz a realização performativa da preferência sexual como sendo da ordem do inteligível. Consequentemente, com essa aparência de substância, criada por meio de um ato de fala que imprime uma ação social no mundo, ele constrói uma coerência entre desejo/prática sexual e prática profissional. Nesse caso, os atos corpóreo-discursivos realizados dentro da indústria do mundo pornô corresponderiam ao seu modelo substancial de identidade gay, constituída como estável, ao longo do tempo. Eis a performance identitária que o seu público deseja ver em todos os seus trabalhos (vídeos amadores, vídeos profissionais, filmes, etc.): ser passivo.

Ao mudar, porém, de tópico discursivo, ele traz à tona o tema da discriminação social com atores pornô, no Brasil. Segundo seu modelo de contexto, há duas questões importantes para a explicação dessa prática discriminatória: a modalidade da profissão e o tipo de espaço social. Para tanto, podemos analisar de duas formas o seguinte trecho: “você vai num shopping, [...] daí você passa... a pessoa te olha, você sabe que a pessoa tá te olhando. Mas, assim... ela não vem falar com você... Por quê? Porque você é uma figura do prazer dela... [...] Ela vai tá lá... batendo o bolo dela, à noite, entendeu? E... ela não é uma coisa que você vê assim... pela rua... igual [...] uma atriz [...] da Globo, entendeu?”

Em primeiro lugar, a profissão de ator pornô, muito próxima da prostituição, escapa, por exemplo, de comunidades epistêmicas associadas aos domínios discursivos de base comum cristã conservadora. O culto à moral e aos bons costumes, prenhe das ideologias e atitudes dos membros dessas comunidades, contrapõe-se à liberação das práticas sexuais e do corpo. Esta, já na indústria pornográfica, costuma não se limitar a normatividades sexuais e de gênero com significados de pureza e castidade. Portanto, a discriminação residiria no fato de atores pornô gays não serem lidos socialmente como sujeitos aceitáveis no cotidiano da sociedade cis-heteronormativa. Por isso, a falta de reconhecimento (ou a indiferença social) do público para com esses profissionais configura uma atitude discriminatória, segundo o modelo de contexto desse sujeito.

Em segundo lugar, pensar o espaço como aspecto de compreensão social é importante durante a análise desse modelo de contexto e, consequentemente, dessa performance identitária dissidente e marginalizada, tanto pelo fato de esse sujeito se construir como gay efeminado quanto como ator pornô gay. Em conformidade com Barboza e Borba (2020, p. 107): “Signos e performances inserem espaços e indivíduos numa cadeia de repetições e citações [...] que articula e evoca práticas espaciais (re)conhecidas, (re)produzindo o próprio espaço, que emerge como um *efeito performativo*”. Com base nessa reflexão, penso que o sujeito, nesse Excerto nº 18, quando utiliza o índice linguístico “um shopping”, procura, na progressão textual, construir

efeitos de sentido sobre a interação entre o espaço social e a atitude discriminatória contra atores pornô.

Ao reconhecer-se como pertencente à identidade gay como estável e à posição social de ator pornô, o sujeito em questão inter-relaciona um tipo de espaço público com a discriminação profissional e sexual. Por meio dessa articulação, constroem-se efeitos de ininteligibilidade e, conseqüentemente, de repulsa por parte de outros atores sociais que, muitas vezes, consomem conteúdos adultos gays, o que incide no fato de que os ambientes (espaço, tempo) frequentados por ambos (atores pornô e consumidores) não podem ser os mesmos, além de que as práticas espaciais condizem com diferentes efeitos performativos.

PALAVRAS FINAIS

Ao contar histórias, situamos os outros e a nós mesmos numa série de relações sociais, crenças, valores; ou seja, ao contar histórias, estamos construindo identidade.

LILIANA BASTOS (2005, p. 81).

Nos primeiros lampejos da construção desta pesquisa, imaginei-me desenvolvendo análises textuais, em LT, que partissem de um nível cotextual, circunstancial, e evoluíssem para aspectos mais macrosociais, dispostos em um repositório sociocultural, histórico e político, o qual, às vezes, pode parecer estável, intocável, pelas atividades cognitivas de atores sociais. Somado a isso, dentro das minhas preocupações teórico-analíticas de viés político, urgia o interesse por analisar histórias de vida de sujeitos minoritarizados em razão do gênero e da sexualidade. Este primeiro *insight* se deu por causa dos resultados encontrados com a minha pesquisa de Mestrado, em que as/os ativistas LGBT, mesmo ao construir imagens discursivas de resistência, reiteravam, muitas vezes, normatividades sexuais e de gênero.

Durante o percurso do Mestrado, conheci um pouco da teoria *queer* e da LQ, em cursos e eventos de extensão. Em 2020, já no início do Doutorado, quando a pandemia de Covid-19 veio alastrar nossas vidas com terríveis flagelos, adentrei mais em discussões epistemológicas que me permitiram ampliar inquietações políticas minhas e de outros membros do LETTEC. Mergulhei em paradigmas críticos e não positivistas da ciência, tais como o pós-estruturalismo, o pós-colonialismo, o decolonialismo, os estudos culturais, além dos estudos de gênero e de sexualidade sob uma perspectiva não essencialista e não representacional de linguagem e identidade. Com o tempo, percebi que, em LT — uma subárea multidisciplinar — seria bem-vinda a incorporação desses paradigmas nos procedimentos analítico-descritivos tradicionais.

Ao ler sobre os estudos *queer*, a LQ e o sociocognitivismo, intrigava-me a ideia de que, em vários aspectos, eles se aproximavam, mas até aquele momento eu não conhecia sequer uma pesquisa, produzida no âmbito da pós-graduação, ou pelo menos em Sergipe, que as articulasse desde uma perspectiva textual. Pouco a pouco, a presente pesquisa ia nascendo, ganhando contornos teóricos, metodológicos e analíticos que eu jamais poderia supor em sua totalidade. Assim sendo, surgiu o primeiro interesse: contribuir para a LT por meio do deslocamento de seus paradigmas racionalista e pragmatista. Isso poderia desencadear o desvelamento, por meio da ampliação teórico-analítica, de desigualdades sociais que afligem as dissidências sexuais e de gênero, quando estas reproduzem a cis-heteronormatividade.

Motivado por essas questões e inflexões ético-políticas, a partir da minha trajetória dentro da LT, eu desejava poder explicar, em análises textuais, problemas sociais relativos às vivências de sujeitos sociais não cis-heteronormativos, de modo a lhes oferecer, ao cabo da pesquisa, uma tomada de consciência sobre os impactos positivos ou negativos de suas práticas identitárias, em ambientes digitais. Esse tipo de compreensão, no entanto, aproximava-se mais de uma perspectiva essencialista e identitária do que da concepção não assimilacionista que eu procurava assumir. Este paradigma tem muitas similaridades com a LT. Duas delas são a noção de sujeito nem soberano nem completamente constrangido por forças sociais maiores e o interesse pela análise de práticas discursivas situadas.

Quando, porém, cheguei mais de perto doutras abordagens da LQ (Silva, 2020b; Borba, 2020a) e do paradigma não positivista de ciência (Ferreira; Rajagopalan, 2016), a exemplo da pragmática austiniana (Rajagopalan, 2016), além de concordar com a inegável dimensão ética e política de todas as pesquisas em linguagem (Rajagopalan, 2003), compreendi que o ímpeto crítico de um estudo *sobre, para e com* dissidências sexuais e de gênero (Melo, 2020) não deve tomar como propósito maior a busca pela redução das desigualdades sociais. Isso significa que, em marcos interpretativos não racionalista e não pragmatista, as relações de poder não podem ser enxergadas somente como determinísticas, advindas de grupos sociais dominantes, mas como dimensões intrínsecas a todo e qualquer processo de construção de inteligibilidade de práticas dos sujeitos, das identidades e dos contextos.

Dentro desse universo, as “novas” elucubrações e inflexões epistemológicas vieram a calhar. Assim, ao adotar uma postura crítica, multidisciplinar, integracionista e não essencialista dos construtos teórico-analíticos e dos fenômenos sociais investigados, a pesquisa que está registrada nestas páginas procurou responder a duas questões principais: i) que diálogo pode ser estabelecido entre o sociocognitivismo, o paradigma pós-identitário e a noção de sujeito da LT contemporânea, com vistas ao estudo de (con)textos das dissidências sexuais e de gênero?; ii) que práticas identitárias de gênero e de sexualidade são (re)elaboradas por esses sujeitos minoritarizados perante à cis-heteronormatividade?

Com base nas discussões teóricas desenvolvidas nos Capítulos 1, 2 e 3, as abordagens textual, sociocognitiva e *queer* partem de uma perspectiva processual e não representacional da linguagem, do discurso, do sujeito, do contexto, da identidade e da construção de sentidos das práticas sociais. Em primeiro lugar, o pressuposto da LT contemporânea, de que os sentidos do texto medeiam a reconstrução de sujeitos sociais e, conseqüentemente, a inter-relação entre as dimensões situacional e sócio-histórica, pôde ser ampliado e operacionalizado a partir das bases teórico-analíticas, críticas e metodológicas do sociocognitivismo e da LQ, com seus construtos

de linguagem como forma de ação social, modelos de contexto, prática identitária, sujeito não autoevidente e efeitos de sentido como aparência de substância.

No influxo do diálogo multidisciplinar desenvolvido com essas três abordagens dos estudos da linguagem e do discurso, foi possível articular vários conceitos, nos procedimentos analíticos do *corpus*, por meio de processos de assimilação e de mestiçagem. As noções de performance e de performatividade, do ponto de vista processual das práticas discursivas imaginadas e analisadas, puderam equivaler aos conceitos de evento comunicativo situado e de aspectos interacionais, sócio-históricos, culturais e políticos, intimamente assumidos, em LT, como desgarrados dos textos concretos, cotidianos. Já com relação à mestiçagem, as noções de sujeito das três abordagens, por exemplo, complementam-se em relação a vários pressupostos: são efeitos de sentido, constroem-se nas interações discursivas, não são atuantes nem completamente dependentes de normatividades sociais.

No que diz respeito à segunda questão de pesquisa, para levar a efeito a análise de práticas identitárias de sujeitos dissidentes em razão do gênero e da sexualidade, em ambiente digital, precisei sistematizar dados e constituir um *corpus* coerente com critérios de exclusão e inclusão. Em sua maioria, as doze entrevistas autobiográficas, transcritas para análise, eram as enunciações de sujeitos contextualmente construídos como homens gays e bissexuais, sendo muitos deles profissionais do sexo e da mídia pornográfica gay. O critério de inclusão mais importante para a construção do *corpus* foi o de maior alcance dos vídeos no canal. Por isso, foram analisadas somente seis entrevistas, a respeito das quais muito me chamou a atenção o fato de que quatro delas tiveram o maior alcance no recorte temporal (o foco temático era a inter-relação entre sexualidade dissidente e profissão voltada à prática sexual).

Antes de desenvolver as análises, por diversas vezes, enquanto eu relia as transcrições das entrevistas, lágrimas rolavam pelo meu rosto, pois, em face das formas de violência sofridas pelos sujeitos investigados, eu tinha uma certeza infalível: minha trajetória de vida cruza, em muitos momentos, com as deles. Assim, levando em conta o meu engajamento político como pesquisador e, também, como membro da comunidade epistêmica das dissidências sexuais e de gênero, precisei considerar, na análise dos excertos do *corpus*, a base comum pessoal e social que faz parte dos meus repertórios políticos e epistêmicos. Além dessa, outras categorias mais utilizadas na análise foram os processos de referenciação atrelados aos signos indexicais; o tópico discursivo; as relações intertextuais; a posição social; o gênero; a sexualidade; a raça; a faixa etária; as ideologias e atitudes; os papéis sociais; as identidades e as relações sociais.

Na trajetória analítica da Entrevista 01, o sujeito construiu efeitos de inteligibilidade gay atrelados aos marcadores contextuais de profissão e de papel social (*personal trainer* gay

educado, não machista). Essa prática (con)textual e identitária se deu por meio do uso de processos de referenciação e de predicação referencial com assertivas avaliativas; processos de estabilização categorial nos níveis linguístico e cognitivo; uso de estratégias de administração dos conhecimentos; e a emergência da base comum pessoal e social quanto à comunidade epistêmica gay. Portanto, normatividades sexuais e de gênero vieram à tona, reiterando uma compreensão social de modelo substancial da identidade gay.

Na Entrevista 02, o modelo de contexto do sujeito permitiu, também, a elaboração de uma performance identitária essencialista, vinculando sexualidade e profissão. Entretanto, em certo momento do evento comunicativo, o marcador contextual de raça também foi focalizado como propriedade relevante de um modelo substancial de identidade gay, no mundo do pornô, e a identidade bissexual, na vida cotidiana. Processos de discretização e de estabilização categoriais emergiram, produzindo efeitos de sentido inteligíveis acerca da bissexualidade, embora um pouco além do binarismo hetero/homo. Por outro lado, apesar do atendimento a normatividades sexuais, de gênero e de raça, o sujeito também construiu, por meio da prática identitária situada, uma desnaturalização de expectativas do corpo gay racializado na mídia pornô gay.

Na Entrevista 03, a prática performativa da identidade homossexual foi construída pelo sujeito, na dinamicidade de seu modelo de contexto, por meio da articulação com as profissões de criador de conteúdo pornográfico gay e de ator de sexo interativo. Ao ativar uma base comum pessoal via signos indexicais, o sujeito se constituiu, naquele evento comunicativo, como pertencente à sexualidade dissidente inteligível. Assim, seus atos corpóreo-discursivos foram elaborados com base na relevância dos desejos e das práticas de liberação sexual. A partir disso, produziu polarizações ideológicas entre as comunidades epistêmicas gay e cristã, de modo a questionar a suposta necessidade de os gays atenderem a uma moral cristã, cuja base ideológica é homofóbica e excludente.

Na Entrevista 04, por seu turno, a matriz da inteligibilidade gay foi reforçada e, conseqüentemente, também, normatividades sexuais e de gênero, pois o sujeito construiu sua performance identitária gay como sendo de ordem ontológica. Desta vez, porém, o marcador contextual associado à sexualidade dissidente foi a idade, entendida como desencadeadora da prática discriminatória do etarismo, dentro da comunidade epistêmica gay. Ao construir instabilidade e estabilidade referenciais, em sua trajetória autobiográfica situada, esse ator social, de um lado, reiterou a identidade gay como uma substância incrustada à sua realidade sociodiscursiva, e, de outro, produziu o questionamento de preconceitos estabelecidos dentro de sua própria comunidade epistêmica.

Já na Entrevista 06, a prática (con)textual e identitária do sujeito incidiu na reiteração de uma matriz de inteligibilidade para a experiência da bissexualidade, produzindo-a, inicialmente, por meio de atividades discursivas instáveis e, logo depois, enquadrando-a em processos de discretização e estabilização categoriais, nos níveis linguístico e sociocognitivo. Muito embora tenha reforçado normatividades sexuais e de gênero, no mundo da indústria pornográfica gay, a exemplo de estereótipos das preferências sexuais, esse sujeito, ainda, questionou o binarismo hetero/homo e criticou a ideologia machista, esta que tende a invalidar a inteligibilidade bissexual do homem e, todavia, fetichiza a mulher construída e/ou reconhecida socialmente como bissexual, em virtude das performances sexuais lésbicas.

Na Entrevista 10, o sujeito entrevistado, também, ao atrelar a sexualidade gay ao marcador contextual de profissão (garoto de programa e ator pornô gay), reforçou significados sociais da inteligibilidade gay, reafirmando alguns estereótipos e convenções socioculturais do comportamento efeminado, como sendo imputáveis, intrinsecamente, a todos os homens gays. Com isso, sua trajetória autobiográfica foi reconstruída, no texto, por meio de estratégias linguístico-discursivas e/ou atos corpóreo-discursivos que incidem na repetição estilizada de gestos e de movimentos corporais masculinizados e feminilizados, os quais produziram, respectivamente, a aceitação social do gay e a agressão física de motivação homofóbica. Nesse sentido, o atendimento à ordem de indexicalidade do gay efeminado convergiu para a dimensão cognitiva e social de uma prática performativa como masculino e/ou feminino.

Diante desses resultados, a resposta à segunda pergunta de pesquisa consiste, de um lado, no reforço de processos de normalização sociais, e, do outro, na fricção com estratégias de desestabilização da matriz compulsória sexo/corpo/gênero/desejo/prática sexual, mediante uma rede complexa de inter-relações entre corpo, gênero, sexualidade, idade, raça, profissão, etarismo e violência bi/homofóbica. O uso de estratégias linguístico-discursivas por parte dos sujeitos investigados, enquanto signos indexicais e pistas de contextualização, permitiu que as análises chegassem a explicações de práticas sociais entrelaçadas com performances discursivas/identitárias, processos essencializadores da identidade e práticas discriminatórias, ligados a domínios discursivos familiares, educacionais, religiosos, midiáticos e políticos.

Por esse prisma, a hipótese de pesquisa foi confirmada, de forma parcial: os sujeitos, em suas trajetórias autobiográficas, (re)elaboradas em comunidades epistêmicas engajadas na locação digital do *Pheeno TV*, lidaram de diferentes modos com a cis-heteronormatividade e, também, com outros processos de normalização macrossociais do gênero e da sexualidade. Segundo seus modelos contextuais, de um lado, produziram reforço, mas, de outro, fricção com

estratégias de desestabilização daqueles processos, que, de alguma forma, os impelem para zonas do reconhecimento social com significados de abjeção, inferiorização e marginalização.

Tendo a LT como ponto de partida da trajetória teórico-metodológica, ético-política e multidisciplinar, nesta tese de doutoramento, acredito que, ao associar o estudo da noção de sujeito às de contexto e de identidade, em uma perspectiva antiessencialista e sociocognitivista, foi possível contribuir para a relevância da pesquisa engajada em linguagem e para a relevância social da pesquisa, a um só tempo. Então, suponho que a maior contribuição deixada por esta pesquisa consistiu em aprimorar o que já existe como pressuposto acerca das noções de texto, de sujeito e de contexto, em LT.

Na presente investigação, conceitos e categorias de análise tradicionais, em LT, foram aprofundados, crítica e epistemologicamente; critérios metodológicos e pressupostos caros à essa vertente linguística desde a assunção da abordagem sociocognitivo-interacional da linguagem e do texto. De modo geral, o diálogo crítico e multidisciplinar permitiu uma breve ampliação do método teórico-analítico de (con)textos produzidos pelas dissidências sexuais e de gênero. Também, possibilitou mais reflexões sobre estratégias sociopolíticas desencadeadas pelas (re)construções e/ou (re)engajamentos identitários desse grupo social, em ciberativismos dissidentes.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. Linguística textual e análise do discurso. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). **Linguística textual: interfaces e delimitações – homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017.

ARANHA, Marize Barros Rocha.; CARDOSO, Evaldo Carlos de Oliveira. Identidade, referenciação e texto digital: uma análise linguístico-discursiva. **Organon**, Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/81163/48745>. Acesso em: 15 mar. 2023.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas Ltda. 1990 [1962].

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidades enunciativas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez.,1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824/4545>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BAKHTIN, Mikhail./VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARBOZA, Rafael de Vasconcelos; BORBA, Rodrigo. Porno-heterotopias: a (re)construção discursiva do espaço público e a (des)regulação de gêneros e sexualidades. In: BORBA, Rodrigo. (Org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020. p. 95-120.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BASTOS, Liliana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. 13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 39-63.

BEAUGRANDE, Robert de. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society**. Norwood; New Jersey: Alex, 1997.

BENTES, Ana Christina. Linguística textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 245-287.

BENTES, Anna Christina.; REZENDE, Renato Cabral. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: SIGNORINI, Inês. **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 19-46.

BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral. Linguística textual e sociolinguística. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). **Linguística textual: interfaces e delimitações – homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 258-301.

BENTES, Anna Christina; MORATO, Edwiges. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19. **Calidoscópico**, São Leopoldo, n. 19, v. 1, p. 18-31, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.02>.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BÍBLIA. Levítico. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 9ª edição. Santo André - SP: Geográfica Editora, 2007.

BÍBLIA. Romanos. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 9ª edição. Santo André - SP: Geográfica Editora, 2007.

BLOMMAERT, Jan. Political discourse in post-digital societies. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. 59, v. 1, p. 390-403, jan./abr. 2020.

BONFANTE, Gleiton Matheus. Da sufixação à corporificação: a estilização linguística do corpo na performance do desejo *bareback*. In: BORBA, Rodrigo. (Org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020. p. 317-345.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, n. 43, jul./dez. 2014. p. 441-474.

BORBA, Rodrigo. Linguística *queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 9, n. 1, jan./jun. 2015, p. 91-107.

BORBA, Rodrigo. Introdução. Linguística *queer*: algumas desorientações. In: BORBA, Rodrigo. (Org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020a. p. 9-43.

BORBA, Rodrigo. Falantxs transviadx: linguística queer e performatividade monstruosas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 280-306, 2020b.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica:** heterogeneidades enunciativas e construção da referência. 213f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CAMERON, Deborah. Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual (1998). In: OSTERMANN, Ana Cristina.; FONTANA, Beatriz. (Orgs.). **Linguagem. Gênero. Sexualidade:** clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 129-149.

CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria. (Orgs.). **Linguística textual:** diálogos interdisciplinares. São Paulo: Labrador, 2017.

CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo *et al.* Organização tópica na interação em rede: aspectos textuais, contextuais e de coerência. **Revista (Con)textos Linguísticos**, UFES, Espírito Santo, v. 13, n. 25, p. 159-180, 2019.

CARDOSO, Thiago Gonçalves. **Da agulha ao punhal:** (re)construção da memória discursiva sobre Maria Bonita à luz da referenciação. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

CASTRO, Lorena Gomes Freitas de. **O meme digital:** construção de objetos de discurso em textos multimodais. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

CASTRO, Lorena Gomes Freitas de. **Mas você não tem cara de autista:** relato autobiográfico, diagnóstico tardio e campo dêitico. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 4, jan./jun. 2003, p. 105-118.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Referenciação:** sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 125-149.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Referenciação: uma entrevista com Mônica Magalhães Cavalcante. **ReVEL**, v. 13, n. 25, p. 367-380, 2015.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* Desafios da linguística textual no Brasil. **Intersecções**, v. 18, n. 1, fev., 2016. p. 7-25.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, Vitória, ES, PPGEL, UFES, 2019.

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. v.1. rev. amp. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- COELHO, Maria Francisca Pinheiro. A esquerda ontem e hoje: o dilema entre igualdade e liberdade. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 509-527, maio/ago. 2009.
- COLLING, Leandro. Apresentação. Políticas para um Brasil além do Stonewall. In: COLLING, L. (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. p. 7-19.
- COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre o movimento LGBT e o ativismo queer**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- COLLING, Leandro. (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- COLLING, Leandro. Impactos e/ou sintonias dos estudos queer no movimento LGBT do Brasil. In: GREEN, James N. *et. al.* (Org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 515-531.
- CONSELHO NACIONAL DA SAÚDE. **Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016**. Publicada no DOU nº 98, terça-feira, 24 de maio de 2016 – seção 1, p. 1-10.
- CORREIA, Patrícia Matos. **Atos de referência: um estudo sobre a recategorização anafórica correferencial em Chapeuzinho Vermelho**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.
- COSTA, Jurandir Freire. A construção cultural da diferença entre os sexos. **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, jun. 1995, p. 1-6.
- CUNHA, Andréa Mendonça. **Sapatão, lésbica, caminhoneira, lady, butch: o que você queer?** Uma análise da (des)construção do *ethos* da mulher lésbica em canais do *Youtube*. 117f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referência**. 2011. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Reflexões sobre a recategorização sem menção referencial anafórica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v.12, n.3, p. 839-858, set./dez., 2012.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; SILVA, Franklin Oliveira. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. (Orgs.). **Referência: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 59-85.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da conversação. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 81-112.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. **O falar de si como (des)construção de identidades e subjetividades no processo de formação do sujeito-professor**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ECKERT, Penelope; McCONNELL-GINET, Sally. Comunidade de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, Ana Cristina.; FONTANA, Beatriz. (Orgs.). **Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 93-107.

ELIAS, Vanda Maria. Linguística textual e ensino. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). **Linguística textual: interfaces e delimitações – homenagem a Ingedore Grunfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 456-475.

ELIAS, Vanda Maria; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Linguística textual e estudos do hipertexto: focalizando o contexto e a coerência. In: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria. (Orgs.). **Linguística textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Labrador, 2017.p. 317-338.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cad. AEL**, v. 10, n. 18/19, 2003. p. 82-125.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**, Natal, n. 4, 2009, p. 131-158.

FACHINNI, Regina. Múltiplas identidades, diferentes enquadramentos e visibilidades: um olhar para os 40 anos do movimento LGBTI. In: GREEN, James N. *et al.* (Org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 311-329.

FASSIN, Éric. Démocratie sexuelle. **Comprendre**, Revue de Philosophie et de Sciences Sociales, n. 6, p. 263-276, 2005.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **Linguística textual: introdução**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012 [1983].

FÁVERO, Leonor Lopes. *et al.* Topicalidade em comentários *on-line* do Instagram. **Revista (Con)textos linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 31, p. 146-169, 2021.

FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil. Prefácio. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (Orgs.). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 7-9.

FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil. Apresentação. Para uma compreensão da crítica nos estudos da linguagem e do discurso: alguns elementos para o debate. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (Orgs.). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 11-32.

FONSECA, Carlos Magno Vieira. **Uma abordagem retórico-argumentativa para as não coincidências do dizer**. Mossoró: UERN, 2015.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020 [1993].

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 107-148.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 149-182.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e prática social. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de. (Orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 79-103.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GREEN, James N. *et al.* (Orgs.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

HANKS, William. F. O que é contexto? In: BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral; MACHADO, Marco Antônio R. (Orgs.). **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 169-203.

JAEGER, Melissa Bittencourt *et al.* Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Periódicus**, Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades, Salvador, n. 11, v. 2, mai./out. 2019. p. 1-16.

JUBRAN, Clélia Spinard *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo. (Org.). **Gramática do português falado**. v. 2. Campinas: UNICAMP; FAPESP, 1992. p. 61-74.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**, número especial, 1998, p. 169-190.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 5. ed. v.3. São Paulo: Cortez, 2011. p. 251-300.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. O texto na linguística textual. In: BATISTA, R. O. (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 31-44.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018 [2004].

KHANZODE, Ku. Chhaya A.; SARODE, Ravindra D. Evolution of the World Wide Web: from web 1.0 to 6.0. **International Journal of Digital Library Services**, v. 6, abr./jun. 2016. p. 1-11. Disponível em: <http://www.ijodls.in/uploads/3/6/0/3/3603729/ijodls121.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LEJEUNE, Phillipe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LESSA, Cláudio Humberto Lessa. Análise de autobiografias de alunos da educação de jovens e adultos: ética, estética e alteridade. In: MACHADO, Ida Lucia; COURA-SOBRINHO, Jerônimo; MENDES, Emília. (Orgs.). **A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 125-142.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. 10.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015 [1994].

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LIMA, Ari; CERQUEIRA, Filipe de Almeida. Identidade homossexual e negra em Alagoinhas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 1, p. 269-286, 2007.

LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **O rei do cangaço, o governador do sertão; o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

LIMA, Geralda de Oliveira Santos; SANTANA, Isabela Marília; NASCIMENTO, João Paulo Fonseca; MATOS, Samuel de Souza; CARDOSO, Thiago Gonçalves. A linguística textual e a criação do LETTEC: trajetórias interdisciplinares. **Revista da Anpoll**, v. 54, n. 1, e1891, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1891>.

LIVIA, Anna.; HALL, Kira. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, Ana Cristina.; FONTANA, Beatriz. (Orgs.). **Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 109-127.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012 [1983].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 53-101.

MARQUES, Matheus Odorisi. **Homofobia e referenciação: um estudo de caso**. 197f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MARQUES, Matheus Odorisi. Ideologia homofóbica e referenciação: análise de uma pregação neopentecostal. In: BORBA, Rodrigo. (Org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020. p. 213-241.

MARTINS, Waldiney Corrêa. **A construção de uma ponte: linguagem, referenciação, subjetividade e identidade**. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade), Curso de Pós-Graduação em Linguagem, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

MATOS, Samuel de Souza. **Processos referenciais e estratégias argumentativo-retóricas como indícios do ethos discursivo do ativista LGBT**. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

MATOS, Samuel de Souza.; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. (Con)texto, referenciação e argumentação: um estudo sobre o *ethos* do/a ativista LGBT de Aracaju/SE. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 34, jul./dez, 2020, p. 207-225.

MATOS, Samuel de Souza. A(s) luta(s) pela visibilidade trans na construção do *ethos* do/a ativista LGBT de Aracaju/SE. **Revista Barbante**, ano IX, n. 35, abr. 2021. p. 27-47.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. In: BORBA, Rodrigo. (Org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020. p. 67-93.

MELO, Iran Ferreira de. Características e princípios da linguística *queer*: carões e lacrações nos estudos da linguagem. In: BORBA, Rodrigo. (Org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020. p. 155-184.

MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos – reflexões *queer* sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro. (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. p. 37-56.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (Orgs.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MONDADA, Lorenza; PEKAREK, Simona. Interaction sociale et cognition située: quels modèles pour la recherche sur l'acquisition des langues? **AILE**, n. 12, p. 147-174, 2000.

MORAIS, Tatiana Celestino de. **Estratégias de referenciação**: o encapsulamento anafórico como um processo de reelaboração de objetos de discurso no gênero editorial. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

MORATO, Edwiges Maria. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 5. ed. v. 3. São Paulo: Cortez, 2011. p. 311-351.

NASCIMENTO, João Paulo Fonseca. **Recategorização do objeto de discurso Marielle Franco no ciberespaço**: uma análise de comentários *on-line*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

NEIS, Ignácio Antônio. Por uma gramática textual. **Letras de Hoje**, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, n. 44, jun. 1981.

OSTERMANN, Ana Cristina.; FONTANA, Beatriz. Linguagem. Gênero. Sexualidade: uma introdução. In: OSTERMANN, Ana Cristina.; FONTANA, Beatriz. (Orgs.). **Linguagem. Gênero. Sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 9-12.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática.** Tradução de M. R. Gregolin et al. São Paulo: Claraluz, 2006.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso. **Anais [...]. XVI CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**, 2012, Natal: UFRN, 2012. Disponível em www.ascd.com.br.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da Aids.** São Paulo: Annablume, 2009.

PELÚCIO, Larissa. É o que tem pra hoje – os limites das categorias classificatórias e as possíveis novas subjetividades travestis. In: COLLING, Leandro. (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. p. 111-136.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

PETERS, Gabriel Moura. **Percursos na teoria das práticas sociais: Anthony Giddens e Pierre Bourdieu.** 269f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, 2006.

PETERS, Gabriel. A virada praxiológica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, número semitemático 123, p. 167-188, dezembro, 2020.

POCAHY, Fernando. Um mundo de injúrias e outras violações. Reflexões sobre a violência heterossexual e homofóbica a partir da experiência do CRDH - rompa o silêncio. In: POCAHY, Fernando. (Org.). **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea.** Porto Alegre: Nuances, 2007. p. 10-26.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+:** uma breve história do século XIX aos nossos dias. São Paulo: Autêntica, 2022.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova pragmática: fases e feições de um fazer.** São Paulo: Parábola, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A dimensão crítica da teoria dos atos de fala. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (Orgs.). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso.** Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 85-94.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguística textual e pragmática. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHABEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). **Linguística textual: interfaces e delimitações** – homenagem a Ingedore Grunfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017. p. 233-257.

REIS, Toni.; CAZAL, Simón. **Manual de educação LGBTI+**. Curitiba: IBDSEX, 2021.

RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. In: RESENDE, Viviane de Melo; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva. (Orgs.). **Outras perspectivas em análise de discurso crítica**. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 11-51.

ROCHA, Daniela Cynthia de Sá. **O papel da metáfora discursiva na construção argumentativa do gênero petição inicial**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

ROCHA, Daniela Cynthia de Sá. **Metáfora discursiva crítica: relatos de mulheres violentadas**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

ROESLER, Rafael. Web 2.0, interações sociais e construção de conhecimento. VII SIMPED, Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação, 2012. **Anais [...]**, 2012, p. 1-10.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SANTANA, Flávio Passos. **Curtindo os curtas: análise da construção de imagens discursivas de Aracaju e de aracajuanos em curtas-metragens**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SANTANA, Flávio Passos. **A intertextualidade como estratégia argumentativa: as imagens discursivas dos realizadores do 1º Festival do M1nuto da UFS**. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

SANTANA, Isabela Marília. **O acordo retórico e a construção textual da persuasão: o discurso político**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SANTANA, Isabela Marília.; TENÓRIO-SANTOS, Juliane.; MATOS, Samuel de Souza. “Ele já foi um bebê”: uma análise de atos de fala polêmicos sobre o aborto em um perfil do *Instagram*. In: LIMA, Geralda de Oliveira Santos.; MATOS, Samuel de Souza.; SANTOS, Caio César Costa. (Org.). **Pesquisa em linguística: abordagens contemporâneas**. vol. 4. Aracaju: Criação, 2020. p. 199-224.

SANTANA, Isabela Marília. **A desinformação como fenômeno textual: cartografias comunicáveis bolsonaristas na pandemia de Covid-19**. No prelo.

SANTOS, Caio César Costa. **Bons tempos aqueles:** implicações na expansão do campo dêitico. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SANTOS, Émerson.; FEITOSA, Cleyton.; VIEIRA, Rafael. Concepções políticas do coletivo Lutas e Cores: movimento LGBT ou ativismo queer? **Anais do 3º Seminário Internacional Desfazendo Gênero**, Campina Grande, Paraíba, 2017. Disponível em: desfazendogenero.com/wp.../Artigo-Desfazendo_LC_Emerson_Cleyton_Rafael.pdf. Acesso em: 03 fev. 2018.

SANTOS, Emilly Silva dos. **Ciberfeminismo e argumentação:** diálogos sobre a produção de identidades generificadas. 142f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

SANTOS, Iara Melo. **Memória coletiva e ethos discursivo:** a importância do ato de argumentar em relatos de pescadores. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SANTOS, Katiane Silva. **Marcas de hesitação na fala de crianças com autismo:** construção de sentidos sob o paradigma textual-interativo. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012 [1912].

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.

SEFFNER, Fernando. Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT. In: COLLING, Leandro. (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. p. 57-78.

SIMÕES, Júlio.; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris:** do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu**, n. 35, p. 37-78, dez. 2010.

SILVA, Daniel; FERREIRA, Dina; ALENCAR, Claudiana. (Orgs.). **Nova pragmática:** modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira.; MELO, Iran Ferreira de.; CASTRO, Lorena Gomes Freitas de. (Orgs.). **Dissidências sexuais e de gênero nos estudos do discurso**. Aracaju: Criação, 2017.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. **Quando dizer é violentar:** violência linguística e transfobia em comentários online. 1. ed. Salvador: Devires, 2019a.

- SILVA, Danillo da Conceição Pereira. Emancipação das mulheres no discurso feminista online: dimensões textuais de uma luta hegemônica. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 22, n. 1, jan./mar.2019b, p. 239-262.
- SILVA, Danillo da Conceição Pereira; RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguagem, sociedade e política: diálogos com Kanavillil Rajagopalan sobre a nova pragmática. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 26, n. 43, p. 316-331, jul./set. 2019.
- SILVA, Danillo da Conceição Pereira. Materialização discursiva da cis-heteronormatividade em perspectiva escalar: contribuições para a Linguística *Queer*. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 280-306, 2020a.
- SILVA, Danillo da Conceição Pereira. Embates semiótico-discursivos em redes digitais bolsonaristas: populismo, negacionismo e ditadura. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. 59, v. 2, p. 1171-1195, mai./ago. 2020b. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/010318137409916202006241>.
- SILVA, Danillo da Conceição Pereira. *Queer*: o insulto, os movimentos e as linguísticas. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 1, p. 1-5, jun. 2020c.
- SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. A construção social das masculinidades no ambiente escolar: uma visão de masculinidades possíveis nas periferias urbanas. **Revista Científica Sensus: Pedagogia**, n. 2, jul./dez., p. 47-59, 2011.
- SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). **Linguística textual: interfaces e delimitações – homenagem a Ingedore Grunfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017.
- SKÅGBY, Jörgen. **Online Ethnographic Methods: Towards a Qualitative Understanding of Virtual Community Practices**. Copyright IGI Global. Linköping, Sweden. 2011. Disponível em: <http://people.su.se/~jsk/resources/Online-Ethnography.pdf>.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018 [1986].
- VAN DIJK, Teun Adrianus. **Ideology**. A multidisciplinary approach. London: Sage, 1998.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. **Sociedad y discurso: como influyen los contextos sociales sobre el texto y la conversación**. Tradução de Elsa Ghio. Barcelona: Gedisa Editorial, 2013.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. Ideologia. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. p. 53-61. 2015.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), p. 8-29, nov. 2016.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. Estudos multidisciplinares do discurso. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). **Linguística textual: interfaces e delimitações – homenagem a Ingedore Grunfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 94-118.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. São Paulo: Contexto, 2020.

APÊNDICE A - SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS PARA O CORPUS

Nº	LEGENDA/TÍTULO DO VÍDEO	DURAÇÃO	DATA	ALCANCE
01	DJ não-monogâmico discute sobre traição: “É a quebra do contrato de cada relacionamento” (V-120)	5min36s	1 jun. 2022	3.727 visualizações 247 “gostei” 16 comentários
02	“É difícil entender que quem assina meu site pode me discriminar na rua”, diz criador 18+ trans (V-121)	6min32s	2 jun. 2022	7.236 visualizações 456 “gostei” 29 comentários
03	Drag Queen encontrou felicidade no amor após 20 anos: “Ouvi de um cara que broxou ao me ver montada (V-122)	8min26s	3 jun. 2022	1.374 visualizações 126 “gostei” 15 comentários
04	Travesti nordestina morou nas ruas do Rio e foi abusada: “Tenho trauma até hoje de estar na rua” (V-123)	5min40s	7 jun. 2022	2.739 visualizações 198 “gostei” 19 comentários
05	GP de luxo começou no pornô após blog ‘estilo Bruna Surfistinha’: mais de 2 milhões de views” (V-124)	5min50s	8 jun. 2022	13.128 visualizações 576 “gostei” 112 comentários
06	“Quem vem de onde eu venho, um olhar basta, então trato como homofobia”, desabafa cantor da favela (V-126)	9min5s	14 jun. 2022	4.337 visualizações 284 “gostei” 33 comentários
07	Maicon Lima: “Se eu fosse artista hétero, poderia fazer besteira na internet e seria perdoado fácil” (V-127)	9min56s	15 jun. 2022	12.358 visualizações 507 “gostei” 96 comentários
08	“Alunos me buscam justamente por ser gay, que não vai ser machista, vai falar baixo”, conta personal (V-129)	8min14s	29 jun. 2022	27.847 visualizações 1.400 “gostei” 100 comentários
09	Cantor gay com deficiência foi salvo pelo palco: “O garoto reprimido que escondia a mão ficou livre” (V-130)	7min37s	30 jun. 2022	815 visualizações 98 “gostei” 9 comentários
10	Kaio Carioca: “Quando comecei no pornô queriam muito o ‘negão, ativo, com pa*zão’, hoje tanto faz (V-132)	5min54s	6 jul. 2022	47.859 visualizações 2.100 “gostei” 178 comentários
11	Escritor criado na igreja tornou-se ateu: “Questionei o discurso da igreja de ser um lugar de amor” (V-133)	9min04s	11 jul. 2022	1.024 visualizações 104 “gostei” 10 comentários
12	MC Jessi fala abertamente sobre bissexualidade: “Meu marido super aceita e queremos fazer a três” (V-135)	5min42s	26 jul. 2022	1.343 visualizações 74 “gostei” 10 comentários
13	Ex-Ídolos demorou 12 anos para lançar trabalho próprio: “Não havia espaço pra um negro LGBT no R&B” (V-136)	7min22s	28 jul. 2022	1.568 visualizações 128 “gostei” 17 comentários
14	“Quem ditava moda eram brancos e queremos furar essa bolha”, diz dono de marca de moda negra LGBTQ+ (V-137)	7min21s	16 ago. 2022	1.949 visualizações 166 “gostei” 11 comentários
15	Fernando Brutto é adepto de receber ‘fisting’: “Tem técnica, treino e precisa de muita concentração” (V-138)	13min06s	18 ago. 2022	14.547 visualizações 686 “gostei” 63 comentários
16	Cantor e produtor dispara: “Já produzi pra Melody, Romagaga, MC Sara e nunca recebi nada por isso” (V-139)	10min26s	23 ago. 2022	2.912 visualizações 196 “gostei” 30 comentários

17	“Temos que eleger não só Lula, mas também uma bancada LGBTQ+ forte”, afirma candidata lésbica pelo PT (V-140)	11min32s	25 ago. 2022	598 visualizações 80 “gostei” 24 comentários
18	“Pra cada Rico Dalasam e Lil Nas X que surgiram em 5 anos, apareceram 200 Filipe Ret” afirma rapper (V-142)	10min06s	6 set. 2022	2.242 visualizações 111 “gostei” 14 comentários
19	Apresentador de 43 anos sobre etarismo: “No mundo gay você passa dos 40, você é uma maricona” (V-143)	8min20s	8 set. 2022	8.743 visualizações 500 “gostei” 90 comentários
20	“Anitta foi a artista que abriu portas para dançarinos LGBTQ+”, afirma Dany Possidônio (V-144)	13min42s	13 set. 2022	1.153 visualizações 74 “gostei” 4 comentários
21	Felipe Aretz: “Gays masculinos que querem muito ser afeminados ficam apontando dedo na nossa cara” (V-145)	6min57s	20 set. 2022	5.447 visualizações 280 “gostei” 23 comentários
22	Presidente do Grupo Pela Vidda: “Ser uma advogada trans mostra que podemos ocupar qualquer espaço” (V-146)	8min28s	21 set. 2022	1.126 visualizações 69 “gostei” 7 comentários
23	Luan Souza: “Terapia é coisa de quem tem coragem pra se conhecer, e isso falta pra muitas pessoas” (V-148)	9min53s	27 set. 2022	1.556 visualizações 145 “gostei” 27 comentários
24	Ricardo Santos: “Por que algumas doenças encaramos como possibilidade de ficar vivo e o HIV não?” (V-149)	10min44s	28 set. 2022	1.844 visualizações 141 “gostei” 7 comentários
25	Preto Retinto: “Protagonismo preto é difícil, sempre vão puxar tapete, como acontece com Ludmilla” (V-151)	10min51s	13 out. 2022	681 visualizações 78 “gostei” 11 comentários
26	Terapeuta tântrico defende a profissão: “Você não usar o nome ‘massagem tântrica’ e oferecer sexo” (V-153)	11min26s	18 out. 2022	13.436 visualizações 566 “gostei” 18 comentários
27	Fabius relata luta contra as drogas: “Me fizeram começar na prostituição e ter início de esquizofrenia” (V-154)	12min55s	20 out. 2022	27.472 visualizações 1,3 mil “gostei” 125 comentários
28	Walisson: “Não existe rede de apoio para a bicha preta afeminada, mas a comunidade está evoluindo” (V-155)	6min23s	25 out. 2022	1.124 visualizações 88 “gostei” 7 comentários
29	Drag queen gamer tem servidor próprio que abraça os LGBTQ+: “O mundo gamer está olhando pra gente” (V-157)	9min11s	1 nov. 2022	1.107 visualizações 145 “gostei” 57 comentários
30	Cantor ocultou sexualidade do pai traficante: “Não ser o filho bandido, mas ser viado foi traumático” (V-158)	12min20s	3 nov. 2022	3.555 visualizações 252 “gostei” 14 comentários
31	“Me camufla nos héteros pra evitar preconceito, mas quero mostrar meu lado feminino”, desabafa cantor (V-160)	10min25s	17 nov. 2022	6.195 visualizações 289 “gostei” 43 comentários
32	Expulso de reality que deslançou como DJ afirma: “Ser biscoiteiro é meu ganha-pão, então sou eu mesmo” (V-161)	7min50s	22 nov. 2022	10.804 visualizações 488 “gostei” 24 comentários
33	Criador 18+ relembra passado GP: “Entenda que você vai encontrar alguém carente: de sexo ou atenção” (V-162)	10min37s	24 nov. 2022	43.627 visualizações 1,9 mil “gostei” 111 comentários
34	Ator vive com HIV e mira no BBB: “Por que não ter alguém tomando antirretrovirais em rede nacional?”	11min01s	29 nov. 2022	10.078 visualizações 553 “gostei” 44 comentários

	(V-163)			
35	“Sofro mais preconceito por ser ateu do que por ser gay”, destaca cantor criado na igreja (V-164)	11min55s	8 dez. 2022	2.903 visualizações 185 “gostei” 23 comentários
36	Elis D’ Taylor lamenta enfraquecimento da cena: “Não tem mais uma Rose Bombom ou Marcio Rochard “ (V-165)	9min36s	13 dez. 2022	1.187 visualizações 123 “gostei” 30 comentários
37	Notado por Ludmilla, Dornelles sorteou sexo com fã: “Quem não tem dinheiro tem que ser inteligente (V-166)	12min50s	15 dez. 2022	3.514 visualizações 369 “gostei” 56 comentários
38	Thiago Kimm: “Fui num festival numa cidade bolsonarista e o show mais esperado era da Gloria Groove “ (V-167)	5min26s	20 dez. 2022	1.107 visualizações 87 “gostei” 14 comentários
39	Crossdresser afirma: “Queremos passar despercebidas no banheiro feminino, já as trans fazem arruaça “ (V-168)	10min05s	22 dez. 2022	2.762 visualizações 89 “gostei” 128 comentários
40	“A TV rotula muito: “Quando tem um papel X, não pensam no ator X por ser gay”, afirma ator de teatro (V-169)	12min23s	27 dez. 2022	3.014 visualizações 187 “gostei” 17 comentários
41	Erikah Alcântara: “Não posso errar pra não ser vista como a travesti e sim como a ótima professora (V-171)	18min03s	5 jan. 2023	1.348 visualizações 118 “gostei” 28 comentários
42	Cantor independente desabafa sobre público LGBTQ+: “Ou fazem propostas indecentes ou me esculhambam (V-172)	11min01s	19 jan. 2023	983 visualizações 65 “gostei” 3 comentários
43	Médica precursora no combate à AIDS: “Chamavam de ‘peste gay’, como luta contra tanto preconceito?” (V-173)	14min30s	24 jan. 2023	1.207 visualizações 133 “gostei” 13 comentários
44	Ex-drag evita se relacionar com pintosas: “Prefiro pessoas que não chamam atenção porque tenho medo” (V-174)	7min54s	26 jan. 2023	1.816 visualizações 93 “gostei” 46 comentários
45	Dra. Marcia Rachid: “O medo faz as pessoas dizerem que usam PrEP pra não dizerem que vivem com HIV “ (V-175)	15min57s	31 jan. 2023	877 visualizações 82 “gostei” 4 comentários
46	Dra. Marcia Rachid: “Foi agressivo quando botaram Cazuza na capa da VEJA agonizando/Parte 3” (V-176)	13min42s	7 fev. 2023	657 visualizações 67 “gostei” 4 comentários
47	Fotógrafo bear sobre desunião do meio: “Falam que não tenho pelo suficiente pra ser urso, só barba” (V-177)	6min09s	9 fev. 2023	3.726 visualizações 261 “gostei” 23 comentários
48	“O mundo gay é 8 ou 80: ou você é fetichizado ou é rejeitado por ser homem trans”, afirma DJ carioca (V-178)	12min02s	2 mar. 2023	5.283 visualizações 258 “gostei” 21 comentários
49	Paulista fugiu das agressões da família para ser ator pornô no Rio: “Não tinha mais nada a perder” (V-179)	7min12s	17 mar. 2023	78.763 visualizações 3,5 mil “gostei” 238 comentários
50	Cantora Bront comemora: “É muito bom ser uma travesti em tempo integral, ser eu mesma o tempo todo” (V-180)	15min40s	23 mar. 2023	1.204 visualizações 99 “gostei” 6 comentários
51	Renato Turnes: “A AIDS causou uma ruptura geracional, então perdemos a reverência aos mais velhos” (V-181)	10min14s	29 mar. 2023	1.700 visualizações 132 “gostei” 7 comentários

52	DJ João Castro relembra: “O show da Lady Gaga fez eu me apaixonar pelo Rio e vir pra cá ser ator” (V-182)	12min16s	6 abril 2023	3.524 visualizações 204 “gostei” 16 comentários
53	Universitário abre o jogo sobre fetichiz@ção nos apps de peg@ção: “Sentem atração sexual por PCDs” (V-185)	8min24s	19 abril 2023	2.492 visualizações 194 “gostei” 14 comentários
54	Atriz trans defende mudanças nos roteiros: “O 1º contato com o universo LGBT precisa ser positivo” (V-186)	11min07s	20 abril 2023	718 visualizações 84 “gostei” 27 comentários
55	Cantor afirma que rap está menos machista: “Homem pode falar de ostentação; gays e mulheres também” (V-187)	7min16s	25 abril 2023	924 visualizações 68 “gostei” 17 comentários
56	Alef: “Muitos homens não aceitam que gostam de trans porque na cabeça deles não somos pessoas” (V-188)	14min11s	27 abril 2023	3.987 visualizações 254 “gostei” 31 comentários
57	Ator entrou no p0rnô após chantagem do ex: “Disse que só apagaria vídeo íntimo se a gente voltasse” (V-189)	7min31s	2 maio 2023	2.137 visualizações 145 “gostei” 46 comentários
58	Modelo hétero que viralizou com um banho é aliado da comunidade LGBT: “O meio artístico é mais fluido” (V-190)	9min41s	4 maio 2023	5.555 visualizações 333 “gostei” 40 comentários
59	Cantor não-binário sobre relações: “Se gostam de você, como você se reconhece não vai mudar isso” (V-191)	11min57s	9 maio 2023	1.689 visualizações 107 “gostei” 13 comentários
60	“O rock liberta: não consigo imaginar roqueiro com preconceito com quem pinta unha”, diz cantor e DJ (V-192)	12min22s	11 maio 2023	1.339 visualizações 130 “gostei” 23 comentários
61	Psicólogo “descomplica” assexualidade: “Não conseguia g0z@r com outras pessoas e resolvi investigar” (V-193)	21min48s	16 maio 2023	2.471 visualizações 209 “gostei” 14 comentários
62	DJ Pambelli: “Se nosso trabalho se iguala ao de uma pessoa cis, vão contratar a pessoa cis” (V-195)	13min28s	23 maio 2023	695 visualizações 57 “gostei” 9 comentários
63	Marcio Villard: “O público LGBT adulto tem dificuldade de lidar com HIV; jovens são mais receptivos” (V-196)	18min01s	25 maio 2023	1.174 visualizações 84 “gostei” 9 comentários
64	Queen mineira expõe racismo entre artistas drags: “Falam que perderam a escova no meu cabelo afro” (V-197)	12min27s	31 maio 2023	841 visualizações 82 “gostei” 21 comentários

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS AUTOBIOGRÁFICAS

Entrevista 01 (V-129): “*Alunos me buscam justamente por ser gay, que não vai ser machista, vai falar baixo*”, conta personal.

Oi, galera do *Pheeno*! Meu nome é Bruno, tenho 38 anos, trabalho aqui no Rio de Janeiro. Sou *personal trainer*. [vinheta do canal] Se assumir todo mundo é... pra família acaba sendo muito complicado, mas... é, comigo não foi diferente. É... com 18 anos, eu queria vir pro Rio e... fiquei meio deslumbrado com baladas e... eu sou de Rezende, uma cidade de interior. Então, quando eu vim para cá, passei o réveillon aqui e fui em baladas. Vi homens bonitos e vi que aqui era um pouco... era um pouco diferente da minha cidade. Eu não quis voltar para casa, e, nisso... fiquei na casa da minha tia. Queria morar aqui... Trabalhei. Comecei a trabalhar em alguns subempregos para tentar me manter aqui. Minha tia descobriu que eu era gay. Ela acabou contando pra minha mãe. Minha mãe, na época, aquele susto... que... toda mãe acho que leva, né? Não susto por não desconfiar que isso pudesse acontecer. Mas, quando isso é falado, quando isso é uma certeza, acaba sendo um pouco diferente, né? E minha mãe, ela... falou que queria que eu voltasse para Rezende. E... bom, falou todas aquelas coisas que as pessoas falam. Falou que se eu não voltasse para Rezende ela ia se matar... Voltei para Rezende. Aí... do Bob's... eu passei quatro meses, e fui trabalhar em uma loja de calçados. Na loja de calçados, as pessoas iam... [ri] elas iam na loja de calçados para poder me ver e ver quem era o... cara que fez determinadas coisas, e que... o cara gay da cidade, né? Enfim, eu era o... o... o fenômeno. Fenômeno? Não sei se eu posso falar isso [risos]. Na escola, eu... era meio complicado... eu era... eu era uma... criança viada, do jeito que as pessoas falam. É... mais ou menos, porque eu era muito reprimido, entendeu? Então... por exemplo, quando minha mãe saía, eu experimentava coisas dela. É... coisa que todo gay faz, mas eu sempre ficava tentando... mudar minha voz. É... evitava falar... e na escola acabou que... eu não tive nenhum amigo na escola assim... eu lembro de uma situação que o garoto veio... falar comigo... assim: “viadinho não sei o quê, eu vou te pegar no final da aula” [ri]. Eu ficava assim: “mas... não tô entendendo por que”, sabe? E... enfim... eu fiquei quietinho, mas morrendo de medo assim... falando “cara, eu nunca briguei na escola”... não sei o quê... Eu era grande, mas eu tipo tinha medo, porque eu nunca tinha brigado com ninguém na escola. E tinha uma... uma lésbica da minha sala... é... que se chamava Rafaela, inclusive, muito engraçado. E ela, do nada, ela se levantou e falou assim: “você não vai bater nele, não”. E ela era muito pequenininha. E ela jogava futebol. Ela já era bem masculina, e tal... Ela subiu na... na carteira, que era mais ou menos desse tamanho [gesto com as mãos], ficou da altura dele, deu um tapão na cara dele, e eu fiquei [risos] chocado com aquela situação. Inclusive, quando... quando... eu... eu acho que muita gente passa por isso, também, quando eu tinha... quando era adolescente, teve algum momento que eu tentei também me matar, como vários tentam, entendeu? Só que eu não tinha coragem de fazer nada muito agressivo contra mim, entendeu? Então... tipo... eu tentei me matar tomando milhões de remédios que... que tinham no armário de remédios da minha mãe, e nada aconteceu, entendeu? Mas... eu queria desaparecer... eu queria tudo isso, assim, em um determinado momento. Então... eu sempre me interessei, desde criança, por atividade física, porque... eu gosto, eu não sei explicar o porquê, mas... o esporte... ele... é um pouco homofóbico, sim. É... tirando, por exemplo, eu eu fui pra esportes que são historicamente... é... ditos para mulheres ou para gays. Então, acho que eu não sofri tanto essa homofobia no vôlei, por exemplo. É, natação... nem tanto. Mas a natação é esporte individual. Então, não tem também muito disso. Por exemplo, o esporte ele é historicamente masculino. Ele é... homofóbico... ele é... ele discrimina mulheres. Quando eu entrei na Educação Física, eu queria trabalhar em escola. Eu não queria trabalhar em academia. Eu treinava... fazia musculação... gostava de tudo aquilo. Mas... eu achava que

eu não tinha um perfil, porque você sempre via os professores da academia... aqueles professores mais... espalhafatosos que gritam e que falam sobre o time de futebol... e que... e eu não sou. Eu sou uma pessoa mais discreta, uma pessoa... eu converso muito com as pessoas, mas eu sou... um pouco mais restrito, assim... eu não... eu não saio gritando, falando... bom dia pra academia inteira. Na hora que eu entro na musculação, dou um grito pra academia inteira escutar. Eu fui percebendo que vários dos meus alunos... eles me buscavam para ter aulas... aula comigo porque... justamente pelo fato de... eu ser gay... Eu ter esse meu jeito, é... o jeito que é meu, entendeu? E que... não é de nenhum personal hetero masculino é... super machista... Não, eu sou um professor gay que vai falar baixo, que vai te motivar, mas educadamente, e que... E vários alunos eles sentem falta desse perfil também. Eu comecei a me engajar um pouco mais no *Instagram*, *online*... justamente pelo fato do meu namorado... namoro há um ano... A gente tem um planejamento, mas a gente tenta fazer coisas que são divertidas pra gente, assim... é porque a gente gosta das mesmas coisas... a gente tem... a gente pensa muito parecido. Então, geralmente, a gente... ele dá... dá uma ideia de um vídeo, aí a gente... eu super topo, normalmente, porque eu já gosto. Olha, eu já recebi algum ataque, foi pouquíssimas vezes. Normalmente, eu acho... eu gosto muito porque sei lá as pessoas acham fofo e... Ah, eu não sei, eu faço... eu me divirto... quando eu gravo os vídeos... quando tô com ele, às vezes eu faço algum videozinho de dança assim... eu sou meio estabonado, sabe? Eu danço meio mal, aí o pessoal vem me zoar... falar que... eu danço muito mal [risos] aí... eu fico rindo... zoo também eles... enfim... mas... ataque? Eu acho que eu recebi um... algumas vezes. Que eu me lembre agora, uma vez... é... uma menina... colocou uma carinha de vômito... assim... mas aí eu só excluí e deixei para lá, assim, sabe? Enfim... acho que eu queria deixar uma mensagem pras pessoas que... que são mais novas... de repente... e que acham que... ah... sei lá... que a vida vai... vai ser ruim... estão se descobrindo agora... olha, é... a gente sempre acha isso, quando a gente é mais novo, mas... a vida vai levando a gente, e quando a gente vê, a gente pode estar vivendo o sonho que a gente tinha quando tinha 18 anos, que é o meu caso. Quando eu tinha 18 anos, eu queria morar no Rio de Janeiro, e eu queria... eu queria só ter uma vida simples no Rio de Janeiro. Hoje em dia eu moro na zona sul do Rio de Janeiro, tenho dinheiro para viajar... tenho dinheiro para fazer as coisas que eu quero, entendeu? Eu me formei... é, sou o primeiro da minha família a se formar e... nada disso eu imaginava que ia acontecer. Então eu acho... às vezes a gente acha que tá tudo... tudo ruim, mas... a gente trabalha... é... vai fazendo de pouquinho em pouquinho, e quando a gente vê... aquele pouquinho... pouquinho, ao longo dos anos, se transforma em um uma história maravilhosa.

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONIoCeBP1GU>.

Entrevista 02 (V-132): *Kaio Carioca: “Quando comecei no pornô queria muito o ‘negão, ativo, com pa*zão’, hoje tanto faz.*

Olá, pessoal! Tudo bem? Eu sou o ator Kaio Carioca, tenho 40 anos, sou carioca e hoje estou aqui no *Pheeno* pra poder contar pra vocês um pouco sobre a minha trajetória dentro do mundo pornô. Até já. [Música com vinheta do canal]. Eu sou bissexual e... meu primeiro contato foi através é... de uma oportunidade pra poder gravar um... um pornô gay. Entendo que... hetero é hetero, bissexual é bissexual e gay é gay. Eu não acredito em homens heteros que transam com outros homens, ou gays, é... só por... por dinheiro. Eu acho que hetero, ele vai fazer... fazer qualquer outra coisa da vida, mas não vai transar com gay. É... eu já tive relacionamento de ambos os lados, né, tanto com mulher... com um período de sete anos e... também tive um relacionamento com um homem com um período de oito anos, né? É... o relacionamento com mulher é um pouco diferente, né, do que ter um relacionamento com um gay. Mas a... o afeto é

praticamente o mesmo. Né? Com gay, é um pouco mais tenso, né? Porque o gay, ele... ele é um pouco... vamos dizer assim... um pouco mais pra frente, né? Então... acaba sendo um relacionamento até um pouco mais divertido. Né? Mas o... a... questão é... é... de afeto... é praticamente a mesma coisa. Bom, na verdade, eu vejo o preconceito das pessoas mais para com os gays, né? Todas as vezes que eu falei que... que eu sou bissexual pra as pessoas, é... eles entenderam de boa, não sofri nenhum tipo de preconceito. Não... não... não nessa parte. É... então... também fui levando de boa. Mas eu percebo que as pessoas têm mais preconceito quando o cara é... se assume gay. Eu tenho um amigo que é alemão e... ele já gravava na Europa, e aí ele me fez o convite. Perguntou se eu não gostaria de fazer um teste. Eu falei que eu tava precisando de dinheiro... Falei: “cara... vou cair pra dentro”. E aí fiz um teste com ele que... é... na época, nós chamávamos de um solo, né? Que era mais questão de... de conhecer o corpo, né? E... e aí ele gostou. Ele gostou e... na mesma semana, ele me chamou pra poder gravar um... um... um filme com... com outro ator, né, que foi no morro do Vidigal, que foi o meu primeiro filme, foi o “Pau na obra”. Eu acho que as pessoas ficam curiosas pra saber se o cara faz... no meu caso... se eu faço passivo, e tal... aquela coisa toda... E, realmente, eu recusei, né? Os meus seguidores, meus fãs... eles sabem disso. Eu recusei não é porque eu quero ser mais homem que ninguém, é porque, realmente, eu acho que você tem que fazer aquilo que você gosta. Se você gosta de ser passivo, você... maravilha... faz passivo. Se você gosta de ser ativo, ótimo... faça passivo, fa/faça ativo. Mas, no meu caso, eu gosto de fazer ativo mesmo. Se eu gostasse de fazer passivo, não tinha problema algum... eu já tinha aceitado, já, até gravar para outras produtoras que eu acredito que esteja até me aguardando pra saber se eu vou aceitar fazer passivo ou não. Sou ativo liberal... eu não tenho problema nenhum em chupar o cara. Não tenho problema algum em beijar... em fazer carinho... sou ativo liberal. Alguns atores aceita... fazer programa, né? Outros, não. No meu caso, depende muito da proposta, né? Eu gosto mesmo é de gravar. Né? Mas, às vezes, aparece algumas propostas bem bacana que eu acho interessante e aí eu aceito sim. Ah, chamar pra poder tomar um bom vinho, tomar um uísque... e acertar aí... um valor mínimo aí de pelo menos... trezentos e cinquenta a hora. Então... quando eu comecei, é... eu percebi que... o pessoal esperava mais um... um... o... negão, né, ter pauzão e ser ativo. Ao decorrer do tempo, né, principalmente nos tempos atuais, é... eu percebi que tanto faz, né, se o... se o cara é negro e ter pauzão... e fazer passivo... e fazer... ou fazer ativo, até porque têm pessoas claras, pessoas brancas, né, que também têm pauzão, né, e que... que faz passivo muito bem, como faz ativo muito bem. E... eu acho que... tem que deixar o cara independente de ele ser negro... de ele ser... ser branco... ele fazer aquilo que ele acha que ele faz de melhor. Ah, é importante no pornô você ter pauzão, né? Não só no pornô, como na... o cara que faz programa, né? Se você não tem pauzão... a coisa não rende muito, né? Então, acredito que se eu não tivesse... eu não tenho pauzão, mas eu tenho 22, né? Se eu não tivesse talvez os meus 22, eu não estaria atuando até hoje, né? São catorze anos. E... de sucesso. Não, o criador de conteúdos não é ator, né? É muito diferente... você gravar dentro de uma produtora... e gravar fora de uma produtora, né? É... é... é... criador de conteúdo ele é criador de conteúdo... é... é um pornô amador, né? Não tem nada a ver com... com... com... com pornô de... de produtora. Né? Mas... é... eu acho bacana se tiver de repente dando certo pra ele, eu acho que ele tem que continuar assim, sem problema nenhum. Bom, é... tem um... um pornô pra poder sair agora em julho, né, acredito que vocês vão gostar muito. Vocês podem me achar também no Xvideos, viu? Kaio Carioca. Tá, gente? Lá tá com... Kaio Carioca com K, tá certo? É isso. E a gente vai se falando. Um beijo. Fiquem com Deus. Obrigado!

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wfOI9qe-JK4>.

Entrevista 03 (V-138): *Fernando Brutto é adepto de receber 'fisting': "Tem técnica, treino e precisa de muita concentração"*.

Fala aí, galera! Sou Fernando Brutto, sou carioca da gema, moro aqui no Rio, e, atualmente, eu faço criação de conteúdo digital... Faço o pornozão mesmo, sabe? Conteúdo acima dos 18. Faço muito show de sexo interativo, que é essas apresentações nessas casas que aqui tem pelo Rio... participando com geral... E... hoje a gente vai conhecer um pouquinho de mim. Conversar um pouco de vocês, pra gente saber como é que é essa história, sabe? [vinheta do canal]. A questão da minha homossexualidade... acho que é uma coisa que... a gente percebe desde pequeno, a gente não sabe nomear um pouco isso... Então... início da adolescência... 12, 13, 14 anos... eu começo a perceber que o... o... às vezes, quando eu via um pornô, quando eu via alguma coisa assim, eu prestava mais atenção no cara do que na menina... eu comecei a perceber que... sabe aquela brincadeira... a gente chama, aqui, no Rio, de minha, troca-troca, que às vezes rola entre os amiguinhos, quando se é adolescente? Aquilo me deixava mais excitado do que qualquer coisa. E eu via que a minha relação com as mulheres... eu via as meninas... era muito uma relação de muito mais admiração ou "que menina incrível", do que sexual, sabe? Então, eu fui percebendo... e eu fui nomear isso... eu fui dar nome de que, olha, isso é ser homossexual, eu devia ter uns 16, 17 anos, internamente, né, que eu... eu vou tomar essa consciência de que, "pô, cara, acho que eu sou homossexual mesmo". E eu costumo dizer que o meu processo de aceitação acabou sendo, felizmente, diferente da média que... que se vê no Brasil, hoje, relativamente tranquilo, assim... fácil de aceitar, porque eu sempre tive uma formação, né? Meus pais sempre foram de esquerda... então, sempre tive uma formação ah... ah... muito de aceitar isso, então o meu próprio processo de aceitação foi mais fácil. Eu gosto muito de... de lembrar que a minha mãe... a minha mãe ela tem uma pequena livraria em Friburgo e a reação dela assim que eu conto foi exatamente ler muito e me dar de presente três livros, né? *O terceiro travesseiro*, que é um clássico de quem tá se assumindo. É... *Devassos no paraíso*, que é um livro de antropologia sobre a homossexualidade no Brasil... Então ela leu e depois me deu... e o *Kama Sutra gay*. Sim, ela pegou e me deu o *Kama Sutra gay* [ri]. Então, eu achei muito bacana que a reação da minha mãe, nesse momento, foi isso: foi buscar ler, já que ela era dona de uma livraria e foi aceitar. Então, realmente, depois que a família aceitou, aí ficou leve... aí, cara... aí se amigo meu sabe ou não sabe, vai saber... aí se amigo meu quer... Aí, ficou muito mais fácil. Eu acho que, realmente, no meu caso, e acho que a maioria das pessoas é isso: o momento que a tua família te aceita, te acolhe, e que você conta pra eles... o resto... A minha questão com o pornô é muito mais uma questão que ela vem no sentido de ver o sexo como algo... livre de tabu e livre de... de... de... de qualquer amarra, sabe? E de se permitir viver um sexo assim ah... em que a gente possa realizar todas as nossas fantasias, sem qualquer forma de repressão, ou sem qualquer forma de condenação, sabe? Então, a minha jogada ou a minha entrada no mundo do pornô... ela vai muito mais... não no sentido de... vou fazer, mas muito mais de algo orgânico. É muito natural, é muito, cara, é... sexo. Eu gosto de sexo. Eu gosto de fazer sexo e aparecer fazendo sexo. Eu gosto de fazer sexo e fazer é... fantasias diferentes ou parafilias diferentes no sexo. E por que não filmar e mostrar isso, sabe? Porque é só mais uma atividade, é só mais uma prática possível. Então, já na minha vida adulta, começaram a surgir, né, aqui no Rio... em São Paulo... uma série de festas, né... conceitos de festas em que você pode... em que é aberto, transar na frente dos outros. Como, para mim, sexo sempre foi algo muito natural, uma coisa muito... nunca tive vergonha de fazer, comecei a ir nessas festas, e sempre... gostei de fazer na frente de todo mundo, entendeu? Então, lembro que... a gente... eu lembro que chegava um momento que eu era convidado pra essas festas, porque... a galera tava toda tímida... eu ia pro meio do palco fazer, sabe? Então, o fazer no meio dessas festas foi... acho que é isso, pronto, qual foi o estalo? Foram essas... essas festas em que você pode fazer sexo na frente de geral. E foi ali que eu tipo falei: "Cara, eu curto, curto fazer isso". Curto não

é nem só que... um, não me importo. Não... não... não... não... não... não me sinto constrangido... dois, acho gostoso. Então, na verdade, a minha entrada foi por essas festas. Como eu falei anteriormente... eu novinho... 16 anos... de Ensino Médio, tinha essa mania de entrar em bate-papo... bate-papo, né, de... de... de putaria, pra... aquela coisa, né... adolescente... e tal... E eu precisava de um... de um nome *fake* pra usar, né? Então, na época, com 16 anos, como eu falei anteriormente, meus pais eram de esquerda... falei: “vou usar um nome... vou botar um nome que... olha só a ideia, que eles nunca vão desconfiar, eles nunca vão imaginar”. Vou pegar dois ícones da direita brasileira... que eu vou botar e eles vão falar assim “nossa, Rodrigo nunca usaria isso”. Então, o que que eu fiz? Botei Fernando, de Fernando Henrique Cardoso, e Lacerda, de Carlos Lacerda... e assim eu criava o Fernandinho Lacerda, que passou a ser meu *nick* pra entrar nessas salas de bate-papo Uol, né, com da ideia, né, com... com o conceito da ideia de que meus pais nunca imaginariam. O que é muito louco, porque você pensa que... sei lá... se eu botasse Lula Prestes, ou alguma coisa assim, eles iriam desconfiar. Loucura! Então, em homenagem a esse adolescente, né, que vai... que cria esse nome fantástico pra entrar em sala de bate-papo, eu criei o Fernando Lacerda, na época, e aí, conforme a gente... quando a gente vai criando essa personagem, né, a gente vai elaborando... aí, conforme eu vou fazendo os tipos de vídeo que eu vou fazendo no *Twitter*... o tipo de imagem que eu vou construindo, eu substituo o Lacerda pelo Brutto, porque eu acho que diz muito mais respeito ao tipo de... de sexo que eu gosto de fazer e de representar ali, e, assim, a gente monta o... o Fernando Brutto. Na verdade, assim... o tipo de sexo, o tipo de prática que eu gosto, né, em geral, né, ela tem muito a ver com uma noção de dominação e submissão. Então, o ponto inicial, se eu for definir, é essa: dominação e submissão. É uma coisa que... é... claro que, quando a gente tá na... no pornô no *Twitter*, aquilo ali é um personagem, aquilo ali é uma questão... Mas eu não faço nada fora do que eu, de fato, curto, o que eu, de fato, aprecio. Então, o que eu gosto é sempre uma questão de uma dominação expressa no sexo, claro que aquilo é tudo consensual, e essa dominação, ela pode ser expressa de várias formas. Então, que formas que eu expresse essa dominação, ou, no meu caso, muito mais uma submissão, na minha prática? Ela vai ser verbal. Então, é pela fala, né? Ela vai ser pelo... pelo modo como o cara vai te dominar pela fala. Ela pode ser é... física, pela pegada que ele vai ter, pela forma mais rápida, mais violenta na hora de fazer o sexo... ou por práticas mais intensas, e uma dessas práticas intensas que eu acabei descobrindo por acaso... não, por acaso, não, descobrindo nas práticas sexuais, é o que a gente chama de *fisting*, né, que é a utilização do punho. *Fist*, no inglês, punho, pra penetrar. E... foi algo também... de novo... eu gosto muito disso. Eu... eu gosto muito do sexo de uma forma... eu gosto de usar o termo orgânico... das coisas irem se adicionando... sem um planejamento muito... muito... muito... pensado, sabe? Então, pra mim, a descoberta ou a prática do *fisting* não foi algo... do tipo... um belo dia falei: “Nossa, vou fazer isso”. Ou... Não! Foi muito... Pô! Gosto de um sexo que tem uma dominação, gosto de sexo que tem uma pegada mais forte, gosto de um sexo que tem uma coisa mais intensa... e aí você vai pegando diversas formas de intensidade. Aí você pega um cara... o... se esse cara sabe fazer isso com essa intensidade... de repente ele tá botando dois, três dedos... de repente você percebe que você aguenta mais, que você quer... e aí assim, aos poucos, eu fui sendo introduzido à prática do *fisting*, sabe? Que é uma prática sexual que... tem técnica, que... tem que saber fazer, que tem treino, que você vai construindo aos poucos, sabe? Basicamente, pra... técnica número um... é consenso e confiança de um no outro, e quando eu falo confiança, cara, confiança ela pode acontecer num sexo casual... a confiança ela vai ser dada... ela vai ser construída no sexo casual, obviamente. Mas, é isso... o *fisting* ele é muito... primeira coisa, ele é muito psicológico. Pelo menos, pro *fisting*, né, o cara... ele tem que... saber, ele tem que tá muito tranquilo nos passos que o fister vai ter... vai ter junto com ele... vai ter pra ele, sabe? E, além disso, o fister ele tem modos de como você coloca a sua mão, a... a... a o modo como você posiciona o seu dedo, né? A velocidade com que você vai, né? Você vai ter que usar muito gel... Existem géis específicos... eu já fiz com gel

normal que a gente faz, dá pra fazer. Mas existem géis específicos que facilitam muito, sabe? Mas, enfim... além das técnicas que eu digo da... da posição das mãos, que é algo que você vai aprendendo, que você vai praticando... você vai descobrindo... o mais importante é o psicológico. O psicológico, eu digo assim: você tem que tá muito concentrado, ainda mais na minha posição, aqui, como *fisting*... como *fisting*, né? O cara vai botar o... a mão ali... a tendência natural do seu corpo, né, a tendência natural... se você não tá focado, é de você travar aquilo. Então, você tem que tá relaxado... você tem que tá muito confiante, porque, só assim, você vai permitir de uma forma natural que aquilo entre. E outra coisa que eu digo... é... eu não sou... há pessoas que têm essa... essa prática, mas eu não sou masoquista. Eu não tenho prazer na dor, tá? E nem condeno quem tenha. Mas... no meu caso, às vezes que eu realizo o *fisting*... que eu sou fistado, no caso, eu tô ali sentindo prazer... e... é isso... a melhor forma de você saber “olha, qual é o limite do seu corpo?” é esse. É uma prática sexual que vai te dar prazer. Ela não vai te dar dor. Se tiver te dando dor, é porque tem alguma coisa errada, sabe? E... e... de novo, eu falo: o *fisting*, ele é só mais um elemento, ele é só mais uma da prática geral, que é o que realmente me seduz, que é o que, realmente, é... me dá prazer, que eu quero mostrar nos meus vídeos, porque é isso: eu quero mostrar nos meus vídeos o que me dá para dizer, que é a dominação e a submissão. A dominação e a submissão que vão entremear as práticas que vão estar ali, que vão desde o *fisting* até dar um tapa na cara, até uma puxada de cabelo, até um... E, tudo isso de dominação... submissão... por mais que pareça ser muito intenso, tá sempre entremeadada pelo prazer. Sexo, pra mim, não é nenhum tabu. Eu tenho um outro emprego... em que... um emprego corporativo, um emprego em que eu... que eu faço licenciamentos, e tal. Eu também dou aulas particulares, e eu sou o criador de conteúdo e... ator pornô, ou que quer que você chame... é... ator de sexo interativo... e tá tudo bem. E Ok. E é isso. E... e... é mais um emprego, é mais uma possibilidade de produção, porque sexo não é nada demais. Fazer sexo não é nenhum problema. Vender sexo ou vender conteúdo de sexo... Não é nenhum problema. É 2022, sabe? Nós somos gays. A gente não precisa seguir moral cristã. A gente não precisa seguir nenhum tipo de moral que condene o sexo como uma prática suja... proibida... errada... Sexo é uma prática, uma prática deliciosa. Qual é o problema em ser um profissional que venda uma prática que é o sexo? A não ser que você tenha algum tipo de valor religioso qualquer... Em termos filosóficos... Filosoficamente falando... qual é? Então, é isso. Gente, foi uma delícia conversar aqui... expor um pouquinho, né, dessa vivência. É, se vocês tiverem interessados, queria muito que vocês vissem meus filmes... Então... têm uns *teasers* do meu *Twitter*... o *Twitter* é Fernando_Brutto com dois T, essa é a marquinha. Fernando_Brutto com dois T, que é o mesmo do meu *Instagram*: Fernando_Brutto com dois T, que é o mesmo do meu *Onlyfans*, se vocês quiserem apoiar a nossa criação de conteúdos, né? Então, o *Onlyfans* Fernando_Brutto com dois T. E do meu *On Now Play*, que é a nossa plataforma nacional, que aí é só Brutto: *On Now Play*/Brutto com dois T. E... sempre tô fazendo eventos na cidade... sempre tô em shows de sexo interativo. Cheguem lá, sou simpático, falo com todo mundo, transo com geral... Então, é isso, gente. Um prazer. Beijo.

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xp1xQ2Ps3XI>.

Entrevista 04 (V-143): *Apresentador de 43 anos sobre etarismo: “No mundo gay você passa dos 40, você é uma maricona”.*

Bonjour, bonjour, galera do Pheeno. Aqui é o Benjamin Cano. Eu tenho 43 anos, estou aqui no Brasil há mais de 12 anos e sou franco-brasileiro. Eu tenho 43 anos, estou casado há 22 anos com o Luí, e temos duas crianças, o Vinícius e a Lucrecia. E eu sou apresentador de televisão, influenciador e também empresário. Eu vou contar um pouco da minha vida com vocês [vinheta

do canal com música]. Quando que me entendi como um gay, né... é... eu acho que muito cedo. Acho que com uns 16 anos, mas é sempre muito difícil na cultura... francesa, eu acho que também brasileira, de se assumir, né? E... foi muito jovem, né? É... entrei na faculdade... na Faculdade de Medicina com 16 anos... É... e aí que eu entendi que realmente eu tive que me assumir era o melhor. E... com 17, eu tive meu primeiro namorado. Nunca tive namorada. É... foi uma experiência incrível. É... eu acho que eu senti um pouco de amor por ele, mas, realmente, eu... tive muita experiência mais sexual que... que... que de... de amor... até encontrar o meu marido, porque eu casei muito cedo, com 20 anos, gente. [risos]. Eu acho que ele é minha alma gêmea, que ele é meu... minha metade, que ele é... é... quando ele não tá aqui, eu sinto falta... é... só preciso de um olhar para... para saber o quê que ele tá pensando. Estamos juntos há 22 anos, gente, é uma... é uma vida. Eu tô com 43. É... sim, com certeza, ele é o pai dos meus filhos, ele é o meu marido, ele é meu melhor amigo. É... ele é minha metade, obviamente, que sim. O machismo estrutural é... eu acho que existe em todos os países, primeiro... em primeiro lugar. É... no Brasil... acredito eu que, por morar no Rio de Janeiro, no interior, deve ser muito mais difícil do que numa capital como o Rio de Janeiro ou São Paulo, né? Obviamente. Mas eu não sinto nenhum problema em relação a ser gay no Brasil. Eu acho muito mais difícil ser gay na França. É... eu acho que tem uma cultura mais tradicional, um... a religião católica é muito mais forte. É... quando foi votado o... o casamento gay, é... as manifestações lá na França foram... muito difícil... e escutar as palavras dos manifestantes na rua me deixaram muito magoado com o que que eu escutei. Envelhecer na comunidade LGBT... claro que é um problema. Um problema muito grande. É... você não tem direito a envelhecer. Você não tem direito a envelhecer. É muito difícil. É... o mundo gay... e eu falo do mundo gay porque é o mundo que eu conheço, mas é cruel... É cruel, já que quando você chega com 25 anos, você já tá passado, cara. Muito difícil. É... vocês têm que lidar com isso. Mas, para lidar com isso, vocês têm que ficar bem com você. Vocês têm que se amar e estar, com certeza, porque você está bem consigo mesmo. E... estar bem consigo... você pode andar e quebrar todos os tabus, porque... Olha, estou com 43, tô achando que o meu corpo tá bacana, tô bem na minha cabeça, tô me achando lindo... E aí? Tudo bem... os gays não estão me olhando, mas é assim... a discriminação no mundo gay sempre foram... sempre é assim. E existe e vai existir até o final do mundo. No meu casamento, escutei coisas? Sim, escutei, mas escutei coisas revertidas, porque meu marido é tão lindo, que eles, às vezes, na comunidade, preferem meu marido [risos] que eu. Então, é... é pode ser engraçado... mas... é... é... preconceito eu tô vendo com os outros amigos meus, que estão um pouco fora da idade padrão do... do... da comunidade, que não têm mais é... sucesso, entre aspas, e pode ser difícil para eles sobreviver na comunidade gay, né? E outra coisa importante que eu não falei para vocês: temos 18 anos de diferença. É... o Luí sempre viveu no nosso relacionamento com o receio de... hum... de ele envelhecer mais que eu. É... mas ele é um cara tão lindo e tão jovem que, mesmo com mais de 18 que eu... 18 anos que eu... Então... sim, talvez somos privilegiados. Mas, o casamento... vocês têm que todo dia lutar para teu casamento. Então, para quem não sabe o que que é etarismo? Vou explicar para você: etarismo é... é discriminação sobre a idade, ou poderíamos chamar isso de ageísmo, também. É... quanto... quanto mais você avança na sua idade, você está sendo discriminado. Existe também pelas mulheres, por exemplo. É... a gente vê já isso muito... muito nos heterossexuais. Por exemplo: uma mulher quando... quando ela passa uns 30... uns 40... já tá velha, não pode mais fazer carreira na televisão, não pode usar cabelo branco... enquanto um homem de 40 anos, com cabelo branco, ele tá muito lindo; ou, quando o homem chega nos 40 anos, ele tá no auge da vida dele. E, no mundo gay, a mesma coisa. No mundo gay, quando você passa dos 30, você já é um velho... é quando você passar dos 40, 50, você é uma maricona. É... então, tudo isso faz com que você tenha que lutar para fazer seu espaço e ficar em paz com você, porque isso, mais uma vez, é o mais importante. Eu sempre quis filho. O meu marido já tem dois filhos biológicos. E, como eu falei, temos 18 anos de diferença, né? E o Luí, quando o Vinícius, de 5 anos, chegou

na nossa vida, o Luí devia ter uns 56... uma coisa assim. Então, não é também uma paternidade igual à minha, com 40 anos, é uma paternidade diferente. Então, ele foi super legal de aceitar ter essa paternidade tardia, mas também ele tá vivendo uma paternidade diferente. Então, acho super bacana. Mas, do meu lado, eu sempre quis ser pai. Então, tive que esperar o momento que a vida me deu os filhos. Então... esse momento chegou quase nos 40. Vou contar para vocês, gente, o que que eu tô fazendo na internet... você pode me acompanhar no meu canal YouTube, e você vai ver dois programas: o primeiro programa é o *Bonjour Bonjour*, que é o meu programa de *life star* carioca, onde eu mostro meu cotidiano, minha vida... eu faço descobrir para você meus lugares preferidos... onde eu vou comer, onde eu vou sair, onde eu vou na praia, onde eu treino... e acabou a nossa primeira temporada. Mas, hoje, vai estrear a segunda temporada que é um *Bonjour Bonjour By Night*... eu vou mostrar para você qual é a programação noturna do Rio de Janeiro, quais são os lugares escondidos que você talvez não conheça e... isso é bem bacana para descobrir... E tem o segundo programa, que isso estava muito no meu coração, que se chama *Papais*, e, nesse programa, estou entrevistando os pais, que seja gays, heteros, solteiros, casados... e a gente... um bate-papo com os pais para falar sobre paternidade de forma livre, onde quebra tabu, onde a gente fala de tudo... porque eu achei que faltava esse espaço é... para falar de paternidade. Tem na internet somente espaço para falar sobre mães e a criação delas, como se elas foram as únicas a cuidar dos filhos, que não é verdade, hoje em 2022. Então, eu tava querendo dividir isso com outros pais. Se existe diferença entre pais heteros e gays? Eu, sinceramente, acho que não. É... eu frequento os pais da escola do meu filho e, sinceramente, estou vendo que os pais estão na mesma qualidade de criação que eu e... não... não tem diferença. O amor que você dá para teu filho... ele não tem... ele não tem sexo. Você pode ser gay ou hetero. É... quando vocês têm amor para teus filhos, tu tem amor, ponto. Se eu tenho projetos futuros? Sim, tem muitos. É... espero que todos vão ver à luz do dia, mas... o mais provável que temos é um... um programa de casas de celebridade, que vai estrear na televisão, em breve. Temos também um programa de... mais um programa de entrevista de pais, que vai estrear lá no programa de televisão, também. Então, tô muito feliz que esse *Papais* do YouTube vai para a televisão... E... tô negociando, mas só fica ainda no bem no início... tô negociando com a... a... a empresa do Rupaul para ter os direitos da *Rupaul's Drag Race*, mas, isso... estamos bem no início, espero que isso vai até o final porque isso é realmente meu sonho. Galera do *Pheeno*, muito obrigado pelo seu tempo! Espero que você tenha gostado de me descobrir um pouco mais... Não esquece que em julho de 2022 vai no ar a nova temporada do *Bonjour Bonjour By Night* e você pode curtir o meu canal, tá? Obrigado! Beijo!

Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JWkC5_PRTy4.

Entrevista 06 (V-162): *Criador 18+ relembra passado GP: “Entenda que você vai encontrar alguém carente: de sexo ou atenção”*

E aí, galera! Eu sou Bruno Paz, tenho 24 anos, sou criador de conteúdo +18, e moro em São Paulo, e vim aqui bater um papo com vocês hoje [vinheta do canal com música]. Como e quando eu me entendi que eu era bi? É... então... o processo de eu me entender foi muito louco, porque, durante muita parte da minha vida, achei que eu era hetero. E aí... depois, eu comecei a ficar com homens, aí eu falei: “Ah, então eu sou gay”. Aí eu fiquei durante muito tempo ficando com homens e achei que eu não gostava de mulher, tipo, era uma coisa que eu acreditava gostar, mas não era aquilo, sabe? Só que depois de um tempo eu voltei a me relacionar com mulheres, e eu gosto, só que não tanto quanto eu gosto de homem. É que eu... eu não entendia da bissexualidade: você não precisa gostar 50% de um, 50% de outro; não precisa ser uma... uma balança, sabe? Então, assim... hoje, eu entendo que eu gosto muito de homem, mais do que

mulher. Mas eu também gosto de mulher. Então, eu me entendo como bissexual. É... então... me assumir... eu tinha muito medo, porque meu pai, ele tinha muitas falas homofóbicas. Então, eu tinha muito medo... sei lá, falar pro meu pai que gostava de homem e ser expulso de casa... então, eu adiei... adiei um tempo pra contar pra ele. Mas... aí a minha irmã também, que era hetero, começou a gostar de mulher, e aí ela também se entendeu como bissexual na mesma época, assim... eu e ela... a gente tem uma conexão muito forte... e a gente decidiu se assumir junto. A gente criou um grupo chamado “Armário”, colocou toda a família lá e saiu do grupo, aí ficou... [sorri] aí ficou lá “Ingrid e Bruno saíram do armário”, e a gente deixou eles entenderem mais ou menos. Ficou um clima... uma semana de um clima estranho... assim... mas, depois, a gente conversou com a nossa família. A gente fez essa piada, porque foi o jeito cômico da gente dizer uma coisa muito pesada pra gente. E a gente conversou e tava tudo bem. Meus pais, eles são jovens... minha mãe tem 45 anos, meu pai tem 44... então, eles têm a mente muito aberta e eles aceitaram a gente de boa. O bi... assim... ele é visto como confuso, na verdade, né? É... e até... até hoje, eu ainda ouço que... tipo... “ah, bissexualidade é frescura”... “ah, você é gay que fica com mulheres”... ou você é igual a algumas pessoas... “você é hetero e você... ah, só fica com gays por Pink Money”... igual umas pessoas falam. Eu tenho amigos que são bi, mas, assim... eles trabalham com público gay porque eles gostam também. Mas, enfim... rola toda uma... uma confusão, e você não pode falar que é bissexual, hoje, porque as pessoas não validam. Tenho muitos amigos heteros que têm fetiche em mulher bissexual, pra ficar com uma... com duas mulheres, e as duas mulheres se pegarem... e tal. Mas, aí, um homem bissexual, para ele é... é... o fim do mundo... é um gay, sabe? É... então, tipo... existe, sim, essa sexualização, só que mais da mulher. Então, assim: a mulher também é mais... é mais aceita porque existe todo um fetiche da mulher bissexual, da mulher que pega um homem, da mulher que pega uma mulher também. Antes da pandemia, eu dava aula de teatro e, assim, eu nunca pensaria que eu estaria fazendo o que eu faço hoje, porque assim... Eu sempre estudei muito, eu sou formado em Artes Cênicas e formado em Artes Visuais. Então, desde pequeno eu estudei... estudei... estudei... porque, enfim, eu queria ter um trabalho formal, um registro na carteira... todas essas coisas que a minha família sempre me passou. E aí veio a pandemia, em 2020, o lugar que eu dava aula de teatro faliu... ele fechou. E, recentemente... eu tinha me mudado pra Zona Leste... eu tava finalmente morando sozinho, pagando aluguel, pagando contas... “n” coisas... e aí veio a pandemia... Eu fiquei sem trabalho, sem opção nenhuma do que fazer. E aí eu recorri a garoto de programa. Eu comecei, na verdade, com um programa. Eu tinha uma amiga que era do meio, e ela meio que me apresentou esse mundo e falou: “Olha, assim que funciona... você se anuncia... tal... tal...” Aí, eu: “Beleza”. E aí fiquei um tempo fazendo o programa... fazendo programa uns meses... até que eu conheci um casal, que é o Ixicalzão... Eles são bem conhecidos entre o meio gay e entre os criadores de conteúdo. É um casal gay que... eles gravavam muito juntos, só os dois e... pra plataforma deles... e, um dia, eles resolveram me chamar, pra gente gravar um vídeo nós três. E aí eu tentei relutar um pouco... eu falei não sabia se eu queria fazer isso... achei que iria acabar com a minha imagem. E aí eu demorei um pouco pra pensar, porque eu ia falar: “Ah, não, isso vai me atrapalhar nas coisas que eu fiz antes... eu não vou fazer mais nada depois”... tal... E aí, enfim, decidi gravar. E aí esse vídeo deu um *boom* no *Twitter*, que eu lembro que assim... coisa de... cinco dias, tinha mais de cem mil visualizações. Então, muita gente começou a me chamar, me procurar. E eu, conseqüentemente, criei o *Twitter* depois disso. E aí, depois que eu criei o *Twitter*, foi isso. Aí eu comecei a receber convites de outros criadores de conteúdo, comecei a gravar... criei meu *OnlyFans*... é... gravei filme pra produtora, também... Eu tenho acho que quatro filmes pra “Irmãos Dotados”. Ator pornô seria quem trabalha... faz filmes pra produtora, que são filmes que, normalmente, têm enredo... você vai receber um cachê... vai ter um local... vai ter uma... uma situação. O criador de conteúdo, não... é para quem tem, por exemplo, plataformas como *OnlyFans* ou *Now*. E não necessariamente precisa de uma historinha... não precisa ser filmado

com uma câmera profissional... pode ser só a pessoa ali e alguém no celular. É uma coisa mais simples. Então, minha breve passagem como garoto de programa... é... foi muito engraçado, porque, assim... eu conheço muita gente que fala que é horrível, que é muito difícil... Eu sempre tive muita sorte de encontrar pessoas que não queriam, necessariamente, o sexo. Então, eu sempre encontrei pessoas que queriam conversar, que gostavam de companhia, que já me levaram pra viajar... Então... assim... tem muita gente que, sim, que chama pra transar, que quer o sexo, mas tem muita gente que gosta da companhia, que gosta de cuidar... Então, assim... o... o... rolê de fazer programa é você entender que você vai encontrar alguém carente. Pode ser alguém carente de sexo, mas tem muita gente carente de carinho, de atenção... Então, se você souber dar isso, suprir essa necessidade do carinho, da atenção... às vezes, a pessoa vai até esquecer do sexo. É... então... eu sou versátil. É... eu gravei muito tempo como ativo por estratégia de marketing, porque... assim... o meio gay, ele meio que exclui o passivo, assim, de tudo, né? E, na criação de conteúdo, também. Então, assim... o passivo, ele sempre fica como em segundo plano, como o ativo, ele fica em segundo plano no hetero... Então, assim, num filme hetero, sempre a estrela vai ser a mulher... que tá ali dando. Então, assim... o homem, ele tá sempre em segundo plano. Então, por isso que não ganha muito dinheiro fazendo pornô hetero... porque o cara não... não... o cara que tá ali, comendo, tanto faz. E, no pornô gay, a estrela sempre vai ser o ativo. Eu não concordo, mas os gays sempre vão dar mais importância pra quem tá comendo. E agora eu fiquei um tempo sem meu *Twitter*, fiquei quatro meses com a minha conta suspensa, e, quando eu voltei, eu já voltei com o vídeo passivo, eu já voltei com uma coisa diferente. E, desde que eu voltei, eu tenho feito vídeos passivos... ativos... versátil... eu tenho feito tudo, porque é... é... o que eu gosto de fazer. Eu, até hoje, nunca sofri preconceito. Eu acho que... assim... é... é um tabu ainda, mas tá sendo normalizado. Acho que a gente tá vivendo numa época de modernidade, em que as pessoas estão sendo obrigadas a abrir a mente delas e ver como um trabalho. Inclusive, é... ser criador de conteúdo me salvou muito nessa pandemia, e até hoje tem me ajudado bastante. Tem ajudado muita gente que eu conheço. Então, assim, nessa fase que a gente tem de desemprego, e essa possibilidade de ganhar um dinheiro a mais... tem ajudado muitas pessoas. Então, assim [tosse] eu mesmo nunca sofri nenhum preconceito, e acho que o futuro... as pessoas vão normalizar mais esse... esse tipo de trabalho. Eu, por fora das câmeras, eu já fui muito viciado em sexo. E, assim, já fui muito mais safado do que eu sou hoje. Eu já fui de tipo assim, entrar numa semana, transar com três pessoas diferentes... assim, por tesão mesmo, sabe? E eu ainda tenho muito tesão... é... só que não tanto como antes. Depois que eu comecei a trabalhar com conteúdo, com sexo... meu libido diminuiu um pouco. Então, eu sou menos safado. Depois de... de trabalhar e ganhar dinheiro com sexo, acho que a nossa visão acaba sendo outra, a gente dá outras prioridades. Então, assim, se eu combino de ver alguém à noite... eu tô mais pensando em ter a companhia da pessoa, em estar juntinho, dormir de conchinha... do que só ir ali transar, sei lá... só... só o sexo, pra mim, já não me basta. Bom... a vida amorosa de um... um *pornstar* [ri] é complicado, porque... eu não namorei ainda... então, não sei, desde quando eu comecei a criar conteúdo, eu sempre foquei no meu trabalho. Então... assim... todas as pessoas que eu tô me relacionando... que eu começo a me relacionar... eu já... já abro o jogo pra elas. Eu falo: “Olha, eu tô nesse momento da minha vida, e eu tô focando no meu trabalho, em dinheiro... e é isso”. Tipo... “é o meu foco agora”. É... então... eu tentei me relacionar esse ano, só que é muito complicado da pessoa conseguir separar as coisas de... tipo... o que você faz por trabalho e o que você faz por prazer. Porque, por exemplo, é... eu me relacionei com um cara aí, e ele é GP, e uma coisa também que... tipo... desde quando eu comecei a criar conteúdo, entrar nesse... nesse mundo... eu tenho me relacionado só com essas pessoas, mais ou menos... com outros criadores de conteúdo... ou com acompanhantes, também. Enfim... aí eu me relacionei com esse acompanhante... e assim... uma coisa era... ir atender. Se fosse atender... ah, porque era alguém feio, era alguém velho, tá tudo bem. Mas, se fosse outro criador de conteúdo, que é uma pessoa bonita, uma pessoa que vai me

dar tesão, eu vou dar tesão pra ela, aí já era diferente. Então, assim, pra se relacionar com alguém que cria conteúdo... tem que ser uma pessoa que tenha... muita paciência, seja maduro e saiba separar as coisas. Bom, eu acho que esse caminho de criador de conteúdo, ele tem validade. Então, assim... não acho que é uma coisa que dá pra levar durante muitos anos. Apesar que têm alguns que sim, né? Existem aí uns criadores que tão cinco, dez anos no meio... mas... eles mesmos podem dizer que é difícil, né, continuar... manter o público... e tá ali. É... eu acho que tem validade. A minha, também, não vai ser muito. Assim... eu gosto muito do que eu tô fazendo, dos conteúdos do *OnlyFans*, mas não é uma coisa que eu pretendo alongar durante muitos anos. É... estava pensando em dar um tempo aí, no ano que vem, mas acho que agora não é o momento. Acho que eu tenho muita coisa ainda pra mostrar, pra entregar, pra criar de diferente, mas eu não pretendo fazer durante muitos anos. Eu tenho vontade de parar mesmo, e voltar a focar na minha carreira de ator. É isso. É... quero agradecer o convite... um beijo pra *Pheeno*, pra vocês que estão assistindo. Segue lá no *Twitter*, no *Instagram*... Bruno Paz. Beijão.

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xhqzo9yqqU0>.

Entrevista 10 (V-179): *Paulista fugiu das agressões da família para ser ator pornô no Rio: “Não tinha mais nada a perder”*

Fala, galera do *Pheeno*. Eu sou o Juninho, tenho 24 anos, sou de São José dos Campos, sou ator pornô. E, hoje, eu vim contar um pouquinho da minha história pra vocês [vinheta do canal com música]. Eu tinha... mais ou menos uns 13 anos de idade... mais ou menos... Por incrível que pareça, foi numa praia que eu vi os homens de sunga, né, e, assim... dá pra ver o que eles estão usando... e não... e me atraía. E, as mulheres, não. Eu era mais afeminado na época, agora, eu tô mais... vamos colocar assim... um pouco mais masculino, né? A minha família sempre me repreendeu sobre isso. Tipo assim: “Não pode usar isso, que isso é de menina, né... e o outro é de menino”, entendeu? Então, sempre tinha essa... desigualdade... desigualdade, né? Então, daí... eu me assumi com 15 anos de idade, né? Daí eu fui expulso de casa. Aí eu fui pra casa de uma amiga... daí eu fui pra casa de uma amiga... passei um tempo lá... fiquei na rua, já, entendeu? E... assim... passei fome, passei frio, passei tudo, tudo que vocês podem imaginar. Tive que sobreviver, né, na rua. E assim... agora, eu... eu... eu agora tô bem. Meu pai, antigamente, me batia muito, também... meu pai, minha mãe também me batia muito. E, daí... na época... foi muito questão de brigas, também. Brigas porque eu vestia aquela camisetinha, brigas porque eu vestia aquele shortinho... tinha ainda a escola, né, pra... pra terminar, entendeu? Então, tinha um monte de coisa. E daí... eu tive... eu fiquei um ano na casa da minha amiga... daí esse... daí voltei pra casa da minha mãe, de novo. Daí, de novo, novamente, fui expulso de novo porque eu era... voltou a essa história, entendeu? Então, foi sempre um vai e volta de... de... de casas, né? Eu nunca tinha uma casa fixa. Quem leva a... o... o tapa na cara, quem leva as coisas são os afeminados, as travestis... todos... todos... todos eles. Então, tipo assim, eu acho que esse... esse ponto é... atrapalhou um pouco eu... um pouco eu, em questão de que eu... eu tava numa esquina... eu tava andando, né, numa esquina, e daí... um cara começou a mexer comigo, e eu não... não liguei, entendeu? Não dei bola. Ele saiu do carro e... me bateu... me bateu... bateu... me bateu muito... muito... muito... muito. E daí isso me fez me tornar um pouquinho mais masculino. Tive um problema que meu pai me bateu na escola um dia, também, na frente da diretora. E... daí, a gente foi pro Conselho Tutelar, né? Eu tinha batido num menino que tava me fazendo... fazendo *bullying* comigo. Daí eu fui chamado pra diretoria, né? Daí chegou o meu pai, já furioso naquela época, daí eu... ele me bateu... me bateu muito na frente da diretora... muito... muito... muito... de eu ter que ir pro hospital e ele pra delegacia. Eu vim pro Rio de Janeiro com 22... Isso, 22 anos. Uma proposta de... de... da *Hot Boys*... era uma

proposta que... pra fazer filme adulto. E a minha família me... vamos colocar assim: me jogou pra fora mesmo, me jogou pra fora... Então, não tinha nada a perder, entendeu? Eu peguei e fui. Quando eu terminei o... o meu primeiro, minha primeira gravação, que não foi uma gravação, foi uma live, né [ri] é... eu falei assim: “Vai ser... vai ser uma primeira de muitas”. Teve uma visibilidade ótima, muito bom... E, desse primeiro filme, eu fui descobrindo várias outras vertentes que você pode... é... ganhar dinheiro com isso, entendeu? Tipo... *OnlyFans*, tipo... *Xvideos*, entendeu? *Pornhub*... Então... tipo assim, eu acho que... toda forma de ganhar dinheiro é válida. Depois que eu entrei na *Hot Boys*, eu comecei a fazer programa... e daí eu vi que esse... esse meio pode, sim, se igualar, entendeu? Então... minha vertente do mundo pornô é... é ser passivo. Eu sou mais passivo... e sempre foi assim. Eu não tenho vontade de ser ativo ou versátil, né? Não é algo que o meu público quer, entendeu? O meu público quer... eu passivo lá... é... o pau grande, grosso... é a DP, é o gemido, é... é tudo. É você mesmo entregar de... de corpo... de corpo e alma, né? No caso [ri], pra aquele trabalho. A maioria dos filmes que eu... que eu fiz... foi de verdade. Foi de verdade. A gozada foi de verdade... tudo foi de verdade. Mas... é... sim, tem... tem sim a... as produtoras que fazem, né, as gozadas *fake*. A gente, também, é... os atores também entre si... às vezes, fazem, né? Às vezes, é *fake*... Por quê? Porque é um trabalho, entendeu? É uma... é uma profissão. Então... e o público quer ver a gozada, entendeu? Existe muita discriminação, no Brasil, com atores pornô, até porque, tipo assim... é... tipo, você vai num shopping, vamos colocar assim, daí você passa... a pessoa te olha, você sabe que a pessoa tá te olhando. Mas, assim... ela não vem falar com você... Por quê? Porque você é uma figura do prazer dela... você, não, é uma figura do... do prazer dela à noite, entendeu? Ela vai tá lá... batendo o bolo dela, à noite, entendeu? E... ela não é uma coisa que você vê assim... pela rua... igual uma pessoa de uma... uma... uma atriz do... do... da Globo, entendeu? Eu não tenho nenhum problema se a pessoa vier falar comigo... eu falo: “Oi, tudo bom?”. Entendeu? Tipo, numa balada, é bem comum, né, uma balada LGBT na... na *Pink Flamingo* ou na *Black Cat*... é muito comum é... você... ver alguém... é... eles ver você, e falar assim “ai, eu sou seu fã”, não sei o quê... Aí é legal, tal... dá um abraço, dá um beijo, cumprimenta, entendeu? Se pá, rola uma química, entendeu? E daí vai... daqui pra casa... Tá vindo muita coisa nova aí... Vocês vão ainda ver muita coisa do Juninho, entendeu? Porque vai vir bastante... bastante... bastante coisa de fora... fora do Brasil, né? O prêmio do pornô, né, que me aguarde.

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jEZkzNXtXRM>.